

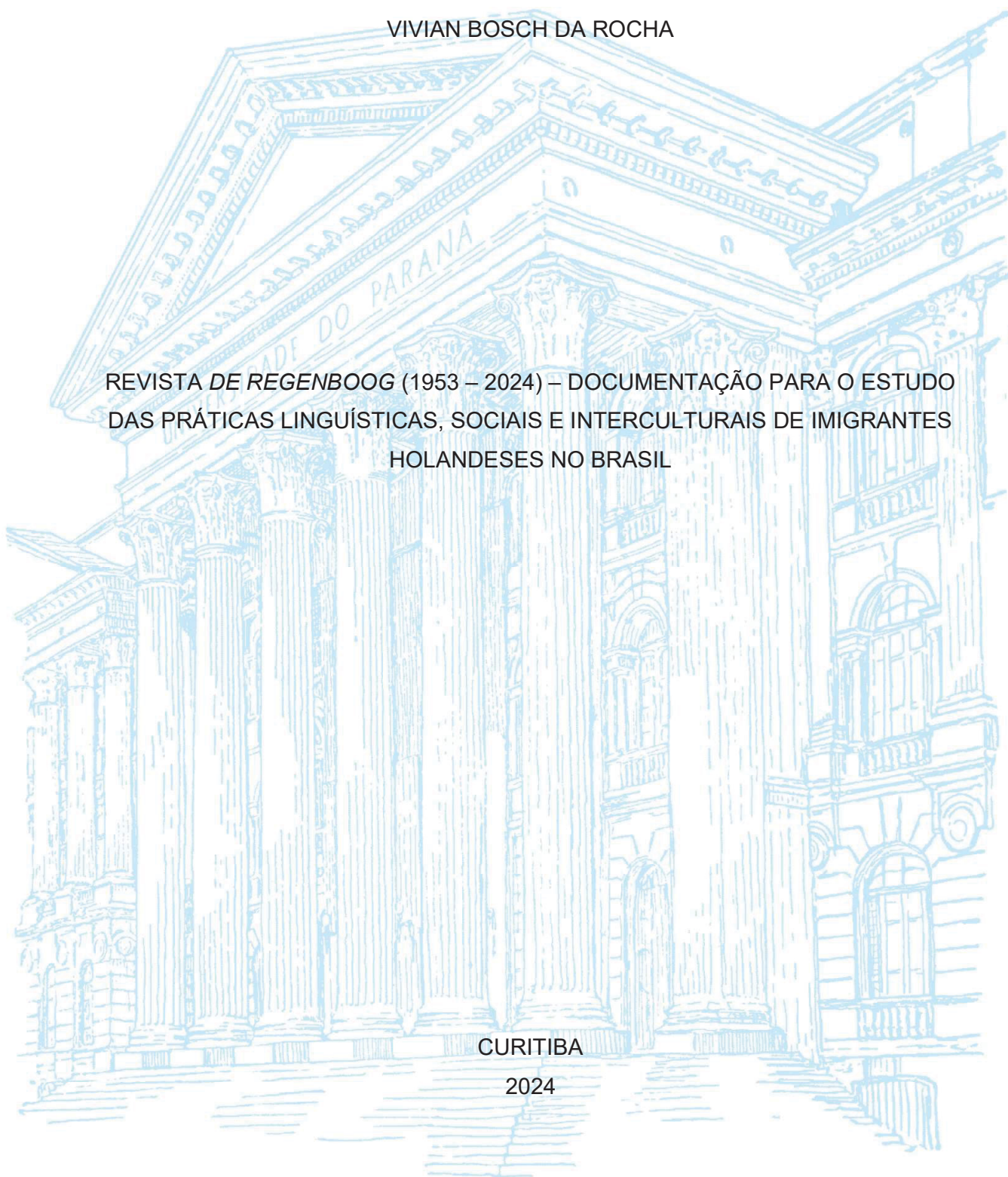
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VIVIAN BOSCH DA ROCHA

REVISTA *DE REGENBOOG* (1953 – 2024) – DOCUMENTAÇÃO PARA O ESTUDO
DAS PRÁTICAS LINGÜÍSTICAS, SOCIAIS E INTERCULTURAIS DE IMIGRANTES
HOLANDESES NO BRASIL

CURITIBA

2024



VIVIAN BOSCH DA ROCHA

REVISTA *DE REGENBOOG* (1953 – 2024) – DOCUMENTAÇÃO PARA O ESTUDO
DAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS, SOCIAIS E INTERCULTURAIS DE IMIGRANTES
HOLANDESES NO BRASIL

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Doutora. Curso de Pós-
Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas,
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Odete Pereira da Silva
Menon

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Rocha, Vivian Bosch da

Revista *De Regenboog* (1953 – 2024) – documentação para o estudo das práticas linguísticas, sociais e interculturais de imigrantes holandeses no Brasil. / Vivian Bosch da Rocha. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Odete Pereira da Silva Menon.

1. Holanda - Colônias - Brasil. 2. Linguística aplicada. 3. Bilinguismo. 4. Emigração e imigração. I. Menon, Odete Pereira da Silva, 1953-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **VIVIAN BOSCH DA ROCHA** intitulada: **REVISTA DE REGENBOOG (1953 - 2024) - DOCUMENTAÇÃO PARA O ESTUDO DAS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS, SOCIAIS E INTERCULTURAIS DE IMIGRANTES HOLANDESES NO BRASIL**, sob orientação da Profa. Dra. ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 22 de Março de 2024.

Assinatura Eletrônica
27/03/2024 16:37:56.0
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
25/03/2024 16:45:31.0
EDSON DOMINGOS FAGUNDES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
24/03/2024 15:58:10.0
MÔNICA MARIA GUIMARÃES SAVEDRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE)

Assinatura Eletrônica
25/03/2024 13:50:34.0
LUCIANA LANHI BALTHAZAR
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
26/03/2024 10:37:20.0
JACQUELINE ORTELAN MAIA BOTASSINI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

Assinatura Eletrônica
01/04/2024 08:41:34.0
MAURINI DE SOUZA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460, 10º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5102 - E-mail: pgletras@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 351162

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 351162

RESUMO

Este trabalho de pesquisa de doutorado em Linguagem e Práticas Sociais se dedica ao estudo das práticas linguísticas, sociais e interculturais presentes a partir da revista mensal *De Regenboog*, circulando nas colônias holandesas no estado do Paraná e em outras localidades no Brasil e no exterior desde 1953. A revista, atualmente publicada pela *Associação Cultural Brasil-Holanda*, tem sido um elo cultural vital para os imigrantes holandeses e seus descendentes, preservando laços entre comunidades e culturas. Por meio de análise de documentos históricos, relatos de indivíduos envolvidos com a revista e exames das edições ao longo dos anos, a pesquisa busca explorar como as práticas linguísticas e culturais evoluíram e se adaptaram à convivência das línguas holandesa e portuguesa. A relevância da pesquisa reside na lacuna de estudos linguísticos focados nas colônias holandesas no Brasil. Ao explorar o conteúdo e evolução da revista, a pesquisa oferece *insights* valiosos sobre o bilinguismo, a interculturalidade e a preservação cultural, contribuindo para a compreensão mais profunda da identidade dessas comunidades. Esta pesquisa, baseada na revista *De Regenboog*, oferece uma abordagem única para investigar as complexas interações entre língua, cultura e identidade nas colônias holandesas no Brasil, enriquecendo o entendimento da história e da evolução dessas comunidades ao longo das décadas.

Palavras-chave: colônias holandesas no Brasil; revista *De Regenboog*; imigração; práticas linguísticas, sociais e interculturais; bilinguismo; *code-switching*.

ABSTRACT

This doctoral research in Language and Social Practices is dedicated to the study of linguistic, social, and intercultural practices present in the monthly magazine *De Regenboog*, circulating in Dutch colonies in the state of Paraná and other locations in Brazil and abroad since 1953. The magazine, currently published by the *Associação Cultural Brasil-Holanda* (Cultural Association Brazil-Netherlands), has been a vital cultural link for Dutch immigrants and their descendants, preserving ties between communities and cultures. Through the analysis of historical documents, accounts from individuals involved with the magazine, and examinations of editions over the years, the research seeks to explore how linguistic and cultural practices have evolved and adapted to the coexistence of Dutch and Portuguese languages. The significance of the research lies in the gap of linguistic studies focused on Dutch colonies in Brazil. By exploring the content and evolution of the magazine, the research provides valuable insights into bilingualism, interculturality, and cultural preservation, contributing to a deeper understanding of the identity of these communities. This research, based on *De Regenboog*, offers a unique approach to investigating the complex interactions between language, culture, and identity in Dutch colonies in Brazil, enriching the understanding of the history and evolution of these communities over the decades.

Keywords: Dutch colonies in Brazil; *De Regenboog* magazine; immigration; linguistic, social, and intercultural practices; bilingualism; code-switching.

SAMENVATTING

Dit doctoraal onderzoek in Taal en Sociale Praktijken is gewijd aan de studie van linguïstische, sociale en interculturele praktijken die aanwezig zijn in het maandelijkse tijdschrift *De Regenboog*, dat circuleert in de Nederlandse kolonies in de staat Paraná en op andere locaties in Brazilië en daarbuiten sinds 1953. Het tijdschrift, momenteel uitgegeven door de *Associação Cultural Brasil-Holanda* (Culturele Vereniging Brazilië-Nederland), is een vitaal cultureel verbindingspunt geweest voor Nederlandse immigranten en hun nakomelingen, waarbij banden tussen gemeenschappen en culturen worden behouden. Door middel van de analyse van historische documenten, verslagen van personen betrokken bij het tijdschrift en onderzoeken van edities door de jaren heen, zoekt het onderzoek te verkennen hoe linguïstische en culturele praktijken zijn geëvolueerd en aangepast aan het samenleven van de Nederlandse en Portugese talen. De relevantie van het onderzoek ligt in het hiaat aan taalkundige studies gericht op Nederlandse kolonies in Brazilië. Door de inhoud en evolutie van het tijdschrift te verkennen, biedt het onderzoek waardevolle inzichten in tweetaligheid, interculturaliteit en culturele behoud, wat bijdraagt aan een dieper begrip van de identiteit van deze gemeenschappen. Dit onderzoek, gebaseerd op *De Regenboog*, biedt een unieke benadering om de complexe interacties tussen taal, cultuur en identiteit in Nederlandse kolonies in Brazilië te onderzoeken, wat het begrip van de geschiedenis en evolutie van deze gemeenschappen door de decennia heen verrijkt.

Trefwoorden: Nederlandse kolonies in Brazilië; tijdschrift *De Regenboog*; immigratie; linguïstische, sociale en interculturele praktijken; tweetaligheid; *code-switching*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – BRASÃO DA CIDADE DE CARAMBEÍ (PR)	45
FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE CARAMBEÍ (PR)	45
FIGURA 3 – BRASÃO DA CIDADE DE HOLAMBRA I (SP)	52
FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE HOLAMBRA I (SP)	52
FIGURA 5 – BRASÃO DA CIDADE DE NÃO-ME-TOQUE (RS)	61
FIGURA 6 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE NÃO-ME-TOQUE (RS)	61
FIGURA 7 – BRASÃO DA CIDADE DE CASTRO (PR)	67
FIGURA 8 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE CASTRO (PR)	67
FIGURA 9 – BRASÃO DA CIDADE DE CAMPOS DE HOLAMBRA (SP)	73
FIGURA 10 – BRASÃO DA CIDADE DE CAMPOS DE HOLAMBRA (SP)	73
FIGURA 11 – BRASÃO DA CIDADE DE ARAPOTI (PR)	78
FIGURA 12 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE ARAPOTI (PR)	78
FIGURA 13 – BRASÃO DA CIDADE DE TIBAGI (PR)	85
FIGURA 14 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE TIBAGI (PR)	85
FIGURA 15 – BRASÃO DA CIDADE DE MARACAJU (MS)	88
FIGURA 16 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE MARACAJU (MS)	88
FIGURA 17 – CURIOSIDADES SOBRE OS ANOS INICIAIS DO ZESKAMP (<i>De Regenboog</i> , novembro de 2014, ano 16, n. 188, p. 5)	93
FIGURA 18 – EXEMPLOS DE CAPAS DAS DIFERENTES FASES DA REVISTA (<i>De Regenboog</i> , fevereiro de 2013, ano 14, no 167, p. 4)	95
FIGURA 19 – AVISO SOBRE XAROPE CONTRA A PARATIFOIDE (<i>Centraal Maandblad</i> , julho de 1955, ano 3, n. 7, p.3)	99
FIGURA 20 – ANÚNCIO DE EMPREGO PARA BILINGUES I (<i>Centraal Maandblad</i> , outubro de 1964, ano 4, n. 10, p. 18)	99
FIGURA 21 – ANÚNCIO DE EMPREGO PARA BILINGUES II (<i>Centraal Maandblad</i> , abril de 1964, ano 5, n. 4, p. 19)	100
FIGURA 22 – RELATO SOBRE CERIMÔNIA DE CASAMENTO (<i>De Regenboog</i> , n. 105, p. 7, 2007)	105
FIGURA 23 – PROPAGANDA DO CHOCOMILK NOS ANOS 1950	114
FIGURA 24 – CAPA DA REVISTA <i>CENTRAAL MAANDBLAD</i> A PARTIR DE 1961.	115

FIGURA 25 – CAPA PROVISÓRIA DA <i>CENTRAAL MAANDBLAD</i>	116
FIGURA 26 – EXEMPLO DE ANÚNCIOS NA <i>CENTRAAL MAANDBLAD</i> (<i>Centraal Maandblad</i> , n. 7, 1967)	117
FIGURA 27 – GRUPO FOLCLÓRICO. <i>De Regenboog</i> (agosto de 2014, ano 16, n.185, p.5).....	120
FIGURA 28 – EXEMPLO DE CAPA DA <i>CENTRAAL MAANDBLAD</i> A PARTIR DE 1977	123
FIGURA 29 – EXEMPLO DE CAPA DA <i>CENTRAAL MAANDBLAD</i> A PARTIR DE 1980	128
FIGURA 30 – MINHA PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO NA REVISTA (<i>De Regenboog</i> , n. 295, ano 25 p. 25, 2023)	142
FIGURA 31 – FOTO DOS ALUNOS NO DIA DA INAGURAÇÃO DA <i>ESCOLA FUNDOS DE PILATOS</i>	148
FIGURA 32 – ANÚNCIO DE VENDA DE MADEIRA.....	171
FIGURA 33 – TELEGRAMA DO COMITÊ DE SÃO NICOLAU	178
FIGURA 34 – ANÚNCIO DE ATENDIMENTO DE CIRURGIÃO DENTISTA.....	178
FIGURA 35 – ANÚNCIO DE BARBEARIA.....	180
FIGURA 36 – ANÚNCIO DE ATENDIMENTO DE CIRURGIÃO DENTISTA 2.....	180
FIGURA 37 – CARTA RECEBIDA DA DIRETORA DO LAR BATISTA PARANAENSE.....	181
FIGURA 38 – RECEITA DE BOLO (<i>Centraal Maandblad</i> , n. 9, p.16, 1964)	201
FIGURA 39 – ANÚNCIO DE PRODUTOS COM EXEMPLOS DE <i>CODE-SWITCHING</i> (<i>Centraal Maandblad</i> , n. 4, p. 5, 1967).....	207
FIGURA 40 – MODELO DE DECLARAÇÃO DE OPÇÃO - FGTS (<i>Centraal Maandblad</i> , n. 1, p.22, 1967)	209
FIGURA 41 – MENSAGEM DE FINAL DE ANO 1967 (<i>Centraal Maandblad</i> , n. 12, p. 6, 1967).....	211
FIGURA 42 – O USO DA PALAVRA MEIA <i>De Regenboog</i> (janeiro 2014, ano 15, n. 178, p.26).....	217
FIGURA 43 – TEXTO SOBRE BILINGUISMO	222
FIGURA 44 – SELEÇÃO DE CANDIDATOS DA HEINEKEN (<i>De Regenboog</i> , março de 2013, n. 168 p. 26)	223

FIGURA 45 – ANÚNCIO DA REDAÇÃO SOBRE NOVAS ASSINATURAS (<i>De Regenboog</i> , fevereiro 2021, n. 263, ano 22, p. 1).....	225
FIGURA 46 – ANÚNCIO BILÍNGUE (<i>De Regenboog</i> , março de 2013, n. 168, p. 25)	225
FIGURA 47 – AVISOS SOBRE EVENTOS (<i>De Regenboog</i> , abril de 2010, ano 12, n. 133, p. 10).....	238
FIGURA 48 – CONVITE PARA A MOLENFEEST (<i>De Regenboog</i> , novembro de 2014, ano 16, n. 188, p. 1).....	238

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – INFORMAÇÃO SOBRE A CHEGADA DE HOLANDESES NO BRASIL IMPÉRIO	39
TABELA 2 – CLASSSSIFICAÇÃO GRAMATICAL DOS TERMOS ENCONTRADOS EM PORTUGUÊS	241

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 O CONTEXTO DE PESQUISA	15
1.2 A ORIGEM DA PESQUISA	18
1.3 OBJETIVOS	21
1.3.1 Objetivo Geral	21
1.3.2 Objetivos Específicos	21
1.4 JUSTIFICATIVA	23
2. A PRESENÇA HOLANDESA NO BRASIL	30
2.1 HOLANDESES NO BRASIL COLÔNIA.....	31
2.2 HOLANDESES NO BRASIL IMPÉRIO.....	37
2.3 HOLANDESES NO BRASIL REPÚBLICA.....	41
2.3.1 Carambeí – PR (1911)	45
2.3.2 Holambra I – SP (1948).....	52
2.3.3 Não-Me-Toque – RS (1949).....	61
2.3.4 Castrolanda – PR (1951).....	67
2.3.5 Campos de Holambra – Holambra II – SP (1960)	73
2.3.6 Arapoti – PR (1960).....	78
2.3.7 Tibagi – PR (1964)	85
2.3.8 Maracaju – MS (1972).....	88
3. ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DA REVISTA.....	94
4. O ESTUDO DA LÍNGUA HOLANDESA E PORTUGUESA NAS COLÔNIAS HOLANDESA PRESENTES NA REVISTA PARA FUNDAMENTAR A PESQUISA SOBRE O BILINGUISMO NESTAS COLÔNIAS.....	146
4.1 PESQUISA SOBRE PALAVRAS E FRASES QUE EXEMPLIFICAM O BILINGUISMO E O CODE-SWITCHING NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	165
4.2 PESQUISA SOBRE PALAVRAS E FRASES QUE EXEMPLIFICAM O BILINGUISMO E O CODE-SWITCHING NAS DÉCADAS DE 2010 E 2020	212
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	257
5.1 OBSERVAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	259
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	260
ANEXOS	290

Senhor, Tu tens sido o nosso refúgio¹

**Senhor, Tu tens sido o nosso
refúgio, de geração em geração.
Antes que os montes nascessem
e se formassem a terra e o mundo,
de eternidade a eternidade, Tu és Deus.**

¹ Baseado no Salmo 90, esse hino aparece em vários relatos sobre festas de aniversário, bodas e velórios. Normalmente o pastor é convidado e, em algum momento da celebração, ele faz uma pequena reflexão, uma oração e depois disso o grupo canta um hino, especial para a pessoa homenageada na ocasião. Este hino, que provavelmente todos das colônias conhecem, demonstra a fé dos imigrantes e seus descendentes de que Deus esteve cuidando de cada um de nós, geração após geração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por Ele me ter feito nascer na colônia holandesa de Arapoti, onde pude viver a integração das culturas brasileira e holandesa e experimentar o bilinguismo desde cedo.

A Jesus Cristo, pela salvação.

Ao meu amado esposo William da Rocha, que é a rocha firme na minha vida, me incentivando sempre a ir atrás dos meus sonhos, demonstrando confiança na minha capacidade e suportando os momentos de desespero desses anos de escrita da tese com muita serenidade.

Aos meus pais, Johannes Bosch e Charlotte Margretha Groenwold Bosch, por terem me ensinado o holandês e me passado muito sobre a cultura holandesa também. E, em especial a minha mãe, que me apoiou de todas as formas, indo ao *Centro de Documentação* para me fazer companhia e me ajudar a procurar informações para a pesquisa; sendo aquele ombro amigo em todos os momentos de desânimo, sofrendo comigo e torcendo e confiando que tudo daria certo.

Ao nosso cãozinho Sansão, que, assim como no mestrado, esteve deitado ao meu lado ou no meu colo durante todas as horas passadas na frente do computador. Mas, com toda a sua sabedoria, também sabia exatamente quando eu precisava parar, e se plantava na minha frente latindo palavras de ordem para que saíssemos dar uma caminhada.

À minha orientadora, Dra. Odete Pereira da Silva Menon, cuja orientação e *expertise* foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sua visão aguçada e seu vasto conhecimento proporcionaram uma direção clara e objetiva ao longo de todo o processo. Agradeço por suas valiosas sugestões e pelo tempo dedicado a revisar e melhorar cada detalhe da tese. Sua paixão pela excelência acadêmica foi uma inspiração constante e desempenhou um papel crucial na formação deste estudo. Sou grata por todo o suporte e pelas oportunidades de crescimento que sua orientação me proporcionou.

Aos professores da banca de qualificação, professora Dra. Luciana Lanhi Balthazar e professor Dr. Edson Domingos Fagundes, pelas ricas sugestões e palavras de encorajamento.

Aos professores da banca de defesa, Dr. Edson Domingos Fagundes, Dra. Jacqueline O. M. Botassini, Dra. Luciana L. Balthazar, Dra. Maurini Souza e Dra. Mônica Savedra, pelo tempo e dedicação investidos na leitura atenta e criteriosa do trabalho e pelas valiosas sugestões, críticas construtivas e elogios, essenciais para a aprimoração desta tese.

À Joanita de Jong Aardoom, responsável pela composição, diagramação e edição da revista *De Regenboog*, por não medir esforços para me ajudar, abrindo o *Centro de Documentação* (até ligando o aquecedor com antecedência, para que eu não sofresse com o frio que fazia em uma das minhas visitas), passando contatos e procurando documentos, entre muitas outras coisas que me deram muito suporte.

Aos queridos amigos Denise Moraes Carvalho, Elisabeth Maria Gerarda Johanna Henderikx, Frank Stahlberg, Larissa Soares de Lima, Mirian Natali Blézins Moreira, Nelly Stahlberg, Richard Duarte Ribeiro, Rosamelia Parizotto Ribeiro, Rosangela Aparecida Nunes Machado, Sven Yskis e Veronika Stahlberg, que estavam sempre interessados no andamento da pesquisa e principalmente no meu bem-estar.

A todas as pessoas que concordaram em conversar comigo para passar as suas experiências de língua e cultura no contexto das colônias e suas visões sobre a revista *Centraal Maandblad* e *De Regenboog*: Charlotte Margretha Groenwold Bosch, Gerhard Jacobi, Isabelle Bosch, Jantina de Jager Salomons, Johannes Bosch, Marina Rian Barkema van der Vinne, Marringje Verburg Kool, Melanie van der Vinne, Pim van der Meer e todas as outras que se prontificaram a participar para enriquecer a minha pesquisa.

A todas as outras pessoas que fizeram parte da minha vida nesses quatro anos e pouco de doutorado.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O CONTEXTO DE PESQUISA

Esta pesquisa de Doutorado em Linguagem e Práticas Sociais se concentra na área das práticas linguísticas, sociais e interculturais desenvolvidas na revista mensal *De Regenboog*, que circula nas colônias holandesas do estado do Paraná (Arapoti, Carambeí, Castrolanda) desde o ano de 1953, e posteriormente passando para outras localidades em São Paulo (Holambra I e Campos de Holambra), Rio Grande do Sul (Não-Me-Toque), Paraná (Tibagi) e Mato Grosso do Sul (Maracaju), além de ser lida por pessoas fora dessas colônias e até mesmo no exterior, em especial na Holanda.

A revista mensal *De Regenboog* é uma “publicação da Associação Cultural Brasil-Holanda (ACBH)² destinada a membros das comunidades de procedência holandesa no Brasil” (*DE REGENBOOG*, 1998, p.1) e representa uma documentação importante, servindo de fundamento não apenas para o estudo da língua e da cultura dos imigrantes³ holandeses no Brasil, mas também para verificar as mudanças linguísticas e culturais descritas em textos da revista.

Apesar de não haver estatísticas oficiais sobre o número de holandeses que entraram e vivem no Brasil, a estimativa é de que o número seja entre dez e trinta mil, e que estes holandeses se encontram espalhados em todas as regiões do Brasil, “envolvidos em diferentes atividades econômicas e sociais, compondo e atualizando o mosaico que sempre foi a cultura brasileira” (CORDEIRO; NASCIMENTO, 2006, p. 122).

O presente trabalho tem o foco nos imigrantes holandeses e seus descendentes vivendo nas oito colônias⁴, ou que saíram delas, mas ainda têm contato com as

² A Associação Cultural Brasil-Holanda (ACBH) é uma comunidade cultural composta de holandeses e descendentes, dos quais muitos imigrantes vivem agrupados em colônias holandesas e outros estão distribuídos em várias localidades pelo Brasil (ASSOCIAÇÃO, 2023).

³ No texto poderão ser usados termos como emigrante, imigrante e migrante; emigração, imigração e migração e também os verbos emigrar, imigrar e migrar. Emigrante é a pessoa que deixou o seu país natal; imigrante é a designação de quem entrou em um país estrangeiro e migrante é aquele que se desloca de um local para o outro (BALCÃO, 2023).

⁴ Durante a tese, o termo mais utilizado será colônia para me referir a essas comunidades. As definições da palavra colônia são: grupo de compatriotas que se estabelecem fora do seu país (PRIBERAM, 2023); grupo de migrantes que deixam sua terra de origem e vão povoar, cultivar e explorar uma terra estrangeira; grupo de indivíduos de mesma nacionalidade ou naturalidade, estabelecidos em cidade

mesmas e que participam da revista *De Regenboog*; estudando, através da revista, as mudanças que ocorreram no campo linguístico e cultural no decorrer das sete décadas de sua existência.

A proposta é estudar as práticas linguísticas, sociais e interculturais das colônias documentadas nessa revista, atentando para o fato de como elas se relacionam entre si e que fatores (internos e externos) influenciam tais práticas. Faraco (2003, p.42) destaca, “atrás do texto há sempre um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com que se interage”, pretendendo contribuir significativamente para o campo de estudos das imigrações e das interações interculturais também.

Em princípio, o ponto de partida será a análise histórica do surgimento da revista, com as motivações para a sua criação; os temas nela encontrados e as pessoas envolvidas, para, em seguida, iniciar o estudo e pesquisa sobre as práticas linguísticas, sociais e interculturais presentes na *De Regenboog*. O conteúdo dessas revistas será fonte importante de dados, pois, conforme consta no site da Associação Cultural Brasil-Holanda (ACBH, 2022):

De Regenboog é uma revista para as colônias holandesas no Brasil. O principal objetivo da revista é preservar e fortalecer os laços entre os imigrantes holandeses e seus descendentes e para isso os escritores das várias colônias se empenham. Através das notícias das colônias somos informados sobre os acontecimentos nas outras comunidades de língua holandesa.

Sendo a proposta da revista de manter viva a cultura holandesa – coexistindo com a cultura brasileira – aqui no Brasil e ativo o relacionamento entre as colônias, a revista está sempre buscando maneiras de inovar, para manter o interesse dos leitores atuais, assim como atrair novos assinantes.

Pelo motivo de o número de leitores ser inconstante e até mesmo apresentar queda, adaptações frequentes são feitas, como, por exemplo, a inclusão de cada vez mais textos em língua portuguesa, a alternância dos dois idiomas na mesma página, e até mesmo dentro do mesmo artigo, para abranger os leitores interessados que não dominam a língua holandesa. Há também a possibilidade de todos os leitores

ou região de um país estrangeiro ou em outra cidade ou região de seu próprio país; grupo de pessoas que vivem em comum ou que repartem determinadas afinidades ou situações comuns; comunidade (OXFORDLANGUAGES, 2023). Há alguns grupos de holandeses que não se definem como colônia, por não terem uma estrutura (e origem) semelhante às outras localidades, assunto abordado no capítulo 2 desse trabalho.

contribuírem com textos em qualquer uma das duas línguas: "A língua não precisa ser um problema, *De Regenboog* é bilíngue e as contribuições holandesas (em holandês) são tão bem-vindas quanto as portuguesas (em português)" (ACBH, 2022).

A estratégia de incluir textos na língua portuguesa e também de fontes externas, vindas da Holanda ou de outros países, não é recente, e vem aumentando gradativamente. Por esse motivo, é de todo interesse verificar como esse movimento se dá na revista, como a prática linguística das colônias é "colocada em ação", na perspectiva de heterodiscurso, e como as fronteiras de cada ato cultural fluidas e reelaboradas a partir de novas construções de sentido relativizam as marcas culturais e reconfiguram as identidades culturais (REIF-HUSLER, 1999).

A revista pode ser classificada como uma revista de associação do grupo de imigrantes holandeses no Brasil, tendo como núcleo o relatório mensal das colônias anteriormente mencionadas, contendo informações e relatos sobre eventos culturais, casamentos, atividades realizadas não só dentro da colônia, mas também na cidade onde a colônia se localiza. Há espaço reservado para homenagear pessoas que faleceram ou que foram premiadas; uma seção com informações do Consulado Geral dos Países Baixos; uma agenda cultural; e uma seção com um resgate de fatos históricos e linguístico-culturais das colônias.

A revista, cujo nome atual é *De Regenboog*, originou-se da Revista *Centraal Maandblad*, que, por sua vez, se originou do *Boletim da Cooperativa Central das Comunidades Protestantes do Paraná*, a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda (CCLPL): *Batavo-Post*. A primeira edição surgiu em 1953 e tinha apenas o propósito de ser "uma forma de contato regular entre o Conselho da Cooperativa e da Gestão da Fábrica de Laticínios de um lado e os cooperados do outro lado" (STAPELBROEK, 2016, p. 33). A revista era composta em sua maioria por notícias técnicas para os criadores de gado leiteiro e continha, principalmente, notícias sobre as cooperativas.

Em 1961, quando a revista foi chamada de *Centraal Maandblad*, ela continha, além de notícias das cooperativas, reflexões sobre os desenvolvimentos no Brasil, na Holanda e no mundo, em geral. Em 1980, a revista passou a ter uma capa colorida e o conteúdo se tornou mais variado. A revista, que tinha em primeiro momento as colônias paranaenses como público, passou a abordar o desenvolvimento das colônias de Holambra I e Holambra II (depois denominada Campos de Holambra),

bem como as de Não-Me-Toque (RS) e Maracaju (MS), além de Tibagi (PR), que passou a fazer parte da revista mais tarde.

Em 1998, a edição foi assumida pela Associação Cultural Brasil-Holanda (ACBH), a qual foi criada para promover o contato cultural mútuo entre a Holanda e o Brasil, além de promover maior contato entre as colônias holandesas no Brasil. Foi nesse momento, também, que a revista passou a ter o nome usado até o momento atual.

1.2 A ORIGEM DA PESQUISA

A conexão entre língua e cultura sempre me fascinaram: enquanto cursava a licenciatura em Letras Português e Inglês (UFPR) percebi que, cada vez mais, me interessava pela área de língua e cultura. Após a graduação, para a monografia de conclusão do Curso de Especialização (UFPR), com o título *Os provérbios populares e o ensino de inglês, holandês e português para estrangeiros para alunos de nível intermediário e avançado*, pesquisei expressões idiomáticas, fazendo o comparativo entre as mesmas em português, holandês e inglês⁵. Esse comparativo foi feito por meio de respostas dadas por falantes nativos das três línguas. Essas pessoas recebiam uma imagem, contendo várias cenas de expressões idiomáticas⁶ e, em meia hora, deviam colocar no papel o máximo de expressões que conseguiam reconhecer na imagem. A escolha desse tema ocorreu porque, mais do que a ligação entre língua e cultura, me interessava pelo contato entre diferentes línguas e culturas, vendo semelhanças e diferenças entre elas.

No Mestrado, uni o que amo fazer, dar aula de línguas, com o interesse por cultura e língua, ao pesquisar o material didático de português como língua estrangeira (PLE) utilizado no Centro de Línguas da UFPR (Celin), trabalho que resultou na dissertação intitulada *Língua e cultura no ensino de PLE: visões de professores do Celin – UFPR a partir do uso de material didático*⁷.

⁵ A monografia foi apresentada para a conclusão da Especialização em Ensino de Língua e Cultura Estrangeira (UFPR, 2007), sob orientação da Profa M^a Jeanne Marie Féder Paraná.

⁶ A imagem está no anexo 1, p. 292. Observação: Alguns dos anexos e algumas figuras ocuparam uma página inteira algumas vezes durante o trabalho para manter a legibilidade.

⁷ Defendida em 2015 e elaborada sob orientação do Prof. Dr. Francisco Carlos Fogaça e coorientação da Profa Dra Regina Celia Halu, a dissertação encontra-se disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/41971?show=full>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Desde a época do mestrado, eu sentia o desejo de pesquisar a língua e a cultura holandesa nas colônias aqui no Brasil, mas eu não sabia de que maneira isso seria possível e como poderia conduzir uma pesquisa que fizesse a diferença para a minha vida, para a minha comunidade (a colônia de Arapoti, no Paraná, onde nasci, cresci e aprendi o holandês) e ainda contribuísse para o mundo acadêmico. Foi então, durante uma aula como aluna especial⁸, que surgiu a ideia de trabalhar com a revista *De Regenboog*, ao ouvir sobre a variedade das pesquisas feitas pelos colegas de turma, algumas envolvendo língua e cultura de comunidades específicas também. Fui amadurecendo a ideia, até criar coragem para me candidatar a uma vaga no doutorado.

Mas, por que optei por pesquisar especificamente a revista *De Regenboog*?

A escolha dessa revista como base norteadora para a pesquisa ocorreu, primeiramente, porque ela faz parte da minha vida desde que aprendi a ler, ao passar os olhos pelas imagens e fotos, reconhecendo lugares e pessoas, e colorindo a última página, que era dedicada aos “pequenos leitores”. Além disso, porque ela é um símbolo da ligação que existe entre os imigrantes, meus avós, pais e seus descendentes, meus irmãos, primos, amigos e eu, aqui nas colônias. A revista está presente na minha memória como parte da realidade de cada casa que eu frequentava, pois durante a minha infância e adolescência, todas essas casas a recebiam mensal e gratuitamente e ela continua sendo o elo mais representativo de contato regular⁹ entre as colônias¹⁰.

Desde pequena, gostei de abrir a revista e folheá-la para ver as fotos de pessoas que haviam se casado, em primeiro lugar, e em seguida ver as outras fotos e notícias relacionadas a elas, como bodas, eventos e até as fotos da seção *In Memoriam*. Mesmo não conhecendo a maioria das pessoas, era legal saber como e onde essas pessoas celebravam suas festas.

⁸ A disciplina Linguagem e Contexto II era lecionada pela profa Dra Cloris Porto Torquato.

⁹ Com o avanço da tecnologia e o surgimento das redes sociais, os museus e os eventos sociais têm contas no *Facebook* e *Instagram*, seguidas por pessoas de todas as colônias. Como exemplo, a conta do *Instagram* aberta especialmente para o evento *Zeskamp 2023* (realizado em Arapoti entre os dias 19 e 23 de julho de 2023) tem 1.270 seguidores das colônias envolvidas.

¹⁰ Além da revista, há o evento esportivo e social anual chamado *Zeskamp* (disputa entre seis), realizado com o intuito de promover a união e intercâmbio entre as colônias holandesas aqui no Brasil. No decorrer do texto haverá mais informação sobre esse evento.

Após ingressar na universidade, passei pela especialização, pelo mestrado e me matriculei em disciplinas como aluna especial; essa trajetória me deu a oportunidade de estudar e me aprofundar sobre cultura, interculturalidade, hibridismo, heteroglossia e outros assuntos relacionados a esses. Essas reflexões me mostraram que a revista poderia servir de base para verificar várias dessas questões, por se tratar de um campo de produção de discursos que servem para dar indícios de conflitos e mudanças identitários de toda essa comunidade de imigrantes holandeses.

Pensando nisso, surgiu também a curiosidade em relação às mudanças que ocorreram na revista no decorrer dos anos. E não apenas a curiosidade, mas também o respeito pela história, pela memória cultural e linguística e pelo empenho das pessoas que voluntariamente dedicam seu tempo e esforço há mais de sete décadas para que esse elo cultural, linguístico e histórico não se perca. Como escreveu *Grootopa*¹¹, pseudônimo do autor de várias crônicas (*Grootopa Vertelt* – Bisavô conta) na revista: “Tudo que os colaboradores da revista *De Regenboog* registraram ao longo dos anos é história, e o que está sendo escrito nos dias de hoje daqui a alguns anos também será história” (ACBH, 2023).

Ao optar por direcionar minha atenção para a revista, me dediquei de maneira mais consciente à verificação do uso dos idiomas português e holandês. Isso incluiu uma análise minuciosa de todos os textos referentes à língua, cultura e interculturalidade nas colônias, bem como qualquer conteúdo relacionado ao idioma holandês na Holanda e sua comparação com o uso desse idioma nas colônias. Era (e ainda é) possível notar que a língua portuguesa conquistava terreno, mas que o idioma holandês ainda predominava nos textos da revista.

A revista *De Regenboog* é um exemplo importante de como a cultura holandesa, especialmente nas colônias holandesas, está fortemente enraizada em solo brasileiro, e o fato de a revista passar por mudanças no decorrer da sua existência reforça isso, pois, concordando com Janzen (2005, p. 43), “entendemos que a cultura resulta de um movimento intracultural e intercultural de estranhamento e aproximação, entre o

¹¹ *Grootopa Vertelt* são crônicas sobre a história das colônias holandesas no Brasil (especialmente Carambeí) através dos olhos do (bis)avô, que se surpreende com a vida atual. Todos os tipos de memórias passam por sua cabeça e ele pensa em como costumava ser diferente. O autor, Peter Bosch [o segundo irmão do meu pai Johannes Bosch, o filho mais velho dos seis], nos aproxima dos pioneiros, dos primeiros anos, de sua própria infância, aventuras, acontecimentos e mudanças nas colônias. Memórias e histórias sobre emigração e integração contadas de forma bem-humorada, mas onde a dura realidade também vem à tona (GROOTOPA, 2023).

estável e o dinâmico, o conhecido e o estranho, redesenhando e hibridizando a formação da identidade cultural dos indivíduos”.

Portanto a revista vai se adequando a esses estranhamentos e a essa hibridização. Será interessante verificar, através da leitura do conteúdo das revistas desde seu começo, na década de 50, até os dias de hoje, como esta hibridização ocorreu e como a realidade das duas culturas convivendo pode ser percebida no decorrer dos anos. Bhabha (1998), em seu livro *O Local da Cultura*, fala sobre a sociabilização, as relações com pessoas, "a agitação em torno de nascimentos, casamentos, questões de família, rituais [...], detalhes como: onde você pode ou não sentar, como você pode ou não viver, o que você pode ou não aprender, quem você pode ou não amar", são elementos que podem causar estranhamento ou reconhecimento, dependendo da visão de mundo, o foco de observação e das marca socioculturais e históricas de quem observa (JANZEN, 2005, p.40).

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

A proposta desta pesquisa é investigar a relação entre práticas linguísticas, sociais e interculturais que orientam a revista *De Regenboog*, de que modo elas se relacionam com a história das colônias e quais possíveis influências estão agindo nessas práticas.

1.3.2 Objetivos Específicos

Para que essa investigação seja possível, considera-se relevante:

- a) Elaborar um resumo histórico da presença holandesa no Brasil, abrangendo desde o período em que o Brasil era Colônia, passando pelo Brasil Império, até a atualidade, no Brasil República, onde se situam as colônias objeto da pesquisa. Será descrito o seu surgimento e desenvolvimento, destacando características comuns a todas elas, como o importante tripé composto por “igreja, cooperativa e escola”, presente desde o início de cada uma. O

propósito desse resumo histórico é contextualizar o leitor, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre os motivos que levaram ao surgimento e à continuidade da revista por sete décadas e por que ela tem valor para os imigrantes e seus descendentes até hoje.

- b) Analisar as edições disponíveis da revista em todas as suas fases, para obter informações sobre o início de cada fase da revista, os momentos e motivos das mudanças estruturais, de funcionamento e *layout* da revista, assim como as diferenças linguísticas e discursivas;
- c) selecionar e examinar edições das diversas décadas da revista, arquivadas no *Centro de Documentação da Associação Cultural Brasil-Holanda (ACBH)*, na cidade de Carambeí (PR), e acessíveis através no site da ACBH¹². O objetivo é verificar o que foi dito sobre língua e cultura na própria revista, e como a questão da diminuição do uso do idioma holandês entre as pessoas das colônias, bem como entre os leitores da revista, pode estar influenciando a estrutura e a identidade da revista, ou seja, a sua “essência”, a partir do aumento do uso da língua portuguesa na revista;
- d) Realizar a análise das palavras em português que foram introduzidas na revista em dois períodos específicos: as décadas de 1950 e 1960 e, posteriormente, as décadas de 2010 e 2020. Classificar essas palavras dentro de campos semânticos e verificar se há ou não um equivalente em holandês para cada uma delas. Também serão formuladas hipóteses sobre as razões pelas quais os autores optaram pelo termo em português: se foi devido à inexistência de um equivalente em holandês, se o equivalente tem uma denotação/conotação diferente em cada contexto ou se foi porque a palavra já estava em uso corrente nas colônias.

¹² Disponível em <https://www.acbh.com.br/>.

O cumprimento desses objetivos pretende oferecer, nesta tese, um panorama das práticas linguísticas, sociais e interculturais de imigrantes holandeses nas colônias aqui no Brasil.

1.4 JUSTIFICATIVA

É possível notar, pelo aumento de trabalhos publicados, que o interesse pela pesquisa acadêmica sobre os imigrantes em solo brasileiro se torna mais expressivo a cada ano, em diferentes áreas do conhecimento.

Dentre as pesquisas, também a presença holandesa no Brasil é abordada em um número considerável de trabalhos: há estudos de cunho histórico-social e antropológico (PUNTONI, 1992; SOUZA JÚNIOR, 1998; CARDOSO, 2000; CORRÊA, 2002; QUINTAS, 2002; DE LAURENTYS, 2002; RICKLI, 2003; FERRAZ, 2003; CASTELO BRANCO, 2004; BOSCH, 2022), geográfico (SCHERER, 2004; OLIVEIRA, 2011; BALDISSERA, 2014), artístico (CALDAS, 2002), educacional (CORDEIRO, 2006; EILERT, 1997) e religioso (LUCENA, 2009), por exemplo.

Contudo, ainda é bem reduzido o número de pesquisas voltadas aos aspectos linguísticos dos imigrantes holandeses no Brasil. As pesquisas de mestrado e doutorado disponíveis são as seguintes:

O papel da comunicação na aculturação dos holandeses no Paraná: o caso da colônia de Carambeí, de Luyten (1979), que explora o papel da comunicação no processo de aculturação dos holandeses na colônia de Carambeí (PR). Analisando o contexto específico dessa comunidade, a autora destaca como a interação linguística e cultural desempenha um papel na integração dos holandeses ao ambiente brasileiro. A pesquisa examina os usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa em Carambeí; as atitudes e crenças linguísticas dos habitantes em relação a essas línguas; além de abordar a complexidade identitária desses indivíduos. O estudo também se debruça sobre a possível influência desses fatores na variação linguística, particularmente no uso de variantes do português, oferecendo uma visão aprofundada do processo de aculturação na comunidade holandesa em Carambeí.

O bilingüismo [sic] em Castrolanda: aspectos sociais da aquisição da segunda língua, de Verburg (1980) que se concentra na aquisição da segunda língua, analisando fatores sociais como sexo, idade, instrução, ocupação e índice de contato. A pesquisa destaca que a frequência de contato com a língua é o fator mais relevante

para a aquisição da competência fonológica, influenciando o desempenho dos falantes. Os resultados apontam que mulheres, pessoas mais velhas e aquelas com menos anos de instrução tendem a cometer mais erros na segunda língua. Além disso, ocupações que envolvem maior contato com a língua contribuem para um menor número de erros fonológicos.

Narrando (Re)Negociações Culturais: memórias dos 'holandeses' e 'brasileiros' de Arapoti/PR, Zomer (2016), que explora as complexas interações culturais e identitárias entre famílias holandesas imigrantes e brasileiros em Arapoti, PR, ao longo de 55 anos. Utilizando narrativas orais, a pesquisa analisa como essas comunidades (re)negociam sua cultura em um contexto sociolinguisticamente complexo. Esta pesquisa oferece uma visão profunda das dinâmicas interculturais na colônia holandesa de Arapoti, destacando os desafios de construir identidades em constante transformação.

O estudo *Influência do português brasileiro sobre a prosódia do neerlandês falado por imigrantes holandeses no Brasil*, de Freire (2020), realizado em Holambra (SP), avaliou a influência linguística entre o português brasileiro (PB) e o holandês (NL) na entoação. Utilizando parâmetros prosódicos, a pesquisadora analisou a frequência fundamental (f0) e entoação de 21 voluntários, divididos em grupos de imigrantes, holandeses residentes na Holanda e brasileiros. Os resultados indicam que a entoação dos imigrantes holandeses é influenciada pelo PB, especialmente entre as mulheres, enquanto os homens tendem a se aproximar do padrão holandês. Isso sugere que fatores sociais e culturais podem desempenhar um papel na assimilação linguística. O contexto social, as redes sociais e a exposição linguística podem desempenhar papéis cruciais na moldagem da entoação desses indivíduos, refletindo a convivência diária entre falantes de diferentes línguas e a adaptação linguística em diferentes contextos sociais.

Além dessas dissertações de mestrado, duas teses de doutorado analisam algumas das colônias holandesas do ponto de vista linguístico:

Os 'holandeses' de Carambeí: estudo sociolinguístico, de Fraga (2008), analisa as dinâmicas linguísticas e identitárias em Carambeí, a primeira colônia holandesa do Brasil no século XX. Ele investiga o uso das línguas portuguesa e holandesa, além das atitudes e crenças da comunidade. Os resultados mostram diferentes preferências linguísticas entre grupos etários e de gênero, com variação nas atitudes em relação

ao holandês. A identidade também é diversificada, com alguns se identificando como "brasileiros" e outros como "holandeses". As escolhas linguísticas, como sons específicos, estão ligadas a atitudes e identidades particulares. O estudo oferece uma visão abrangente das complexas interações entre linguagem e identidade em Carambeí.

No trabalho intitulado *Ideologias e Políticas Linguísticas em Jogo: Reflexões sobre Discursos acerca de Práticas Comunicativas na Colônia Holandesa de Arapoti/PR*, Zomer (2020) realiza uma pesquisa etnográfica sobre a linguagem na colônia holandesa de Arapoti/PR. Seu estudo explora as ideologias e políticas linguísticas que moldam as práticas comunicativas em três instituições locais: a igreja, a escola de holandês e o museu. A autora analisa as funções e valores atribuídos às línguas holandesa e portuguesa, destacando a evolução do holandês como expressão de pertencimento étnico-cultural e o aumento da importância do português devido à contemporânea interculturalidade.

Todas essas pesquisas demonstram que língua e cultura estão relacionadas, concordando com Chauí (2000, p. 187):

O mundo suscita sentidos e palavras, as significações levam à criação de novas expressões linguísticas, a linguagem cria novos sentidos e interpreta o mundo de maneiras novas. Há um vai-e-vem [sic] contínuo entre as palavras e as coisas, entre elas e as significações, de tal modo que a realidade, o pensamento e a linguagem são inseparáveis, suscitam uns aos outros e interpretam-se uns aos outros.

O objetivo do presente trabalho é, como as pesquisas mencionadas acima, contribuir e ampliar o conhecimento que temos a respeito dos aspectos linguísticos e culturais das colônias holandesas no sudeste, sudoeste e sul do Brasil.

Tomando por base a revista *De Regenboog* almejo analisar a língua (portuguesa e holandesa) utilizada nas edições, em variados (con)textos, e a opção por palavras em português em textos escritos em holandês e vice-versa. A revista também traz a possibilidade de investigar o conteúdo das revistas para verificar o que foi dito sobre língua e cultura na própria revista, no decorrer dos anos, pelo fato de os autores dos

textos da revista recorrem, desde o seu começo, à metalinguagem¹³, para se justificarem perante o público.

Esta é uma pesquisa inédita que visa utilizar o rico acervo de material impresso¹⁴ presente no Centro de Documentação em Carambeí (PR)¹⁵ para descrever as consequências linguísticas e sociolinguísticas do contato que as línguas portuguesa e holandesa mantiveram nas colônias desta pesquisa.

Embora a colonização descrita neste trabalho tenha se iniciado no início do século XX, resultando no fato de que os imigrantes estejam morando fora do seu país de origem há muito tempo e de que a maioria das pessoas já tenha nascido aqui, o bilinguismo ainda é característica marcante das colônias. Esse fato demonstra a importância da língua holandesa, não apenas por causa do significado afetivo, mas também pela marca de pertencimento étnico-cultural que ela evoca nas pessoas destas localidades. Como Fraga (2008, p.18) pontua, estudos relacionados a este tema são importantes pelo “fato de que não se sabe por mais quanto tempo ainda continuarão existindo os processos linguísticos hoje ali correntes”, mesmo que o holandês esteja bem presente no dia a dia das colônias e seja uma língua viva.

O que também me incentivou e ainda incentiva a escrever são todas as pessoas que escreveram e ainda escrevem sobre a história, cultura e línguas das colônias, pensando nas gerações futuras. O desejo de deixar um legado para a posteridade faz parte da cultura holandesa e assim também eu quero colaborar e deixar a nossa história registrada.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE

¹³ A função da metalinguagem é usar a linguagem para falar sobre a própria linguagem. O foco recai sobre a mensagem como um veículo de comunicação, e não apenas sobre o seu conteúdo informativo. A metalinguagem ocorre quando a linguagem é usada para esclarecer, definir, explicar ou comentar sobre os próprios signos linguísticos, regras gramaticais, significados ou características linguísticas (JAKOBSON, 1977, p. 127).

¹⁴ Na forma da revista (1953 até os dias atuais) e de livros publicados sobre e pelos imigrantes holandeses no Brasil.

¹⁵ O Centro de Documentação foi criado no ano de 2011, na cidade de Carambeí, com o objetivo de guardar as riquezas culturais e históricas dos imigrantes holandeses no Brasil para as futuras gerações. Segundo o professor e secretário da ACBH, Johan Elbertus Scheffer, “esse material histórico tem grande valor para o povo holandês. E todos os documentos estão reunidos em um espaço próprio para que não se percam. Além disso, a ideia é que o centro fosse um local de referência para estudiosos do assunto” (CENTRO, 2023).

A organização desta tese começa pelo prefácio, onde tentei contextualizar o cenário no qual estive inserida desde o meu nascimento e que desenvolveu em mim o desejo de aprender mais sobre língua e (inter)cultura, e a sequência do trabalho está organizada em cinco capítulos, a saber:

- **Capítulo 1:** Apresenta o contexto e a gênese do trabalho, além da justificativa, dos objetivos, da metodologia utilizada e da organização da tese.
- **Capítulo 2:** Apresenta um resumo histórico da presença holandesa no Brasil, desde o período colonial até os dias atuais, com foco nas colônias holandesas objeto deste estudo.
- **Capítulo 3:** Examina as diversas edições da revista, com informações sobre o ano de fundação, os relatos sobre as mudanças, o conteúdo e as características da revista.
- **Capítulo 4:** Fornece conceitos teóricos sobre linguagem, cultura, bilinguismo, hibridismo, heteroglossia e outros aspectos pertinentes à pesquisa. Haverá um paralelo entre trechos da revista e uma listagem de todas as palavras em português utilizadas nos textos, enquanto a revista era predominantemente escrita em holandês. Além disso, será abordado o aumento significativo do número de textos escritos em português (com o assunto a que se referem).
- **Capítulo 5:** Oferece as considerações finais com base na pesquisa realizada, resumindo os resultados obtidos e ponderando sobre as questões que surgiram ao longo do estudo.

1.6 METODOLOGIA

A pesquisa sobre as práticas linguísticas, sociais e interculturais na Revista *De Regenboog* será conduzida sob uma abordagem morfológico-metodológica, enraizada em uma perspectiva qualitativa e interpretativa, evitando categorias

específicas predefinidas (ERICKSON, 1986; EVERTSON e GREEN, 1986, apud LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 1990). A metodologia proposta inclui pesquisa e análise documental, com exemplos coletados *online* e no *Centro de Documentação*, para contar sobre a história de cada colônia; fazer um paralelo com a fundamentação teórica sobre bilinguismo, línguas de herança e *code-switching*; e para elencar exemplos da presença de palavras na língua portuguesa em meio aos textos em holandês, sendo esses termos organizados em campos semânticos e examinados quanto à motivação de sua presença nos textos e o seu significado para os imigrantes e seus descendentes e a possível equivalência em holandês. Dois períodos específicos serão examinados: as décadas de 1950 e 1960 (*Batavo-Post* e *Centraal Maandblad*) e as décadas de 2010 e 2020 (*De Regenboog – O Arco-Íris* e *De Regenboog*). Esse arranjo dos dados e a análise comparativa deles tem como objetivo apresentar as descobertas sobre bilinguismo, *code-switching* e línguas de contato na revista, refletindo as dinâmicas linguísticas das colônias.

A observação considerará tanto o contexto local e imediato quanto o contexto histórico mais amplo, para permitir uma compreensão abrangente das práticas linguísticas e interculturais. A análise documental fornecerá informações não apenas sobre o histórico da revista, mas também sobre seu contexto histórico mais amplo, possibilitando a compreensão de como as organizações sociais e culturais influenciam as escolhas e comportamentos das pessoas em ação (ERIKSON, 1986, p.129 apud LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 1990, p. 98).

1.7 EXPLICAÇÕES

Durante a elaboração da tese, foi necessário fazer algumas escolhas, seja em relação à seleção de termos, ou em relação à escolha do que utilizar das revistas para exemplificar as questões linguísticas e culturais.

Optei por usar **Holanda** para me referir ao país, embora oficialmente seja denominado Países Baixos e decidi empregar o termo **holandês** para o idioma, em vez de neerlandês. Apesar de, ao falarmos em holandês nas colônias, intercalarmos *Holland* e *Nederland* para nos referirmos ao país e *Hollands* e *Nederlands* para falarmos sobre a língua, estando na Holanda, utilizo apenas *Nederland* (país) e

Nederlands (idioma). Mesmo assim, ainda é mais natural falar Holanda e holandês quando me expresso em português.

Da mesma forma, optei por utilizar apenas **português** para me referir ao português brasileiro, uma vez que a pesquisa é realizada no Brasil e não inclui comparações com o português europeu ou de outras nações. Quanto à terminologia de **Campos de Holambra (Holambra II)**: para as colônias holandesas aqui no Brasil, embora o nome oficial seja Campos de Holambra desde 1997, a colônia possivelmente continuará sendo chamada de Holambra II. No texto, os dois nomes estarão presentes.

2. A PRESENÇA HOLANDESA NO BRASIL

A Holanda, oficialmente chamada de Países Baixos¹⁶, faz parte da História Brasileira há muito tempo, marcando presença em diversos períodos ao longo da nossa História. Os motivos que trouxeram os holandeses e as condições em que vieram foram distintas, porém o desejo de tornar o Brasil seu destino para prosperar e se desenvolver os une. Um breve relato histórico descrevendo esta presença a partir do século XVI auxilia a introduzir o estudo e a chegar até o momento em que as colônias holandesas existentes neste momento no Sul, Sudeste e Centro-Oeste, objetos deste estudo sobre a revista *De Regenboog*, entram em cena na história brasileira.

Começarei descrevendo a presença holandesa no Brasil Colônia (1500 - 1822), quando os holandeses invadiram o Nordeste brasileiro e lutaram contra portugueses, espanhóis, nativos e escravos por conta da posse de parte do território brasileiro e do açúcar ali produzido. Em segundo momento, abordarei a presença dos holandeses no Brasil Império (1822 - 1889), onde novamente temos registros sobre imigrantes holandeses, para então me aprofundar na presença dos holandeses que formaram colônias, em sua maioria planejadas, no Brasil República (1889 – dias atuais), sendo estes os atores principais do presente estudo, pelo fato de a revista *De Regenboog*¹⁷ circular nestas colônias e neste último período, séculos XX e XXI.¹⁸

Em relação ao termo colônia (*kolonie*), as definições encontradas em dicionários¹⁹ são: “**colônia** (1) conjunto dos indivíduos da mesma nacionalidade que se estabelece em país estrangeiro; (2) possessão de um Estado fora do seu território, em geral no ultramar” e “**kolonie** (1) assentamento em territórios estrangeiros, que são anexados em benefício da terra natal dos colonizadores; território adquirido para exploração econômica; (2) grupo de estrangeiros, originários do mesmo país, em uma

16 A Holanda é oficialmente chamada de Países Baixos. No Brasil, porém, o termo Holanda ainda é mais comum e conhecido e por isso optei por utilizar o termo Holanda no texto.

17 *De Regenboog* é o nome da Revista desde 1998. Antes disso ela se chamava *Batavo-Post* (1953 a 1954) e *Centraal Maandblad* (de 1961 a 1998).

18 Há muito mais histórias de holandeses que vieram para lugares no Brasil não descritos nesse trabalho, individualmente ou até em grupo. Muitos destes que vieram, voltaram para a Holanda ou foram para outros países, mas muitos continuam morando no Brasil, fora do contexto de colônia e com pouco ou nenhum contato com as colônias desta pesquisa, espalhados pelo país por diferentes motivos e em diferentes realidades.

19 Os dicionários *online* consultados foram o Van Dale e o Dicio.

cidade específica”. Já a palavra **colonizador** significa “(1) que ou aquele que coloniza ou promove a colonização” e **kolonisator** é definida como “(1) país que funda uma colônia”.

Ainda temos os termos **colono**, “(1) aquele que faz parte de uma colônia; (2) indivíduo que cultiva uma porção de terra mediante pagamento de salário; (3) aquele que busca se estabelecer num país ou território que não é o seu” e **kolonist**, “(1) alguém que funda uma colônia”. Percebemos que o português tem mais definições para a palavra **colono** do que o holandês. A segunda definição surgiu no Brasil

com a migração alemã e italiana. [...] os estrangeiros trabalhavam em regime de colonato, ou seja, moravam em casas dentro da fazenda, trabalhavam nas lavouras e recebiam em troca uma parte da colheita ou, ainda, podiam cultivar para seu próprio sustento em certas partes da terra. Dessa forma, o Estado passou a denominar colono o indivíduo que recebia um lote de terra para colonização do espaço (FOPPA, 2023)

As definições refletem a interação entre o Brasil e a Holanda em diferentes períodos dos últimos séculos, e o termo **colônia** assumirá significados diversos ao longo do texto.

2.1 HOLANDESES NO BRASIL COLÔNIA

Os séculos XVI e XVII marcaram um período em que potências europeias, movidas pelos princípios capitalistas, disputaram de forma intensa o controle de territórios, visando obter riquezas (VARGAS; LASTA, 2018, p.58). No caso do Brasil, então colônia portuguesa, a alta produtividade do açúcar no litoral nordestino foi o que atraiu o interesse de países europeus. Sendo um produto de grande valor no mercado internacional, o açúcar brasileiro despertava “a atenção dos Países Baixos que, em guerra com a Espanha, sob cuja coroa estava Portugal e suas colônias, necessitavam de todo o açúcar produzido no Brasil para suas refinarias (vinte e seis só em Amsterdã)” (GALINDO e HULSMAN, 2001, p. XI), para obter lucro com o seu processamento, beneficiamento e comércio.

As invasões holandesas no Brasil do século XVII estavam diretamente relacionadas a questões diplomáticas entre Portugal, Espanha e a própria Holanda no final do século XVI. Até o ano de 1580, a Holanda tinha um envolvimento direto com o negócio do açúcar produzido no Brasil, pois financiava o seu desenvolvimento e

participava do processamento e da comercialização do açúcar na Europa, havendo, assim, uma parceria econômica lucrativa entre Portugal e Holanda durante muitos anos (GALINDO; HULSMAN, 2001, p.14).

No entanto, essa situação mudou de maneira drástica com a morte do Cardeal D. Henrique²⁰, rei de Portugal, que morreu e assim o reino ficou sem sucessor, provocando a crise da dinastia de Avis em Portugal, no final da década de 1570 (BARLÉU, 2005, p. 265). Em consequência desse fato, ocorreu uma disputa que resultou na coroação de Filipe II, da Espanha, como rei de Portugal, o que causou a unificação das coroas da Espanha e Portugal, sob o domínio do mesmo rei, conhecida como União Ibérica, durando de 1580 a 1640 (MELLO, 2001, p. 16). Essa União representou mudanças importantes nas relações diplomáticas entre Holanda e Portugal, pois a Holanda estava em guerra com a Espanha desde 1568, por conta da luta dos holandeses por sua independência²¹, e como Portugal era agora governado pelo Rei da Espanha, que estava em guerra contra a Holanda, os inimigos da Espanha tornaram-se os inimigos de Portugal.

Em decorrência de tudo isso, os holandeses acabaram sendo excluídos do negócio do açúcar e isso resultou em uma ação dos holandeses contra Portugal. Em 1595, os holandeses saquearam portos portugueses no continente africano e, em 1604, atacaram a cidade de Salvador, na Bahia, mas esse ataque acabou fracassando.

Depois disso, os holandeses permaneceram em trégua com os espanhóis até 1621 e nesse mesmo ano, a *West-Indische Compagnie* – (doravante WIC)²² – foi fundada. A Companhia tinha como objetivo tomar o controle das áreas produtoras de açúcar de Portugal, bem como dos postos de comércio de escravos na África. Em 1624, houve o primeiro grande ataque dos holandeses da WIC contra a capital do Brasil, a cidade de Salvador, e, após 24 horas de “ação planejada” (MELLO, 2003, p. 262), eles a conquistaram.

²⁰ Henrique I (1512 – 1580), apelidado de "O Casto" e "O Cardeal-Rei", foi o Rei de Portugal e Algarves de 1578 até sua morte, além de cardeal da Igreja católica desde 1545. Era o quinto filho do rei Manuel I e sua segunda esposa Maria de Aragão e Castela, tendo servido entre 1562 e 1568 como regente de seu sobrinho neto o rei Sebastião (REIS, 2019).

²¹ Até 1581, a Holanda ficou sob o domínio dos Habsburgo, dinastia que reinava na Espanha (MELLO, 2001, p. 16).

²² A *West-Indische Compagnie* - WIC (Companhia das Índias Ocidentais) era uma organização privada de comércio exterior. Esta companhia capitalista serviu de instrumento para a colonização holandesa nas Américas, além de ser a responsável pela ocupação de áreas no nordeste brasileiro no século XVII.

O domínio dos holandeses concentrou-se nos limites da cidade, uma vez que a resistência dos colonos e dos portugueses não permitiu que os holandeses se expandissem pelo Recôncavo Baiano. Após um ano, em 1625, a resistência portuguesa conseguiu expulsar os holandeses de Salvador. Depois de expulsos, os holandeses retornaram em 1627, para saquear a capital do Brasil²³.

Depois de Salvador, o alvo dos holandeses se tornou Pernambuco, outra capitania brasileira que prosperava com a produção de açúcar e, em 14 de fevereiro de 1630, conseguiram conquistar Olinda, onde, segundo Dussen (1639) havia 121 engenhos de açúcar, “correntes e moentes”, que “nas melhores safras, davam mais de mil toneladas do produto” (MELLO, 2003, p. 262).

No dia 4 de agosto de 1636, a WIC nomeou o Alemão Maurício de Nassau²⁴ a governador, capitão e almirante-general para proteger e defender as posses já conquistadas e ainda por conquistar no Brasil e para administrar a colônia holandesa na Nova Holanda, nome dado ao nordeste brasileiro. Segundo Aa (1867),

no dia 25 de outubro daquele ano, ele foi com o navio *Zutphen* para o novo mundo sob a vela, saudado por seus numerosos amigos, que o viram partir com tristeza, mas também saudado por toda a pátria, que tinha as mais genuínas expectativas de sua missão. E essa expectativa não foi decepcionada por ele. Tendo posto os pés em terra no dia 23 de janeiro de 1637, ele não hesitou em fazer o inimigo sentir a força de seu braço, e no dia 17 de fevereiro ele teve que sentir essa força em toda a sua magnitude em Porto Calvo. O castelo com esse nome logo caiu em suas mãos, e de lá ele continuou suas vitórias. A fortaleza portuguesa de São Jorge da Mina foi tomada, Sergipe e Maranhão subjugados e nossa área se estendeu até o rio São Francisco.

A administração de Nassau foi um momento importante para o estabelecimento dos holandeses no Brasil, pois realizou inúmeras ações para o desenvolvimento da colônia, com obras para incentivar a urbanização. Ele procurou recuperar a economia açucareira de Pernambuco ao vender engenhos que tinham sido abandonados durante a guerra entre portugueses e holandeses e procurou estabelecer algumas

²³ Salvador foi capital do Brasil entre os anos 1549 e 1763.

²⁴ O conde Johan Maurits van Nassau-Siegen (1604 - 1679), de linhagem de nobres alemães, teve uma educação erudita, estudando latim, italiano, francês e espanhol desde muito novo. Também aprendeu história, filosofia, retórica, teologia e astronomia e tinha familiaridade com a dança, o hipismo e a esgrima. Ingressou jovem no Exército, e aos 15 anos já ocupava o posto de alferes, tornando-se em seguida capitão e, por fim, coronel. Adquiriu experiência nos campos de batalha durante a guerra que envolveu a Holanda e a Espanha. Portanto, a sua origem social e seus conhecimentos e habilidades lhe garantiram acesso à corte holandesa (KONINKLIJKE VERZAMELINGEN, 2000).

normas para a melhoria de vida, como a obrigatoriedade de se plantar mandioca em uma quantidade proporcional ao número de pessoas que habitavam o engenho e a proibição de se jogar lixo nas ruas, entre outras medidas. Era, assim, possível perceber a diferença entre as administrações holandesa e lusitana da colônia.

Com relação à prática religiosa, Nassau concedeu relativa autonomia religiosa e soube conciliar as diferentes etnias e culturas que conviviam ali, pois, no século XVII, Pernambuco era um local em que brancos, negros, indígenas, mestiços, católicos, judeus e protestantes viviam juntos em uma frágil harmonia (AA, 1867).

Segundo Schalkwijk (2004, p. 95), de 1624 (data da primeira invasão em Salvador) até 1654 existiram 22 igrejas de culto reformado em solos nordestinos. Os cultos protestantes eram realizados em igrejas católicas adaptadas. A Igreja Reformada, contudo, “chegou e saiu com a bandeira holandesa. Não havia a possibilidade de sobrevivência de uma Igreja Cristã Reformada sob a bandeira portuguesa naquela época” (SCHALKWIJK, 2004, p.96)

Maurício de Nassau possuía a qualidade de saber tratar com tantas divergências e, assim, minimizar os conflitos entre os diferentes grupos. Além disso, homem de cultura e voltado para as questões humanistas, incentivou a vinda de cientistas e artistas para o Brasil, trazendo um grupo de médicos, naturalistas, pintores, cronistas e outros estudiosos, que realizaram um importante trabalho de registrar a fauna, a flora, o homem e a realidade sociocultural brasileira em relatos, textos e imagens (SILVA, 2001, p. 13). Eram nomes de grande expressão no cenário artístico-científico europeu, como o astrônomo Georg Marcgraf, o paisagista Frans Post, o retratista Albert Eckhout e o médico e naturalista Willem Piso.²⁵

Maurício também mandou construir uma biblioteca e um observatório astronômico, além do jardim zoobotânico com plantas e animais raros (RECIFE, 2023)

²⁵ Os cientistas promoveram uma série de estudos sobre a fauna e a flora locais, assim como estudaram doenças tropicais que atingiam a população. A obra *História Natural Brasileira* foi publicada em Amsterdã em 1648 por Willem Piso e Marcgraf, contendo um compêndio das espécies de plantas. Era o mais completo sobre a flora do Novo Mundo de que se tinha notícia e seria utilizado por Charles Darwin, dois séculos depois. Os artistas, por sua vez, retratavam o modo de vida local, as paisagens do cotidiano, ou mesmo indígenas e escravos que habitavam a região. O pintor Albert Eckhout fez oito pinturas em tamanho natural com tipos étnicos da colônia, além de uma coleção de quadros menores. Frans Post, por sua vez, foi o primeiro a retratar a paisagem da região (BRASILIANA ICONOGRÁFICA).

A partir da década de 1640, a WIC entrou em processo de falência, e Maurício de Nassau acabou entrando em conflito com a administração.²⁶ Os gastos excessivos com a manutenção de Nassau e de seu pessoal no Brasil holandês, as divergências administrativas entre Nassau e a Companhia, a queda do preço do açúcar no mercado internacional e o fim da União Ibérica, em 1640, fragilizaram o domínio holandês no Brasil. Em 1643, Nassau recebeu ordens para retornar à Holanda.

Destituído de suas funções pela WIC e pelo Estado, em 1644, Nassau retornou para a Holanda, deixando a administração para um conselho indicado pela WIC.²⁷ Até hoje, Maurício de Nassau é conhecido como *Maurício, o brasileiro*, nome dado a ele quando ainda estava no Brasil: “Resumi-los-ei, antes de partir do Brasil, o primeiro dos Nassaus que mereceu o cognome de Brasileiro” (BARLÉU, 2005, p. 342).

Em dedicatória ao Conde João Maurício de Nassau escrita por Gaspar Barlaeus²⁸ em 1647, após o retorno de Nassau para a Holanda, este

não deixou de incluir, na geografia da *conquesten* nassoviana, lugares como Paraíba, Itamaracá, Ceará, Porto Calvo, Rio Grande (do Norte), Luanda e Maranhão. Territórios que por quase oito anos foram administrados por Nassau e o seu Alto Conselho (Hooge Raden). Ao primeiro, coube a função de exercer a autoridade sobre as forças de mar e guerra nas conquistas da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil. Ao Alto Conselho, ficaram reservadas as questões sobre milícia e administração pública em geral (NASCIMENTO, 2004 p. 96)

Após sua partida, os holandeses ainda expandiram seus domínios, conquistando São Luis do Maranhão; porém a colônia holandesa no Brasil entrou em decadência.

A decadência foi causada, entre outros, pelo fato de a WIC não investir o necessário para garantir a segurança de sua colônia, o que se mostrou ser um grande

²⁶ “O Conde Maurício de Nassau-Siegen havia se mostrado um governador capaz, cujas realizações foram frustradas pelas políticas menos providentes dos diretores da WIC.” (MELLO, 2001, p. 52)

²⁷ Ao todo, 13 navios levavam uma carga avaliada em quase três milhões de florins. Só as coisas de Nassau ocuparam duas embarcações. Junto com ele viajaram para a Holanda tonéis de abacaxi, as redes de dormir, amostras de animais, plantas, artefatos indígenas e toda a produção artística de seus cronistas, pintores e naturalistas.

²⁸ Gaspar Barléu, Gaspar van Baerle ou, em latim, Caspar Barlaeus (1584 - 1648) foi um teólogo, humanista, poeta, historiador e polímata holandês, que escreveu, entre muitas outras obras, um relato do Império colonial holandês no Brasil intitulado *História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil e Noutras Partes sob o Governo de Wesel, Tenente-General de Cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange*. (*Casparis Balaei, Rerum per octennium in Brasíliā et alibi nuper gefarum, Sub Praefectura Illftriffimi Comitiss I. Mavritii, Nassoviae, &c. Comitiss, Nunc Vefallae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belfii Ordd. Fub Avriaco Ductoris, Historia*), em 1647 (BARLÉUS, 2005, p. 368).

erro. Primeiramente porque a relação entre os colonos e holandeses se mostrava desgastada. Além disso, desde a Restauração e Independência de Portugal, em 1640, os rumores de que os portugueses se lançariam em uma guerra contra os holandeses por Pernambuco só aumentavam. Esta guerra de fato estourou a partir de 1645, estendendo-se até 1654.²⁹ (MELLO, 1998, p.167)

Os recursos holandeses, que já eram escassos, diminuíram mais ainda a partir de 1652, quando Holanda e Inglaterra entraram em uma guerra marítima, no final de maio de 1652³⁰ e “ao priorizar a guerra contra a Inglaterra, a Holanda desistiu de lutar no Brasil. Não por acaso, a rendição do Recife ocorreu em 1654” (VAINFAS, 2012. p.189). Nesse cenário, ficou impossível manter a colônia no Nordeste. Por fim, em 1654, uma esquadra portuguesa cercou Recife, retomando a região depois de 24 anos de domínio holandês. Com a retomada da soberania portuguesa, as lutas pela restauração do domínio colonial se fortaleceram até que, em 1654, os holandeses foram definitivamente expulsos do território brasileiro.

No dia 6 de agosto de 1661, o Tratado da Haia, também conhecido como a Paz da Haia, foi firmado e assinado entre Portugal e a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, os atuais Países Baixos (MELLO, 2010, p.221). Com a assinatura do tratado, os territórios conquistados pela Holanda no Brasil, renomeados como Nova Holanda, ou Brasil Holandês, foram formalmente devolvidos a Portugal em troca de pagamento em dinheiro e produtos, conforme Evaldo Cabral de Mello (1998, p. II) escreve:

Portugal pagaria em dezesseis anos 4.000.000 de cruzados em numerário, cancelamento de impostos, açúcar, fumo e sal, ao preço vigente no Reino na ocasião do pagamento. Esta soma correspondia grosso modo a 650.000.000 de dólares americanos de 1998³¹. As prestações montariam anualmente a 250.000 cruzados, sendo desembolsados em Lisboa; o câmbio era favorável ao Reino, ao não levar em conta o deságio que gravara a moeda portuguesa em Amsterdã. [...] As violações do tratado não afetariam o estado de paz mas na hipótese de descumprimento da parte de Portugal, os Países Baixos poderiam exigir o Nordeste de volta, sem ter de reembolsar o Reino da parcela da indenização amortizada.

²⁹ Essas batalhas contaram com lideranças locais importantes na luta contra os holandeses, tais como André Vidal de Negreiros, militar e governador colonial luso-brasileiro e João Fernandes Vieira um militar e senhor de engenho português, tendo a participação de donos de engenhos, negros e indígenas.

³⁰ De 1652 a 1654 ocorreu a Primeira Guerra Anglo-Holandesa. Nos séculos XVII e XVIII houve quatro guerras marítimas anglo-holandesas (MELLO, 1998, p. 167).

³¹ Esse valor equivaleria a um pouco mais de R\$ 5,6 trilhões em 11 de abril de 2023.

Desta maneira se encerrava a primeira fase da presença holandesa no Brasil, uma fase de batalhas, sucessos e derrotas e que deixou marcas que perduram até hoje no Nordeste Brasileiro em livros de História, nomes de prédios, ruas e no imaginário da população.

2.2 HOLANDESES NO BRASIL IMPÉRIO

Em meados do século XIX, quando Dom Pedro II³² era imperador, o Brasil se anunciava, por meio dos representantes consulares do governo imperial brasileiro, como um destino promissor aos europeus que pensavam em deixar o seu país, sonhando em ter seu próprio pedaço de terra e garantir a subsistência e um futuro melhor para todos os membros da família com quem atravessariam o Atlântico. Foi criada a Associação Central de Colonização (doravante ACC), por meio do decreto nº 1.584, de 2 de abril de 1855, que visava

promover e auxiliar a emigração, convidando, engajando, transportando, e tratando de estabelecer os colonos, e encarregando-se da encomenda dos que tiverem de vir por conta do Governo, companhias, ou particulares, mediante contractos (BRASIL, 1855).

Ainda segundo o decreto nº 1.584, artigo 3º, a ACC tinha por fim “a importação de emigrantes morigerados, agricultores e industriais, que espontanea ou subsidiadamente queirão vir para o Império” e dizia que “a colonização se fará em regra por famílias, e especialmente de agricultores” (Art. 5º) (BRASIL, 1855). Isto ocorreu com a vinda de suíços, alemães, italianos, espanhóis, entre outros (BEZERRA, 2023).

Segundo as promessas divulgadas, os imigrantes poderiam conquistar a terra e as condições de vida que no continente europeu dificilmente teriam. Por esse motivo, na época do Império, além do Canadá, dos Estados Unidos da América, da Nova Zelândia e da Austrália, que atraíram imigrantes da Holanda, o Brasil se mostrou interessante e promissor, principalmente para agricultores e horticultores.

³² Pedro II, também chamado “o magnânimo”, reinou de 23 de julho de 1840 a 15 de novembro de 1889.

A Holanda, que havia reconhecido a Independência do Brasil, mantinha relações diplomáticas com o Império Brasileiro desde 1828 (IMPÉRIO, 2024), possibilitando, assim, a vinda de imigrantes holandeses para o Brasil.

Muitos chefes de família holandeses, assalariados ou desempregados, decidiram emigrar com suas famílias, atraídos pelas promessas de um futuro melhor, visto que haviam passado por muitas dificuldades em sua terra natal nas décadas de 1840 e 1850, por conta de uma crescente crise na produção agrícola, agravada pelos rigores do inverno, além da crise econômica e do aumento da pobreza e tensão social na Europa (SMIT, 2016, p.19).

Entre 1858 e 1862, vieram cinco grupos de imigrantes que se estabeleceram principalmente em localidades da província do Espírito Santo. Em 20 de maio de 1858, as dez primeiras famílias de imigrantes holandeses proveniente da região de Zeeland, no sudoeste da Holanda, chegaram ao Brasil. Em Zeeland, o desejo de ir atrás das possibilidades de construir um futuro e possuir terras no Brasil era chamado de *braziliaanse koortsen* (as febres brasileiras) (SMITS, 2021).

Para chegarem ao destino, essas dez famílias caminharam por três dias até o porto da Antuérpia³³ e iniciaram a difícil jornada pelo Atlântico, que duraria dois meses, para então desembarcarem no porto do Rio de Janeiro. Após a chegada, receberam lotes em terras acidentadas e cobertas por densa mata, tendo que viver de maneira precária, abrindo clareiras e morando em cabanas cobertas por folhas de palmeira, em meio a colinas e árvores altas. Essa região era denominada *Comunidade Holanda*, apesar de a geografia não lembrar em nada a terra natal³⁴.

Entre os pioneiros havia, além dos agricultores, também sapateiros, carpinteiros e cesteiros. O número de pessoas não é exato, mas de acordo com os relatos, ao redor de 10% dos mil colonos provenientes de diferentes regiões do continente europeu e estabelecidos nas colônias de Santa Leopoldina, colônia Rio Novo e colônia militar do Urucu, vieram da região de Zeeland, no sudoeste da Holanda. Através de pesquisa em fontes disponíveis³⁵, Roos e Eshuis (2008, p. 121)

³³ Isto representa uma distância de mais ou menos 60 km.

³⁴ O relevo da Holanda é muito plano e a altitude máxima é de 322 metros (Vaalseberg, o ponto mais alto, fica na cidade de Vaals, na província de Limburg, no sul do país). Cerca de 20% das terras holandesas encontram-se abaixo do nível do mar.

³⁵ Foram pesquisadas a lista do arquivista Dr. J. de Hullu, que anotou os nomes de famílias que partiram de Zeeuws-Vlaanderen para o Brasil e que constavam em arquivos públicos e registros de membros

chegaram a um total de 760 pessoas, e seus destinos, nos estados do Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, foram organizados por ano de chegada:

TABELA 1 – INFORMAÇÃO SOBRE A CHEGADA DE HOLANDESES NO BRASIL IMPÉRIO

ANO	DESTINO	QUANTIDADE
1858	Colônia Rio Novo (ES)	60
	Colônia militar Urucu (ES)	77
	Santa Maria de Soledade (RS)	53
	Nova Petrópolis (RS)	17
	Joinville (SC)	56
	Desconhecido	73
1859	Colônia Santa Leopoldina (ES)	62
	Santa Maria de Soledade (RS)	8
	Colônia Santo Ângelo (RS)	5
	Desconhecido	13
1860	Colônia Santa Leopoldina (ES)	75
	Colônia Santa Cruz (RS)	7
	Desconhecido	49
1861	Colônia Santa Leopoldina (ES)	70
	Desconhecido	73
1862	Colônia Santa Leopoldina (ES)	36
	Desconhecido	26
	Total	760

Fonte: Roos; Eshuis (2008, p. 121)

Além das terras acidentadas e condições de moradia descritas acima, colônias agrícolas imperiais apresentavam vários problemas como a falta de estrutura, a demarcação deficiente dos lotes, a baixa fertilidade de grande parte das terras, a

de igrejas; a lista do padre franciscano Olavo Timmers, missionário no estado de Minas Gerais no Brasil, copiada de um relatório da Companhia do Mucuri do ano de 1862; a lista do ex- secretário da comunidade de Aardenburg, Senhor G. A. C. van Vooren, que compilou uma lista no manuscrito não publicado chamado: “Emigrantes para o Brasil de West Zeeuws-Vlaanderen 1858-1862”, com um suplemento intitulado: “Emigrantes de Zeeland para o Brasil, vindos de Schouwen Duiveland, Zuid Beveland e Oost Zeeuws-Vlaanderen”, baseado nas listas mencionadas anteriormente e no microfilme Zeeland 487370 do Arquivo Latter Day Saints em Salt Lake City, Utah, EUA (ROOS; ESHUIS, 2008, p. 120).

contínua mudança dos administradores nomeados e a inexistência de estradas com condições suficientes para o transporte da produção para os centros maiores. Havia outros problemas que dificultavam a adaptação à nova terra, como, por exemplo, as diferenças culturais: os costumes e as tradições eram tão diferentes, que, por vezes, causavam conflitos com as leis do Império e com os costumes nacionais. A língua e a religião também foram aspectos importantes, pois os imigrantes não conseguiam se comunicar com os locais e com os outros imigrantes de maneira a facilitar a integração:

As famílias holandesas nunca conseguiram atingir seus objetivos de comprar as terras onde viviam e trabalhavam. Nem obtiveram qualquer melhoria financeira, como lhes havia sido prometido pela ACC. A comunidade esteve isolada durante muitos anos, pois como não havia escola para as crianças, elas não aprendiam o português, o que dificultava muito a integração. Estavam sempre isolados em seu próprio círculo social, sem perspectivas de crescimento (PAULA, 2011, p. 17).

Além disso, havia a inviabilidade de manter seus ritos religiosos em conformidade às suas próprias tradições. A religião oficial durante o Império era a católica e, embora os imigrantes protestantes tivessem liberdade de culto, as condições nas colônias não favoreciam isso³⁶.

Doenças, animais e insetos desconhecidos e muitas vezes fatais causaram adversidades aos imigrantes que aprenderam com índios e escravos libertos e foragidos os segredos das plantas medicinais para combater doenças e animais peçonhentos. Por estarem instalados em áreas montanhosas e distantes de povoados, foi com estes também que aprenderam a cultivar nas encostas. Isto tudo apesar de uma convivência nem sempre pacífica (BRAZILIAANSE KOORTS, 2015).

Como colocado anteriormente, as dificuldades dos imigrantes holandeses foram inúmeras e muitos deles nem sequer constam em registros, por isso não se sabe o que aconteceu com muitos deles, se morreram durante a viagem da Europa para o Brasil, se morreram nos anos iniciais, se foram para outros lugares no Brasil ou se continuaram vivendo na região das colônias no Espírito Santo. A chance de descobrir mais do que já foi encontrado é pequena, pois seus nomes não constam em

³⁶ O Artigo 05 da Constituição diz que “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fóma alguma exterior do Templo” (BRASIL, 1824).

documentos, o que pode ter ocorrido por negligência de autoridades, por terem sido registrados como alemães ou pomeranos (ROOS, 2008, p.4) ou também pelo fato de muitos nomes, por motivo de sua complexidade, terem sido “abrasileirados” e, portanto, modificados ao longo dos anos, impossibilitando, assim, a ligação entre esses nomes e os originais holandeses.

Outro fator que pode ter contribuído para isso foi a chamada “germanização” dos holandeses por meio de casamentos, da escola e da igreja, pois os holandeses de Zeeland eram vistos como alemães (ROOS, 2008, p.42). Desde a chegada esta confusão causava transtornos, como é possível ver no trecho onde Roos e Enhuis (2008, p. 43) descrevem a chegada de imigrantes que iriam para a Colônia Santa Leopoldina, no dia 16 de junho de 1659:

No cais as novas famílias de emigrantes são divididas de acordo com sua língua e país de origem e são levados para diferentes abrigos. Pela milionésima vez os *Zeeuwen* têm que explicar que eles não vêm da Alemanha, mas sim da província de Zeeland na Holanda. A espera é de 3 semanas até finalmente poderem continuar viagem até as terras prometidas.

Apesar do provável insucesso dessa empreitada e de todo o tempo que passou, até hoje existem as comunidades de Holanda e Holandinha na cidade de Santa Leopoldina (ES). E apesar da dificuldade de se encontrar registros históricos, pesquisadores tentam descobrir e organizar o quanto podem com a intenção de resgatar essa história de sofrimento, desilusão, mas ao mesmo tempo, de força e coragem, para não a deixar cair no esquecimento. Característica marcante desta época foi novamente a sensação de abandono pelo governo e órgãos responsáveis da Holanda sentida pelos imigrantes.

2.3 HOLANDESES NO BRASIL REPÚBLICA

Em 15 de novembro de 1889 foi proclamada a República no Brasil (SAES, 2005, p. 61). Este período, assim como durante o Brasil Império, foi marcado pelo estímulo à imigração, tendo o fim da escravidão, em 1888, e a consequente necessidade de mão-de-obra, agora que os fazendeiros não podiam mais fazer uso da mão-de-obra escrava, como um dos motivos:

A colonização baseada na instalação de imigrantes europeus em pequenas propriedades representaria uma solução para boa parte dos problemas sociais e econômicos que afligiam o Brasil. Sob esta ótica, o imigrante europeu “deveria constituir-se no agente modernizado e transformador da sociedade e da economia brasileira. Com experiências agrícolas e de criação de gado diferentes, com técnicas artesanais novas, com hábitos de vida outros que os das populações existentes, esperava-se que o imigrante contribuísse para tirar o país da situação de atraso a que o sistema colonial o tinha relegado” (PETRONE, 1982, p. 18).

Nos anos iniciais, de 1889 a 1891, a recém-instalada República deu continuidade à política imperial, e com o Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, ou *Lei Glicério*³⁷, “Regularisa o serviço da introdução e localização de immigrants na Republica dos Estados Unidos do Brazil” (LEGISLAÇÃO, 1890) e, entre 1891 e 1907, o poder público transferiu para os estados a responsabilidade sobre os assuntos relacionados à imigração e colonização. De 1907 a 1914, início da Primeira Guerra Mundial³⁸, por motivo de falta de infraestrutura ou meios para que os estados dessem apoio, a União voltou a intervir no processo de atrair imigrantes e de criação de núcleos coloniais (IOTTI, 2010, p 11).³⁹

Neste período, os holandeses formaram uma minoria dentro do total de imigrantes: em 1908 e 1909, o governo brasileiro registrou 2.073 holandeses no porto do Rio de Janeiro, e a maioria destes se estabeleceu nas colônias federais⁴⁰. Essas colônias enfrentaram muitas dificuldades e imigrantes tiveram que ser repatriados, ou migraram para outras partes do BR. Neste contexto se insere a colônia de Carambeí (PR), colônia que surgiu pela migração de holandeses dentro do Paraná, e única colônia integrante desta pesquisa sobre a revista *De Regenboog* estabelecida no período inicial da República, em 1911.

As outras colônias que participam da revista *De Regenboog* surgiram décadas mais tarde, após o final da Segunda Guerra Mundial⁴¹, quando houve um aumento

³⁷ A lei recebeu este nome por causa do General Francisco Glicério, ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que assinou o decreto junto com Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

³⁸ A Guerra ocorreu entre 28 de julho de 1914 e 11 de novembro de 1918.

³⁹ Este período, conhecido como República Velha, se caracterizou pela crescente participação do setor privado no empreendimento colonial, tanto que, das 102 colônias criadas nestes anos, 84 (83%) eram particulares, 16 (15%) federais e 2 (2%) estaduais.

⁴⁰ Nas colônias federais de João Pinheiro (Sete Lagoas) (MG), Vargem Grande (Belo Horizonte) (MG), Nova Baden (Belo Horizonte) (MG), Miquel Calmon (PR), Affonso Penna (PR), Gonçalves Júnior (Irati) (PR), Ijuhy (Ijuí) (RS), Commandany (Comandá - Santo Ângelo) (RS) e Guarany (Guaraní das missões) (RS).

⁴¹ A Guerra ocorreu entre 1 de setembro de 1939 e 2 de setembro de 1945.

expressivo na emigração holandesa, fazendo com que cerca de meio milhão de pessoas partissem da Holanda, entre os anos de 1946 e 1975, através da mediação dos chamados Órgãos de Emigração.⁴² A emigração para o Brasil foi novamente em pequena escala, se comparada com outros países, e cerca de 6.800 pessoas escolheram o Brasil como destino:

No período 1947-1963, quase 410.000 holandeses – cerca de 3,4% da população total – emigraram para outros continentes, a maioria dos quais escolheu a América do Norte. Desse grupo, 147.500 pessoas (36%) partiram para o Canadá e 76.200 pessoas (19%) para os Estados Unidos. Os 45% restantes dos emigrantes holandeses escolheram destinos na Austrália (29%), na África do Sul (8%), na Nova Zelândia (6%), no Brasil (1%) ou em outros países (1%) (KOOPS, 2010, p. 14)⁴³

A maioria dos emigrantes partiu da Holanda nos dez anos após a Segunda Guerra Mundial.⁴⁴ Agricultores e suas famílias compõem uma parte importante do número total de emigrantes que vieram para o Brasil, pois em 1940, a emigração já era considerada uma solução para o excesso de jovens agricultores na Holanda, e praticamente todos os agricultores e suas famílias que emigravam para o Brasil, se estabeleciam nas chamadas colônias agrícolas.

As primeiras colônias dessa nova fase pós-guerra são Holambra (SP) e Não-Me-Toque (RS), ambas fundadas em 1948. Em 1951 surge Castrolanda (PR) e, em 1960, ocorre a chegada de (i)migrantes em Campos de Holambra⁴⁵ (SP) e Arapoti (PR). Os imigrantes protestantes escolheram, em sua maioria, morar nas colônias de Carambeí, Castrolanda e Arapoti, enquanto os agricultores católicos se estabeleceram quase exclusivamente em Holambra, Campos de Holambra e Não-Me-Toque. Em Maracaju (MS) e Tibagi (PR), a história dos holandeses começou ao redor

⁴² Eles se estabeleceram principalmente nos países de imigração anglo-saxã: Canadá (35%) Estados Unidos (18%), Nova Zelândia (5%), Austrália (39%).

⁴³ In de periode 1947-1963 emigreerden bijna 410.000 Nederlanders – ongeveer 3.4 procent van de totale bevolking – naar andere continenten, van wie de meerderheid voor Noord-Amerika koos. Van deze groep vertrokken 147.500 personen (36 procent) naar Canada en 76.200 personen (19 procent) naar de Verenigde Staten.⁴ De overige 45 procent van de Nederlandse emigranten koos voor bestemmingen in Australië (29 procent), Zuid-Afrika (8), Nieuw-Zeeland (6), Brazilië (1) of in andere landen (1) (KOOPS, 2010, p.14).

⁴⁴ Depois, a emigração se estabilizou em um nível menor: no período de 1946 a 1956, ao redor de 300 pessoas saíam anualmente, enquanto que a partir de 1956 esse número variou entre 170 e 200 pessoas por ano.

⁴⁵ Por muitos anos, e no contexto das colônias participantes da revista *De Regenboog* até hoje, Holambra era conhecida como Holambra I e Campos de Holambra como Holambra II. Para facilitar a diferenciação pelo leitor, usarei os termos Holambra I e Holambra II.

de 1970, de uma maneira diferente das demais colônias, mas com desafios e conquistas, parecidas com as anteriores, e onde várias famílias de ascendência holandesa fazem, até hoje, a diferença na comunidade. Estas últimas duas localidades formam exemplos de (i)migrantes holandeses e seus descendentes que adquiriram terras em diversas regiões do país e individualmente ou em conjunto criaram fazendas.

Por todo o Brasil, vivem holandeses espalhados em grandes e pequenas cidades, imigrantes, estudantes e expatriados, o que indica que há muito mais holandeses morando no Brasil do que os descritos neste trabalho; porém, como o objeto de estudo é a revista *De Regenboog*, não entraremos em detalhes sobre essas pessoas e as localidades onde moram.

Desta forma, partindo para a história dos atores principais desta pesquisa e seguindo a ordem temporal de início de cada colônia, passo a dar informações mais detalhadas sobre o surgimento e o contexto nos anos iniciais, até chegar nos dias atuais. Cada colônia tem uma história singular, desafios próprios e uma identidade única, mas o que todas têm em comum são a coragem e a perseverança, além de a maioria se apoiar nos três pilares de sustentação, união e desenvolvimento: educação, religião e cooperativismo. A escola para ensinar as crianças e jovens, holandeses e brasileiros; a igreja para se unirem e se congregarem e a cooperativa para negociarem sua produção e interesses no viés econômico, além de se associarem em diversas formas, como em corais de igreja, em clubes beneficentes e sociais e na prática de esportes, como será aprofundado na sequência do trabalho.

Este trabalho dá atenção especial a essas colônias porque participam da revista *De Regenboog* nos dias de hoje. No início de cada texto sobre as colônias há uma curta explicação sobre a localização geográfica e o brasão da cidade. É interessante perceber que, em cada município, a presença holandesa deixou marcas e a agricultura é uma das bases importantes da cidade.

2.3.1 Carambeí – PR (1911)

FIGURA 1 – BRASÃO DA CIDADE DE CARAMBEÍ (PR)



FONTE: Prefeitura de Carambeí (2022).

FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE CARAMBEÍ (PR)



FONTE: Wikipedia (2022).

Carambeí é um município localizado na região dos Campos Gerais, no interior do estado do Paraná, na região Sul.

No Brasil República, o primeiro estado a receber imigrantes holandeses foi o Paraná. O governo brasileiro fez campanha para trazer imigrantes oferecendo vários benefícios, como o pagamento das despesas de viagem e a permissão para que trouxessem uma quantidade grande de bagagem. A partir de 1908, vieram holandeses para o projeto da colônia Gonçalves Júnior, no município de Irati, Paraná, à procura de um clima ameno para plantar e colher. A maioria desses imigrantes era composta por funcionários desempregados do porto de Roterdã, familiarizados com o trabalho agrícola, além de alguns agricultores (KIEWIET; KIEWIET, 2011, p. 108)

Já nos meses iniciais encontraram inúmeras dificuldades, sem poder contar com apoio algum e vivendo em uma região hostil. O cultivo da terra era um grande problema, porque ela não era conforme a prometida e imaginada, a mão-de-obra não era qualificada e por causa do ataque de pragas nas lavouras. Além disso, os imigrantes enfrentaram doenças tropicais desconhecidas e para as quais seus corpos não haviam criado imunidade, o que causou grande mortalidade entre crianças, jovens e adultos.

Uma parte dos que se aventuraram inicialmente em direção a Irati acabou retornando para a Holanda, com o auxílio do governo holandês. Os imigrantes que decidiram e conseguiram persistir e permanecer em território brasileiro foram, juntamente com imigrantes alemães, poloneses, italianos, franceses e romenos, em busca de outro local para se instalar e para iniciar as atividades agrícolas que tanto almejavam.

Três famílias que saíram de Gonçalves Júnior são importantes na história da colônia holandesa de Carambeí: a família de Leendert Verschoor, de seu irmão Jan Verschoor e de Jan Vriesman. Estas famílias se mudaram para o loteamento aberto pela Brazil Railway Company (doravante BRC), fundada pelo empresário estadunidense Percival Farquhar (1864 – 1953) em 11 de novembro de 1906, entre Castro e Ponta Grossa, no local chamado Fazenda Carambehy⁴⁶.

Os relatos sobre a história de Carambeí tiveram início no começo do século XVIII, pois, em 1713, ela era uma fazenda que começava no rio Iapó e se estendia até o rio Pitanguí, com uma casa sede, entre Ponta Grossa e Castro. Por má administração de seu proprietário, a fazenda acabou indo a leilão, e deste período até meados de 1854, ela foi arrendada por diversas vezes, até que foi permutada por outra fazenda, pelos descendentes de Francisca Teixeira de Azevedo, a Sinhara do Carambeí.

A BRC foi quem adquiriu a fazenda e fez planos de colonização e desenvolvimento para a área, tornando o terreno produtivo, com o objetivo de conseguir carga para os seus comboios e fazer uso da sua linha férrea São Paulo – Rio Grande do Sul, que cortava a fazenda:

A intenção inicial da BRC era implantar nestas terras um núcleo de colonização, nos moldes do planejado pelo Governo Imperial na década de 1890, visando à ocupação desta região por colonos imigrantes que se dedicassem à agropecuária, viabilizando assim a operação da ferrovia pelo transporte de cargas e passageiros.

Inicialmente, a BRC pretendeu implantar uma colônia de imigrantes alemães, designando um órgão administrativo denominado *Abteilung Landbau und Colonisation Carambehy* (Departamento de Agricultura e Colonização Carambeí) para a sua implantação, o qual oferecia aos colonos um contrato redigido em alemão, garantindo o entendimento pelos imigrantes.

Este contrato colocava à disposição dos interessados um lote rural com moradia, uma canga de bois e três vacas leiteiras. O colono tinha direito ainda

⁴⁶ Carambehy significa rio das tartarugas, no idioma Guarani (FERREIRA, 2006, p. 78).

a sementes e adubo, desde que a terra estivesse devidamente preparada para o cultivo, após inspeção da *Abteilung* (GALLAS; GALLAS, 2002).

Leendert Verschoor foi o primeiro imigrante holandês a assinar contrato com a empresa, no dia 04 de abril de 1911, data considerada o marco da fundação da colônia no Vilarejo Carambehy (MATOS, 2014). No final do mesmo ano, 1911, mais imigrantes chegaram à colônia. Esses imigrantes perceberam que essa região tinha espaço e potencial para desenvolvimento e criação de gado leiteiro e agricultura, graças à terra e clima propícios, além do preparo por meio das lições aprendidas que carregavam em sua bagagem da experiência anterior.

A BRC comprava e escoava toda a produção e os imigrantes tinham um prazo de dez anos para saldar a dívida, tornando-se proprietários da terra após este período. Após esse período, em que a produção tinha que ser feita para a BRC por um preço fixo, os agricultores foram autorizados a seguir seu próprio caminho.

No ano de 1913, mais 29 imigrantes chegaram ao porto do Rio de Janeiro com destino a Carambeí e em 1914 a colônia já registrava mais de 50 famílias vindas das cidades de Rotterdam e 's-Gravendeel na província de Zuid-Holland, além de diferentes cidades das províncias de Friesland, Drenthe e Overijssel.

Foi neste ano também, por conta da Primeira Guerra Mundial, que novamente enfrentaram dificuldades. O poder aquisitivo das pessoas havia diminuído e por isso muitas deixaram de comprar o que era produzido pelos (i)migrantes em Carambeí, principalmente o queijo, fabricado e vendido na região. Essa situação mudou em 1916, quando a firma *De Geus & Cia* iniciou a fabricação e a venda de queijo em São Paulo. Nos anos seguintes, mais fábricas foram fundadas e, dessa maneira, surgiu a ideia de criar uma cooperativa de produção de laticínios.

Em 1917, após o fim do projeto ferroviário (LANNA, 2013, p.15), os pioneiros conseguiram comprar terras, focar na agricultura e pecuária e fundar a *Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios* em 1925, a qual se tornou a *Cooperativa Agropecuária Batavo Ltda* em 1941. A sociedade, que produzia queijo e manteiga, contava com treze sócios no início e, além de se especializarem em laticínios, se tornaram cada vez mais fortes na agricultura, com o cultivo de soja, trigo e milho.

Um outro marco da colonização de Carambeí foi a vinda de famílias imigrantes providas das Índias Orientais Holandesas, que desembarcaram em Carambeí em 1937. As Índias Orientais Holandesas (1800-1949) foram a colônia fundada por

holandeses da *Vereenigde Oostindische Compagnie* (VOC), a *Companhia Holandesa das Índias Orientais* (1602-1800). Esta colônia abrangia todo o território da atual República da Indonésia.

Os holandeses que vieram haviam passado um período no arquipélago indonésio em cargos administrativos, como gestores de grandes fazendas de monocultura. A partir do final da década seguinte, um segundo grupo, formado por “indos” e “mestiços”, veio para o Brasil por causa da situação sociopolítica nas Índias Orientais Holandesas.⁴⁷

Ao perceber a necessidade de encontrar um lugar para esse enorme contingente de pessoas, o governo holandês viu nas demais colônias holandesas e assentamentos de imigrantes, como Carambeí, uma solução e, após a divulgação da possibilidade de transferir pessoas da Ásia para o Brasil, algumas famílias se interessaram, principalmente pelo fato de o clima no Brasil ser parecido com o clima na Indonésia, o que favoreceria a adaptação.

A vinda dessas pessoas foi importante em vários aspectos, pois além da injeção de investimento na economia local, os novos habitantes trouxeram consigo a cultura e a culinária, tão bem aceitas pelos imigrantes holandeses já estabelecidos em Carambeí.

A identidade única que Carambeí tem hoje é resultado do que foi descrito acima, além de ter sido influenciado pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas⁴⁸ na década de 1930, período em que a identidade brasileira era fortemente enfatizada:

O Decreto nº 868, de 18 de novembro de 1938, criou a Comissão Nacional de Ensino Primário, com a atribuição de nacionalizar o ensino nos núcleos estrangeiros, e o Decreto nº 948, de 13 de dezembro do mesmo ano, determinou quais seriam as medidas a serem tomadas para a nacionalização do ensino, com a expansão do ensino público e do controle sobre o ensino particular nas colônias [...], instituindo o português como língua oficial. Além disso, este decreto estabelecia que estas medidas, por sua complexidade,

⁴⁷ Entre 1939 e 1949, a colônia passava por um movimento de ruptura colonial durante e pós-Segunda Guerra Mundial. Isso despontou num cenário de enfrentamento à dominação imperialista batava, sendo agravado pelo embate entre colonizadores e colonizados, estes últimos liderados pelo nacionalista indonésio Sukarno que conquistou o poder em 1947 e a independência do arquipélago, reconhecida formalmente pela comunidade internacional, em 1949. Esse fato culminou na expulsão de mais de 300 mil indivíduos do território, num processo de diáspora compulsória que buscou varrer todo e qualquer vestígio colonial do país. A expulsão incluía europeus, holandeses, eurasiáticos, ‘indos’ e todos aqueles que tivessem relações com europeus ou com a administração colonial (PARQUE, 2021).

⁴⁸ O primeiro mandato de Getúlio Vargas (1882 – 1954) foi de 20 de julho de 1934 a 29 de outubro de 1945.

deveriam passar para a alçada do Conselho de Imigração e Colonização (BOMENY, 1999, p.157-158).

O objetivo, segundo o Decreto nº 948, era “promover a assimilação dos colonos de origem estrangeira e a completa nacionalização dos filhos de estrangeiros” (BRASIL, 1938). Até aquele momento, a língua e a cultura brasileira não encontravam tanto espaço na colônia e ela tinha características de um enclave. Mas com a mudança política, o holandês deixou de ser a única língua ensinada em Carambeí, as crianças passaram a aprender português e as pessoas passaram a se comunicar cada vez mais em português no seu dia a dia⁴⁹.

Embora hoje em dia a língua mais falada em Carambeí seja a portuguesa, muitas pessoas ainda dominam a língua holandesa e a falam em casa e em seus encontros sociais, e mesmo algumas pessoas mais jovens ainda se comunicam em holandês com facilidade.

Como mencionado anteriormente, a igreja ocupou lugar importante desde o início e por esse motivo, durante o ano de 1911, quando os primeiros imigrantes holandeses chegaram em Carambeí, logo deram início aos cultos dominicais. Vários destes imigrantes haviam frequentado igrejas de ramos calvinistas diferentes, mas agora eram membros de uma só igreja, a Igreja Evangélica Reformada (doravante IER). Para eles, a religião era de fundamental importância, tanto para preservar a fé, como para promover a união na comunidade.

Primeiramente, os cultos eram celebrados em uma casa cedida pela BRC, que durante a semana era usada como escola e, mais tarde, passaram a ser celebrados no templo próprio, construído em madeira, em 1930. Como não havia pastor, alguns membros da comunidade eram os responsáveis pela leitura dos sermões e pelo ensino doutrinário para os jovens.⁵⁰

A Igreja também desempenhou um papel importante na educação formal de gerações de moradores de Carambeí. Nos primeiros anos, membros da comunidade

⁴⁹ A RPCTV produziu um episódio dentro do quadro Casos e Causos chamado *Crime Idiomático*, que retrata a vida da comunidade de imigrantes holandeses em Carambeí em 1942 e a proibição do uso do idioma holandês. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LvPZlxmZ7TI>.

⁵⁰ Décadas depois, houve a necessidade de se investir mais no trabalho entre os brasileiros que queriam se tornar membros da Igreja Evangélica Reformada. Em janeiro de 1965, o Conselho da IER de Carambeí decidiu subdividir-se em duas alas, uma de língua holandesa e outra de língua portuguesa, e, em 20 de março de 1968, foi realizado o primeiro culto no salão da Vila Nova Holanda, um “bairro brasileiro” de Carambeí (HISTÓRIA, 2023).

eram responsáveis pelo ensino e ministravam aulas em casa, até que, em 1920, a BRC cedeu uma casa para este fim.

A educação era mista, sazonal e voltada para a realidade da comunidade, visto que os alunos precisavam ajudar seus pais no trabalho. Os professores eram voluntários que ocupavam diversas posições na comunidade e na igreja e que, além de suas profissões, exerciam a função de professores, utilizando hinos e a Bíblia, na língua holandesa, para ensinar.

Após alguns anos, de 1924 a 1927, um professor holandês se estabeleceu em Carambeí, e quando este partiu, outro tomou o seu lugar até 1930, quando a responsabilidade pela educação voltou para os membros da comunidade. A educação passou a ser uma preocupação essencial e uma escola foi, finalmente, fundada na década de 1930.

Nesses anos, o projeto educacional da escola era o de propagar as tradições e valores cristãos das gerações mais velhas às mais novas, a fim de integrar esses jovens à sua vida cotidiana da comunidade, não separando o que era aprendido em sala de aula do que era vivido no seu cotidiano (PARQUE, 2021)

No ano de 1938, o governo brasileiro criou uma política de nacionalização compulsória do ensino, que tornava obrigatório o ensino de português em escolas estrangeiras. Isto resultou na chegada da primeira professora brasileira à colônia, e assim também foi instituído o sistema escolar em moldes nacionais. A partir da década de 1940, Carambeí estava provida de mais professores, tanto para as disciplinas em língua holandesa, quanto em língua portuguesa. Após muitas décadas, mudanças e desafios superados, a *Escola Evangélica* continua sendo a principal instituição particular de ensino do município.

No âmbito do tempo livre e lazer, pelo fato de Carambeí ter uma religião rígida, principalmente nos anos iniciais, os jovens se divertiam “com piqueniques e acampamentos, jogos de adivinhação, danças folclóricas e um grupo de teatro, com peças, em regra comédias, encenadas em holandês” (CHAVES, 2011, p.29), mas não participavam de bailes, por exemplo.

Os esportes, que tampouco eram bem-vistos no começo, principalmente quando praticados por mulheres, foram aos poucos se incorporando à rotina da colônia, em consequência do aumento da população, das diferentes culturas presentes na colônia e das mudanças de comportamento. Pelo fato de a dança, os bailes e a prática de esportes se tornarem cada vez mais comuns, surgiu a

necessidade de construírem espaços mais amplos de lazer. Para isso, foram fundados clubes como o *Clube Social de Carambeí* e o *late Clube*.

Há um relato sobre a prática do futebol no boletim *Batavo-Post* (1954, n. 3, ano 2, p.3):

Notícias de futebol: *Carambeí jovem* deu uma aula de futebol em Castrolanda para *Carambeí mais velha* e para *Castrolanda jovem*. Como Davis contra (relativos) Golias, os estudantes, mesmo sem usar fundas (ou catapultas) conquistaram uma vitória bonita e rápida. Viva aos nossos juniores! Nenhuma bola é grande demais, eles sempre veem uma chance (de uma testemunha ocular)

Em 13 de dezembro de 1995, a colônia holandesa foi elevada à categoria de município, com território desmembrado de Castro e Ponta Grossa e, em 2011, em virtude do centenário da chegada dos primeiros imigrantes holandeses em Carambeí, o ano foi designado como o 'Ano da Holanda no Brasil'⁵¹. Desde 2011, Carambeí possui um museu histórico a céu aberto: o *Parque Histórico de Carambeí – Associação Parque Histórico de Carambeí*, que visa preservar a memória e o legado histórico e cultural dos imigrantes holandeses na região, por meio de réplicas em tamanho real das primeiras construções, utensílios e documentos.

⁵¹ Projeto de Lei 6498/09, aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, que institui 2011 como o Ano da Holanda no Brasil. O projeto é de autoria do deputado Luiz Carlos Haully (PSDB-PR) e de outros 31 deputados das bancadas do Paraná, do Rio Grande do Sul e de São Paulo (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2010).

2.3.2 Holambra I – SP (1948)

FIGURA 3 – BRASÃO DA CIDADE DE HOLAMBRA I (SP)



FONTE: Prefeitura de Holambra (2022).

FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE HOLAMBRA I (SP)



FONTE: Wikipedia (2022).

Holambra é um município localizado na microrregião de Campinas, no interior do estado de São Paulo, na região Sudeste.

A Segunda Guerra Mundial teve grande influência na emigração de pessoas da Holanda para o Brasil e outros países. A Guerra causou devastação em toda a Europa e muitos holandeses perderam as perspectivas de futuro em sua nação, pela necessidade de praticamente terem que reconstruí-la, fazendo com que não tivessem condições de se desenvolverem na agricultura e garantir o sustento para a família.

Em meio a esta situação difícil, o governo holandês incentivou a emigração principalmente para o Canadá, Austrália, França e Brasil. A opção desses imigrantes pelo Brasil ocorreu em partes porque o Brasil era o único país que aceitava a imigração em grupo⁵². Uma comissão foi enviada ao Brasil pela *Katholieke Nederlandse Boeren- en Tuindersbond – KNBTB* (Associação dos Lavradores e Horticultores Católicos da Holanda) para viabilizar o projeto de emigração e para ser

⁵² Para as organizações holandesas agrícolas católicas, a emigração só seria prudente se fosse realizada em grupos, unidos pela nacionalidade e pela religião, contando com orientação e liderança familiares, para se manterem fortes e independentes. A França, o Canadá, a Austrália e a África do Sul, porém, não permitiam a imigração em grupo (SMITS, 2016, p. 197).

a ponte entre os emigrantes e o governo brasileiro, além de firmar os acordos necessários para o estabelecimento das pessoas e famílias no Brasil.

No dia 15 de junho de 1948, Jorge Latour (1898 – 1985), ministro para assuntos de colonização, fechou um acordo com o diretor do frigorífico Armour, em Chicago, para a compra de cinco mil hectares na fazenda Ribeirão, no interior do Estado de São Paulo, para o assentamento de agricultores holandeses. Em 14 de julho desse mesmo ano, o líder e idealizador do projeto de imigração, J. Gert Heymeijer, oficializou as atividades de exploração e colonização.

As irmãs canonicessas do Santo Sepulcro escreveram a este respeito em um certificado publicado na revista semanal Boer en Tuinder (18 dec. 1948, p.2):

Em 1948, por volta das 2 horas do dia 14 de julho, quatro homens se reuniram em um local isolado no interior do Brasil. O ponto de encontro era aproximadamente o centro da Fazenda Ribeirão, localizada no município de Mogi Mirim, não muito longe do rio chamado Corrego da Barrada Mata, que significa "riacho nascido na mata selvagem". Os quatro homens eram: Geert Heymeijer, líder da emigração para o Brasil; Jim von Schwartzenau, membro da Legação Holandesa no Rio de Janeiro; Willem Miltenburg, fazendeiro; e Henk Ruhe, horticultor.

E continuam narrando como foi o momento histórico:

Quando se reuniram, o primeiro dos quatro falou: "O trabalho que estamos prestes a começar é de grande importância e dificuldade; vamos rezar a oração do Pai Nosso". Após recitarem juntos a oração do Pai Nosso, Geert Heymeijer pegou uma pá e, ao dizer a prece *God zegene ons werk* (Deus abençoe nosso trabalho), fincou a pá no solo e o cavou. Em seguida, os outros fizeram o mesmo. Com essa ação, foi dado o primeiro passo para a colonização da Fazenda Ribeirão e a criação da primeira colônia holandesa católica no Brasil.

Surgiu, então, a *Cooperativa Agro Pecuária Holambra*, cujo nome se originou das iniciais **HOL**anda, **AM**érica e **BR**asil. Os imigrantes que viriam para Holambra precisavam depositar o seu dinheiro nesta cooperativa para o uso conjunto de seus associados, já que a Holanda, por causa da reconstrução e reestruturação pós-guerra, não permitia que saísse capital (papel moeda) do país.

Ao contrário do que era possível para os emigrantes que iam para o Canadá, não era possível trabalhar como funcionário no Brasil, pois os salários eram muito baixos, o que tornava impossível sustentar uma família e ainda ter perspectiva de crescimento e de um futuro próspero.

A única maneira de construir um futuro era ter seu próprio pedaço de terra, mas isso tinha um preço alto e o dinheiro necessário teria que ser emprestado no

Brasil, visto que, como colocado anteriormente, a Holanda precisava de todos os recursos de que dispunha para reconstruir o próprio país.

O governo brasileiro emprestou vários milhões à *Cooperativa Holambra* para a compra da Fazenda Ribeirão e do estado de São Paulo veio o dinheiro necessário para financiar tudo o que o agricultor precisaria para começar: uma casa, um estábulo, máquinas e meios de subsistência (SMITS, 2016, p. 32-33)

O governo holandês permitiu aos emigrantes que levassem gado, máquinas e outros materiais necessários para o desenvolvimento da colônia e para, antes de qualquer empreendimento maior, desmatar as densas matas de vegetação nativa.

O primeiro grupo a ser enviado para o Brasil foi um grupo de solteiros, incumbidos de preparar as casas já existentes, que eram feitas de cipó trançado e barro, as chamadas pau-a-pique, para a chegada das famílias, em sua maioria numerosas, com mais de dez filhos. O piso de chão batido era substituído por cimento e as paredes pintadas com cal. Esse tipo de casa era muito conhecido no Brasil, porém desconhecido para os novos moradores.

Na verdade, os primeiros imigrantes holandeses sabiam muito pouco sobre o Brasil e, por isso, antes da viagem, se reuniam para fazer um curso rápido na escola para desenvolvimento rural de agricultores católicos *Ons Erf*, na cidade De Steeg, na província de Gelderland, para aprenderem algumas palavras básicas, saberem o que poderiam levar em suas bagagens e para obterem informações sobre o Brasil, informações essas que se mostraram muito básicas na prática, fazendo com que, ao chegarem no Brasil, percebessem uma novidade a cada hora e se surpreendessem dia após dia (SITTA, 2020).

Como a intenção era trazer pessoas de diferentes ramos profissionais e fazer com que a colônia holandesa não permanecesse exclusivamente agrícola, a colônia também precisava de pessoas com outras profissões. No primeiro grupo havia, portanto, um mecânico, um carpinteiro e um silvicultor e a esperança era também encontrar um médico e um veterinário interessados em emigrarem para o Brasil.

Como a religião era muito importante para este grupo de imigrantes, oito religiosas do Santo Sepulcro, de Laag-Keppel, em Gelderland, e um padre norbertino acompanharam os primeiros emigrantes. Os religiosos ajudariam em tudo o que fosse necessário no início para que, em seguida, pudessem abrir uma escola para as

crianças holandesas e mais tarde, expandi-la e transformá-la em um internato, preparado para atender crianças brasileiras também.

As viagens de emigração eram feitas em navios de carga, com limitação de espaços para os passageiros, fazendo com que esses, ao redor de sessenta por viagem, ficassem comprimidos uns aos outros e com pouca privacidade. Geralmente era nessas viagens que os primeiros contatos entre os emigrantes eram estabelecidos, já que nas três semanas de travessia, eles tinham muito pouco para fazer e eram obrigados a passar o tempo juntos. O apoio mútuo foi de grande valor nos momentos difíceis de enjoo, fraqueza, fome, doença e, provavelmente, muita saudade.

A partida do primeiro grupo, com 32 emigrantes, para a Fazenda Ribeirão ocorreu em 18 de dezembro de 1948, no navio de carga *Algenib*, que partiu do porto de Antwerpen. O acontecimento foi acompanhado de perto pela imprensa católica na Holanda, que descrevia o projeto de imigração como uma aventura com uma missão religiosa. Inclusive, segundo Smit, (2016, p. 62), “a partida foi precedida de uma missa sagrada de despedida dos emigrantes, celebrada pelo futuro padre da colônia (o norbertino Godfrey Sijen) na *Sint-Janskathedraal* em Den Bosch (na província de Noord-Brabant)”.

Alguns dias depois um outro navio levou as primeiras cinquenta cabeças de gado. O mesmo *Algenib* trouxe várias famílias no decorrer do ano seguinte, totalizando 200 novas famílias de imigrantes holandeses, o que representava entre mil e mil e quinhentos novos holandeses no Brasil. Durante a viagem de emigração a bordo do navio, que durava em média 25 dias, alguns conhecerem seus cônjuges e, assim, os primeiros casamentos de holandeses em solo brasileiro ocorreram logo nos primeiros meses de colonização, no início de 1949, quando muitas vezes irmãos de uma família se casavam com irmãs de outra.

Após a chegada ao primeiro porto brasileiro em Recife, os holandeses ficaram impressionados com a paisagem, o tipo físico das pessoas e as frutas e legumes vistos no mercado, e se conscientizaram de que a língua e o clima quente tornariam a sua adaptação mais difícil.

Seguindo viagem, após partir de Recife para chegar em Santos e então até Campinas, o trajeto foi feito de trem. Este trem, com apenas alguns vagões, era conduzido por duas locomotivas, o que não parecia fazer sentido para os passageiros

recém-chegados. A resposta veio quando se aproximaram da serra, com suas montanhas enormes, algo nunca visto na Holanda, e onde uma locomotiva necessitava da força da outra para subir a serra íngreme!

De Campinas para a Fazenda Ribeirão, o trajeto de 40 quilômetros foi feito de ônibus, com a bagagem seguindo de caminhão. Ao chegarem em Campinas, foi a vez dos holandeses chamarem a atenção dos brasileiros, pois em dia de semana e de calor tropical, os homens vestiam terno e as mulheres “roupa de domingo” (SITTA, 2020).

As primeiras propriedades foram construídas com o trabalho comunitário, casas novas foram construídas e os primeiros cultivos plantados, em turnos, 24 horas por dia. Os tratores só paravam para abastecer ou trocar de motorista. Cavalos eram usados para puxar o arado, e na falta deles, os próprios imigrantes puxavam o equipamento pelos ombros. O trabalho era pesado, principalmente devido ao clima quente e pelo fato de que a condição física dos imigrantes nem sempre estava preparada para concluir o trabalho em um tempo curto, para logo iniciarem em outro lugar, como a liderança queria.

A integração entre os holandeses e os brasileiros foi rápida, pois havia muito trabalho a ser feito e faltava mão-de-obra. A mata existente em toda a área da fazenda que não era pastagem tinha que ser derrubada e limpa, trabalho que levou mais de dez anos. A terra tinha que ser trabalhada e cultivada, casas e galpões tinham que ser construídos e, enquanto alguns trabalhavam na construção das moradias, outros se dedicavam às plantações.

Entre as atividades de produção, a diversificação de produtos foi necessária, havendo produção de aves ou gado juntamente com a plantação de cítricos, café e os cultivos anuais. Os desafios foram enormes, pois haviam trazido gado holandês puro de origem para servir de base na fabricação de laticínios, mas devido à longa viagem de navio, à vacinação recebida em São Paulo, ao clima e às doenças, os animais sofreram e o empreendimento não foi bem-sucedido.

Na lavoura também enfrentaram problemas: as fortes chuvas e as pragas, desconhecidas pelos lavradores holandeses, prejudicaram as primeiras colheitas. Esses foram alguns dos fatores para muitos imigrantes desistirem e retornarem para a Holanda ou tentarem a sorte em outros lugares no Brasil, onde o clima era mais

ameno, como em Monte Alegre e Castro, no Paraná e Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul.

Para os que persistiram na colonização de Holambra I, o trabalho conjunto com colonos brasileiros foi fundamental e, mesmo com a dificuldade de comunicação, a troca de experiências ajudou no plantio das culturas que acabaram dando certo, além de fazer com que o gado de raça holandesa voltasse a ocupar os pastos da fazenda.

Granjas foram construídas para a criação de aves poedeiras e de corte. Entre as granjas, ou se fazia um cultivo anual como soja ou milho, ou pés de laranja e limão aproveitavam o espaço. Em pouco tempo e após trabalho árduo, o nome Holambra cresceu de forma rápida e os produtos cultivados pelos imigrantes, alcançaram o mercado estadual e nacional.⁵³

A Holanda enviou especialistas em diversas áreas para dar assistência aos imigrantes na condução dessas culturas e, além da produção diversificada mencionada anteriormente, a produção de flores merece destaque: ela teve a sua introdução em 1949, com escala bem pequena de flores. O governo holandês deu ao Sr. Welle, um reconhecido horticultor e floricultor a incumbência de vir ao Brasil, em 1948, com sementes holandesas de flores em sua bagagem, para experimento de cultivo em terras brasileiras, além de sementes de hortaliças, para servirem de alimento às famílias que chegariam a partir de 1949 (SITTA, 2020).

No final dos anos 1950, quando a emigração com a vinda de dinheiro em papel moeda já havia sido liberada, a produção aumentou em grande número, alcançando o mercado estadual e logo em seguida o mercado nacional. Em 1972, a cooperativa criou o departamento de floricultura para a venda de grande variedade de flores e plantas ornamentais. Holambra I havia sido planejada para abastecer as cidades vizinhas de laticínios, mas, graças ao *know-how* vindo da Holanda, ela se transformou no mais importante polo de floricultura da região e, segundo Sitta (2020),

na esperança de divulgar os produtos 'Holambra', principalmente as flores e plantas, a Cooperativa em 1981, promoveu a primeira *Expoflora*. Obtendo sucesso, o evento tornou-se anual, crescendo ano a ano, em espaço e

⁵³ Acompanhando este crescimento, foram construídos um escritório de administração, um abatedouro de frangos, uma fábrica de ração, uma ovinária, um *packing house* para os citrus, uma central de distribuição de flores, uma incubadora de pintainhos e muito mais (SITTA, 2020).

público. Hoje considerada na área de eventos, a maior Festa das Flores da América Latina e a maior festa holandesa no Brasil.

Desde o início da colonização, a preocupação em conservar uma comunidade católica em Holambra foi uma das principais metas da organização cooperativista. Como não havia igreja no início, as pessoas precisavam ir até a cidade de Jaguariúna para as missas de Domingo. No ano de 1949, os imigrantes improvisaram uma capela e um padre holandês passou a conduzir as missas. Foi nessa capela, inclusive, que os imigrantes puderam festejar de maneira modesta o primeiro ano da colheita. A construção da nova igreja começou em 1963 e terminou em 1966, ano em que se transformou em paróquia, a paróquia *Divino Espírito Santo* e, a partir de então, vários párocos de origem holandesa passaram pela comunidade de Holambra (PARÓQUIA, 2022).

Como dito anteriormente, o trabalho realizado pelas irmãs do Santo Sepulcro teve influência importante na formação da comunidade católica de Holambra e, de 1949 até 1963, foram elas que organizaram a comunidade, cuidando dos doentes e montando a escola para as crianças. Esta escola, a *Escola São Paulo*, foi fundada em 1949 por iniciativa destas religiosas, em conjunto com a cooperativa e todos os imigrantes holandeses, com a finalidade de oferecer aos filhos uma educação que atendesse às suas necessidades e ideais de educação e ensino forte e os preparasse para a nova realidade, tão diferente da realidade habitual (ESCOLA, 2023)

Para isso, as irmãs, que compreendiam e falavam um pouco de português, preparavam todo o material didático em português e em holandês. Quando a escola foi oficializada, em 1951, atendia somente ao Ensino Primário, mas, ao longo dos seus mais de 70 anos foi se expandindo para atender a todas as fases de ensino, mantendo sempre o espírito de cooperação, voluntariado e responsabilização, até os dias de hoje.

É possível perceber que os imigrantes trabalhavam muito, mesmo assim, o aspecto social, o descanso e um pouco de lazer, eram merecidos e valorizados desde o início, pois nos finais de semana, a carpintaria da colônia se transformava no *Bar do Boon* e holandeses e brasileiros dançavam juntos, mesmo com dificuldades de idioma, ao som de harmônicas e gaitas ou ao som de discos trazidos da Holanda.

Era necessário muito pouco para se divertir muito: festas eram comemoradas embaixo de uma majestosa paineira, assim como as missas, as peças de teatro e os deliciosos churrascos no longo espeto de bambu. Aos domingos, os imigrantes e seus

amigos brasileiros se encontravam ao pé da cachoeira para se refrescarem. “Tudo era simples, não tinham carro, não havia energia elétrica e muito menos água encanada, banheiros sem privadas, muito trabalho pesado, mas todos eram iguais, brasileiros e holandeses, todos eram amigos!” (UMA, 2020).

Essas histórias e muitas outras demonstram que a integração entre holandeses e brasileiros ocorreu desde o início, em festas e bailes, ou em prática de esportes, e isso resultou no primeiro casamento entre um holandês e uma brasileira ocorreu em 1956. Nos anos seguintes mais holandeses se casaram com brasileiras, mas até 1970 o número era modesto e haviam sido realizados muito poucos casamentos de mulheres holandesas com homens brasileiros. Nos anos 1980 e 1990, a porcentagem de casamentos mistos já estava bem maior.

Até os anos oitenta, Holambra era uma pequena comunidade sem grandes problemas a nível social e para diversas áreas havia comissões de voluntários, como uma comissão da igreja, de esporte, saúde e cultura, entre outras. Para os assuntos municipais, Holambra pertencia ao município de Jaguariúna; porém a conservação de estradas, asfaltamento das vias principais e abastecimento e tratamento de água, eram feitos pela cooperativa.

Por esse motivo, em 27 de outubro de 1991, ocorreu a votação do plebiscito que decidiu pela sua emancipação político-administrativa, criando assim o município de Holambra. Em primeiro de janeiro de 1992, o primeiro prefeito de Holambra tomou posse. Em abril de 1998, Holambra recebeu o título de *Estância Turística* e logo ficou conhecida nacional e internacionalmente como a *Cidade das Flores*.

A integração das culturas dos imigrantes e brasileiros atrai turistas, além de pesquisadores de todos os lugares, interessados na arquitetura, culinária, costumes e história, os quais criam uma forma de vida única.

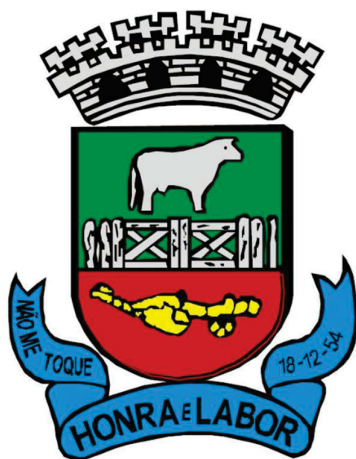
Para guardar as memórias desta história, Holambra possui o *Museu de Holambra*, onde a imigração e colonização holandesa é apresentada através de uma grande exposição de fotos, filmes e objetos no saguão de fotografias. Além desse acervo, há maquinários e tratores antigos no espaço externo. Nas réplicas das casas construídas e mobiliadas no estilo da época dos pioneiros, os visitantes podem ver como era a vida dos primeiros imigrantes de Holambra (MUSEU, 2022)

Com o passar dos anos, a influência holandesa no desenvolvimento de Holambra diminuiu gradativamente e a comunidade foi se integrando cada vez mais

com a sociedade brasileira. Entretanto, os laços com a Holanda, não só culturais, mas também econômicos, permaneceram intactos.

2.3.3 Não-Me-Toque – RS (1949)

FIGURA 5 – BRASÃO DA CIDADE DE NÃO-ME-TOQUE (RS)



FONTE: Prefeitura de Não-Me-Toque (2022).

FIGURA 6 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE NÃO-ME-TOQUE (RS)



FONTE: Wikipedia (2022).

Não-Me-Toque é um município localizado na microrregião do Alto Jacuí, no Planalto Médio do estado do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil.

A terceira colônia a ser descrita é a colônia de Não-Me-Toque⁵⁴, região com clima favorável e ótimos pastos e lavouras, o que atraiu imigrantes de diversas nacionalidades⁵⁵, desde o final do século XIX. Assim também aconteceu com os holandeses, que descobriram, a partir de 1949, as possibilidades que o sul do Brasil oferecia, começando a desenvolver e aprimorar suas técnicas agropecuárias, além de expandir sua produção de máquinas agrícolas.

⁵⁴ Há diversas versões para explicar a origem do nome do município. Cada história contada e a maneira peculiar com que cada um desenvolve sua narração, em épocas e situações diferentes, nos levam a pensar sobre as versões, analisando as possibilidades da origem do nome do município estar fundamentada em relatos da memória oral, em documentos comprobatórios e na existência de plantas ainda preservadas pela riqueza natural da região.

Versão 1: Por causa da vegetação *dasyphyllum spinescens*, composta por um arbusto de tronco curto, recoberto de espinhos de 3 a 5 cm de comprimento, agrupados de 3 em 3 ao longo do caule. A planta conhecida como Sucará ou Espinho de Santo Antônio, e mais popularmente como não-me-toque, é abundante em nossa região.

Versão 2: Por causa da *Fazenda Não-Me-Toque*. Na época das instalações das fazendas pelos portugueses em 1827, muitas recebiam denominações como *Invernada Grande*, *Pessegueiro*, *Invernadinha*, e uma delas foi chamada *Fazenda Não-Me-Toque*. Sua existência é confirmada por uma escritura pública encontrada no Cartório de Registro de Imóveis de Passo Fundo, datada em 20 de julho de 1885 (ORIGEM, 2023).

⁵⁵ Alemães, italianos, poloneses, portugueses, chineses e japoneses.

Diferentemente de outras colônias desta pesquisa, Não-Me-Toque não foi uma colônia planejada e projetada, mas surgiu por acaso e cresceu de maneira espontânea. As duas primeiras famílias que vieram da Holanda diretamente para Não-Me-Toque, vieram por sugestão de um padre Franciscano holandês, familiar que já morava na cidade e dava aulas no colégio. Estas famílias sentiam que não haveria futuro para a sua família numerosa se continuassem na Holanda e, durante uma visita desse padre à Holanda, ao ouvirem seus relatos sobre o Brasil, decidiram encarar a grande aventura e vieram no navio que também trazia algumas famílias com destino a Holambra I.

Nos anos que seguiram, famílias da província de Gelderland emigraram diretamente da Holanda para Não-Me-Toque, mas a comunidade holandesa em Não-Me-Toque também se tornou uma *colônia de refugiados*, com pessoas originalmente provenientes das províncias de Brabant e Limburg, que haviam ido para Holambra I (SP), em primeiro momento. A migração deste segundo grupo foi motivada por problemas financeiros e tensões mútuas dentro da relação cooperativa em Holambra I e pela insatisfação com a administração e organização da colônia. A possibilidade de possuir uma propriedade em Holambra I parecia nula e por isso um grupo de pioneiros decidiu se mudar para a colônia de Não-Me-Toque, em 1951.

Durante o ano de 1952, cerca de 35 novas famílias vieram ao Brasil. Essas famílias católicas, com grande número de filhos, eram mais do que bem-vindas e, nesse ritmo de chegada, a colônia já contava com cerca de 1.200 habitantes no ano de 1953, sendo mais de 200 pessoas de origem holandesa.

Quase todos os imigrantes eram agricultores, e chegando a Não-Me-Toque, tiveram a oportunidade de comprar terras por bons preços, pois a região passava por uma crise agrícola. Mas, além de agricultores, havia também trabalhadores da indústria e logística, o que desencadeou uma verdadeira revolução no campo da agricultura da região.

Antes dos holandeses chegarem, os colonos que viviam na região conheciam apenas o sistema de cultivar a terra com ferramentas primitivas, mas, a partir da chegada dos holandeses, estes trouxeram novas ideias, fertilizantes químicos passaram a ser usados e técnicas agrícolas mais avançadas foram aplicadas. O município conquistou sua emancipação política em 1954, entrando para o cenário gaúcho como a *Capital da Lavoura Mecanizada* (EXPODIRETO, 2023).

Atualmente, todo o Rio Grande do Sul é dominado pela agricultura moderna e a influência dos holandeses foi de grande importância na região, entre outros, pela forte presença da indústria de máquinas agrícolas, iniciada de forma pequena, em 1953, com uma empresa especializada em consertos e montagem de máquinas agrícolas e que se tornou potência nacional e internacional em implementos agrícolas. Por ser pioneira no sul do Brasil em validar a tecnologia da Agricultura de Precisão, Não-Me-Toque recebeu o título de *Capital Nacional da Agricultura de Precisão* em 2009.⁵⁶

No período de 28 a 31 de julho de 1953, cerca de quatro anos após os primeiros imigrantes chegarem, Não-Me-Toque recebeu a visita de um funcionário do setor de emigração da embaixada holandesa. Ele observou que:

Tudo indica que os imigrantes holandeses poderão conseguir uma certa prosperidade e que Não-Me-Toque pode se desenvolver em um importante núcleo de colonização holandesa. O ânimo entre os colonos é excelente e se trabalha muito, o que já deixou grande impressão nas redondezas. Não-Me-Toque já está se destacando, também, junto às autoridades brasileiras (RIEL; ZART, 2012, p. 293).

Os imigrantes fizeram jus a esta observação, pois, quase sem recursos, numa terra estranha, trabalharam com afinho, realizando duas safras ao ano. Mantiveram a fé, praticaram a religião e, com muita criatividade e perseverança, foram vencendo os obstáculos. Os primeiros anos foram muito difíceis, as famílias passaram por dificuldades de adaptação, de mudança de alimentação, de falta de comida, de clima desfavorável, de diferenças culturais, além da saudade, realidade comum a muitos imigrantes.

Pelo fato de Não-Me-Toque não ter surgido através de um planejamento elaborado, alguns aspectos fundamentais fizeram falta, como, por exemplo, a presença de pessoas capacitadas para educar desde as crianças em idade escolar até os adultos, em língua holandesa (já que os imigrantes não falavam a língua portuguesa ainda), para conhecer e propagar seus valores culturais e continuar o contato com a pátria de origem.

⁵⁶ Em 29 de outubro de 2009, o Presidente da República sancionou a Lei nº 12.081 que confere ao município de Não-Me-Toque, o título de Capital Nacional da Agricultura de Precisão (NOTÍCIAS, 2009).

Os padres franciscanos, pessoas da embaixada e consulado, juntamente com as pessoas da colônia deram o melhor de si para garantir que os aspectos religioso e educacional recebessem a atenção devida. A *Cooperativa Agrícola Gaulanda*, fundada em 1953, cuidava dos assuntos econômicos e de agricultura. Havia, porém, ainda uma lacuna a ser preenchida: a organização social era uma necessidade na comunidade holandesa, pois, enquanto moravam na Holanda, as pessoas se organizavam em clubes, fundações e associações; porém quando vieram para cá, essa forma de união fez falta, assim como também fizeram falta pessoas capacitadas para liderar tanto os jovens quanto os adultos.

Decidiram então, em setembro de 1955, criar a associação *Na União a Força* e depois a *Associação Rural Neerlandesa*⁵⁷. No mesmo ano, criaram uma associação de jovens, chamada *Jeugd Club* (Clube de Jovens).

No início apenas jovens holandeses frequentavam o clube e todas as atividades ocorriam na língua holandesa. Conforme seus integrantes foram aprendendo o idioma local, iam falando entre si uma mistura de línguas, que resultava em palavras e frases muito estranhas. Quando os jovens holandeses começaram a formar amizades e mesmo namorar com jovens Não-Me-Toquenses, estes eram espontaneamente aceitos pelo grupo (ASSOCIAÇÃO, 2022).

Em um texto escrito sobre os 15 anos de existência de Não-Me-Toque, no ano de 1969, o padre van Tongeren escreveu:

As pessoas vivem espalhadas em e ao redor da cidade. Eles têm alemães, italianos ou portugueses como vizinhos. Eles fazem parte da sociedade em todos os sentidos. No entanto, existem algumas associações holandesas de natureza cultural e socioeconômica. Mas isso é necessário para manter seu próprio caráter e continuar a propagar seus valores culturais específicos. Se não fosse isso, não haveria mais uma colônia⁵⁸ (TONGEREN, 1965, p.25).

⁵⁷ Que juntas formam atualmente a *Associação Holandesa*, com mais de 200 associados, sem contar os dependentes menores de 15 anos.

⁵⁸ De mensen wonen verspreid in en om de stad. Ze hebben Duitsers, Italianen of Portugezen als buren. Ze maken in alle opzichten deel uit van de samenleving. Wel bestaan er enkele Nederlandse verenigingen van cultureel en sociaal-economische aard. Maar dat is nu eenmaal noodzakelijk om hun eigen karakter te handhaven en hun specifieke cultuurwaarden uit te blijven dragen. Was dit niet het geval dan zou er van kolonie geen sprake meer zijn.

Até hoje, as associações têm um grande valor para os moradores da colônia e a *Associação Holandesa*⁵⁹:

Tem como objetivos primordiais, preservar os usos e costumes tradicionais, como o *Zeskamp*⁶⁰, cujo objetivo fundamental é a integração através da prática esportiva. Também são objetivos da associação realizar: a Festa de São Nicolau⁶¹, a Festa do Rei – Oranjefeest⁶², o *café após a missa dominical* e o *hobby club* (Grupo de Mulheres), entre outros (ASSOCIAÇÃO, 2022).

Segundo a coluna *Conexões com Não-Me-Toque*, a

Associação Holandesa de Não-Me-Toque é formada principalmente por holandeses Não-Me-Toque, mas também de Carazinho, Passo Fundo e Panambi, inclusive por pessoas que migraram para Não-Me-Toque ou saíram para mais longe, e todos pagam anuidade. [...] O fortalecimento dos laços acontece por meio de diversas atividades em conjunto: as crianças se preparam para o *Zeskamp*, adolescentes participam como monitores e adultos torcem por eles e quem aprecia se envolve num animado bingo (*De Regenboog*, março de 2021, ano 22, n. 264, p. 21)

As associações também visavam, no início, a união entre os moradores e proporcionar que os jovens se conhecessem melhor para que pudessem, inclusive, encontrar alguém para casar e constituir família; porém, como ocorria nas outras colônias, os casamentos costumavam ser uma questão difícil. Como a comunidade era pequena no início, e pelo fato de, pelo menos a primeira geração, ainda preferir se casar com um compatriota, havia falta de moças e rapazes em idade para se casar.

Com o passar dos anos, o contato com as outras colônias católicas (Holambra I e Holambra II/Campos de Holambra) poderia ser uma maneira de encontrar um cônjuge, mas o ideal seria atrair novos emigrantes da Holanda, solteiros ou famílias com filhos. Ao final de seu texto, padre van Tongeren aborda esse assunto de forma sutil:

⁵⁹ A *Associação Holandesa* de Não-Me-Toque existe desde o início da vinda dos primeiros holandesas para o município, mas somente em 15 de agosto de 1992 foi oficializada.

⁶⁰ *Zeskamp* (disputa entre seis) é um evento esportivo organizado pelas seis colônias holandesas no Brasil, (Holambra I e Holambra II/Campos de Holambra em São Paulo, Arapoti, Castrolanda e Carambei no Paraná e Não-Me-Toque no Rio Grande do Sul), sediado, no mês de julho, em uma dessas colônias em forma de rodízio anual (OLIMPIADA, 2023).

⁶¹ O Dia de São Nicolau (*Sinterklaasfeest*) é uma celebração realizada anualmente no dia 5 de dezembro na Holanda e no dia 6 de dezembro na Bélgica com a vinda de São Nicolau (o precursor do Papai Noel) e seus ajudantes, os *Pieten*, que entregam presentes para as crianças.

⁶² O Dia do Rei é um feriado nacional na Holanda, que comemora o aniversário do Rei, Willem-Alexander Claus George Ferdinand (1967), no dia 27 de abril. A Holanda se colore de laranja neste dia.

Embora o primeiro objetivo deste artigo seja contribuir para esta revista cultural mensal, e isto por gratidão, não hesito em chamar a atenção dos jovens agricultores holandeses para Não-Me-Toque. O clima aqui é excelente e o solo é muito bom. Vivemos em uma cidade linda que tem tudo e cujos arredores também são muito bonitos. É possível fazer bons negócios aqui. Também para aqueles que se especializam em alguma indústria agrícola, é possível conquistar uma vida boa aqui. Pense sobre isso (TONGEREN, 1965, p.25).

Em relação aos casamentos, até hoje o fato de descendentes de holandeses se casarem é comum e quando descendentes de duas colônias diferentes se casam, o fato é comemorado, como no texto da *De Regenboog* de junho de 2019 (p. 22): “Dica para outros jovens rapazes: talvez seja uma boa ideia considerar procurar uma noiva naquelas regiões!? (De qualquer forma, um pouco mais de integração entre as colônias não seria uma má ideia), após relatar o casamento de uma descendente de holandeses de Holambra 1 com um descendente de holandeses de Arapoti.

Ao longo dos anos, os imigrantes holandeses se espalharam por uma grande área ao redor de Não-Me-Toque e desenvolveram fazendas com campos aráveis em um raio de cerca de 100 km da cidade. Nos anos 70, na era da expansão agrícola, justamente quando a situação começou a melhorar e as expectativas estavam boas, um grupo significativo voltou para a Holanda (SMITS, 1990, p. 85)

Hoje é possível dizer que a grande maioria dos imigrantes e seus descendentes foi bem-sucedida e que os holandeses e seus descendentes estão bem integrados com o povo local, tanto que fazem parte da família Não-Me-Toquense e se sentem bem brasileiros, continuando fiéis ao primeiro objetivo que mobilizou os pioneiros a deixarem sua pátria e procurarem no Brasil um futuro melhor para os filhos.

A culinária típica, os pratos decorativos nas paredes, as tulipas, as cortinas rendadas, os tamancos ornamentais e os moinhos nos jardins floridos, definitivamente fazem parte da paisagem do município.

Para manter a história, Não-Me-Toque possui a *Casa da Cultura Dr. Otto Stahl – Associação Holandesa de Não-Me-Toque*, tombada como patrimônio histórico e que possui um arquivo histórico e um rico acervo de livros, fotografias, indumentárias e objetos decorativos relacionados à história de Não-Me-Toque e à imigração holandesa.

2.3.4 Castrolanda – PR (1951)

FIGURA 7 – BRASÃO DA CIDADE DE CASTRO (PR)



FONTE: Prefeitura de Castro (2022).

FIGURA 8 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE CASTRO (PR)



FONTE: Wikipedia (2022).

Castrolanda é um distrito situado no município de Castro, na região dos Campos Gerais do estado do Paraná, na região sul.

Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreram três eventos principais que levaram ao surgimento da Colônia Castrolanda, o primeiro diz respeito ao contexto pós-Segunda Guerra Mundial da Europa, mergulhada em uma profunda crise econômica, moral e política, fazendo com que mais e mais produtores rurais holandeses sentissem a necessidade e o desejo de emigrar e buscar em outras localidades uma forma de reconstruir suas vidas. A área destinada à produção agropecuária na Holanda passou a ser reduzida comparada ao número de habitantes, e emigrar se tornou uma opção viável para aqueles que pretendiam expandir seus empreendimentos, mantendo o núcleo familiar unido.

Ao mesmo tempo, a *Cooperativa Batavo*, em Carambeí, estava passando por um momento de crescimento, o que demonstrava que a empreitada de décadas atrás havia sido bem-sucedida, possibilitando a vinda de novos agricultores holandeses para a região e a ampliação da área de suas terras. A terra ao redor de Carambeí começava a se esgotar e os filhos dos agricultores que já moravam em Carambeí procuravam novas terras para começarem a sua própria propriedade. Um pedaço de

terra foi encontrado perto de Carambeí, no município de Castro e cinco mil hectares foram comprados às margens do rio Iapó.

O terceiro aspecto que contribuiu para a vinda destas pessoas foi que, neste mesmo período, o Brasil estava novamente aberto à chegada de imigrantes, pois o governo percebeu a necessidade de aumentar a produção de laticínios e produtos agrícolas. Durante o Governo Dutra⁶³ (1946 – 1951), em esforço conjunto com a colônia de Carambeí, foi enviado um pedido à *Centrale Stichting Landbouw Emigratie* (Central Cristã de Emigração) e à *Christelijke Boeren- en Tuindersbond* (Associação Cristã de Granjeiros e Horticultores na Holanda)⁶⁴, para que analisassem a proposta de receber e alocar imigrantes holandeses em território brasileiro. Uma comitiva holandesa veio analisar os projetos nas terras da região de Bagé e Taíma, no Rio Grande do Sul e em Castro, no Paraná. A proximidade com a Colônia de Carambeí, além dos incentivos estaduais e empréstimos a longo prazo para a aquisição de terras, tornou Castro o local mais interessante para esta comitiva.

Pessoas com interesse de emigrar para o Brasil começaram a se reunir desde o final de 1950 na cidade de Hoogeveen, na província de Drenthe, para se prepararem para o grande desafio, analisando as possibilidades e condições oferecidas, além de ler os relatos daqueles compatriotas que já haviam dado o grande passo e tinham se estabelecido em Carambeí. Registraram, então, no mês de julho de 1951, a *Cöoperatieve Vereniging Groepsemigratie Brazilië G.A* (Sociedade Cooperativa de Emigração em Grupo para o Brasil) (CENTRALE, 2009, p. 138 - 161), para cuidar de questões práticas e da defesa e garantia dos seus interesses e direitos.

No dia 27 de setembro de 1951, foi fundada a *Sociedade Cooperativa Castrolanda*, localizada na terra comprada mencionada anteriormente. O projeto, que teve a colaboração do governo brasileiro, do governo holandês e de organizações holandesas de emigração, estava pronto para começar a receber pessoas e, no dia 30 de novembro de 1951, as três primeiras famílias de agropecuaristas, além de outras dez pessoas, filhos de agricultores, carpinteiros e mecânicos, chegaram a Castro.

⁶³ Eurico Gaspar Dutra GCA (1883 - 1974) foi um militar brasileiro e o 16.º presidente do Brasil durante a chamada Quarta República (EURICO, 2023).

⁶⁴ A *Centrale Stichting Landbouw Emigratie* existiu de 1946 a 1953 e a *Christelijke Boeren- en Tuindersbond* existiu de 1918 a 1995 (EMIGRATIE 1945-1967, 2023)

Esta data é considerada a instituição oficial da Colônia de Castrolanda, cujo nome vem da junção do nome do município de destino, **CASTRO** com o nome do país de origem, Ho**LANDA**. Este grupo começou a preparar as habitações para os grupos que chegariam até o final de 1954, em seis grupos organizados, totalizando mais de cinquenta famílias, em geral de agricultores, membros da Igreja Reformada holandesa, vindos principalmente das províncias de Drenthe e Overijssel, com filhos adolescentes ou adultos.

Foi um período de muito trabalho, pois havia a necessidade da construção das dependências da cooperativa e de outros estabelecimentos, como uma oficina mecânica, uma oficina de carpintaria, um armazém com padaria, um salão paroquial e uma escola. Formava-se assim uma comunidade bem estruturada e unida, que continuava recebendo imigrantes após 1954, porém de forma isolada.

O Brasil era pouco desenvolvido na área da agropecuária nesse período e, com a chegada de mais imigrantes europeus, esses trouxeram consigo animais e máquinas, mas também a tecnologia europeia, por meio de técnicos e agrônomos, enviado pelo governo holandês, que estimularam a pesquisa e aprimoramento da produção, fazendo com que os imigrantes fizessem uma diferença significativa na região. Os navios que traziam as pessoas, também vinham carregados de bens materiais e, desta forma, dois mil e quinhentos metros cúbicos de máquinas e implementos foram trazidos.

Além disso, cada imigrante trazia, como parte de seu capital, vacas de puro sangue, com genética diferenciada. Ao todo, mil duzentos e cinquenta cabeças de gado preto e branco, com *pedigree* da raça Frísia, foram importadas entre 1951 e 1954, o que fez a diferença na produtividade e na qualidade do leite. A produção leiteira foi a primeira exploração agropecuária da *Cooperativa Castrolanda*, fornecendo a sua produção de leite à nova fábrica de leite e derivados da conjunta *Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda* (doravante CCLPL) e, sem dúvida, a produção de leite foi o alicerce da Colônia Castrolanda e até hoje é um dos pilares de desenvolvimento. Nos anos 70, a agricultura em grande escala teve seu início, seguida pela produção de frangos de corte e suinocultura.

Castrolanda, assim como as outras colônias, passou por muitas dificuldades nos anos iniciais, por motivo de uma produção aquém das perspectivas e necessidades, pela complicação para obterem empréstimos e pela falta constante de

capital. Isso levou algumas famílias a desistirem, mas a grande maioria permaneceu unida e lutou pela construção de uma nova vida em terra estrangeira, com perseverança e trabalho árduo para superar a difícil fase inicial de adaptação.

Outros fatores para o sucesso foram a bem-organizada imigração em grupo, a fé na capacidade humana, a união em torno de um bem comum, a preocupação com uma boa educação e, principalmente, a união na fé.

Logo após a chegada dos primeiros imigrantes, começaram a formar a Igreja Reformada em Castrolanda, que foi instituída em 25 de outubro de 1952, com um total de 31 membros professos e 54 membros batizados. No início, os cultos eram celebrados na sala do escritório da cooperativa. Porém, com a vinda de mais imigrantes, foi necessário construir um local maior que serviria tanto como templo como para todas as outras atividades da comunidade.

A inauguração deste templo ocorreu em 5 de julho de 1953, e nesse mesmo dia, houve uma assembleia para decidirem alguns assuntos importantes, como o direito de voto das mulheres, a instituição de algumas datas importantes como o *Dia de Oração* pelo trabalho, na primeira quarta-feira de novembro e o *Dia de Ação de Graças*, no dia 1º de maio.

Também decidiram que não iriam comemorar o segundo dia dos feriados de Páscoa, de Pentecostes e de Natal, costumes holandeses que não existiam no Brasil⁶⁵. Em janeiro de 1957, foi empossado o primeiro pastor oficial da comunidade e, no ano de 1966, foi construído o atual prédio da *Igreja Evangélica Reformada*, considerado uma construção de arquitetura bastante moderna para a época, oferecendo, até o dia de hoje, cultos nos idiomas português e holandês.

Outro pilar da colônia, a educação, levado muito a sério desde o começo da colônia, representou parte importante na história. Quando chegaram, não havia escola para os filhos dos imigrantes e, pelo fato de haver poucos alunos, estes eram levados para a colônia de Carambeí, para que pudessem frequentar as aulas.

Quando o segundo grupo chegou, foi tomada a decisão de fundar a própria escola, o que ocorreu no dia 28 de novembro de 1952, data da fundação da *Christelijke Lagere Schoolvereniging van Castrolanda* (Associação de Escola Primária Cristã de Castrolanda, também conhecida como Escola Isolada Estadual

⁶⁵ Na Holanda o segundo dia da Páscoa, o segundo dia de Pentecostes e o segundo dia de Natal são feriados nacionais.

Castrolanda), subsidiada pelo governo e mantida pela igreja cooperativa de Castrolanda. No início, a professora de Carambeí viajava para Castrolanda durante os meses de férias para dar aula.

Depois dela, outros professores vieram e ajudaram as crianças a aprenderem a língua portuguesa, além de todas as outras disciplinas em língua holandesa. Em 1953, com mais de 50 alunos, a escola mudou do escritório da cooperativa para uma ala do recém-construído prédio da juventude.

A escola oficial foi construída em 1954, com 3 salas de aula, precisando ser ampliada em seguida para atender à crescente demanda e atender às necessidades de estudo das crianças imigrantes. O professor responsável pela escola, professor Epema, dava muita importância a “uma atitude cristã para a vida, uma atitude positiva e abertura para outras culturas, países e povos, com seus hábitos, interesses pela política, assuntos mundiais e tecnologia moderna” e era da opinião de que “não se deve apenas continuar a pensar no próprio círculo, mas que um campo de visão mais amplo deve ser formado” (KIERS-POT 1991, p. 94)

Além da escola primária, havia a secundária e o técnico agrícola, e não somente estudantes holandeses frequentavam as aulas, mas também estudantes brasileiros, fato que era intenção da escola desde o início: proporcionar educação para moradores da região também. Por esse motivo, as aulas passaram a ser ministradas mais em português.

Castrolanda tem ao redor de três mil habitantes, dos quais em torno de oitocentos são imigrantes e descendentes de holandeses, distribuídos na área central da colônia e nas propriedades rurais ao redor. É fácil perceber a presença holandesa pela arquitetura das casas, escola e igreja, e pelos jardins floridos, além da construção que se tornou símbolo da colônia: o moinho *De Immigrant*⁶⁶. O moinho abriga o *Memorial da Imigração Holandesa*, que juntamente com o museu *Casa do Imigrante*

⁶⁶ *De Immigrant* é uma réplica funcional e em tamanho original do moinho de farinha *Woldzigt*, situado na província de Drenthe, e foi construído e inaugurado em 2001 para as comemorações do cinquentenário da colônia.

*Holandês*⁶⁷ e o *Museu Histórico de Castrolanda*⁶⁸ se propõe a valorizar e preservar a identidade e a história dos imigrantes fundadores da colônia de Castrolanda (CASTROLANDA, 2023)

Mesmo sendo um distrito afastado, a comunidade está integrada à realidade brasileira. A cooperativa já é em grande parte formada por associados brasileiros e na igreja e na escola da comunidade a integração é permanente, tendo tanto membros e alunos holandeses e descendentes como também brasileiros.

⁶⁷ O *Museu Casa do Imigrante Holandês* foi inaugurado em 1991, com uma arquitetura em madeira, assim como as primeiras casas construídas pelos pioneiros holandeses, que eram uma junção de residência e estábulo.

⁶⁸ O *Museu Histórico de Castrolanda* é uma construção típica da região nordeste holandesa e remete às antigas casas de fazenda. O espaço abriga uma exposição sobre a trajetória histórica da comunidade, e o acervo do museu é composto por documentos, fotografias e objetos em geral.

2.3.5 Campos de Holambra – Holambra II – SP (1960)

FIGURA 9 – BRASÃO DA CIDADE DE CAMPOS DE HOLAMBRA (SP)



FONTE: Prefeitura de Paranapanema (2022).

FIGURA 10 – BRASÃO DA CIDADE DE CAMPOS DE HOLAMBRA (SP)



FONTE: Wikipedia (2022).

Campos de Holambra é um distrito do município de Paranapanema, no interior do estado de São Paulo, na região sudeste.

Em 1960, os imigrantes fundaram o que seria conhecida como Holambra II⁶⁹. A iniciativa de formar a colônia surgiu a partir da colônia de Holambra I, quando, por volta de 1959, toda a área em Holambra I já havia sido disponibilizada aos imigrantes holandeses e a terra disponível ao redor estava muito cara. Com a certeza de que a imigração de agricultores holandeses deveria continuar, o conselho da cooperativa criou um fundo especial para a formação de novas colônias e a solução encontrada foi procurar uma área para que seus filhos e os novos emigrantes vindos da Holanda pudessem se estabelecer.

No final de 1960, a diretoria da cooperativa e alguns agrônomos brasileiros fundaram a *Cooperativa de Imigração e Colonização Holambra* para este novo projeto (SMITS, 2016, p. 186). A cerca de 300 km da colônia existente Holambra I, foi comprada a *Fazenda das Posses*, sendo chamada de Holambra II. Em 2007, a comunidade foi elevada a distrito e oficialmente chamada Campos de Holambra, em

⁶⁹ O nome Holambra vem das junções: HOLanda, AMérica e BRAsil e, até 2007, a colônia era conhecida como Holambra II – Bairro da Estância Turística de Paranapanema.

homenagem à produção agrícola e de flores e frutas⁷⁰, que são destaque da economia do município (PREFEITURA, 2023)

Como Holambra II era um projeto de desenvolvimento que, da mesma forma que Holambra I, Castrolanda e Carambeí, contribuiria para o desenvolvimento da agricultura brasileira, a compra e exploração da *Fazenda das Posses*, com uma área de quase quinze mil hectares, foi financiada por um empréstimo obtido junto ao *Banco Interamericano de Desenvolvimento*, através da comissão intergovernamental para migração europeia, em Genebra.

A área ao redor de Holambra II era uma das regiões do Estado de São Paulo com maior atraso em seu desenvolvimento econômico e social. Ela ficava entre as regiões cafeeiras do norte do Paraná, ao redor da cidade de Londrina, altamente desenvolvidas, e as antigas áreas agrícolas do Estado de São Paulo, sem grandes culturas como café e cana-de-açúcar. O que havia na região era a agricultura de subsistência e condições de vida primitivas.⁷¹ Além disso, a maior parte das terras era usada para a pecuária extensiva. A *Fazenda das Posses*, por exemplo, era usada como pasto para zebus pelos antigos proprietários.

A transformação da fazenda em uma área com terras aráveis foi iniciada por agricultores e filhos de agricultores de Holambra I. Durante os primeiros anos, eles foram pioneiros na construção das instalações da cooperativa, para a qual contrataram principalmente brasileiros. Os imigrantes viviam espalhados pela fazenda e, no início da colonização, as construções mais comuns eram as que serviam tanto como moradia quanto como barracão e apenas as casas do centro tinham eletricidade, as outras dependiam de iluminação à base de petróleo ou de um gerador.

A cooperativa financiou terras e implementou a infraestrutura, contando com a presença, desde o início, de holandeses e brasileiros, nas funções de agrônomos e de diretoria. Os primeiros imigrantes vindos da Holanda se estabeleceram em suas propriedades no final de 1962 e com isso o número de propriedades filiadas à cooperativa aumentou para 75, trazendo a necessidade de expandir a área de

⁷⁰ Campos de Holambra é nacionalmente conhecida pela produção de flores e frutas de clima temperado (pêssegos, ameixas, nectarinas e maçãs), além de ser referência como um dos maiores polos irrigados com pivô central do Estado de São Paulo e de possuir uma das maiores usinas de beneficiamento de algodão da América Latina (CAMPOS, 2022).

⁷¹ Havia casinhas de pau-a-pique, com um telhado de palha, espalhadas ao longo dos córregos e caminhos que se desenhavam entre a vegetação de arbustos até a antiga casa da fazenda. Ao redor dessas casas, os moradores brasileiros cultivavam milho e feijão para consumo próprio.

Holambra II, resultando na compra de mais de vinte e cinco mil hectares na década de 1970.

A população de origem holandesa se estabeleceu em Holambra II de diferentes maneiras: houve pessoas vindo da Holanda, da antiga Nova Guiné Holandesa⁷² (HULSMAN, 2012, p. 200; CENTRALE, p. 190) e um grande número de pessoas veio de outros lugares do Brasil, principalmente Holambra I. Os que vieram da Holanda tinham, muitas vezes, uma grande família e alguns já haviam se desfeito das suas propriedades na Holanda, ou trabalhavam como empregados e viam oportunidades para começar o seu próprio negócio no Brasil.

Mas Holambra II também despertou o interesse de jovens que trabalhavam na propriedade de seus pais na Holanda e já haviam feito um estágio no Brasil antes de imigrarem para cá. Alguns agricultores, ainda, venderam suas propriedades em Holambra I para começar outra propriedade, ou mesmo outra profissão, em Holambra II.

No entanto, quase um terço do grupo que se estabeleceu, incluindo pessoas da Nova Guiné e algumas que já haviam vivido em outros países fora da Holanda, deixaram a fazenda por volta de 1967-1968. Eles voltaram para a Holanda ou se mudaram para outro lugar do Brasil. Em quase todos esses casos, o fim da propriedade estava relacionado à difícil situação financeira causada pela seca. Como resultado desse êxodo, o número de moradores, que no início de 1967 era de mais de 200, diminuiu para aproximadamente 150 pessoas.

No início de 1975, porém, o número de moradores de ascendência holandesa já era de aproximadamente trezentas pessoas novamente, e, junto com as cinquenta pessoas de origem suíça⁷³, conviviam com os cerca de três mil brasileiros que moravam no centro da cooperativa e nas fazendas. Em meados de 1975, o total populacional aumentou para cerca de 350 pessoas devido à vinda de novas famílias de Holambra I e por nascimentos. Naquela época, a comunidade possuía 68 famílias

⁷² De 1898 a 1949 a Nova Guiné Holandesa fez parte das Índias Orientais Holandesas. Atualmente o território corresponde às duas províncias Papua e Papua Ocidental (NOVA, 2023).

⁷³ O agricultor e cooperativista Anton Huber foi um dos suíços a morarem em Holambra II e relatou: "Como os holandeses não tinham mais muitos imigrantes, decidiram aceitar também não holandeses. Mudamos para a Holambra II em 1965, começamos a construir uma casa, a desbravar o solo e a fazer as lavouras próprias" (HOFFMANN, 2010).

das quais um ou ambos os cônjuges eram de ascendência holandesa ou suíça e algumas compostas por holandeses casados com brasileiros.

Em um relatório escrito para um instituto de agricultura e economia por Wijnen (1977, p. 18), ele observa que:

O clima em Holambra II é significativamente menos holandês do que em Holambra I. Isso pode estar relacionado com a origem da comunidade. As pessoas de Holambra I que decidiram ir para Holambra II, tiveram que ter a vontade de ser pioneiras, especialmente no início. Isso pode ter levado a uma certa seleção. Além disso, a vinda de imigrantes da Holanda ocorreu de maneira bastante lenta e a colônia foi composta ainda de pessoas que já viviam no Brasil por um período maior. A presença de muitos jovens que cresceram ou nasceram no Brasil é percebida pelo uso cada vez menor do holandês como língua de comunicação entre si.

Neste mesmo relatório consta que em quase todas as casas se lia algum jornal brasileiro e o maior interesse estava nas notícias gerais, na economia e no esporte, mas a política também era assunto importante. Para a comunicação interna, a fazenda publicou seu próprio jornal *das Posses-bode* na década de 1970, no qual havia mensagens da Igreja e os anúncios da cooperativa. Esta revista foi mais tarde substituída por uma revista mensal conjunta com Holambra I, onde os anúncios e artigos mais importantes eram escritos em holandês e em português.

E acrescenta:

por causa da escola, que ocorreu junto com as crianças brasileiras, grande parte do modo de vida brasileiro já foi adotado. Como regra geral, os moradores brasileiros também participam de festividades e noites de dança e, por outro lado, os jovens holandeses participam de festas fora da fazenda. Os agricultores mais jovens também estão se comportando cada vez mais como empreendedores brasileiros (WIJNEN, 1977, p.19).

A presença dos holandeses em Campos de Holambra trouxe significativa mudança no desenvolvimento da região, tanto no aspecto da agricultura, quanto na educação. Desde o começo, voluntários e estagiários vindos da Holanda contribuíram significativamente e irmãs religiosas holandesas tinham um mosteiro na fazenda, sendo ativas na assistência médica, além de responsáveis pela escola, que atualmente se chama *Escola da Cooperativa*, desempenhando um papel fundamental na educação cultural dos jovens. As aulas eram ministradas em português desde o início, atendendo a comunidade de (descendentes de) holandeses e a comunidade em geral da região.

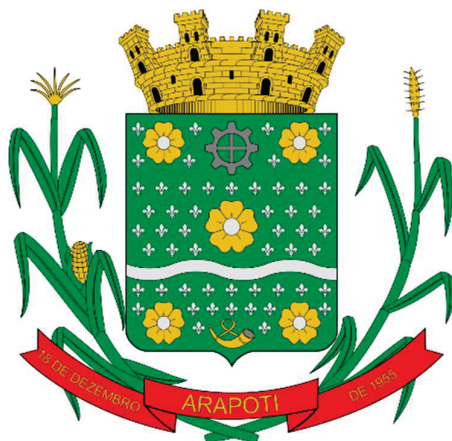
Segundo Charles Jacques Jean Hogenboom, presidente da Cooperativa Holambra que tomou a iniciativa de fundar Holambra II, sendo também seu primeiro presidente (WIJNEN, 1977, p. 63), a assimilação e integração ao modo de vida e hábitos em um novo país era um processo gradual, que só poderia ser completado pela segunda geração, de forma lenta: “As crianças devem ser educadas para que possam viver como bons cidadãos no novo país, mas também para preservar as melhores características de seu país natal” (SMITS, 2016, p.183)

No âmbito da igreja, a paróquia *São José* dispunha de uma igreja própria em que um padre holandês da cidade vizinha de Paranapanema prestava serviços.

Campos de Holambra tem um museu chamado *Museu Histórico Fazenda das Posses*, uma réplica fiel da sede da Fazenda das Posses. Esse museu abriga um acervo histórico importante de Campos de Holambra, com uma grande quantidade de objetos de uso cotidiano domiciliar e agrícola do início da imigração holandesa, visando preservar a história e a cultura de Campos de Holambra.

2.3.6 Arapoti – PR (1960)

FIGURA 11 – BRASÃO DA CIDADE DE ARAPOTI (PR)



FONTE: Prefeitura de Arapoti (2022).

FIGURA 12 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE ARAPOTI (PR)



FONTE: Wikipedia (2022).

A caçula das colônias holandesas no Estado do Paraná, Arapoti⁷⁴ é um município localizado entre os Campos Gerais e o Norte Pioneiro, no interior do estado do Paraná, na região sul.

Na década de 1950, Arapoti era um vilarejo muito pobre, cercado por campos e pastagens naturais e com uma pequena população. A sua emancipação ocorreu no dia 18 de dezembro de 1955. A economia era baseada na extração da madeira, em uma pequena agricultura e na pecuária extensiva. Apesar disso, os imigrantes holandeses já estabelecidos em Carambeí e Castrolanda, sócios das cooperativas *Batavo* e *Castrolanda*, respectivamente, viram potencial nessas terras, por conta do solo e do clima, que pareciam mais favoráveis para a agricultura do que as áreas já colonizadas.

Decidiram, então, criar uma comissão em 1957 para planejar a nova colônia holandesa, comissão transformada na *Cooperativa de Imigração do Brasil Meridional e Central* em 1960, com o objetivo inicial de implantar essa terceira colônia holandesa

⁷⁴ Arapoti significa Campos floridos na língua tupi, ou então o dia das flores, tempo de flores (FERREIRA, 2006, p.37).

no Paraná e no futuro se engajar em outras colônias.⁷⁵ Compraram a *Fazenda Bela Manhã*, com financiamento vindo da Holanda e dos Estados Unidos.⁷⁶

O projeto previa que mais de cem famílias se estabelecessem na colônia, sendo quarenta famílias de holandeses e seus descendentes, vindas das colônias de Carambeí e Castrolanda, que já não possuíam mais terras para expandir as suas propriedades, além de cerca de sessenta famílias de produtores rurais vindas da Holanda. A ideia era misturar as famílias que viriam da Holanda com as que já moravam no Brasil há algum tempo, para que estas pudessem ajudar aquelas com a adaptação e com a língua portuguesa.

O recrutador que dez anos antes havia reunido emigrantes na Holanda para virem para a colônia de Castrolanda foi contratado novamente para atrair agricultores para esta nova colônia: agricultores protestantes, de preferência com muitos filhos e com dinheiro suficiente para financiar a viagem, os investimentos e o início de vida no Brasil.

Os primeiros imigrantes holandeses chegaram em Arapoti no dia 14 de junho de 1960 e nos três anos seguintes, trinta famílias venderam suas propriedades na Holanda e vieram para Arapoti. Em seu livro, Bosch (1983, p. 7), escreveu “O que nos fez sair da Holanda e emigrar para o Brasil? Deixar um país que em 1960 estava no início de um período de inigualável prosperidade, um país com proteção do governo do berço ao túmulo?”⁷⁷

De fato, os emigrantes que foram para Arapoti eram em sua maioria pais e mães de família, com mais de 40 anos de idade e que já haviam se estabelecido e adquirido uma propriedade e estabilidade financeira na Holanda:

cada emigrante achava um motivo que justificava emigrar. Um tinha pouca terra, outro muitos filhos, outro não conseguia conviver com os pesados impostos e odiava a economia dirigida. Mas, na verdade, nenhum destes foi o real motivo para virmos. A maioria de nós tinha na Holanda uma vida

⁷⁵ Essa cooperativa foi “desativada” em 1969, quando ficou claro que nenhuma nova colônia seria formada.

⁷⁶ Condição para o financiamento era que a colônia não fizesse fronteira direta com alguma colônia existente, pois deveria fazer a diferença na região, assim como contribuir com a modernização da agricultura brasileira (SALOMONS, 2020, p. 11).

⁷⁷ Wat bewoog ons uit Holland weg te trekken en naar Brazilië te gaan? Weg te gaan uit een land dat in 1960 aan het begin stond van een ongekende welvaart? Een land waar men beschermd is van wieg tot het graf? (BOSCH, 1983, p.7).

estabelecida e ninguém precisava emigrar devido à pobreza (BOSCH, 1983, p.7)⁷⁸

Durante o recrutamento e preparo para a partida, os emigrantes tinham acesso a um mapa da colônia e à divisão dos lotes e podiam escolher o pedaço de terra que queriam comprar e, ao chegarem, puderam, na maioria das vezes, morar de imediato em sua propriedade, pelo fato de haver casas feitas de madeira, construídas por pessoas que já estavam no Brasil, vindas de Castrolanda.

Em seu livro, Salomons (2010, p. 38) descreve como foi a primeira impressão dos brasileiros assim que os holandeses chegaram:

Os habitantes brasileiros de Arapoti ficavam impressionados: imigrantes com tanta bagagem, malas e baús de mudança cheios; pessoas que se vestiam de forma tão diferente, alguns até usavam gravata no dia a dia; pessoas que construíam suas casas no topo das colinas e não embaixo, junto aos rios ou nascentes. Além disso, eles cultivavam suas plantações em campos comuns. Essas pessoas devem ter pensado: Que tipo estranho de pessoas, são muito ricas, mas trabalham junto com seus funcionários na propriedade!

E continua:

O que eles não sabiam na época, porque não era possível ver por fora, mas espero que tenha notado mais tarde, foi a principal bagagem dos colonos, que consistia em uma grande confiança em Deus, muita perseverança e um profundo conhecimento e experiência no campo da agricultura e pecuária.

Na manhã do dia 19 de setembro de 1960, foi fundada a *Sociedade Cooperativa Agropecuária Arapoti Ltda.*, a Capal, com a presença de 21 agricultores, grupo formado por pessoas vindas da Holanda e por jovens agricultores de Carambeí e Castrolanda.⁷⁹ A cooperativa foi o começo da mudança na história dos imigrantes e também do município: “a criação da cooperativa transformou o município em um polo de alta tecnologia em agricultura e pecuária, com destaque para a produção de soja, milho, trigo, suínos, frangos e gado holandês leiteiro de alta linhagem” (PREFEITURA, 2022).

⁷⁸ Iedere emigrant vond voor zichzelf wel een reden om te emigreren. De een had te weinig land, de ander te veel kinderen, weer een andere had de pest aan belasting of kon de geleide economie niet duldten. Maar niets van dit alles was het echte motief dat ons dreef. De meesten van ons hadden in Holland een gevestigd bestaan en niemand behoefde wegens armoede te emigreren (BOSCH, 1983, p.7).

⁷⁹ As três comunidades protestantes no Paraná são conhecidas como as *colônias ABC*: Arapoti, Batavo (Carambeí) e Castrolanda.

Os primeiros anos foram caracterizados pela construção da colônia: casas, barracões, a cooperativa, a loja para a compra de produtos de primeira necessidade, além da igreja que compartilhava espaço com a escola. Além disso, foi necessário providenciar o fornecimento de água em locais onde não havia água e estradas precisavam ser abertas. Segundo Bosch (1983, p.25), “no início não havia nada! Somente campos e alguns holandeses com mais coragem do que dinheiro”.

Assim como as outras colônias desta pesquisa, Arapoti passou por inúmeras dificuldades iniciais, e o primeiro desafio era sobreviver naquele contexto novo e precário, em um clima desconhecido. Sendo um município muito pequeno, apenas os itens extremamente básicos podiam ser encontrados em Arapoti⁸⁰ e a falta de experiência na administração da cooperativa causou desânimo entre os imigrantes.

Outro fator que contribuiu para as dificuldades era a distância entre Arapoti e as outras duas colônias,⁸¹ pois a locomoção, a comunicação e o escoamento de produção naquela época eram complicados e o contato com as colônias irmãs ficava prejudicado. Na área da produção, logo de início veio a frustração na tentativa de cultivar arroz. A cooperativa de imigração havia plantado arroz antes da chegada dos primeiros imigrantes, para que estes tivessem uma renda o quanto antes. A safra, porém, não deu certo, por causa da escassez de chuva.

A falta de recursos influenciou o início difícil também, pois nem todas as famílias vieram com capital suficiente para custear o transporte das pessoas, móveis, animais e maquinário,⁸² comprar o pedaço de terra, construir a casa e barracões e ainda fazer os investimentos tão cruciais para começar a se desenvolverem. O crédito prometido pelo governo brasileiro para a construção da cooperativa, escola e igreja e para o investimento nas propriedades nunca foi dado, fato que atrasou o desenvolvimento da colônia em muitos anos.

Além do arroz, mencionado anteriormente, outras culturas foram experimentadas: batata, cevada, centeio, trigo e soja, porém a colheita era muitas vezes prejudicada de alguma maneira. Todos esses problemas e decepções fizeram

⁸⁰ Na Holanda, muitos dos imigrantes viviam com conforto, eletricidade e eletrodomésticos modernos para a época. A oferta e variedade de comida e produtos era ampla.

⁸¹ A distância entre Arapoti e Castrolanda é de 102 km e a distância entre Arapoti e Carambeí é de 115 km (a distância entre Castrolanda e Carambeí é de 29 km).

⁸² Quando os imigrantes foram para Castrolanda, o governo holandês pagou as despesas de viagem e mudança, mas o mesmo não aconteceu com Arapoti.

com que o desânimo tomasse conta de várias famílias e que, até meados da década de 1960, dezesseis das quarenta famílias que moravam em Arapoti voltassem para a Holanda. Esse conjunto de fatores fez com que tomassem a decisão, em 1961, de se dedicarem à produção de leite, e assim se tornaram cooperados da CCLPL, sediada em Carambeí.

No começo, o leite era transformado em manteiga e queijo na sede da cooperativa, mas, em janeiro de 1963, foi inaugurada a nova fábrica de laticínios⁸³. Quando o volume de leite se tornou grande demais para esta fábrica, o leite passou a ser levado à CCLPL, para beneficiamento.

Este também foi um período de transição, pois a situação em Arapoti se tornava mais estável e promissor: houve a possibilidade de fazer empréstimos maiores e assim também investimentos maiores, que possibilitaram um futuro e, ao mesmo tempo, a colônia se estabilizou em relação aos seus moradores, pois quem queria sair de Arapoti, já havia voltado para a Holanda, em sua grande maioria, ou então partido para outro lugar no Brasil.

Os que ficaram, compraram as terras desses que partiram e continuaram a empreitada. Os cultivos começaram a dar retorno e, no final dos anos 70, começaram a investir no *plantio direto*,⁸⁴ uma novidade na região, e também no cultivo de frutas e na suinocultura.

Seguindo o exemplo de Castrolanda e Carambeí, os pioneiros na colônia de Arapoti fundaram sua própria igreja e escola. No dia 14 de outubro de 1960, foi fundada a *Igreja Evangélica Reformada de Arapoti*. No início, a Igreja e a escola funcionavam no mesmo espaço: um barracão de madeira, que abrigava a escola durante a semana, e aos finais de semana, a igreja evangélica.

Como a população era pequena, pessoas que na Holanda pertenciam a diferentes igrejas do ramo calvinista, a saber, a *Gereformeerde Kerk* e a *Hervormde Kerk*, e que na Holanda jamais frequentariam a mesma igreja, agora se congregavam juntas. Ambos os nomes são traduzidos como *Igreja Reformada* em português, porém historicamente, a *Hervormde Kerk* tinha tradições e costumes muito mais

⁸³ Atual sede do Museu do Imigrante Holandês – Associação Parque Histórico de Arapoti (CARAMBEÍ, 2022).

⁸⁴ O Plantio Direto é a técnica de semeadura na qual a semente é colocada no solo não revolvido (sem prévia aração ou gradagem leve niveladora) usando semeadeiras especiais, algo inédito na região (PLANTIO, 2022).

conservadores do que a *Gereformeerde Kerk*, o que resultou na dificuldade dos imigrantes em aceitar frequentar a mesma igreja.

A escola primária bilíngue, frequentada pelos filhos dos imigrantes holandeses, foi fundada em julho de 1960. Aproximadamente vinte e cinco crianças de diferentes idades e níveis de aprendizagem tinham aula no mesmo espaço. Era necessário que os filhos em idade escolar aprendessem a língua portuguesa e se adaptassem aos costumes da nova Pátria. Os imigrantes holandeses se preocuparam desde o início com uma educação “[...] tanto no sentido amplo, da formação de valores morais e religiosos, quanto no sentido estrito, da escolarização” (CHAVES, 2011, p. 39).

Atividades culturais, tão valorizadas na cultura holandesa, também precisavam ser iniciadas: as mulheres fundaram o *Clube das Mulheres do Campo*. O clube recebeu o nome de *DINDOA* (*Door Inspanning Nuttig, Door Ontspanning Aangenaam*), que significa “útil pelo esforço, agradável pelo divertimento”⁸⁵.

Havia também um grupo de teatro, um grupo de escotismo, um grupo de hipismo, um coral e atividades para que a comunidade pudesse interagir e descontraír. Até hoje há atividades para diferentes gostos e idades com representativa participação.

Arapoti guarda a história da imigração em alguns museus, sendo o principal o *Museu do Imigrante Holandês – Associação Parque Histórico de Arapoti*⁸⁶, fundado em 2005 e que abriga um vasto acervo com objetos, fotografias, biblioteca e ambientes decorados com móveis trazidos pelos pioneiros holandeses, reproduzindo seu estilo de vida. Além disso, o museu expõe maquinário, utensílios e ferramentas agrícolas trazidos da Holanda, assim como equipamentos utilizados no início da administração da cooperativa e alguns dos primeiros tratores utilizados na colônia de Arapoti. No parque situado logo atrás do museu, há réplicas em tamanho real da primeira escola e igreja.

⁸⁵ O clube fez jus ao nome, pois as mulheres sempre procuravam um caminho para serem úteis para a comunidade e para tornarem a vida na colônia um pouco mais agradável. Até hoje esse grupo se reúne mensalmente para ouvir palestras, em holandês ou em português, fazer passeios (o divertimento), mas também continuam se esforçando (para serem úteis). No início da pandemia do Covid-19, por exemplo, 22 voluntárias costuraram em torno de oitocentas máscaras de tecido, para serem distribuídas pela assistente social da AASCA (Associação de Assistência Social Cristã de Arapoti).

⁸⁶ O museu encontra-se no terreno e no prédio que serviu de estação de recebimento de leite e produção de manteiga da CCLPL até 1979.

Além desse museu, há o *Museu da Agricultura*, uma exposição particular permanente de mais de 50 tratores e equipamentos agrícolas utilizados pelos holandeses e o *Museu do Trator*, que também resgata a história através do maquinário trazido da Holanda.

Para completar a lista de museus, existe a *Casa dos Kok*, também chamada de *Museu da Imigração Holandesa*, mantida na forma original desde 1960 e que fornece informações sobre a arquitetura, o mobiliário, o vestuário e itens da culinária tipicamente holandeses.

2.3.7 Tibagi – PR (1964)

FIGURA 13 – BRASÃO DA CIDADE DE TIBAGI (PR)



FONTE: Prefeitura de Tibagi (2022).

FIGURA 14 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE TIBAGI (PR)



FONTE: Wikipedia (2022).

Tibagi⁸⁷ é um município localizado na região dos Campos Gerais do estado do Paraná, na região sul.

Os relatos sobre a história de Tibagi se iniciam há muitos séculos, pois desde 1754, as terras de Tibagi eram conhecidas como *El Dorado Paranaense*, por causa das descobertas de diamante e ouro na Pedra Branca. Este fato atraiu centenas de famílias aos campos verdes de Tibagi à procura de diamantes nos rios e resultou na fundação da cidade, que ocorreu no dia 28 de junho de 1794. A sua emancipação de Castro ocorreu setenta e oito anos depois, no dia 18 de março de 1872, quando foi criada a vila de Tibagi que, apenas em 27 de dezembro de 1897, foi elevada à categoria de cidade (FERREIRA, 2006, p. 319)

A presença holandesa se iniciou em 1964, quando a *Sociedade Pereira*⁸⁸ iniciou o projeto de preparo do campo bruto, corrigindo o solo com calcário agrícola, para transformá-lo em terra fértil para o cultivo.

A primeira produção foi a de arroz, no final da década de 1960, em meio a constantes incertezas quanto à produção e ao preço do produto. As terras eram

⁸⁷ Tibagi significa literalmente “o rio encachoeirado, ruim para navegar” em tupi-guarani, ou o rio do pouso, o rio da parada (FERREIRA, 2006, p. 319).

⁸⁸ Sociedade composta pelos sócios holandeses de Carambei e Castrolanda: Leendert Cornélio de Geus, Aart Jan de Geus, Leendert Aardom, Willem de Geus e Hendrik Barkema. A sociedade foi dissolvida em 1975, mas os agricultores e/ou seus filhos continuaram com a produção em Tibagi.

arrendadas, e os agricultores não moravam em Tibagi. Quando iam a Tibagi, trabalhavam muito, se revezando com as máquinas pequenas da época e tendo, muitas vezes, que dormir em barracos ou em casas de outros moradores. Na década de 1970, porém, optaram por comprar terras e aos poucos, algumas famílias holandesas começaram a migrar para Tibagi, para se estabelecerem no local.

Houve muita negociação entre os agricultores interessados e a proprietária das terras, a Indústria Klabin⁸⁹, antes que a Fazenda Fortuna, com uma grande extensão de terras, fosse comprada. Almejada por diferentes grupos de agricultores, o negócio foi finalmente fechado no ano de 1973, entre a *Klabin* e a *Cooperativa Batavo*. Após a compra, a área da fazenda foi subdividida e vendida aos associados interessados em Carambei.

A cooperativa expandiu seus negócios, inaugurando um entreposto com armazém e secadores, para que a produção fosse armazenada e escoada diretamente de Tibagi, além do posto de abastecimento de combustíveis da cooperativa. Mais uma vez, a técnica do plantio direto na palha obteve um grande sucesso e atraiu outros agricultores para o município, que transformaram muitos dos grandes campos de pastagem em áreas destinadas à agricultura.

Foi nesta época, quando a agricultura mecanizada passou a predominar entre as atividades agrícolas e cada vez mais investimentos tecnológicos foram feitos, que o desenvolvimento econômico e social do município aumentou, tornando a agricultura a principal atividade econômica do município⁹⁰. Cada vez mais jovens descendentes de holandeses decidiram trabalhar nas grandes extensões de lavouras, características de Tibagi, e acabaram se casando com moças brasileiras de Tibagi, formando famílias totalmente integradas na sociedade local.

De maneira diferente das três colônias paranaenses, onde as pessoas vivem mais próximas umas às outras em comunidade, os migrantes holandeses em Tibagi moram espalhados nas fazendas e na cidade, fazendo com que não haja a característica de colônia. De acordo com o diretor do museu histórico de Tibagi, Neri

⁸⁹ A *Klabin*, com mais de 120 anos de história, é a maior produtora e exportadora de papéis para embalagens do Brasil (KLABIN, 2022). A Indústria Klabin era a proprietária da *Fazenda Fortuna*, arrendada pelos holandeses.

⁹⁰ A produção de trigo, arroz, soja, milho e polvilho em larga escala mudaram a economia de Tibagi a partir da década de 1970.

Assunção⁹¹, “A cultura é preservada através da religião e em muitos costumes, mas de modo geral, a cultura dos imigrantes e das famílias que já viviam aqui estão indissociadas” (PREFEITURA DE TIBAGI, 2011)

Como a história dos holandeses está integrada à história de Tibagi, também as suas memórias estão contidas em um espaço conjunto, no *Museu Casa do Colono*, fundado em 2003, onde há objetos e documentos pertencentes a diversos imigrantes europeus, doados pela comunidade, incluindo informações sobre a presença holandesa em Tibagi, em forma de arquivos e exposições temporárias.

Em relação aos três pilares de sustentação: educação, religião e cooperativismo, a educação dos filhos dos migrantes ficou a cargo das escolas já presentes na cidade quando as famílias chegaram e, no âmbito da religião, no ano de 1975, jovens casais que haviam se mudado de Carambeí para Tibagi sentiram o desejo e a necessidade de uma igreja, o que possibilitou a formação de um trabalho missionário da IER em Tibagi, visto que neste período não havia nenhuma Igreja Evangélica na cidade.

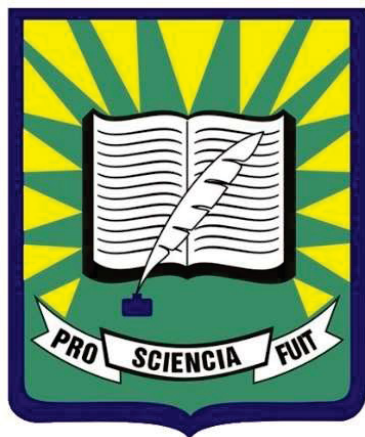
Alguns anos depois, no dia 4 de março de 1979, o Templo da *Igreja Evangélica Reformada de Tibagi* foi inaugurado e os próprios membros ficaram responsáveis pelos cultos, até que o primeiro pastor fosse contratado para trabalhar na igreja, em 1981 (HISTÓRIA, 2023)

Hoje em dia, descendentes dos pioneiros holandeses que foram para Tibagi em 1964 ainda moram e trabalham em Tibagi com suas famílias, formando um núcleo de holandeses ativos na sociedade tibagiana; inclusive o atual prefeito da cidade, Artur Ricardo Nolte, conhecido como Butina, é descendente de holandeses, demonstrando o envolvimento dos holandeses em todos os âmbitos.

⁹¹ O *Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior*, inaugurado no dia 03 de abril de 1987, é o único do sul do país que apresenta a história da mineração e do garimpo.

2.3.8 Maracaju – MS (1972)

FIGURA 15 – BRASÃO DA CIDADE DE MARACAJU (MS)



FONTE: Prefeitura de Maracaju (2022).

FIGURA 16 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE MARACAJU (MS)



FONTE: Wikipedia (2022).

Maracaju é um município da microrregião de Dourados, no sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, na Região Centro-Oeste do Brasil.

Na década de 1970, uma nova fase de colonização holandesa se iniciou, a chamada colonização espontânea, sem o envolvimento de associações ou cooperativas e caracterizada por propriedades estabelecidas nas proximidades de uma cidade existente, com pouca ou nenhuma associação a uma instituição comum, como uma cooperativa, por exemplo. O exemplo mais antigo deste tipo de colonização é Maracaju.

Ao redor de 1970, muitos gaúchos, principalmente filhos de imigrantes, começaram a migrar para o centro oeste do Mato Grosso⁹² e quando voltavam ao Rio Grande do Sul em visita, contavam sobre a região em que viviam e produziam. Isso despertou o interesse de alguns agricultores gaúchos e da Colônia Castrolanda, que decidiram ir conhecer a região.

Viajaram ao Mato Grosso em outubro de 1971 e andaram por toda a região sul do Estado, retornando entusiasmados com o que haviam visto e ouvido. Disseram que o Mato Grosso era um paraíso, com terras mais planas do que as holandesas e que filhos e amigos deveriam conhecer a região, fazendo com que outro grupo

⁹² O desmembramento do Mato Grosso do Sul ocorreu no dia 11 de outubro de 1977, e, em 1º de janeiro de 1979, o presidente Ernesto Geisel (1907 – 1996) elevou a região à categoria de estado.

viajasse em seguida e visitasse mais lugares para conversar com agricultores já estabelecidos na região. Ao final, chegaram à cidade de Maracaju⁹³, núcleo fundado em 1923 e emancipado de Nioaque em 7 de setembro de 1928 (HISTÓRIA, 2022). O prefeito da cidade os recebeu com interesse e os apresentou a fazendeiros locais.

A partir deste contato, os (i)migrantes compraram e arrendaram 900 hectares de terra e iniciaram o novo desafio. Em janeiro de 1972 começavam a chegar máquinas vindas do Paraná, para que as áreas compradas e arrendadas fossem cultivadas. Enquanto iniciavam em Maracaju, os agricultores continuaram produzindo no Sul, pois em Maracaju tudo era novo para eles e era necessário testar tudo antes de se obter sucesso, por conta do clima, do solo e das variedades de grãos tão diferentes da que estavam habituados no Sul.

Após passar por insucesso no primeiro plantio de trigo, prepararam a terra para o plantio da soja e arroz. O plantio ocorreu de novembro a janeiro de 1973 e o resultado da colheita foi excelente. Estes migrantes holandeses de origem mista, composta por filhos de imigrantes de Não-Me-Toque, das colônias paranaenses e das Holambras I e II, também introduziram a produção agrícola compartilhada com a criação de gado na região.

Os agricultores holandeses perceberam que era possível produzir muito no Mato Grosso do Sul com a técnica da integração agropecuária⁹⁴ e, juntamente com as outras dezoito famílias holandesas que vieram diretamente da Holanda, trabalharam firmes na construção de seu sonho de vida e trabalho, com as máquinas e o conhecimento que tinham na época.

Em um texto escrito em janeiro de 1987 para a *Centraal Maandblad*, a autora apresenta Maracaju, explicando quem são e como vivem os holandeses e seus descendentes: “muitos de vocês já devem ter ouvido falar de Maracajú, afinal, há famílias de todas as colônias aqui. No entanto, a maioria se estabeleceu aqui diretamente da Holanda. Um total de 25 famílias e seis solteiros vivem aqui.

E explica o motivo para esses (i)migrantes não serem considerados Maracaju uma colônia:

⁹³ O nome Maracaju tem origem na língua Guarani e significa "casa do papagaio". "Maracá" é o nome dado ao instrumento musical indígena que parece com um chocalho, enquanto "ju" significa "casa" ou "morada". Portanto, Maracaju é "a casa do maracá". O nome faz referência à grande quantidade de aves da região, principalmente os papagaios (QUAL, 2022).

⁹⁴ A integração agropecuária consiste em uma rotação de culturas agregada à criação de gado.

Então você poderia falar sobre uma pequena colônia, mas nunca diga isso aqui, porque você será olhado com raiva. Então, mantemos o conceito de assentamento holandês.

Mas qual é a diferença entre uma colônia e um assentamento? Bem, somos independentes uns dos outros em tudo. Não há escola própria. Maracaju tem sete escolas de "primeiro grau" e cada um envia seu filho para a escola que mais gosta. Há muitas igrejas em Maracaju e todos vão para aquela onde mais se sentem em casa. A cooperativa de Cotrijuí é majoritariamente brasileira. Ela tem 900 sócios.

Passaram por dificuldades, como a falta de estradas, de armazenagem, de transporte e de infraestrutura para produzir e escoar a produção, além da questão da moradia: os primeiros holandeses, por exemplo, tiveram que morar em barracas de lona montadas no mato até que, após alguns meses, casas com telhado de zinco começassem a surgir.

Os holandeses ajudaram no processo de produção, desenvolvimento e progresso de Maracaju, juntamente com gaúchos, japoneses e russos. Os holandeses e seus descendentes estão integrados em todas as áreas da sociedade maracajuense, conforme percebemos na fala de um dos pioneiros, conhecido como Henrique Holandês: “Posso dizer que temos muita história e que colaboramos com o desenvolvimento de Maracaju e região e que nosso dever foi cumprido no sentido de dar uma vida melhor para nossos filhos e netos e a todas as famílias de Maracaju. Amo esta terra e o povo de Maracaju.”⁹⁵

Maracaju não se assemelha às outras colônias em relação à sua organização, pois as propriedades estão espalhadas na região de Maracaju, em um raio de até 60 km, e os produtores não fazem parte de uma cooperativa, como ocorre nas outras colônias desta pesquisa, mas produzem e comercializam de maneira autônoma.

Os habitantes de Maracaju, entretanto, são unidos por meio da Associação Cultural Holandesa, que

promove as atividades e conagração dos holandeses e descendentes, preservando a cultura por meio de festas típicas, como a de São Nicolau, das danças e da gincana de carros. Um dos eventos mais tradicionais é a Festa das Nações – um sucesso com comidas típicas (PAULA, 2011, p. 115).

Para preservar a história da imigração, a Prefeitura Municipal de Maracaju inaugurou o *Museu de Tecnologia Regional de Maracaju* em 1994, no antigo paço

⁹⁵ HOJE, 2022.

municipal, e desde 2004, há uma sala especial, a sala dos holandeses, na qual a história da (i)migração é mantida e divulgada através de um acervo que inclui utensílios trazidos pelos (i)migrantes que se estabeleceram na região.

Assim como nos relatos sobre as outras colônias, a fé e a igreja representaram, desde o início, um alicerce importante em Maracaju. Muitas das famílias holandesas tinham sua origem na Igreja Reformada (Calvinista) e junto com as famílias luteranas da cidade, decidiram se tornar uma só igreja, por ambos os grupos serem pequenos, e assim fundaram a *Comunidade Evangélica de Confissão Luterana* em Maracaju, no dia 10 de março de 1974. Os primeiros cultos aconteciam nas residências das famílias, e eram celebrados por membros da comunidade e por pastores que tinham residência em Dourados, mas conforme o número de membros crescia, as casas não comportavam mais estes grupos.

A Igreja Católica, observando a dificuldade dos luteranos, cedeu, então, uma sala na Escola Paroquial Católica, para que os luteranos pudessem realizar seus cultos dominicais. Em 1978, os membros adquiriram um terreno próprio e iniciaram a construção do *Pavilhão Multiuso*, inaugurado em 20 de maio de 1980. Mais de 40 anos depois, o sonho do templo foi realizado e concretizado: no dia 11 de fevereiro de 2017 foi realizado o *Culto de Inauguração e Dedicção do Templo*.

Os filhos dos (i)migrantes holandeses frequentaram as escolas existentes na cidade ao invés de uma escola especificamente fundada pelos (i)migrantes; não havendo, portanto, o ensino formal da língua holandesa.

No mesmo relato de 1987, a autora resume bem a situação de Maracaju, ao escrever:

Mas qual é o sentido de se juntar, então, você pode se perguntar. Os semelhantes se procuram? Não, porque você nunca viu tantos tipos diferentes de pessoas juntas como é o caso aqui. Compatriota à procura de compatriota? Sim, isso sim. No início, por exemplo, nos ajudamos muito aqui: assinando como fiador uns para os outros no banco, resolvendo problemas linguísticos, dando conselhos no campo agrícola, e assim por diante.

Mesmo estando tão afastada das outras colônias⁹⁶, Maracaju participa ativamente da revista *De Regenboog* e mantém contato forte com as outras colônias, visto que há familiares e amigos em quase todas elas até hoje.

⁹⁶ A colônia que fica mais próxima de Maracaju (MS) é Arapoti (PR), a 809 km de distância.

Este estudo histórico sobre a presença holandesa no Brasil, com foco em cada colônia objeto de análise, visa fornecer informações relevantes que enriquecem a compreensão da história da revista. Os relatos apresentados contribuem para a compreensão da relevância atribuída a temas específicos na revista e elucidam os motivos que levaram à sua criação.

Embora este texto possa ser ampliado significativamente, dada a vasta disponibilidade de material de pesquisa sobre a maioria das colônias, como livros, cartas, entrevistas, pesquisas, reportagens e documentários, um aspecto de particular interesse nesta pesquisa é a questão do uso e domínio do idioma holandês nas colônias, que será detalhadamente abordado em um capítulo específico.

Além da (1) revista *De Regenboog*, que une as colônias abordadas nos tópicos anteriores, trazendo notícias sobre a realidade dos outros imigrantes e seus descendentes aqui no Brasil, (2) das redes sociais e websites direcionados a esse público, da *Embaixada dos Países Baixos*, das *Associações Culturais*, da *Associação Cultural Brasil-Holanda*, entre outros, há uma outra demonstração da união entre as colônias: (3) o *Zeskamp*, a Olimpíada anual entre as seis Colônias Holandesas do Brasil: Holambra I e II, ambas do estado de São Paulo, Não-Me-Toque, do Rio Grande do Sul, e Arapoti, Carambei e Castrolanda do Paraná, com centenas de visitantes e atletas. Esta Olimpíada foi fundada com o objetivo de promover e manter o contato entre as comunidades das colônias holandesas. E é organizada desde 1977, sendo sediada por uma colônia diferente a cada ano. Holandeses de outras localidades fora destas seis colônias também são bem-vindos a participarem do evento como espectadores (STAPELBROEK, 2016).

Zeskamp 2015 Holambra



Wist u dat de eerste Zeskamp in 1976 werd gehouden op Holambra?

Dat dit was om de vriendschappen te bevorderen tussen de jeugd van alle kolonies?

De eerste jaren een "joker" werd gebruikt om gelijkspel te voorkomen?

Maar de creativiteit raakte op en nu gebruiken we een vlaggetje.

Reserveer vast 22-23-24 en 25 juli 2015



Você sabia que o primeiro "zeskamp" foi realizado em 1976 em Holambra?

Com o objetivo de estimular as amizades e a integração entre os jovens de todas as colônias?

Que nos primeiros anos era usado um coringa "joker" para evitar empates nas provas?

Mas a criatividade acabou e agora usamos bandeirinhas.

Reserve desde já os dias 22-23-24 e 25 de julho 2015

FIGURA 17 – CURIOSIDADES SOBRE OS ANOS INICIAIS DO ZESKAMP (*De Regenboog*, novembro de 2014, ano 16, n. 188, p. 5)

O capítulo seguinte descreverá a pesquisa feita sobre a revista, com dados históricos e de conteúdo.

3. ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DA REVISTA

Passando agora para o objeto principal desta pesquisa, a revista, o presente capítulo traz informações sobre os setenta anos de história da revista, começando pelo ano de 1953, ano do surgimento da *Batavo-Post* (outubro de 1953 a setembro de 1954), passando à primeira versão da *Centraal Maandblad* (outubro de 1954 a dezembro de 1961), seguindo para a segunda versão da *Centraal Maandblad*⁹⁷ (1961 a 1998) para então chegar à revista intitulada *De Regenboog – Arco-íris* (1999 até 2019) e, finalmente, à *De Regenboog*⁹⁸ (2020 até os dias atuais).

Nome da Revista ⁹⁹	Período de circulação	Assinatura
<i>Batavo-Post</i>	De outubro de 1953 a setembro de 1954	Gratuita para sócios
<i>Centraal Maandblad</i>	De outubro de 1954 a dezembro de 1961	Gratuita para sócios
<i>Van Braziliaans Erf</i>	De agosto de 1977 a setembro de 1977	Gratuita para sócios
<i>Centraal Maandblad</i>	De setembro de 1977 a janeiro de 1999	Gratuita para sócios
<i>De Regenboog – O Arco-Íris</i>	De março de 1999 a dezembro de 2019	Paga
<i>De Regenboog</i>	De janeiro de 2020 até os dias atuais	Paga

⁹⁷ Houve algumas campanhas para a escolha de um nome, mas nada foi decidido e o nome se manteve o mesmo até o final da revista, no mês de dezembro de 1998, após 38 anos de existência. Até hoje, muitas pessoas chamam a *De Regenboog* de *Centraal Maandblad* (o que não deixa de ser uma descrição correta, pois significa “revista mensal central”)

⁹⁸ A redação optou por manter apenas o nome *De Regenboog* a partir de 2020, para não causar confusão quanto ao público-alvo da revista.

⁹⁹ *Batavo-Post* (Correio da Batavo), *Centraal Maandblad* (Revista Mensal Central), *Van Braziliaans Erf* (Do Quintal Brasileiro), *De Regenboog* (O Arco-Íris)

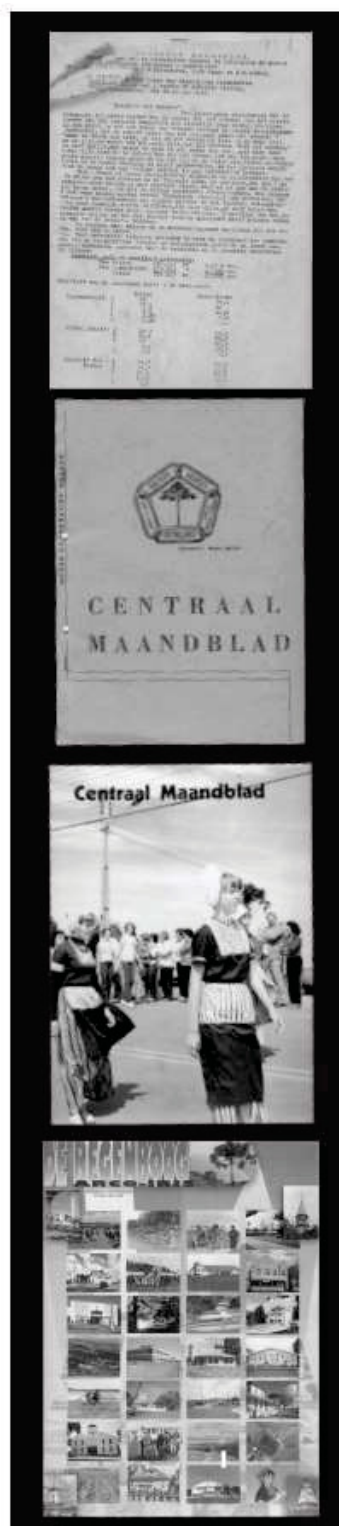


FIGURA 18 – EXEMPLOS DE CAPAS DAS DIFERENTES FASES DA REVISTA¹⁰⁰ (*De Regenboog*, fevereiro de 2013, ano 14, no 167, p. 4)

Este capítulo tratará de cada fase de existência, mostrando as características da revista no decorrer dos anos, conforme a sua ordem cronológica de publicação, com a mudança de conteúdo, de formato, de nome e de público-alvo; falará sobre as contribuições de leitores e notícias sobre as colônias, sobre o Brasil e sobre o mundo, com foco especial na Holanda. Serão apresentadas seções da revista, exemplos de artigos, de anúncios, da interação entre os leitores e a redação, das adaptações necessárias e sempre comunicadas aos assinantes, entre outras informações.

A revista sempre contou com a contribuição mensal de voluntários, inicialmente apenas de Carambeí, passando a ter a participação de Castrolanda, seguido por Arapoti e, com o passar do tempo, de cada uma das localidades descritas no capítulo: colônias do Brasil República.

Partindo para o início do boletim, a comunicação entre diretoria e associados da Batavo já ocorria em forma de boletim escrito no ano 1953¹⁰¹, de forma simplificada, sucinta, e em pequena escala.

Há alguns registros deste período no Centro de Documentação da ACBH, com páginas avulsas desse período, porém não há edição completa. É possível comprovar a existência do boletim no ano de 1953 pelos relatos em outros números da revista, que mencionam outubro de 1953 como o primeiro mês e pelo fato de os boletins de 1954 possuírem a informação *2de jaargang* (ano 2).

Uma página avulsa disponível do boletim *Batavo-Post*, de outubro de 1953, contém um anúncio convidando os jovens de Carambeí e Castrolanda a participarem de um evento em Curitiba:

Procura-se: Jovens de Carambeí para, juntamente com um grupinho de jovens de Castrolanda, participar da abertura da exposição mundial em Curitiba¹⁰², em traje típico holandês, e ensaiar um programa curto. Inscrever-se o quanto antes junto à redação. Além disso, gostaríamos de pedir emprestada uma roda de fiar ao proprietário(a) para expor no evento.¹⁰³

¹⁰⁰ As capas estão dispostas nesse formato e posição na revista. No decorrer da tese, haverá fotos de capas de cada período também.

¹⁰¹ A foto deste boletim está no anexo 2, p. 293

¹⁰² A *Exposição Mundial do Café* ocorreu em Curitiba entre dezembro de 1953 e março de 1954. A notícia foi publicada no jornal Flan, de 6 a 13 de dezembro de 1953, p. 42 (EXPOSIÇÃO, 2021).

¹⁰³ Todos os trechos retirados do *Batavo-Post*, *Centraal Maandblad* ou *De Regenboog* citados nesta tese (salvo se houver o aviso de que o texto original foi redigido em português) foram escritos em holandês e traduzidos para o português por mim.

Na primeira edição de 1954 do boletim mensal *Batavo-post*, a introdução sobre seus objetivos foi bem clara¹⁰⁴:

Finalmente o tão esperado mimeógrafo (*stencilmachine*) chegou. É verdade que todas as dificuldades não estão superadas com isso, porque os estênceis ainda não chegaram, exceto alguns, que não pertencem à máquina e que devem ser adaptados para caber nela. Mesmo assim, queremos começar em uma escala bem pequena por enquanto. Com isso surge o primeiro número.

Todos sabem qual é o propósito, a saber, haver uma forma regular de contato entre a direção da cooperativa e a liderança da fábrica, de um lado, e os cooperados de outro. Uma exposição mensal sobre os principais acontecimentos, esclarecimento de pontos não compreendidos e treinamento onde houver necessidade, aconselhamento em relação à situação da ração e fertilizantes etc.¹⁰⁵ Há muitas possibilidades.

Como foi observado anteriormente, isso só pode dar certo com a cooperação de todos. Para o boletim dar certo, a direção e a redação precisam saber sobre qual assunto os cooperados querem ouvir. Caso haja dificuldades que necessitem de solução, dirija-se à direção, caso haja reclamações, não saia falando sobre isso com todo mundo, mas dirija-se à direção, que certamente tentará encontrar uma solução.

A cada mês este boletim estará pronto para os senhores. Se possível, cada desejo será levado em conta. De maneira modesta também haverá espaço para “textos enviados” (contribuições). Depende totalmente dos senhores, se os resultados serão o que podem ser¹⁰⁶. E desta forma, temos o “primogênito”. Esperamos que seja um sucesso.¹⁰⁷ KM¹⁰⁸

A redação do boletim era composta por P. v. Santen e K. v. d. Meer e a colaboração técnica era feita por G. Biesheuvel.

¹⁰⁴ O texto original está no anexo 3, p. 294.

¹⁰⁵ Essa visão estratégica de investir em pesquisa e desenvolvimento agropecuário, desde o início, primeiramente através do programa **LOVO**, das iniciais de **Landbouw** (agricultura), **Onderzoek** (pesquisa), **Voorlichting** (informação), **Onderwijs** (ensino), com o auxílio de técnicos enviados pelo Governo Holandês (BORG, 2009), depois através da CCLPL, por meio do DAT (Departamento de Assistência Técnica) e posteriormente por meio da Fundação ABC foi um diferencial competitivo importante (COOPERATIVAS, 2022).

¹⁰⁶ Essas palavras estavam sublinhadas no original.

¹⁰⁷ No original, o autor utilizou a expressão “in zee gaan” na penúltima frase, que significa literalmente “adentrar o mar”, e quer dizer iniciar algo, na tradução optei por usar o termo “temos”. Na frase final, fazendo uma alusão a essa expressão, o autor utilizou a frase “een goede reis en behouden vaart” (uma boa viagem e navegação segura), que traduzi como “esperamos que seja um sucesso”. O uso de expressões ligadas ao mar e à água é recorrente, pois eles fazem parte da realidade holandesa desde sempre e a navegação e a luta contra a invasão da água está no conhecimento e no imaginário de todos.

¹⁰⁸ KM era a maneira como o senhor Keimpe van der Meer (1912 - 1995) assinava seus textos. O jovem professor holandês, nascido na cidade de Franeker, província de Friesland, chegou em Carambeí no ano de 1936, para substituir o professor Jacob Voorsluys. Em 1941, ele assumiu a contabilidade da cooperativa e em 1946, após ser convocado pelo exército holandês para lutar na Segunda Guerra Mundial e retornar a Carambeí, foi eleito diretor-secretário da cooperativa Batavo. Ele representou muito para a cooperativa e para a colônia em diversos aspectos, incluindo a redação do Boletim *Batavo-Post* e mais tarde da *Centraal Maandblad*.

O conteúdo¹⁰⁹ do boletim número 1, com apenas três páginas, estava dividido da seguinte maneira:

Original em Holandês	bladzijde	Tradução em Português	página
Onze krant	1	Nosso boletim	1
Ontvangen melk in september 1953	1	Leite recebido em setembro de 1953	1
Kwaliteit v.d. ontvangen melk September en Oktober 1953	1	Qualidade do leite recebido em setembro e outubro de 1953	1
Aflevering en kwaliteit v.d. producten	2	Entrega e qualidade dos produtos	2
Diverse mededelingen	2	Diversos comunicados	2
Landbouw commissie	2	Comissão de agricultura	2
Wegen commissie	2	Comissão de estradas	2
Melkprijs	2	Preço do leite	2
Voersituatie	3	Situação da ração	3
Kunstmest	3	Fertilizantes	3
Philipslampen	3	Lâmpadas Philips	3
Veemarkt	3	Mercado de gado	3

A função do boletim, que iniciou neste novo modelo em janeiro de 1954, era estabelecer o contato regular e a comunicação constante entre o conselho administrativo da cooperativa, a direção da fábrica e todos os sócios da cooperativa. O objetivo era prestar contas e comunicar novidades técnicas agrícolas, técnicas e resultados da produção de leite, assim como trazer notícias da cooperativa, que contava com um número cada vez maior de associados. Havia muita informação sobre a produção e qualidade do queijo, mas também sobre a produção do leite, o cultivo do arroz e sobre o uso correto dos inseticidas, por exemplo.

Em uma época em que a comunicação não estava desenvolvida como atualmente, um boletim como este auxiliava na interação necessária para o bom funcionamento da cooperativa e das propriedades. Era sua função também informar sobre assuntos de interesse geral, como convites e relatos sobre eventos de intercâmbio cultural e esportivo com Castrolanda.

Notícias e avisos de interesse público sobre saúde eram tratados com atenção pela redação, como podemos ler no anúncio de C. Kurk, na revista de janeiro de 1955 (p.3), por exemplo, que avisava que “na terça-feira, 01 de fevereiro, entre as 14:00 e as 16:00 horas, será possível retirar um xarope contra a paratifoide para crianças de 2 a 8 anos. Trazer uma garrafinha limpa!”.

¹⁰⁹ Os índices com os conteúdos de alguns outros boletins estão no anexo 4, p. 295.

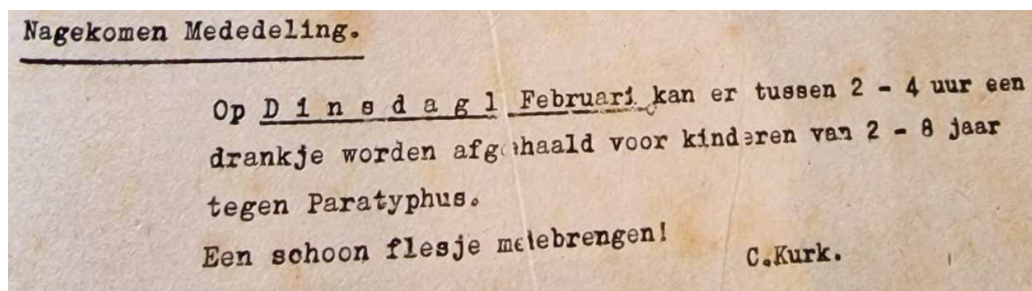


FIGURA 19 – AVISO SOBRE XAROPE CONTRA A PARATIFOIDE (*Centraal Maandblad*, julho de 1955, ano 3, n. 7, p.3)

Além disso, havia a possibilidade de qualquer pessoa anunciar produtos, como gás, máquinas, móveis e utensílios domésticos (muitas vezes por motivo de mudança, principalmente de retorno à Holanda), entre eles, um rádio transistor e radiolas, por exemplo. Animais, como bezerros ou novilhos puro sangue e cavalos eram anunciados com frequência para venda ou troca; além de feno, madeira, bens e serviços, como o de tradução, de tratamentos dentários, cuidados com o cabelo, transporte, passagens aéreas ou marítimas e conserto de pneus.

Houve várias ofertas de emprego em propriedades, nas lojas das cooperativas ou para exercer a função de gerente, ou de atendente de loja, por exemplo. Em alguns casos era especificada a necessidade, ou exigência, do domínio da língua portuguesa, holandesa ou ambas:

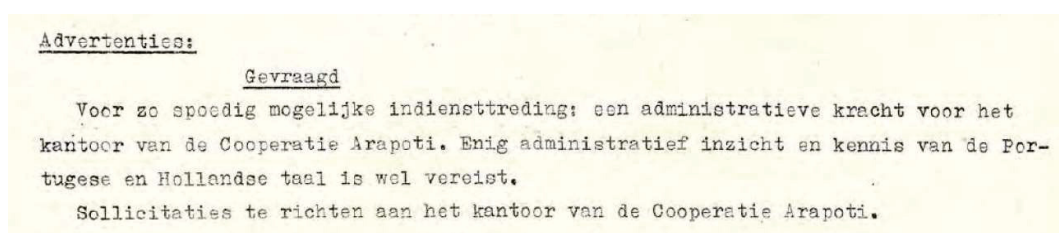


FIGURA 20 – ANÚNCIO DE EMPREGO PARA BILINGUES I (*Centraal Maandblad*, outubro de 1964, ano 4, n. 10, p. 18)

Nesse anúncio para um colaborador administrativo está escrito que “*enig administratief inzicht en kennis van de portugese en Hollandse taal is wel vereist*” (Alguma compreensão administrativa e conhecimento da língua portuguesa e holandesa são necessários).

Em outro anúncio para auxiliar de escritório, foi especificado que “*geen bijzondere kennis is vereist. Gewenst is een behoorlijke kennis der nederlandsche taal*” (nenhuma habilidade especial é necessária. Desejável é um conhecimento adequado da língua holandesa):

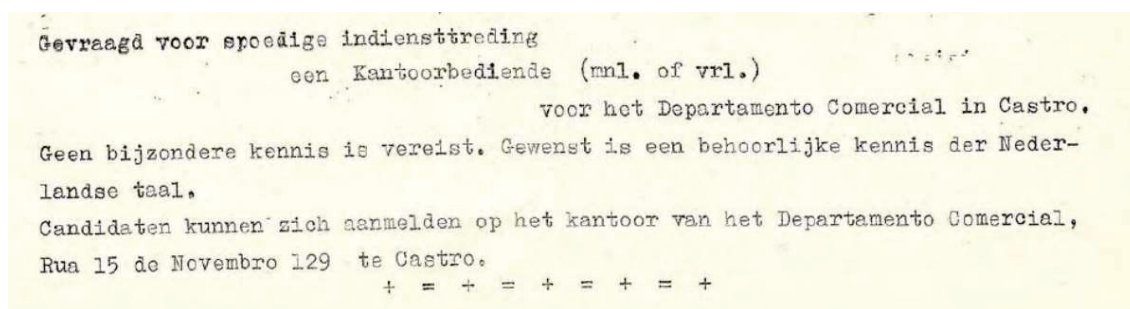


FIGURA 21 – ANÚNCIO DE EMPREGO PARA BILINGUES II (*Centraal Maandblad*, abril de 1964, ano 5, n. 4, p. 19)

O boletim também possibilitava anunciar a venda de lotes de terra, sendo o mais significativo, o anúncio de lotes em Arapoti, em agosto de 1964, pela CCICBMC¹¹⁰, “com a condição de que as pessoas se estabeleçam nesta terra em no máximo 2 anos”, pois o objetivo era povoar Arapoti o quanto antes, para que mais pessoas morassem e desenvolvessem a colônia de Arapoti.

Os avisos também incluíam convites para o trabalho voluntário, como quando as mulheres que faziam trabalhos manuais foram convidadas a contribuir com trabalhos para o bazar da igreja.

Houve também pedido de empréstimo de malas (em boa condição); aviso sobre uma caneta tinteiro encontrada na beira da estrada; itens recebidos da Holanda que estavam esperando para serem retirados e a chegada de novos títulos à biblioteca da colônia¹¹¹.

¹¹⁰ CCICBMC: Cooperativa Central de Imigração e Colonização do Brasil Meridional e Central.

¹¹¹ É característico dos holandeses gostarem de leitura. Relatos de família contam que, nos anos iniciais no Brasil, durante o jantar, ao redor da mesa, o meu avô e os filhos aproveitavam o restante de luz natural para ler seus livros. Fizeram isso até o dia em que minha avó proibiu esse hábito antissocial. Na verdade, é possível comparar esse fato ao costume atual das famílias de estarem cada um no seu celular enquanto estão com os outros membros ao redor da mesa.

O preço dos anúncios foi mudando, juntamente com as mudanças na moeda brasileira, mas inicialmente o valor era de Cr\$ 15,00 para publicar um anúncio de até quatro linhas uma vez, e Cr\$ 25,00 para publicá-lo duas vezes¹¹².

A revista era gratuita para sócios da Batavo e os demais interessados pagavam o valor de Cr\$ 25,00 por uma assinatura de meio ano.

Para demonstrar que o boletim não visava apenas a comunicação técnica e incentivava a abertura a novos e variados assuntos, podemos constatar que, no segundo número do boletim, já houve a contribuição de dois leitores, dando ouvidos ao pedido feito pela redação no início do boletim número 1, de 1954.

Um dos textos veio de um leitor que, utilizando o pseudônimo ... **van Leene**¹¹³, começou a escrever crônicas na seção chamada *Bij ons in de kolonie* (na nossa colônia), sendo esta primeira crônica sobre o grande número de nascimentos em duas famílias de Carambeí, comparando o fato a uma partida de futebol, com resultado de “7-9”, texto que teve reação de protesto no boletim seguinte.

O segundo texto foi enviado por Johan Eigenberg, leitor que escreveu uma carta de Groningen, província no norte da Holanda, agradecendo pela primeira edição, e relatando sobre um programa de rádio que ele ouviu na Holanda, contendo entrevistas com pessoas de Castrolanda e Carambeí, algumas delas conhecidas suas desde o tempo em que ele passou no Brasil.

No boletim número 3, de março de 1954, há o registro feito sobre a fundação da *Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda* (doravante Cooperativa Central ou CCLPL), fundada no dia 1 de março de 1954 pelas cooperativas Castrolanda e Batavo. A História do boletim a partir deste momento está íntima e diretamente ligada à história da CCLPL:

Na segunda-feira passada, na casa de L. de Geus, foi fundada a *Cooperativa Central de Laticínios*, com a qual as colônias Castrolanda e Carambeí deram um passo importante.

É certo de que as dificuldades não foram todas vencidas com isso; na verdade ainda estamos no início, e, mesmo assim, agora temos que chegar

¹¹² O Cruzeiro, ou cruzeiro “antigo”, esteve em vigor entre 1 de novembro de 1942 e 12 de fevereiro de 1967. O valor dos anúncios atualizados pelo IGP-DI em 31 de janeiro de 2023 seria de R\$ 18,49 (Cr\$ 15 em 1954) e R\$ 30,82 (Cr\$ 25 em 1954) (CÁLCULO EXATO, 2023)

¹¹³ O pseudônimo era composto pelas reticências seguidas pelas palavras *van Leene*: ... **van Leene**. Como esse ou essa autora gostaria de ficar anônimo, usou essa maneira para manter o suspense e provavelmente aguçar a curiosidade dos leitores.

lá. Se, também na prática, as duas colônias arregaçarem as mangas, os planos têm que dar certo. [...]

Esperamos de coração que, com a fundação da *Cooperativa Central*, as duas colônias, sob a bênção de Deus, possam iniciar um período de grande florescimento e forte crescimento e que não permaneça apenas entre as duas colônias.

Muito importante para isto é que a produção de leite aumente o quanto antes, para que a fábrica nova possa trazer o retorno financeiro o quanto antes e funcionar com a capacidade planejada. [...]

Nelson diria: *England expects that every man will do his duty* (a Inglaterra espera que cada homem faça a sua parte)¹¹⁴, e nós dizemos de maneira mais simples ainda: contamos com a colaboração de todos. Portanto, certamente haverá essa produção.

Nesse mesmo número, é possível ver que a revista era lida e comentada por mais pessoas, e a contribuição de *Van Leene*, que se manteve anônimo/a no boletim número 2, aguçou a curiosidade dos leitores e fez com que alguns até ficassem bravos por causa do conteúdo do texto. A redação então deu o ultimato: ou a pessoa se identificava para pelo menos um dos redatores, ou seus textos não seriam mais publicados:

Protesto recebido:

Chegou à redação um forte protesto de alguém que se sentiu injustiçado pela crônica publicada pelo *senhor? senhora? senhorita? van Leene* no último boletim: havia um erro no resultado da partida (de futebol) descrita. A posição no Pilatos não é 7-9 no momento, mas sim 8-9. A redação comunica isso a*van Leene* e a todos os leitores e leitoras, com o pedido educado de desculpas. Veja só, ...*van Leene*, se você¹¹⁵ quiser ser “juiz”¹¹⁶ em uma partida, não seja um “juiz ladrão”. Você deve querer se desculpar dizendo que esqueceu um dos gêmeos, ou talvez, que não é possível fazer dois gols ao mesmo tempo em uma partida de futebol, mas como nos foi assegurado, isso é possível na “bola militar”¹¹⁷. Você terá, portanto, que aceitar a reclamação como correta e admitir que o resultado oficial é 8-9.

¹¹⁴ *England expects that every man will do his duty*. (A Inglaterra espera que cada homem faça a sua parte) foi uma mensagem transmitida pelo Almirante Horatio Nelson de seu navio-almirante HMS Victory no momento em que a Batalha de Trafalgar, confronto naval decisivo das Guerras Napoleônicas, estava prestes a começar, em 21 de outubro de 1805 (ENGLAND, 2023).

¹¹⁵ No original é usado o pronome pessoal formal em segunda pessoa singular e plural “u”, que se traduz por senhor(es) e senhora(s). Como esse texto justamente relata a identidade misteriosa de Van Leene, optei por usar “você” na tradução.

¹¹⁶ As palavras “juiz”, “juiz ladrão” e “bola militar” estão em português e entre aspas no texto original. É interessante perceber que, desde o início da revista, palavras em português eram usadas, de maneira tímida, porém significativa, quando não havia um termo correspondente em holandês, como *gerente*, *frigorífico*, *farinha de milho*, *farinha de trigo*, por exemplo.

¹¹⁷ Bola militar é um jogo que se assemelha ao *rugby* europeu. É jogada por duas equipes de dezenove jogadores cada uma. O objetivo é fazer o maior número possível de pontos, arremessando a bola ou ultrapassando com ela os postos da meta adversária, evitando perder a posse da pelota (BOLA, 2020).

A diferença então não é tão grande e os Friezen¹¹⁸ não precisam se gabar tanto¹¹⁹. Que feio, ...*van Leene*, pense no que aconteceu em Dokkum no ano 754¹²⁰ e não dê a preferência aos Friezen.

Dessa vez publicaremos mais um texto seu, mas enfatizamos:

1º Você deve se identificar para pelo menos uma pessoa da redação.

2º Nada de puxar pro lado dos Friezen mais, se não daqui a pouco vêm os Drenten¹²¹ pedindo preferência etc.

Nós só temos que lidar com carambeianos aqui.

Havia a seção *merkwaardige feiten* (fatos notáveis) sobre assuntos diversos e variados, como descobertas científicas e em universidades, dicas domésticas e assuntos relacionados a educação. Um exemplo disso é o comunicado sobre o desejo de criação de um fundo de estudos para os jovens carambeianos, mostrando, mais uma vez, a importância dada à educação pelas colônias:

Fundo de estudo. Poucos sabem que várias vezes alguma ajuda já foi fornecida por particulares para o estudo da juventude carambeiana.

Embora isso fosse muito bem-vindo onde não havia outro acordo, agora está surgindo a percepção de que é desejável e necessário organizar o auxílio ao estudo.

Somente com união de forças podemos chegar ao ponto de dar a oportunidade aos jovens que têm "capacidade" e paixão pelo estudo de realmente completarem seus estudos.

É certamente necessário, porque uma colônia, onde faltam pessoas escolarizadas, é condenada antecipadamente ao declínio e, finalmente, ao fracasso.

Na associação de mulheres já foi tomada a iniciativa de criar um fundo e agora recebemos uma carta do Oom Herman, na qual faz um forte apelo por um fundo de estudo, a fim de poder pagar os estudos para futuros professores, enfermeiros, médicos, engenheiros etc.

O número 7, de julho de 1954, trouxe mais uma novidade, que passaria a ser marca da revista até os dias de hoje: falar sobre os acontecimentos sociais e familiares

¹¹⁸ *Friezen* são os nascidos na província de Friesland, no norte da Holanda.

¹¹⁹ No original a expressão é "*de Friezen hoeven niet zo hoog van de toren te blazen*", que traduzida literalmente é: Os frísios *não precisam soprar tão alto da torre* e significa "ter uma boca grande, erguer a voz, impor a opinião, comandar. A expressão data de 1914 e se originou dos alarmes de incêndio e ataques inimigos, quando sinais de trombeta eram dados a partir do alto da torre. O tocador da trombeta estava lá em segurança e, de sua posição elevada, podia tranquilamente comandar as pessoas da cidade, e cada um tinha apenas que obedecer (HOOG, 2023)

¹²⁰ No ano de 754, na cidade de Dokkum, na província de Friesland, o missionário Santo Bonifácio, enviado pelo papa para converter os frísios, foi brutalmente assassinado por eles (MOSTERT, 1999)

¹²¹ *Drenten* são os nascidos na província de Drenthe, no norte da Holanda.

dos imigrantes. Esta seria a primeira vez em que uma homenagem pessoal era feita, parabenizando um casal pelas bodas de 40 anos:

Bodas de 40 anos de “oom Jacob e tante Marie”. Pelo que ouvimos, este fato especial se aproxima, no dia 11 de agosto. Gostaríamos de transmitir os nossos melhores votos aos “noivos” e filhos e expressar o desejo de que o oom Jacob encontre tempo em breve para trabalhar em seu relato histórico sobre a colônia (de Carambeí).

No decorrer dos anos, houve o aumento de mensagens de parabéns foram sendo publicados por casamentos, bodas, nascimentos e algumas famílias também anunciavam, no boletim, o casamento de seus filhos, comunicando a data e horário em que os convidados seriam recepcionados. Houve até situações em que o aviso era de que o casal que comemorava bodas não contava com a visita de ninguém, mas que todos que quisessem aparecer, seriam bem-vindos¹²².

¹²² A partir o ano de 1976, casamentos e bodas foram descritos na edição que saía após o evento, na maior parte das vezes com fotos.



Huwelijk van Vivian Bosch en William da Rocha

Op 24 november gaven Vivian en William elkaar hun jawoord in een prachtige met veel bloemen versierde kerk. Velen hadden gehoor gegeven aan de zeer stijlvolle uitnodiging. De liturgie die in de kerkdienst gebruikt werd was van hetzelfde materiaal gemaakt. Dus de kerk was overvol. Geen wonder, want de familieleden wonen in alle drie de kolonies en vanzelfsprekend ook in Curitiba waar het bruidspaar elkaar heeft leren kennen en ook gaat wonen en werken.

Pastor Paulo had als tekst voor zijn preek Psalm 84 genomen. Het jeugdkoor zong een lied en een bevriend echtpaar zong een duet. Kortom, een fijne dienst.

Daarna begaven de talrijke genodigden zich voor een geweldig goede maaltijd naar de zaal van de Asfuca.

FIGURA 22 – RELATO SOBRE CERIMÔNIA DE CASAMENTO (*De Regenboog*, n. 105, p. 7, 2007)¹²³

Além das notícias festivas, a seção *In Memoriam*, presente desde o início do boletim, fazia homenagem a todas as pessoas que falecem nas colônias, fazendo um relato sobre a vida e papel de cada uma na comunidade em que viveu.

¹²³ Tradução: Em 24 de novembro, Vivian e William trocaram seus votos em uma bela igreja decorada com muitas flores. Muitos atenderam ao elegante convite. A liturgia usada na cerimônia religiosa foi feita do mesmo material. Portanto, a igreja estava lotada. Não é de surpreender, pois os membros da família vivem nas três colônias e, naturalmente, em Curitiba, onde o casal se conheceu e planeja viver e trabalhar. O Pastor Paulo escolheu o Salmo 84 como o texto de seu sermão. O coro juvenil cantou uma música e um casal de amigos cantou um dueto. Em resumo, foi uma bela cerimônia. Depois, os numerosos convidados se dirigiram para a sala da Asfuca para um excelente jantar.

Após sete meses de circulação do “novo” Batavo-Post, em agosto de 1954, a redação comunicou, no boletim número 8, que a revista passaria por uma nova mudança: a transição do *Batavo-Post* para a *Centraal Maandblad*. De maneira geral a mudança ocorreu mais na nomenclatura do que na aparência e no conteúdo, neste primeiro momento. A explicação sobre o motivo desta mudança e sobre os planos para a nova versão foi dada de maneira clara neste boletim¹²⁴:

Após uma edição reduzida no mês passado, poderíamos esperar uma edição “extensa”. Infelizmente ainda estamos no mesmo barco.

Até o colaborador técnico balanceia cuidadosamente os seus cabelos restantes quando pedimos pelo documento e afirma: no momento, sem tempo.

E mesmo assim, também agora não podemos nos desesperar. As ocupações do momento, as muitas preocupações relacionadas à aquisição da fábrica pela Central e o preparo dos novos trabalhos acabarão e daí haverá motivo para esperar uma melhora na situação atual da nossa “imprensa”. Há até uma chance de expansão. Foi decidido pelas direções da Batavo e da Central que com a aquisição da fábrica, também o *Batavo-Post* passará para a Central.

O propósito é que surja uma revista, com o nome provisório *Centraal Maandblad*, que trará as notícias da [Cooperativa] Central, em primeiro lugar, e onde também as cooperativas podem passar os comunicados em separado, e que será enviado para as duas colônias. Para isso haverá uma pequena mudança na redação. A solução mais provável será que seja nomeado um redator da Batavo e um da Castrolanda, e que o colaborador técnico também seja incluído na equipe como redator.

Naturalmente não é possível trazer as “notícias mundiais” em uma revistinha como essa, embora alguns reclamem também, que não estão a par dos acontecimentos faz meses. A imprensa aqui e a rádio nos mantêm, de maneira geral, mais bem informados, do que uma revistinha mensal poderá fazer¹²⁵. Está sendo ponderado encontrar um colaborador capaz, que poderá dar uma visão das notícias mundiais e da política. Espera-se que com o interesse suficiente dos leitores e dicas úteis, a revista possa se desenvolver e se tornar um elemento útil em nossa organização de colônias.

Batavo-Post está, portanto, dando os seus últimos passos. Ainda depende de alguns fatores, que não estão totalmente certos, para saber se este será o último ou o penúltimo número. Uma existência curta, da qual provavelmente o maior lucro não foi “o que” surgiu, mas sim que algo tenha surgido, com o qual em princípio, o primeiro passo instável é dado no “trono” do *Rei Imprensa*. Para cada rei, o trono é geralmente dotado de honra em seu primeiro ano de vida, com o que gostaríamos de dizer que não poderíamos ter exigências grandes demais e que não podemos levar a

¹²⁴ O original está no anexo 5, p. 298.

¹²⁵ Em uma época em que as pessoas ainda faziam grande uso da rádio para ouvir as suas notícias sobre a Holanda e sobre o mundo, a *Centraal Maandblad* era um acréscimo, mesmo que pequeno, de notícias mundiais e nacionais em língua holandesa. As famílias haviam trazido seu rádio de ondas curtas para poderem sintonizar na emissora holandesa “Radio Holland” (Radio Netherlands Worldwide – RNW), emissora pública internacional holandesa, fundada em 1947. A hora das notícias era um momento esperado do dia e a família toda se reunia em torno do aparelho, em absoluto silêncio, para saber o que ocorria na Holanda e no mundo em seu idioma familiar – o holandês (HISTORY, 2009).

redação muito a mal, se, ao “procurarem” e “tatearem” o que que os leitores desejavam, especialmente pela falta de reações dos leitores, não conseguiram encontrar exatamente o que era de desejo.

Ainda no mesmo boletim, lemos sobre a visita de um pastor às colônias que, entre outros compromissos, estava lá para trabalhar assuntos de interesse dos jovens, dando palestras para eles:

Visita às colônias. Recebemos a visita do Dr. D. K. Wielenga. Aqueles que o ouviram aparentemente gostaram e a sua intenção é dar uma palestra “para a juventude” aqui na igreja na próxima segunda-feira, 30 de agosto [de 1954]. [...] Se você pertence à “juventude”, não perca a oportunidade de se familiarizar com velhas verdades em roupagem moderna. Ouvi um dos jovens comentar: “não era um sermão em veste litúrgica, mas um sermão em traje de banho”, e realmente, isso faz sentido (essa observação).

Além da importância do ensino e orientação aos jovens, o interesse em aprimorar a vida cultural em Carambeí é expresso no boletim 8, de 1954:

A tentativa de fundar uma associação, com o objetivo de melhorar a vida cultural de Carambeí. Na primeira segunda-feira de setembro [1954] haverá uma reunião com os interessados para tentar fundar uma associação, que se proponha a, de vez em quando:

- a. organizar palestras com pessoas que possam nos trazer algo, tanto das colônias quanto de fora.
- b. trazer bons filmes no âmbito cultural e de ciência popular.
- c. proporcionar música e canto, concertos de gramofone, corais etc.
- d. conseguir mais leitura.

E outro artigo continua:

Associações para interesses culturais¹²⁶

Sim, isso é divertido! Uma associação! E com um nome tão bonito! Era disso que precisávamos em Carambeí. É sempre uma monotonia aqui. Você não tem quase nada para fazer aqui!

Bem, há uma associação de homens e uma associação de mulheres, uma associação de mulheres jovens e uma associação de meninas, e uma associação de meninas novas e uma associação de jovens e um clube de canto e um clube de futebol e um clube de vôlei e um clube de tênis de mesa e há cursos agrícolas e cursos de brasileiro e aulas de música e noites de conversa da Batavo e noites de contato de Castrolanda e, pois é, “uma monotonia”, vocês disseram, “não tem quase nada aqui”.

¹²⁶ *Vereniging voor Culturele Belangen* (Associação para Interesses Culturais) foi chamado de A.C.C. (Associação Cultural de Carambeí).

E o que será? Será sobre de tudo um pouco. Sobre música, sobre palestras, sobre um prédio para jovens, sobre filmes etc. O objetivo é que fique bonito, bonito e bom. Bom para Carambeí. Bom para os pais e bom para as mães – principalmente para os filhos.

E é esse o propósito, não é mesmo? Pelos desejos da nossa juventude: o futuro de Carambeí. Essa questão toda será discutida e explicada em uma reunião pública, que esperamos ter no próximo dia 06 de setembro [de 1954] na escola, às 20:00 horas.¹²⁷

Van Westering

No boletim de setembro de 1954, a notícia importante para os leitores é a que fala a respeito do andamento da passagem da fábrica para a nova cooperativa (CONHEÇA, 2023; CHAVES, 2010, p. 22):

O número de setembro desta vez saiu em outubro. As coisas estão andando, portanto. Isto se deve à elevada pressão sob a qual estamos trabalhando arduamente para que a aquisição da Batavo ocorra, com problemas não resolvidos de importação de maquinaria e da construção da fábrica levarem muito tempo e, especialmente no último ponto, infelizmente com pouca chance de sucesso imediato.

A súbita reviravolta na política nacional está nos proporcionando surpresas desagradáveis, mas temos que continuar, mas por causa de todas as mudanças das pessoas nas esferas superiores e das tensões do momento, atualmente é muito difícil.

Entretanto, a aquisição da fábrica ocorrerá em 1 de outubro, embora nem tudo tenha sido resolvido aqui.

Alguns meses após Batavo e Castrolanda se unirem e fundarem a Central, a redação lançou, finalmente, a *Centraal Maandblad – Intern Orgaan van de Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda – Fundada por BATAVO e CASTROLANDA*.

O primeiro artigo foi chamado *Beschuit met muisjes*¹²⁸ e dizia o seguinte:

Não, leitores, não um anúncio do padeiro (*bakker*). Neste caso, antes da enfermeira (*baker*)¹²⁹. A primeira edição da *Centraal Maandblad* precisaria,

¹²⁷ Em um boletim do ano seguinte, de julho de 1955, a A.C.C. faz um relato sobre os eventos e informa que o número de sócios da associação já é de 128.

¹²⁸ *Muisjes* (literalmente camundonginhos) simbolizam a fertilidade. *Muisjes* são feitos de sementes de anis, que são muito saudáveis para a amamentação que a mãe dá ao bebê. Portanto, é saboroso e saudável para todos! Comer *beschuit met muisjes* (torradas com *muisjes*) no nascimento de uma criança é uma tradição antiga. Quando nasce uma menina, os *muisjes* são cor-de-rosa, e quando nasce um menino, os *muisjes* são azuis (GESCHIEDENIS, 2023).

¹²⁹ A *baker* era uma espécie de doula. Ela acompanhava a parteira e já estava na casa da família alguns dias antes da mãe dar à luz. Cada vilarejo tinha diversas *bakers* até o século XX (BAKER, 2023). O autor faz uma brincadeira com palavras tão semelhantes na grafia, porém com significado diferente e falou sobre *bakker*, por ser quem fazia o *beschuit*, e *baker*, que ajudaria a criança a nascer.

na verdade, de algo semelhante para ser lançada. Em uma família, isso [comer *beschuit met muisjes*] é um sinal de alegria, por causa do novo cidadão do mundo. Talvez alguns da família *Central* [*Maandblad*] digam: "mas ainda não sabemos se isso é realmente algo para ficar feliz, ainda não sabemos o que será essa *Centraal Maandblad*".

Você está certo, muitas vezes não sabemos isso em uma família, mas todos fazem o seu melhor para ajudar que algo de bom cresça a partir do novo membro da família. Contamos agora também com todos os membros da Batavo e da Castrolanda para fazer da *Centraal Maandblad* um elo útil na nossa existência cooperativa.

Portanto: leia e deixe ler. Atente a outros para as informações que vêm do conselho e da administração. E ainda mais, também isso: não deixe os redatores no escuro, mas ocasionalmente comunique aos redatores o que você acha do conteúdo. Mencione assuntos que você acha que também devem ser tratados. Se possível, mencione o que você acha que poderia ser omitido na revista e também expresse interesse em novas seções que poderiam ser de valor para todos ou para muitos, e assim por diante.

Você entende, ajudar os redatores a transformarem a nossa revista em algo que é apreciado para ser lido e que atende à necessidade.

Não contamos apenas com a sua cooperação, também precisamos dela. Pode ser?

A primeira edição existente no Centro de Documentação da ACBH é a de maio de 1955. A redação contava agora com uma representante de Castrolanda, J. de Jager, e os anúncios custavam Cr\$ 15,00¹³⁰ por no máximo 5 linhas e a assinatura de meio ano custava Cr\$ 60,00. Nesta fase da revista, novamente a mudança física não foi tão representativa; porém, o conteúdo foi aprimorado e enriquecido com assuntos diversos relacionados a saúde, a lazer, a cultura, a dicas sobre administração doméstica, a política e à situação mundial.

Não havia um padrão e uma regularidade ainda nas colunas / seções da revista, porém, o que já era padrão, era o fato de que agora as notícias técnicas e de produção gerais vinham da CCLPL, e as duas cooperativas contribuíam com notícias técnicas e de produção locais em anexos, tendo inclusive que pagar Cr\$ 60,00 por anexo colocado em cada revista.

A seção que focava em acontecimentos locais e internacionais não era uma seção fixa e mudava de nome, como por exemplo *De Woelige Wereld* (O Mundo Turbulento), em maio de 1955, ou *Nieuws van Hier en Daar* (Notícias de Aqui e de Lá), em julho de 1955. Tratava de questões políticas, econômicas, de relações internacionais e de (rumores de) guerras, assim como fatos interessantes e/ou corriqueiros que os redatores encontravam sobre algum país ou personalidade

¹³⁰ O valor dos anúncios atualizados pelo IGP-DI em 31 de janeiro de 2023 seria de R\$ 13,37 (Cr\$ 15,00 em 1955) e R\$ 53,49 (Cr\$ 60,00 em 1955) (CÁLCULO EXATO, 2023).

estrangeiro ou nacional e descobertas na área da medicina, ciência ou indústria, além de notícias econômicas, na Holanda e no mundo.

Como a redação havia colocado já no início de sua existência, os leitores eram bem-vindos a contribuir e pedir temas para serem adicionados ao boletim, assim ocorreu em novembro de 1955 (p.4), por exemplo, quando pessoas pediram um maior esclarecimento sobre os acontecimentos políticos no Brasil:

Por diversos sócios nos foi pedido para escrever algo sobre os acontecimentos das últimas semanas neste país. De maneira muito sucinta, poderíamos resumir os acontecimentos da seguinte maneira, para evitar boatos alarmantes:

Uma minoria dos políticos estava em total desacordo com o resultado das eleições do dia 3 passado. Alguns estavam bem ferozes e exigiam que os candidatos eleitos não fossem nomeados. A maioria é de opinião de que os eleitos devem ser nomeados.

Com a doença do presidente¹³¹, uma decisão muito importante precisava ser tomada pelo seu substituto¹³², que para muitos significava: nomear ou não os candidatos eleitos¹³³. O presidente substituto tomou uma decisão, baseado em informações de alguns militares de alto escalão, que, segundo a opinião da maioria dos deputados e do Ministério da Guerra, trará grande perigo para a paz interna.

O Ministro de Guerra¹³⁴ pediu e teve concedida a demissão, mas se sentiu na obrigação, para evitar o derramamento de sangue, de retomar a função de ministro e dar o poder à câmara dos deputados, que nomearam um novo presidente substituto¹³⁵. O atual presidente queria voltar a governar, mas havia perdido a confiança da maioria e foi tido como "impedido de exercer suas funções". Ambas as câmaras aprovaram essas decisões por ampla maioria.

O assim chamado Golpe Preventivo ou "Contragolpe"¹³⁶ transcorreu completamente sem sangue e, de acordo com os jornais norte-americanos, a Constituição ainda parece muito saudável aqui depois.

A minoria não concordou com o curso dos acontecimentos, mas, no entanto, procurou uma solução pacífica. A fim de evitar distúrbios etc., que poderiam ocorrer, e para trazer o país de volta à calma total mais rapidamente, a lei marcial¹³⁷ foi anunciada, para que os excessos na imprensa e na rádio possam ser evitados. A lei marcial será realizada de forma muito branda. KM

¹³¹ O presidente Café Filho (1899-1970) assumiu a presidência da República com o suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, governando até o dia 8 de novembro de 1955 (ARQUIVO, 2023).

¹³² Carlos Luz (1984-1961) assumiu interinamente a presidência da República em 8 de novembro de 1955, como substituto legal de Café Filho, sendo deposto em 11 de novembro de 1955 (ARQUIVO, 2023).

¹³³ No dia 3 de outubro de 1955, Juscelino Kubitschek (1902 - 1976) foi eleito presidente e João Goulart (1919 - 1976) o seu vice (WESTIN, 2015).

¹³⁴ General Lott (1894 - 1984) Henrique Lott foi um militar e político brasileiro, que atingiu o posto de marechal, foi Ministro da Guerra, liderou o contragolpe militar, Movimento de 11 de novembro de 1955 e concorreu à Presidência da República nas eleições de 1960 (CARLONI, 2010).

¹³⁵ Nereu Ramos (1888 - 1958) governou entre 11 de novembro de 1955 e 31 de janeiro de 1956, quando ocorreu a posse de Juscelino Kubitschek (ARQUIVO, 2023).

¹³⁶ SILVA, 2023.

¹³⁷ SILVA, 2023b.

Era compreensível que fato tão importante e com tantas reviravoltas necessitasse de uma maior explicação na língua materna dos imigrantes, o holandês, e a redação não media esforços para esclarecer qualquer dúvida.

Anos mais tarde, uma notícia que chama a atenção é o projeto para ter uma nova colônia, no boletim número 5, de 31 de maio de 1958, ano 5, p. 2:

Possibilidades de uma terceira colônia na expansão alternativa das colônias existentes.

Há alguns dias, as colônias foram visitadas pelo sr. Fishburn, da embaixada dos EUA no Rio. Ele veio se informar sobre o projeto submetido ao *Development Loan Fund* (Fundo de Empréstimo de Desenvolvimento). O sr. Fishburn ficou satisfeito com o que viu nas duas colônias e não o escondeu¹³⁸. Também foi relatado que o exame preliminar do plano em Washington tem sido muito encorajador. É considerado aceitável.

[...]

É provável que haja trabalho a ser feito em breve. Tanto aqui como na Holanda.

[...]

Este assunto é de enorme importância tanto para as colônias quanto também para a central. E, claro, também para o agricultor individual. Com uma expansão considerável, podemos ser muito mais fortes em muitas áreas. Não apenas pelo material, no que diz respeito aos laticínios e, por exemplo, à compra de fertilizantes e afins, mas também no campo espiritual, há enormes vantagens em fortalecer o elemento holandês.

[...]

De qualquer forma, é claro que não devemos vender a pele antes que o urso seja baleado¹³⁹ e, portanto, vamos esperar e ver o que será decidido em Washington.

Em 1 de outubro de 1959 (ano 6, n. 9, p. 7) foi publicado um relato detalhado sobre a nova colônia de Arapoti, intitulado *De nieuwe kolonie bij Arapoti* (a nova colônia junta a Arapoti), com a descrição da localização, da cidade, da região, dos habitantes, dos estabelecimentos e facilidades que a cidade já oferecia, da fazenda *Bela Manhã*, com um detalhamento técnico sobre a sua vegetação e solo, além de falar sobre o clima.

¹³⁸ A expressão usada no texto original foi *De heer Fishburn was tevreden over wat hij in de beide kolonies zag en stak dit niet onder stoelen of banken*, com o significado literal de que *ele não colocou isso debaixo de cadeiras e bancos*, ou seja, escondeu isso.

¹³⁹ Em português, a expressão equivalente seria: “não devemos contar com os ovos antes da galinha botá-los”, ou seja, não dar por certo um resultado esperado, mas ainda hipotético.

O ânimo dos imigrantes estava grande em relação à nova colônia e aos preparativos para a sua existência e, no mês seguinte, em novembro de 1959 (ano 6, n. 10, p. 4), foi publicado o seguinte:

CONCURSO.

A Comissão de Imigração convida a todos os interessados para que participem do concurso NOME PARA A NOVA COLÔNIA. Os participantes são convidados a apresentar dois envelopes, dos quais o

nº 1: contém o nome proposto, possivelmente com uma explicação sobre como esse nome surgiu, e o

nº 2: que deve estar fechado, com o nome do participante (Por exemplo, o último envelope menor no primeiro envelope um pouco maior).

Desta forma, o nome da nova colônia pode ser selecionado primeiro e, em seguida, o nome do vencedor.

O prêmio poderá consistir em

- a) Um dia para a nova colônia. Com todos os custos pagos.
- b) Um álbum de fotos com fotos das colônias.

Entregar os envelopes no escritório da Central até o próximo dia 20 de novembro [de 1959].

Com os trechos selecionados é possível ter uma ideia de quais notícias e matérias circulavam pelas duas colônias nos primeiros sete anos de circulação do boletim e de como, sempre de novo, havia o pedido de cooperação e interação dos leitores.

Depois deste sete anos, mais uma mudança foi anunciada no dia 6 de janeiro de 1961 (ano 7, n. 12, p. 5), na matéria com o título *De Koning is Dood – Leve de Koning* (Rei morto – Rei posto), quando o redator faz uma descrição detalhada da trajetória do boletim, desde o seu início, descrevendo o aumento da circulação da revista em outras cidades e até estados, para então explicar o motivo que os levou a decidir mudar novamente: a partir deste momento, o foco da revista será nas 5 cooperativas participantes¹⁴⁰.

O autor dá uma explicação sobre a capa que a revista passa a ter, sobre a colaboração mensal fixa de cada cooperativa e sobre os assuntos variados que passarão a fazer parte da revista, inclusive voltados para o público feminino e jovem, tirando o foco da CCLPL, e, portanto, não trazendo mais dados técnicos de produção, que pudessem cair nas mãos de pessoas interessadas em copiar os produtos da

¹⁴⁰ Cooperativa Agro-Pecuária Arapoti Ltda.; Cooperativa Agro-Pecuária Batavo Ltda.; Sociedade Cooperativa Castrolanda Ltda.; Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda. e Cooperativa Central de Imigração e Colonização do Brasil Meridional e Central

CCLPL, como o *Chocomilk*¹⁴¹, por exemplo, produto de grande sucesso até os dias de hoje:

Rei morto – Rei posto¹⁴²

Já que este número será o último da nossa revista "*Centraal Maandblad*" na forma e no contexto em que foi publicado até agora, e que esperamos começar no próximo mês com a publicação da "*Centrale Maandblad*" das nossas várias cooperativas, esperamos ser capazes de mostrar um pacote um pouco mais atraente o mais rapidamente possível, embora não seja esse o caso dos dois primeiros números.

Gostaríamos de recordar o que a "*Centraal Maandblad*" realmente pretendia ser, uma substituta do *Batavo-Post*, uma espécie de revista de informação mensal publicada para os membros da cooperativa sobre assuntos internos da cooperativa, para manter os membros mais bem informados sobre os resultados dos negócios e assim por diante.

A Batavo costumava ser uma pequena cooperativa onde, na verdade, uma porcentagem considerável dos membros tinha uma influência direta no curso dos eventos através de uma posição no conselho.

[...]

Essa cooperativa, portanto, distribuía o *Batavo-Post*, no qual as notícias internas mais importantes eram fornecidas mensalmente e um relatório global mensal era dado sobre os resultados alcançados.

Na cooperação que se seguiu entre as cooperativas Carambel e Castrolanda, que juntas construíram a nova fábrica e fundaram a Cooperativa Central, o nome *Batavo-Post* foi, naturalmente, abandonado e substituído pela designação *Centraal Maandblad*.

No entanto, a intenção permaneceu: órgão interno da *Cooperativa Central de Laticínios*, com, no máximo, um folheto separado para a *Cooperativa Batavo* e a *Cooperativa Castrolanda* para notícias internas de lá.

Nos primeiros anos, os dados sobre o andar das coisas na cooperativa eram fornecidos o mais amplamente possível, e embora alguns membros ainda achassem muito pouco, outros julgaram que isso era demais, uma vez que o boletim não era estritamente mantido internamente, mas também perambulava por São Paulo, por exemplo, onde dava a outros holandeses a ideia (na medida em que ainda não estava presente em outras cabeças) que o *Chocomilk* parecia um bom produto para trazer para os outros e, assim, competir conosco.

[...]

No entanto, a proporção: Notícias da Central para notícias agrícolas especiais saiu cada vez mais desfavorável para a Central.

É por isso que nos perguntamos agora: não é desejável que haja uma revista verdadeiramente "Central", vinda das três cooperativas e com colaboradores fixos de cada cooperativa? [...]

¹⁴¹ Em 1951, a *Cooperativa Batavo* criou uma bebida achocolatada e a comercializou com o nome *Choba* (derivado das palavras **CHO**colate e **BAT**avo). Em pouco tempo esse produto tornou-se conhecido [...]. Com a criação da *Cooperativa Central*, surgiu a proposta, em uma das assembleias de diretoria, de se industrializar um produto, inspirado no *Choba*, produto este que se tornaria um dos grandes sucessos da época, e até hoje: o primeiro achocolatado líquido do mercado nacional, o *Chocomilk*, que, graças ao processo de esterilização, tinha uma durabilidade mínima de seis meses e era comercializado, até o ano de 2001, em garrafas de vidro retornáveis (CHAVES, 2010, p. 22, 96).

¹⁴² A tradução literal do título é *O rei está morto. Viva o rei!*

E assim, no futuro, a *Centraal Maandblad* da CCLPL não aparecerá mais, mas sim a nova *Centraal Maandblad*, proveniente das várias cooperativas e para a qual cada uma nomeará um colaborador. [...]

Estamos pensando sobre um cantinho especial para a juventude agrícola também e, se conseguirmos algumas senhoras ou uma senhora para isso, também um cantinho para a mulher. Esta seção poderia, no que nos diz respeito, trazer algo sobre um assunto como moda, por exemplo (desde que esteja sob censura da comissão fiscal, que analisará os preços das criações recomendadas), se houver também um canto com algumas receitas de refeições saborosas.

[...]

Outras sugestões para a revista serão bem-vindas. No entanto, foi acordado: nada de política e nenhuma notícia da igreja, uma vez que esta já tem seu próprio órgão disponível. Os documentos enviados (com moderação) serão bem-vindos, desde que sejam construtivos. Perguntas podem ser enviadas e serão encaminhadas.

Esperamos que, com a cooperação de muitos, algo de bom possa crescer a partir disso. Em nome da CCLPL, agradecemos a todos aqueles que nos "suportaram" por todo esse tempo. Agradecemos também a todos aqueles que colaboraram para transformar a revista em algo e desejamos à nova revista uma "viagem segura".



FIGURA 23 – PROPAGANDA DO CHOCOMILK NOS ANOS 1950

A revista receberia uma capa padrão, com um logotipo formado por cinco elos remetendo a Arapoti, à *Central de Imigração e Colonização* [sic], a Castrolanda, à

Central de Laticínios e à Batavo. Dentro dos elos, há a imagem de uma araucária¹⁴³, e logo abaixo dos elos, consta o *slogan Eendracht maakt macht* (a união faz a força), união esta que fez a diferença e conduziu as colônias até onde estão hoje. Além disso, havia novamente a frase *Intern Cooperatief Orgaan* (Órgão Cooperativo Interno) para definir o público-alvo do boletim.

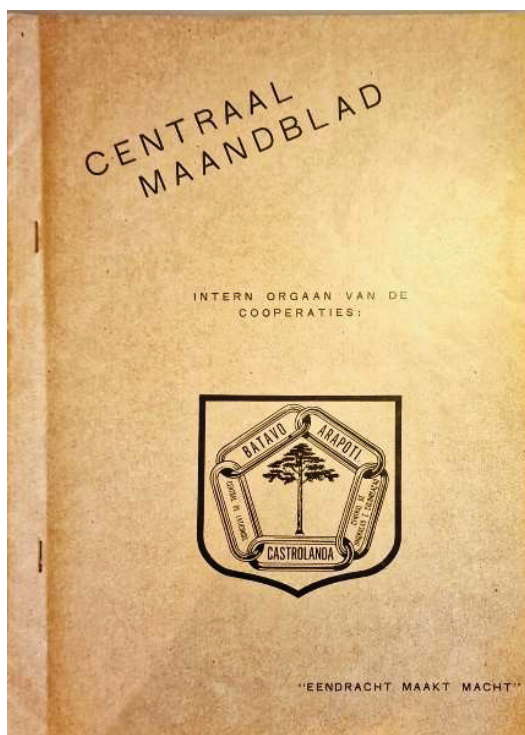


FIGURA 24 – CAPA DA REVISTA *CENTRAAL MAANDBLAD* A PARTIR DE 1961.

Porém, antes da revista com capa ser lançada, houve um número de transição, com a seguinte capa provisória, contendo a expressão “cinco dedos – uma mão”¹⁴⁴, frase escrita em português, que foi alterada para *Eendracht maakt macht* (a união faz a força) quando a capa oficial passou a ser utilizada:

¹⁴³ A *Araucaria Angustifolia* (Araucariaceae) é a árvore símbolo do Estado do Paraná desde o Movimento Paranista, uma proposta estética regional, concebida para valorizar e afirmar a identidade paranaense por meio de elementos que simbolizassem a singularidade do Paraná nas artes. Esse movimento teve o seu ápice no final da década de 1920 (HISTÓRIA, 2021).

¹⁴⁴ É interessante verificar que no original deste documento houve a correção datilografada da palavra: primeiro havia sido escrito *colonização*, e por cima da letra s foi digitada a letra z, tornando-se *colonização*. Na logo da capa usada até o final de 1976, a palavra se manteve *colonização*.

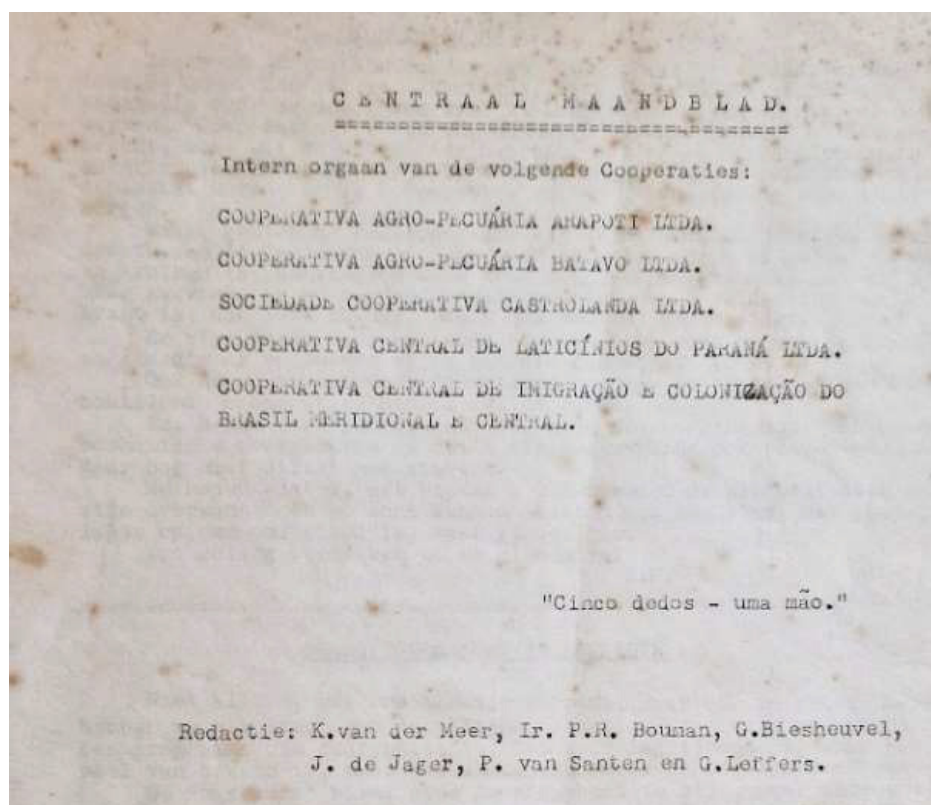


FIGURA 25 – CAPA PROVISÓRIA DA *CENTRAAL MAANDBLAD*

Ainda em relação à capa, ela vinha de uma gráfica em São Paulo, como relatado no boletim número 2, de fevereiro de 1965, p. 16, quando a redação avisa que “desta vez o nosso boletim surge sem jaquetinha (capa), porque as novas (capas) ainda não chegaram de São Paulo. Esperamos que o boletim esteja completo novamente da próxima vez.

No texto que falava sobre a mudança, havia sido falado sobre a necessidade de aumentar o quadro de colaboradores e, portanto, agora, a redação estava ampliada, com o acréscimo do Ir. P. R. Bouman, P. van Santen e G. Leffers, desta maneira cada colônia tinha o seu colaborador fixo para contribuir com notícias.

As revistas tinham em torno de 25 páginas e as capas internas e traseiras eram preenchidas principalmente por anúncios de empresas aéreas, mas também de produtos e serviços e empresas como a Philips e de seguros, manutenção de máquinas, entre outros. Estes anúncios deveriam ser preferencialmente em holandês.

Mais tarde, pude visitar todas as famílias e ver com meus próprios olhos que a preparação das já estabelecidas Castrolanda e Carambei foi excelente.

Quando as pessoas chegaram, as casas estavam em grande parte concluídas, com exceção da pintura.

Os poços estavam ou estão sendo cavados e as pessoas estavam ocupadas mobiliando as novas casas.

Haviam pintado e lixado, os móveis desembalados e colocados em seus lugares. As cortinas já estavam penduradas em algumas casas, mas quem vai olhar para dentro? O jardim estava feito, os feijões já estavam acima do solo, cebolas, rabanetes, árvores já plantadas aqui e ali, e assim por diante.

Além disso, um ou dois hectares de forragem verde tinham sido semeados em cada propriedade, que com a sua cor verde fresca já começava a parecer promissora. Havia vida e trabalho.

E ele sentia orgulho de seus compatriotas:

Quero afirmar honestamente que olhei com orgulho para estes homens e mulheres do povo holandês, ocupados com a construção do seu novo futuro. Ficaram todos satisfeitos com as primeiras semanas, com a recepção, com a sua habitação, mas acima de tudo com a visão do país.

Sobre a visita a Castrolanda, Elfferich novamente demonstrou admiração pelos imigrantes, ao escrever que “muito foi conquistado e cultivado em apenas nove anos no antigo planalto do estado do Paraná. Aqui, a habilidade e a perseverança conseguiram criar um espírito e um clima holandeses”, mostrando que os imigrantes não apenas alteraram a paisagem geográfica, mas também contribuíram para a formação da identidade holandesa no território brasileiro. Exemplo disso é o relato de Elfferich sobre a apresentação de dança folclórica oferecida pelos jovens no intervalo entre as conversas sobre o desenvolvimento da colônia:

Ao luar, uma série de danças de tamancos em trajes típicos holandeses foi apresentada pelos jovens. Não só um bom interlúdio, mas também a prova de que o desenvolvimento cultural neste pequeno pedacinho de Holanda não está esquecido. De vez em quando os jovens se apresentam em festividades brasileiras, o que é apreciado e significativo tanto para o *nome holandês*, quanto para os produtos lácteos das colônias.

O grupo folclórico holandês de Castrolanda foi fundado em 1953 e se apresenta com o klompendans, a dança de tamancos, até hoje, em eventos locais e estaduais, como no Festival Folclórico e de Etnias do Paraná (TEATRO, 2023).

Na *De Regenboog* de agosto de 2014 foi publicado um histórico sobre o *Grupo Folclórico Holandês de Castrolanda*:



Teatro Guaíra
08 de Julho e 2014 - 20h30 min

HISTÓRICO



Grupo Folclórico Holandês de Castrolanda

A história do Grupo Folclórico Holandês de Castrolanda confunde-se com a história da Colônia Castrolanda, Castro, Pr. Em 1953, logo após a chegada das primeiras famílias holandesas ao Município de Castro, um grupo de jovens, liderados pela professora de Educação Física Sra. Thillij Kleinsmidt, formaram um grupo de danças típicas holandesas denominado "Grupo Holandês em Tamancos".

No ano de 1959, apresentou-se no 1º Festival Folclórico e de Etnias do Paraná, idealizado pela consulesa Helena van der Berg, que foi uma das maiores incentivadoras do grupo representando-o por muitos anos em Curitiba. Estamos felizes em estar participando do "Festival Folclórico e de Etnias do Paraná", que neste ano realiza sua 53ª (quinguentésima terceira) edição, graças à dedicação dos seus organizadores, sempre procurando trazer um pouco dos costumes holandeses para o Brasil.

Durante o ano de 1981, passou a ser uma entidade jurídica, regida por um estatuto e dirigida por uma diretoria eleita em Assembleia Geral, passando a ser denominado Grupo Folclórico Holandês de Castrolanda.

Em 2006, formou-se o Grupo Infantil, cujos participantes são alunos das aulas de folclore da Escola Evangélica da Comunidade de Castrolanda.

Na apresentação deste ano trazemos a participação do Coral Boerenkoor que apresentará os alegres cânticos das músicas tradicionais e buscam transmitir o ritmo e a musicalidade da cultura holandesa.

O Grupo Folclórico Holandês de Castrolanda se apresentará de forma totalmente original, com trajes da cidade portuária de Volendam, e encanta com as simples e alegres danças de tamancos, que falam sobre o amor e a vida, além de representar o trabalho árduo dos camponeses, a patinação nos invernos rigorosos e os costumes dos marujos e pescadores das cidades marítimas.

Nem tudo foi fácil, mas a união e a força de vontade ajudaram a superar os momentos difíceis e chega forte a quarta geração de participantes com pessoas da região, que aprenderam a admirar e amar a cultura holandesa.

**Grupo Folclórico Holandês
de Castrolanda**

jentjepetter@hotmail.com



FIGURA 27 – GRUPO FOLCLÓRICO. De *Regenboog* (agosto de 2014, ano 16, n.185, p.5)

Elfferich menciona também a importância da cooperativa, tanto para Castrolanda e Carambeí, quanto futuramente para Arapoti:

Que a cooperativa desempenha um papel importante nessas colônias já foi observado. Há uma fábrica de laticínios em Carambeí para as duas colônias: talvez também para Arapoti, através de um ramal ou diretamente. Muitas decisões necessárias foram tomadas em conjunto, tanto em termos de compra como de comercialização.

A estrutura organizacional da cooperativa é a seguinte: os agricultores são membros da cooperativa local, para Carambeí da cooperativa Batavo e para Castrolanda da cooperativa Castrolanda. Acima disso há um órgão maior, a Cooperativa Central, com dois membros, a saber, Batavo e Castrolanda. Este corpo opera fábrica de laticínios.

Na revista de novembro de 1961 (ano 1, n. 10, p. 2) o artigo *Carambeí's Gouden Feest* (festa de ouro de Carambeí), relata sobre as bodas de ouro da colônia de Carambeí e na revista seguinte, número 11, de dezembro de 1961 (p. 1), um texto intitulado *10 jaar Castrolanda* (10 anos de existência de Castrolanda), mostrando, também, como as três colônias, que juntas lutavam pelo mesmo ideal, estavam em momentos muito diferentes da sua existência: Carambeí completava meio século enquanto Castrolanda comemorava a sua primeira década e Arapoti iniciava todo o processo.

É possível constatar a variedade de assuntos no comunicado oficial, anos mais tarde, na *Centraal Maandblad* número 8, de 1964 (p. 13), do consulado holandês, comunicado este de grande importância e significado, principalmente para as mulheres:

Notificação oficial do consulado

A partir de 1 de março de 1964, estão em vigor algumas novas disposições da Lei da Nacionalidade Holandesa. Estas dão às mulheres casadas uma posição mais independente no que diz respeito às questões de nacionalidade. Consequentemente, será possível que, por exemplo, a mulher holandesa que se case com um estrangeiro possa manter a sua nacionalidade holandesa, além da nacionalidade estrangeira adquirida pelo casamento, enquanto as mulheres estrangeiras que se casam com um holandês só adquirirão a nacionalidade holandesa se assim o desejarem.

Isso era impossível até então por causa da estrita implementação do princípio de que a esposa deve seguir, com o casamento, a nacionalidade de seu marido. O consulado terá todo o prazer em fornecer mais informações às partes interessadas. No entanto, uma das novas disposições contém um prazo. É precisamente por isso que gostaria de tornar esta disposição amplamente conhecida. A mulher holandesa que se casou com um estrangeiro antes de 1 de março de 1964 e, por conseguinte, adquiriu a nacionalidade do seu marido perdendo a sua própria nacionalidade

holandesa, pode recuperar a sua nacionalidade holandesa, desde que faça uma declaração nesse sentido no consulado antes de 1 de Março de 1965.

T. van den Berg

Os comunicados da embaixada e do consulado holandês¹⁴⁶ sempre fizeram parte da revista, tratando de assuntos de interesse dos imigrantes e de seus descendentes, como a visita de representantes às colônias, mutirões para renovação de passaportes, avisos sobre a cidadania holandesa, entre outros.

Na *Centraal Maandblad* número 9, de 1964 (p. 6), por sua vez, vemos a relação imigrantes e Brasil, na seção *Zoeklicht op Brazilië* (Holofote sobre o Brasil) sobre a comemoração de 7 de setembro, mostrando a integração entre os holandeses e os outros moradores de Castro e região:

Em 7 de setembro, a conquista da independência do Brasil foi novamente comemorada. Em Castro, onde há apenas uma guarnição relativamente pequena, o desfile assumiu um caráter mais civil. As várias escolas primárias e instituições de ensino secundário desfilaram de maneira caprichada pela galeria de honra, onde, além do comandante da guarnição, o prefeito, o juiz e um representante do clero, o reverendo Muller¹⁴⁷ também recebeu um lugar. [...]

Depois que os militares mostraram à guarnição de Castro em seu desfile que os profissionais ainda sempre vencem os amadores quando se trata de marchar, foi anunciado que o Comando Agrícola passaria ainda.

Esse Comando Agrícola consistia em dois grupos de tratores, uma das colônias holandesas e um dos japoneses da região¹⁴⁸.

Infelizmente, a hora deste desfile foi menos adequada para os holandeses porque caiu logo no horário da ordenha, de modo que a procissão dos tratores japoneses consistia em algumas unidades a mais.

Esperamos que no próximo ano o horário possa ser definido de forma ligeiramente diferente para que seja possível uma participação verdadeiramente massiva das nossas colônias.

A fanfarra pode ensaiar algumas marchas até lá, por exemplo "A marcha dos tratores" do maestro José Bon. Que tal?

Após dezessete anos de existência, e sem grandes mudanças físicas e estruturais na *Centraal Maandblad*, a revista sofreu uma repaginada, anunciada em

¹⁴⁶ A Embaixada dos Países Baixos (Holanda) está localizada em Brasília e há consulados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, além de cônsules honorários em Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Vila Velha, Belém, Salvador, Recife, Natal e Santos. Também existem dois NBSO's (*Netherlands Business Support Office*), que são os Escritórios Holandeses de Apoio aos Negócios, em Belo Horizonte e Porto Alegre.

¹⁴⁷ O pastor William Muller (1902 – 1982) representou muito para as colônias de 1935 a 1970, quando morou no Brasil, trabalhando como pastor, conselheiro, diretor de colégio, entre outras funções que fizeram diferença na vida das 3 colônias do Paraná.

¹⁴⁸ A primeira informação em publicações nipo-brasileiras sobre os *Sete Samurais das Batatinhas*, como eram chamados os pioneiros japoneses que se instalaram na zona rural de Castro (PR), foi em 1958, (ANDRADE, 1975, p. 44)

abril de 1977 (ano 17, n. 1, p. 3), quando foi divulgado que o *layout* da revista passaria por uma modernização mais atraente e para isso a contribuição dos leitores era indispensável. A revista seria impressa pela *Kugler Artes Gráficas*¹⁴⁹ em Offset e em preto e branco.

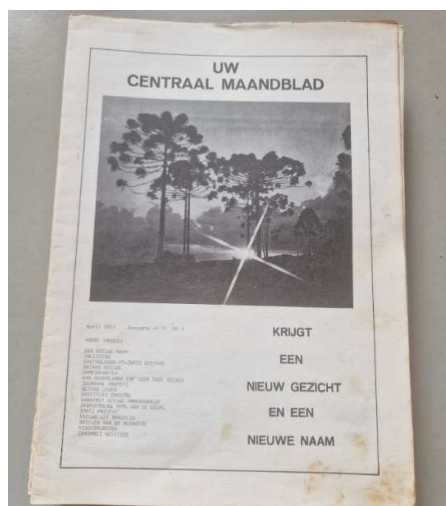


FIGURA 28 – EXEMPLO DE CAPA DA *CENTRAAL MAANDBLAD* A PARTIR DE 1977

A capa teria uma foto diferente a cada mês e um detalhe significativo é que, na primeira capa publicada (*Uw Centraal Maandblad*, abril de 1977, ano 17, n.1) uma foto de araucária, ou pinheiro do Paraná, integrante do logo por 16 anos, foi escolhida. A capa trazia a mensagem chave: “Sua *Centraal Maandblad* ganhará um novo rosto e um novo nome” e na página seguinte: “Mas você tem que nos ajudar com isso!” seguido pela introdução ao novo projeto:

A nomenclatura.

Apelamos à sua engenhosidade para encontrar outro nome para o *Centraal Maandblad*. Os editores farão uma escolha a partir de suas submissões. Se a sua proposta for escolhida, iremos anunciá-la e recompensá-la de uma forma atrativa.

Sugestões para um novo nome e material para a próxima edição devem estar nas mãos do editor até 25 de maio de 1977.

O precursor da nossa atual *Centraal Maandblad* foi o *Batavo-Post*, que apareceu pela primeira vez em outubro de 1953. Depois de cerca de um ano, o nome já foi alterado para *Centraal Maandblad*.

¹⁴⁹ A Kugler Artes Gráficas, fundada em 1895 com o nome Tipografia Ernesto Kugler, fez a impressão da *Centraal Maandblad* por muitos anos (ABRINDO, 2015).

E continua sobre a importância do envolvimento de todos para o sucesso da revista:

[...] Os antigos redatores da *Centraal Maandblad* eram da opinião de que poucos leitores contribuíam com o conteúdo.

Por esse motivo, fizeram contato com pessoas que contribuirão regularmente. Esses colaboradores permanentes são a Sra. J. de Jager Salomons e os Srs. N. A. Bronkhorst, I. Jansen, M. Kooy, K. Van de Meer, L. Schoof e M. Van Tuil.

Em princípio, procuramos pelo menos um homem em uma mulher como colaboradores por região e queremos deixar claro que todos os leitores podem ser colaboradores.

A divisão do conteúdo desejado colocada a seguir mostrará que a contribuição regular de outros holandeses no Brasil também é necessária. Isso inclui os holandeses urbanos, como os que moram em São Paulo, Brasília e outros lugares, assim como todos os das regiões agrícolas.

A comissão editorial será composta pelas seguintes pessoas que foram selecionadas, por questão de eficiência, em um pequeno pedaço do Brasil: Srs. D. H. Vermeulen, M. Kooij, K. Van der Meer e o Dr. A. I. Walstra.

Esta comissão será completada com uma funcionária permanente, a Sra. W. Van Bommel, para datilografia e *layout*.

No que diz respeito à execução, nos esforçaremos para aproveitar as possibilidades oferecidas pela impressão moderna.

Pode-se observar que o espírito colaborativo permeia a revista ao longo de toda a sua existência. Em relação ao conteúdo, tudo o que a redação imaginou implementar na revista foi listado da seguinte maneira:

1. Informação sobre holandeses no Brasil para holandeses no Brasil e na Holanda.
2. Informação sobre a Holanda para holandeses no Brasil. Para esta parte apelamos a todas as pessoas na Holanda que leem ou lerão a nossa revista.
3. Informação sobre o Brasil que é especialmente de interesse para holandeses no Brasil. Para essa parte e a anterior, não podemos ficar sem a colaboração dos representantes oficiais do governo holandês.
4. Uma seção para mulheres.
5. Uma seção de cultura com agenda cultural.
6. Notas pessoais ou biografias.
7. Vida saudável - informações sobre bons hábitos de vida.
8. Relatos de viagem.
9. Seção infantil e respectivamente juvenil.
10. Seção técnico-econômica.
11. Cartas à redação, perguntas dos leitores.
12. Anúncios.

(*Uw Centraal Maandblad*, abril de 1977, ano 17, n.1, p.2)

E continua ressaltando o objetivo da revista, ao escrever que “[...] não se trata de uma publicação profissional, mas sim de um meio de comunicação para contato. O objetivo dessa revista é contribuir para a qualidade de vida dos holandeses no Brasil”.

Durante a leitura das revistas para a pesquisa, é possível ver que muito do que foi idealizado pela redação realmente se tornou realidade e, durante todos os anos de existência e até hoje, grande parte dos assuntos é encontrada revista.

O conteúdo da revista do primeiro número (Ano 17, n. 1, abril de 1977) era o seguinte:

Original em Holandês	bladzijde	Tradução em Português	página
Een nieuwe naam	2	Um novo nome	2
Inleiding	2	Introdução	2
Castrolanda 25-jarige bestaan	3	25 anos de existência de Castrolanda	3
Batavo nieuws	5	Notícias da Batavo	5
Damesrubriek	6	Seção feminina	6
Van Nederlands erf voor onze boeren	6	Do quintal holandês para os nossos agricultores	6
Journal Arapoti	8	Jornal de Arapoti	8
Gezond leven	9	Vida saudável	9
Instituto Cristão	10	Instituto Cristão	10
Aankomst nieuwe ambassadeur	11	Chegada do novo embaixador	11
Jaarverslag 1976 van de CCLPL	12	Relatório anual da CCLPL de 1976	12
Irati projekt	14	Projeto Irati	14
Nieuws uit Brazilië	15	Notícias do Brasil	15
Brieven aan de redactie	15	Cartas à redação	15
Kinderrubriek	16	Seção infantil	16
Carambeí notities	16	Notícias de Carambeí	16

Além da foto na capa, haveria também fotos na parte interna da revista, de casais de noivos, eventos e comemorações, por exemplo. Em relação aos anúncios, a recomendação continuava a de que deveriam ser “preferencialmente em holandês. Os custos cobrados são Cr\$ 1,00 por linha. Anúncios em português podem ser colocados na nova revista DAT¹⁵⁰”

No número do mês seguinte, em maio de 1977 (ano 17, n.2, p.2), nada havia sido decidido sobre o nome ainda, e a redação publicou o seguinte anúncio:

E o novo nome??

Você tem razão em falar, é claro: “Essa cara nova, sim, mas onde está o novo nome da nossa revista?”

¹⁵⁰ Em cada cooperativa ligada à CCLPL, havia um Departamento de Assistência Técnica (DAT), antigo sistema LOVO (*Landbouw* (agricultura), *Onderzoek* (pesquisa), *Voorlichting* (informação), *Onderwijs* (ensino)), pasta responsável pelo fomento de pesquisas científicas nas áreas de nutrição animal, melhoramento genético do rebanho e técnicas de manejo do solo. As atividades desenvolvidas pelos DAT's eram subsidiadas diretamente pela contribuição de cada membro cooperado e retratavam os anseios de cada cooperativa na busca por melhor desempenho produtivo. Em 1984, houve a unificação dos DAT's e a criação da Fundação ABC (DIAS; FAJARDO, 2018, p. 220, 222).

Bem, é claro que os editores já receberam ideias (até mesmo da Holanda) para um futuro título. Havia muito bons, mas ainda assim...

Pensamos que há muito mais pessoas entre vocês com boas incursões e, portanto, lhes daremos mais quase dois meses para chegar a um nome adequado e original. Pensem sobre isso novamente e entreguem “o premiado” novo nome antes do dia 20 de julho.

Esta nova versão da revista tinha uma tiragem de 500 exemplares, como podemos perceber pela nota de agradecimento publicada nesta mesma edição de maio de 1977:

Bravo para a Kugler. Gostaríamos de mencionar que a empresa de impressão Kugler de Castro, que tem trabalhado em tão bons termos com as três colônias por um longo tempo, nos forneceu toda a primeira edição de 500 cópias do nosso novo *Centraal Maandblad* gratuitamente.

O intercâmbio entre as colônias e a Holanda se manteve forte, mesmo que a vinda de novos imigrantes tivesse diminuído drasticamente, e era incentivado de diferentes formas, como percebemos no artigo publicado na *Centraal Maandblad* (1977, ano 1, n. 2, p. 16):

Oportunidades de estágio prático na Holanda

Atualmente, há um interesse crescente de jovens agricultores holandeses e estudantes de agricultura em passar um período prático no Brasil e, especialmente, nas colônias holandesas. Por outro lado, há interesse entre os jovens das colônias holandesas em fazer um estágio em uma fazenda de criação de gado ou agrícola holandesa por algum tempo.

A fim de atender aos desejos desses jovens e lhes oferecer a oportunidade de expandir seu nível de conhecimento e esfera de interesse com tal experiência no exterior, vale a pena estabelecer um programa de intercâmbio de jovens.

[...]

A inscrição pode ser feita a qualquer momento junto à coordenação do serviço de informação em Carambeí, que então organizará e supervisionará o assunto em colaboração com a Holanda (*Central de Emigração Cristã*).

Na *De Regenboog* de setembro de 2019¹⁵¹ (ano 21, n. 246, p. 3), a ACBH publicou um informativo onde, entre outros, escreveu sobre a ideia da diretoria de “expandir sua atuação para um projeto de integração voltado principalmente para os descendentes jovens.” Para possibilitar esse projeto, uma pesquisa foi feita sobre “as possibilidades de estudos e estágios no exterior, principalmente na Holanda, para promover a integração cultural e a formação profissional e pessoal de jovens.”

¹⁵¹ O texto completo está no anexo 6, p. 299.

Para isso, a *Associação* criou um departamento chamado *Global Integration*¹⁵². Os objetivos desse departamento são: a divulgação de possibilidades para intercâmbio estudantil e experiência de trabalho internacional; a promoção do ensino superior holandês, de vivências e integração cultural; e o estabelecimento de parcerias para impulsionar a intercooperação no campo de estágios.

Seguindo a cronologia da revista e voltando à questão do nome da revista, entre as muitas ideias recebidas, a redação escolheu a seguintes sugestões para o novo nome

Van Braziliaans Erf (Do quintal brasileiro).

Bem, aqui está.

O novo nome.

Depois de muita deliberação, escolhemos este título porque é original e muito simpático.

Esperamos que você possa concordar um pouco. De qualquer forma, ainda aguardamos reações. Se todos concordarem, a partir de agora nossa revista será chamada:

“Van Braziliaans Erf”

A redação

(*Centraal Maandblad*, agosto de 1977, ano 17, n.3, p. 2)

O nome *Van Braziliaans Erf* acabou tendo vida curta, pois no mês seguinte, houve o anúncio de que o nome *Centraal Maandblad* se manteria:

Novamente: o novo nome

Então, agora você com certeza não está entendendo mais nada. Uma nova cara, mas sem novo nome ainda!

Bem, provou-se ser tão surpreendentemente difícil encontrar um nome adequado, que agora decidimos manter o antigo nome *CENTRAAL MAANDBLAD*. O nome que havíamos escolhido recebeu críticas, que, devemos admitir, não eram totalmente infundadas.

Pedimos desculpas pela confusão que surgiu; esperamos que você entenda que essa questão também nos causou algumas dores de cabeça.

A redação

(*Centraal Maandblad*, setembro de 1977, ano 17, n. 4, p. 2)

¹⁵² Como consta no site da ACBH, “as palavras *Global Integration* foram usadas para o novo departamento justamente em inglês, pois quando nos damos conta do mundo globalizado em que convivemos, sabemos da importância de haver comunicação dentro dele, podendo levar à integração desejada principalmente com nosso país de origem” (GLOBAL, 2024).

Com o nome decidido, mudanças significativas ocorreram com auxílio do avanço da tecnologia, e, a partir de 1980, a capa em preto e branco foi substituída capas com fotos coloridas de paisagens e obras de arte e o conteúdo ficou cada vez mais variado, como o aumento do número de páginas também.

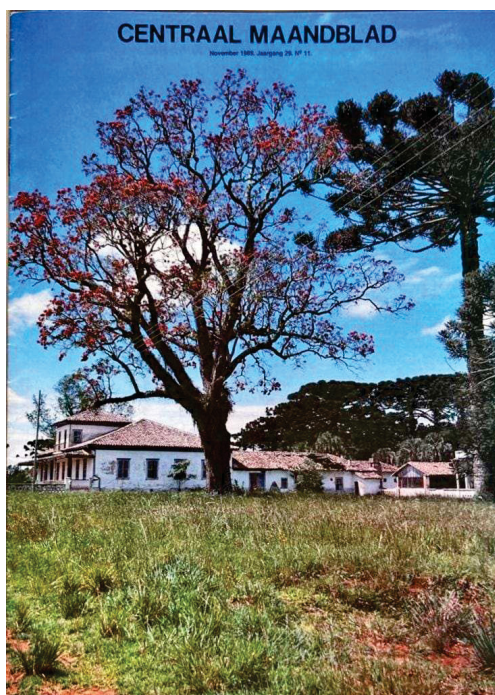


FIGURA 29 – EXEMPLO DE CAPA DA *CENTRAAL MAANDBLAD* A PARTIR DE 1980

A mensagem na contracapa ainda trazia o seguinte texto: “publicação destinada aos associados e colaboradores da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda., sem fins políticos ou religiosos” e a tiragem era de 700 exemplares.

Em 24 de julho de 1981, foi enviada uma enquete anexa à revista sobre a opinião, as preferências e as sugestões dos leitores para a *Centraal Maandblad*:

L.S.¹⁵³ A fim de atender aos desejos de nossos leitores, tanto quanto possível, gostaríamos de lhes apresentar este formulário de pesquisa no qual você pode dar sua opinião sobre a *Centraal Maandblad*. A sua cooperação será muito apreciada. Você pode preencher este formulário até o dia 7 de agosto e entregar para alguém da redação

Formulário de Pesquisa

A) a cobertura na *Centraal Maandblad*:

¹⁵³ *Lectori salutem*, ou seja, saudações ao leitor.

1	de dentro de seu próprio círculo é:	☐ limitada ☐ demais ☐ suficiente
2	sobre história é:	☐ limitada ☐ demais ☐ suficiente
3	da “Eva” é:	☐ limitada ☐ demais ☐ suficiente
4	sobre assuntos culturais é:	☐ limitada ☐ demais ☐ suficiente
5	sobre a Holanda é:	☐ limitada ☐ demais ☐ suficiente
6	sobre o Brasil é:	☐ limitada ☐ demais ☐ suficiente

B) O que você acha do desenvolvimento da *Centraal Maandblad* nos últimos dois anos?

☐ bom ☐ moderado ☐ ruim.

C) O que você acha da legibilidade da *Centraal Maandblad*?

☐ bom ☐ moderado ☐ ruim.

D) É dada atenção suficiente à juventude?

☐ bom ☐ moderado ☐ ruim.

E). Se você tiver alguma sugestão ou proposta, os editores pedem que você as mencione brevemente abaixo. Você pode ter certeza de que qualquer sugestão será analisada com atenção.

A preocupação com a qualidade da revista era uma constante, e produzia resultados, pois a revista ficava cada vez mais popular entre os imigrantes holandeses em outras localidades e o crescente interesse fez com que as colônias Holambra I (SP), Holambra II (SP), Não-Me-Toque (RS), Tibagi (PR) e Maracaju (MS) também comesçassem a contribuir com notícias.

A primeira a participar foi Maracaju, em janeiro de 1987, após a visita de representantes da *Central de Emigração Cristã* e de a ideia ser lançada para participarem ativamente na revista. Em abril de 1989, Holambra II¹⁵⁴ aceitou o convite e representantes da colônia foram até Arapoti¹⁵⁵ para participar da reunião da redação e se inteirar sobre a revista e a contribuição que passariam a fazer. Em outubro do mesmo ano, Holambra I deu o primeiro passo na contribuição. Tibagi entrou na revista pela primeira vez em maio de 1991 e catorze anos depois, em dezembro de 2005, Não-Me-Toque escreveu o seu primeiro texto para a revista.

¹⁵⁴ Até 2007, Campos de Holambra era conhecida como Holambra II.

¹⁵⁵ Arapoti fica em uma localização central em relação às colônias de Holambra II, Carambeí e Castrolanda.

Cada uma das localidades optou por estreiar de uma maneira diferente, com textos longos, explicando sobre o início da presença dos holandeses na região, ou então com um breve aviso de que a partir daquela data faria parte das notícias¹⁵⁶.

Maracaju começa com o seguinte texto:

De Maracaju

Feliz Ano Novo! Uma saudação conhecida de uma região desconhecida¹⁵⁷. O ano novo. Para muitos, isso significa: resoluções de ano novo, mudanças e assim por diante. Assim, queremos começar este ano colocando um texto na *Centraal Maandblad* todos os meses também. Vou lhes contar como isso aconteceu.

No mês passado, o Sr. Elfferich e o Sr. Stallinga (do Centro de Emigração Cristã) e o Sr. Vermeulen vieram nos visitar. Foi um bom encontro com muitas trocas de experiências, onde também surgiu a ideia de fazer mais contato com as outras colônias, trocar experiências no campo técnico, e assim por diante. Assim também chegamos ao assunto de contribuir com textos na *Centraal Maandblad*. Na saída, o sr. Vermeulen perguntou: "Você garante que os textos vêm?" e eu disse: "Sim". Mas só agora eu realmente descobri o que isso significa. É como um casamento, porque agora estou presa a ele. [...] ¹⁵⁸

No próximo mês, esperamos contar mais sobre as propriedades ou outra coisa daqui. Agora seguem alguns eventos que não são tão fáceis de descrever porque tudo anda junto com a comunidade brasileira.

Os holandeses participam de quase tudo. Por exemplo, há holandeses no Rotary Club, no Lions Club, em associações de mulheres e assim por diante. Algumas crianças vão para aulas de balé ou judô, outras ainda para aulas de equitação etc. Mas em 5 de dezembro, o *Sinterklaas*¹⁵⁹ chegou aqui para todas as crianças holandesas com seus dois *Pieten*. Não a cavalo, mas de carro, por causa da distância.

Às 3:00 da tarde, todas as crianças já estavam presentes no clube do Rotary, onde foram feitos recortes e colagens sob a orientação de algumas senhoras. Às 5:00 da tarde, Sint veio em plena regalia. Depois de distribuir os presentes e dar as advertências necessárias, Sint seguiu em frente e cada um desfrutou de um delicioso buffet frio, para o qual todas as senhoras tinham feito algo em casa. Depois disso, brincadeiras seriam feitas, mas devido à deliciosa e farta comida, estas foram adiadas para a próxima ocasião.

Agora pessoal, eu vou parar e vamos apenas dizer, até a próxima vez.

Annemieke

Esta foi uma introdução esclarecedora para todos os leitores da *Centraal Maandblad* e até hoje, Maracaju participa ativamente da revista.

¹⁵⁶ NOTA SOBRE A FORMATAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELAS COLÔNIAS: a fim de diferenciar das citações normais da revista, os textos referentes ao início da participação de cada localidade estão colocados em um quadro, com fonte *Arial Narrow*. Novamente, os textos foram todos traduzidos por mim para o português.

¹⁵⁷ A frase original é *Een bekende kreet uit een onbekende streek*. É característica da língua holandesa ter muito jogo de palavras utilizando a sonoridade semelhante ou rima em frases, expressões, músicas, poemas.

¹⁵⁸ Parte deste texto está inserido na descrição de Maracaju, no capítulo 1.

¹⁵⁹ *Sinterklaas*, ou *Sint*, é o *São Nicolau* holandês e entrega presentes para as crianças (comportadas), com auxílio de seu(s) ajudante(s) *Piet(en)*, que, segundo a lenda, também levam as crianças malcomportadas para a Espanha, dentro do saco dos presentes, como castigo.

Bernardus W. A. Hakvoort assina o primeiro texto entregue por Holambra II, em abril de 1989, onde também relata como foi convidado e o que pretende informar nos textos publicados daqui pra frente, começando por uma introdução sobre a colônia:

Holambra II

Caros leitores,

Graças ao convite dos editores, recebemos a oportunidade de fazer uma pequena contribuição para a sua revista.

Na sexta-feira à tarde, 17 de fevereiro, participamos da reunião de editores e colaboradores permanentes em Arapoti. Neste alegre encontro, onde a palavra foi dada a todos, prometemos que a colônia agrícola de Holambra II também tentará enriquecer a vossa revista.

Holambra II existe há 28 anos e está localizada no sul do estado de São Paulo. Nosso clima é subtropical com chuvas de cerca de mil milímetros por ano, geralmente distribuídas com bastante regularidade ao longo do ano, com exceção dos meses de junho, julho e agosto, que normalmente são muito secos.

Nossos principais produtos são soja, milho, algodão, feijão, trigo e ervilhas. A área total desta área arável abrange 20.000 hectares por ano. Nós também temos um monte de frutas aqui (300 hectares), flores e plantas. Por último, não devemos subestimar a importância do gado leiteiro e de corte, dos suínos e pintos de engorda, que por vezes enriquecem a atmosfera com odores de amoníaco.

Todos os produtos são embalados e transportados para a cidade de São Paulo, a 256 quilômetros de nós, e para outros lugares.

Nossa comunidade tem cerca de cem famílias de origem holandesa e suíça. Nos 28 anos que ficaram para trás, se trabalhou arduamente em Holambra II. Quando a colônia foi montada, não havia nada no quilômetro 256 da então importante estrada Raposo Tavares, que era a única ligação entre São Paulo e o noroeste do Paraná e Mato Grosso.

Primeiro, armazéns, casas, um escritório, uma igreja, uma escola e propriedades foram construídas.

Os (i)migrantes vieram de todas as partes da Holanda, Suíça e diferentes lugares do próprio Brasil. Hoje temos cerca de 4500 pessoas, que juntas tentam agradar a todos o máximo possível e tirar lucro para economizar ou investir novamente.

Caros leitores, desta vez vamos parar aqui, na esperança de preencher um espaço em sua revista novamente da próxima vez. Escreveremos um pouco sobre nossos moradores daí. Então, até a próxima.

Bernardus W. A. Hakvoort

A próxima colônia a se entusiasmar com a ideia foi Holambra I, que em outubro de 1989 escreveu o seguinte:

Repórter Holambra I

Holambra I ficou devendo notícias na *Centraal Maandblad* até agora. No entanto, esperamos mudar isso a partir de agora, como todos os outros escritores leais, dando notícias regularmente.

Setembro foi definitivamente marcado pela oitava *Expoflora*¹⁶⁰. Durante três finais de semana prolongados, mais de 150.000 visitantes, incluindo 20.000 crianças em idade escolar, visitaram esta

Em um salão espaçoso, a grande festa foi reforçada por apresentações do coral masculino, orquestras locais e dança de tamancos. Esta última teve participação entusiasmada de muitos visitantes, que muitas vezes voltavam para casa com punhados de plantas e flores. Durante o fechamento, o sorteio da loteria foi realizado em benefício do Museu Fotográfico Histórico de Holambra. Este museu tornou-se agora uma realidade e aqueles que visitam Holambra certamente não devem deixar de dar uma

¹⁶⁰ A primeira edição da *Expoflora*, o maior evento de flores e plantas ornamentais da América Latina, ocorreu em 1981, com mais de doze mil visitantes. Em 2022, o número de visitantes foi cerca de 300 mil (EXPOFLORA, 2022).

exposição. Além das atrações bem conhecidas, como o belo salão de flores e plantas, o campo de exposições com todos os produtos Holambra e a *mini fazenda*, houve este ano: um verdadeiro fabricante de tamancos, um palhaço holandês e, claro, verdadeiro arenque salgado e em conserva e ... *Bokma*¹⁶¹.

olhada para obter mais informações sobre a história de Holambra.

[...]

Holambra está se tornando cada vez mais um "município". Todos esperam que a Assembleia Geral do Congresso do Estado de São Paulo, em novembro, diga sim, para que Holambra possa realmente se tornar um município.

[...]

Até aqui com as notícias de Holambra I

Rudi en Sandra den Hartog

Um ano e meio depois, em maio de 1991, Tibagi fez uma pequena contribuição, avisando que passaria a ser participante ativa, ao invés de apenas passiva da revista:

Notícias de Tibagi.

A *Centraal Maandblad* é popular em Tibagi. Especialmente as mensagens das colônias. Tibagi também gostaria de receber um lugar nesta revista

para contar o que está acontecendo e sendo feito naquela comunidade.

Anos se passaram sem que a revista recebesse acréscimo de colaboradores, até que, em dezembro de 2005, chegou a boa notícia de que Não-Me-Toque comporia o quadro de colaboradores. Primeiramente a redação escreveu sobre a novidade:

Sim, leitores: vocês estão certos! A partir desta edição, a *De Regenboog*¹⁶² será enriquecida com notícias da comunidade holandesa em Não-Me-Toque. Como estamos felizes com isso! No passado, várias tentativas foram feitas para que esse grupo se juntasse a nós e agora chegou a hora. É também um desafio para as comunidades holandesas que ainda não estão representadas em nossa revista, como Unai, Balsas e outros lugares. Que o exemplo de Não-Me-Toque seja seguido por vocês¹⁶³.

Não-Me-Toque: bem-vindo!

O primeiro texto de Não-Me-Toque não teve nenhuma introdução, ou explicação para a participação: já foi direto aos relatos sobre os acontecimentos do mês de novembro e os preparativos para o Natal na cidade:

¹⁶¹ *Bokma* é uma marca holandesa de gim.

¹⁶² Não-Me-Toque é a única colônia desta pesquisa que começou a contribuir quando a revista já se chamava *De Regenboog*.

¹⁶³ Infelizmente essas localidades nunca se entusiasmaram o suficiente para também escrever para a revista.

[...] A prefeitura já está ocupada colocando as decorações natalinas na cidade. Promete ficar bonita de novo. Todos os anos o *Natal Étnico* é celebrado aqui, com muitos *shows*, música e dança. Este ano o evento começa no dia 26 de novembro e continua todos os fins de semana até 31 de dezembro. A colônia holandesa também participa de danças folclóricas e da venda de café e comida típica holandesa, como *vlaai*, *appeltaart* e *soezen*¹⁶⁴ em *Ons Huisje* (Nossa Casinha).

Cada grupo étnico tem uma casa típica na praça, onde os visitantes podem comprar algo para comer e beber. Neste período, eles esperam cerca de 15.000 visitantes.

A Associação Holandesa também está organizando a *Sinterklaasfeest*¹⁶⁵. No dia 6 de dezembro, o *Sinterklaas* visita a APAE¹⁶⁶.

As crianças daquela escola receberão brinquedos e guloseimas. No mesmo dia, apesar da idade avançada, visitará também o *Lar dos Idosos*; lá as pessoas ganharão presentes práticos. E no dia 4 de dezembro, *Sinterklaas* virá à praça, no Altar da Pátria, com doces e guloseimas para todas as crianças, e claro muitas fotos. Uma noite de presentes (*pakjesavond*) também será organizada para as crianças da colônia holandesa. Para isso, os pais devem garantir que os pacotes cheguem nas mãos do *Zwarte Piet* a tempo.

Esta história é suficiente para uma primeira vez. No próximo mês, esperamos que haja mais novidades. A todas as mais calorosas saudações de todos os holandeses de Não-Me-Toque.

Corrie Souilljee van Riel

A hora era chegada para uma nova mudança, mais drástica desta vez: A CCLPL, fundada em 1954, foi vendida para a *Parmalat*, em 1997. Sendo uma empresa italiana de produtos alimentícios que não tinha relação nenhuma com a história dos imigrantes holandeses, a Parmalat não teria interesse e motivo para guardar todo o patrimônio artístico e cultural reunido pela CCLPL e seus sócios através dos anos, e este corria, portanto, o risco grande de se perder, caso não houvesse o interesse por parte dos envolvidos em continuar o projeto de preservação da história, da cultura e da integração entre as colônias.

Foi neste contexto que um grupo de pessoas das Cooperativas ABC (Arapoti, Batavo e Castrolanda) decidiu fundar a *Associação Cultural Brasil-Holanda* (doravante ACBH) em 1996, para garantir a conservação de documentos referentes à imigração holandesa e assumir a responsabilidade pela continuação da publicação da revista, nas línguas holandesa e portuguesa. Em relatório escrito no dia 20 de outubro de 1998, por Koosje Bronkhorst, é possível entender como foi o início:

¹⁶⁴ *Vlaai* é uma torta típica de Limburg, província mais ao sul da Holanda, *appeltaart* é a torta de maçã e *soezen* são bombas recheadas.

¹⁶⁵ *Sinterklaasfeest* é a festa de São Nicolau.

¹⁶⁶ APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Uma Rede sem fins lucrativos que a mais de 60 anos se dedica à defesa de direitos e prestação de serviços à pessoa com deficiência no Brasil. Sendo responsável pela inclusão social em diversos níveis de milhares de pessoas ao longo de sua história (APAE, 2023).

A ACBH foi fundada em 1996 por iniciativa de várias pessoas das colônias (Carambeí e Castrolanda) que também convidaram Arapoti. O objetivo era organizar conjuntamente vários eventos sociais, culturais e desportivos, a fim de manter e melhorar o contato entre as colônias, bem como preservar os valores culturais da Holanda e ajudar na integração da cultura brasileira e holandesa (casamentos mistos).

Desde o início, a associação “se empenha em guardar a história das comunidades e manter as suas relações, assim como busca preservar o patrimônio artístico e cultural holandês e brasileiro para as futuras gerações” (*De Regenboog*, setembro de 2019, p.3)¹⁶⁷

E o relatório continua falando sobre as dificuldades enfrentadas para manter a *Centraal Maandblad*:

A ACBH foi fundada sem que os vários fundadores se comprometessem a ser financeiramente responsáveis e não estava claro de onde a renda deveria vir, mesmo que já houvesse despesas, especialmente depois que a revista *Centraal Maandblad* foi transferida para a ACBH e o dinheiro do caixa geral teve que ser completado anualmente.

As assinaturas não cobrem os custos. As associações fundadoras foram convidadas a dar apoio financeiro (quatro cooperativas, três escolas e três clubes). Desde dezembro de 1997 nada foi pago, com exceção das três cooperativas.

A *Centraal Maandblad* tem poucos assinantes. O mínimo é de 300, mas preferimos vê-lo subir para 500. Da publicidade vem R\$ 5.000,00 por ano.

O autor do texto chama a atenção para um dos pontos fundamentais de mudança na revista: a necessidade de adaptá-la ao uso cada vez maior do português no dia a dia e a menor compreensão da língua holandesa por parte das gerações mais novas nas colônias, ao escrever: “As pessoas estão cientes de que a língua holandesa vai diminuir. É por isso que houve o acréscimo de contribuição em português na revista.” (*Centraal Maandblad*, 1998, n. 11, p. 20)

E não apenas a adequação de língua deve ocorrer, visando os diferentes públicos, mas também o conteúdo da revista:

A *Centraal Maandblad* terá que mudar significativamente para também interessar os jovens mais velhos e as crianças. Os alunos da escola já fazem a sua própria contribuição. Os jovens (20-30 anos) também devem fazê-lo. [...]

Algumas perguntas importantes: Faz sentido continuar? Se sim, sugestões, se não, por que não? O que você acha da *Centraal Maandblad*? Como ela deve mudar? Como o conselho da ACBH deve ser formado no futuro?

¹⁶⁷ O texto completo se encontra no anexo 6, p.299.

Na mesma revista, ano 38, número 10, de outubro de 1998 o secretário da ACBH, D. R. Vermeulen, escreveu novamente sobre o assunto, informando que havia conseguido conversar com várias pessoas e organizações sobre a continuidade da ACBH e da *Centraal Maandblad* e que estas conversas mostraram que:

[...] há muita coisa acontecendo no campo social e cultural em cada comunidade individualmente e as pessoas se perguntaram se agora seria necessário compartilhar esses eventos com outras pessoas.

Da parte da ACBH, foi deixado claro que a intenção é mediar a organização de eventos que sejam de interesse de todos os envolvidos, mas em particular na prestação de informações, por exemplo, através da *Centraal Maandblad* sobre todos os eventos no campo social e cultural que ocorrem nas várias comunidades.

A possível cooperação das organizações locais, usando a *Centraal Maandblad* para relatar as coisas que estão fazendo é muito importante. [...]

Novamente, a questão dos idiomas é ressaltada, demonstrando a consciência da redação e dos imigrantes e seus descendentes quanto à impossibilidade de manter o holandês como língua oficial de comunicação da revista; mas ao mesmo tempo é possível ver que não há a intenção de abandonar o holandês, mas sim, a de mantê-lo vivo nas colônias e incentivar a sua manutenção o quanto for possível:

As escolas evangélicas, através do departamento de língua holandesa, também terão que ser motivadas a continuar com sua contribuição mensal.

Naturalmente, surgiu a necessidade de esta revista ser publicada em duas línguas. É preciso se preparar para a diluição da língua holandesa e saber que a língua brasileira prevalecerá, especialmente entre as gerações mais jovens.

Pedimos sugestões, críticas e assim por diante, a fim de concluir se a ACBH e a *Centraal Maandblad* são importantes e têm o interesse das várias comunidades em continuá-la, possivelmente adaptada às ideias que esperamos receber. [...]

Mesmo em meio às incertezas quanto à continuidade da revista, a ACBH já pensava nos números do ano seguinte e publicou o seguinte anúncio em outubro de 1998, totalmente em língua portuguesa:

Precisa-se (de) uma pessoa para participar, a partir do próximo ano, do grupo da redação da *Centraal Maandblad*. De preferência jovem, bilíngue (português/holandês), para coordenar a parte da publicação mensal na língua portuguesa. Interessados poderão entrar em contato com o sr. Dimmy para melhores informações.

Na edição de dezembro de 1998 (ano 38, n. 12, p. 13), a ACBH publicou mais um comunicado, contando um pouco sobre a história da *Centraal Maandblad* e sobre quem financiava a revista (inicialmente a CCLPL e depois as cooperativas locais), tornando-a gratuita para os sócios dessas cooperativas. Para quem não era sócio e tinha interesse em ler a revista, como familiares e amigos na Holanda ou outros lugares no Brasil, havia a possibilidade de pagar pela assinatura. Ao todo eram impressas em torno de 750 revistas.

A partir de 1997, a *Centraal Maandblad* teve que continuar por conta própria. As cooperativas se retiraram.

[...]

Como todos tinham que pagar pela *Centraal Maandblad* através de uma assinatura, o número de assinantes diminuiu drasticamente e diminuiu para uma circulação de 350, com o resultado de que a *Centraal Maandblad* não pôde se manter financeiramente.

[...]

Depois de muitas discussões e reuniões com representantes das associações sociais e culturais das colônias ABC, a direção da ACBH é de opinião que a possível continuidade da *Centraal Maandblad* já não se justifica.

Esta carta pretende, portanto, mais ou menos informar os leitores, que tão fielmente leram esta revista durante muitos anos, de que, se nenhuma mão salvadora for estendida a muito curto prazo, a *Centraal Maandblad* infelizmente não poderá ou não conseguirá aparecer mais a partir do ano de 1999.

Novamente a adaptação do conteúdo e do idioma são abordados como fundamentais para o sucesso e continuidade da revista:

É um fato consumado que o interesse dos leitores na *Centraal Maandblad* tenha diminuído nos últimos anos. Estamos plenamente conscientes de que o conteúdo deve ser adaptado à nova realidade.

As pessoas sugerem um jornal bilíngue, visto que cada vez mais o português é falado e a língua holandesa diminui.

Muitos acham as notícias, especialmente as *Nederlands Erf* [quintal holandês] e notícias do Brasil, muito antigas, por causa da demora que os preparativos do jornal implicam na prática. As notícias locais podem ser acessadas diariamente através da TV, jornais e revistas e, se disponíveis, as notícias estrangeiras podem ser trazidas para a sua casa diariamente através da internet.

E finaliza com a seguinte mensagem de agradecimento, carregada de tristeza e saudosismo:

Caros leitores, para todos nós que estamos envolvidos com a *Centraal Maandblad* há tanto tempo, e gostaria de mencionar em particular: aqueles que cuidaram do conteúdo, nossos fiéis colaboradores das colônias ABC, Holambra, Maracaju, e aqueles que corrigiram os documentos

apresentados, sem falar na pessoa que teve que editar a revista; é uma tarefa difícil e uma pílula amarga acabar com isso.

Faz, ainda, um apelo aos líderes, às autoridades das cooperativas, escolas e associações, para que reflitam sobre a viabilidade de ajudar financeiramente este projeto cultural e histórico tão valioso:

Como último pedido, gostaríamos de nos dirigir em particular aos líderes das colônias que carregam a responsabilidade das finanças, para apoiar este ponto de interesse cultural e social para muitos e para manter a vela acesa, se não, a *Centraal Maandblad* será extinta.

Estamos bem cientes de que os idosos entre nós, em particular, sentirão muita falta da *Centraal Maandblad*, mas os custos são mais elevados do que os benefícios e essa é a realidade que deve ser levada em conta.

A última edição da *Centraal Maandblad* saiu em janeiro de 1999, porque não havia como mantê-la financeiramente por mais tempo, apesar dos apelos feitos. Mas como a marca registrada dos holandeses é não se render e persistir em meio às dificuldades, lutando pelo que acham importante, em março de 1999 as famílias já recebiam em suas casas a nova revista *De Regenboog – Arco-Iris*, “publicação mensal em língua holandesa e portuguesa que tem por finalidade fortalecer os laços intercoloniais” (REVISTA, 2023).

Na introdução escrita na primeira edição (março de 1999, ano 1, n.1, p.3)¹⁶⁸, com a ilustração de uma cegonha carregando a revista, o coordenador, D. R. Vermeulen, escreveu:

Ufa, isso foi um parto difícil, mas com esforços combinados, muitas deliberações e especialmente graças à sua ajuda, ou seja, a notícia animadora de que, afinal, houve poucas desistências de assinantes e até mesmo alguns novos, podemos pegar a caneta novamente e reviver a revista *Centraal Maandblad* sob o novo título *De Regenboog*.

Por que *De Regenboog*? O nome surgiu das cores que os grupos participantes representam durante o *Zeskamp*¹⁶⁹.

Você notará que a capa foi alterada para uma capa fixa, pelo menos por um ano, adornada com uma variedade de fotos que representam as diferentes comunidades. O tamanho da revista está um pouco menor, e você também perceberá que foram incluídos muito mais anúncios. Isso foi feito para

¹⁶⁸ O texto original completo está no anexo 7, pp. 300 e 301.

¹⁶⁹ As cores dos uniformes e bandeiras das colônias foram definidas por cada uma delas e são permanentes e representativas em cada edição. Elas são as seguintes: Arapoti: preto e/ou branco; Carambê: vermelho (na verdade puxa para um tom de vinho); Castrolanda: azul; Holambra I: laranja; Holambra II: amarelo; Não-Me-Toque: verde. Cada ano são confeccionados novos uniformes e camisetas para os atletas e para a torcida organizada. Holambra I tem uma grande vantagem sendo a cor laranja, por poder comprar muitos acessórios legais na Holanda, na época do Dia do Rei (27 de abril) e nas Copas do Mundo.

fortalecer a situação financeira do caixa, pois a revista terá que se sustentar financeiramente *sine qua non*. Também as seções, com exceção das já existentes, sofrerão algumas alterações aqui e ali.

O autor continua escrevendo sobre a importância do crescimento que houve no número de colaboradores e sobre a importância de aumentarem a presença da língua portuguesa na revista:

Com prazer, informamos que houve uma resposta positiva ao nosso pedido aos colaboradores para tentarem envolver mais pessoas na produção do conteúdo desta revista mensal, especialmente relacionado à introdução de artigos em língua brasileira.

[...] É necessário em todas as comunidades que a geração mais jovem seja alcançada e interessada por meio da língua brasileira, a fim de garantir o futuro deste periódico. Devemos estar cientes de que, a longo prazo, a língua holandesa, apesar das medidas tomadas para mantê-la o máximo possível, gradualmente começará a se diluir.

É notável em todos os contextos, a saber, igreja, escola e eventos culturais, que o português se tornou a língua principal de comunicação, seja nos cultos (nos quais, em dias especiais, como Páscoa e Natal, por exemplo, alguns hinos em holandês são inseridos, e às vezes um trecho bíblico é lido na língua dos pioneiros); em eventos da escola (organizados em português e onde os (poucos) alunos de holandês apresentam uma peça de teatro ou participam de uma competição de leitura em holandês, para um público formado por avós e pais, quando esses ainda compreendem a língua, ou participam simplesmente para incentivar os seus filhos); e nas atividades culturais da colônia, como a festa de *réveillon*, o dia do museu, gincanas, palestras¹⁷⁰.

Isso sugere uma adaptação consciente para atender às necessidades da comunidade contemporânea, com o intuito de manter a comunidade unida, sem que o idioma interfira no processo. A interação entre essas línguas e a escolha do idioma em diferentes contextos revelam as complexidades da identidade linguística e cultural nas colônias¹⁷¹.

¹⁷⁰ É interessante mencionar que o uso de intérpretes (holandês – português) é algo extremamente raro: se há um palestrante holandês, o público é formado apenas por aqueles que dominam a língua; por outro lado, quando o evento é em português, é possível perceber a presença também daqueles que não compreendem a língua portuguesa tão bem quanto a holandesa.

¹⁷¹ É importante salientar que muitas afirmações e exemplos se referem mais às três colônias ABC (Arapoti, Carambeí (Batavo) e Castrolanda), que mais se assemelham em termos de escola e igreja, com aulas e cultos também em holandês.

Essa transição linguística e as práticas observadas destacam a dinâmica complexa entre a preservação da herança cultural holandesa e a adaptação à realidade linguística local. Fato que podemos reconhecer na revista *De Regenboog* também, pois, além do projeto de incluir cada vez mais textos em português, o coordenador também expressa o desejo de aumentar o rol de comunidades holandesas participantes ao dizer que “espera manter contato com todos os colaboradores das colônias ABC, Holambra's¹⁷², Tibagi, Maracaju, na medida do possível, e no futuro, pretendemos tentar envolver também Maranhão e Não-Me-Toque”.

Essa revista, sob a responsabilidade da ACBH desde 1998, foi, portanto, repaginada, não somente com a mudança do nome, mas também do *layout* da revista e do estilo da capa: os leitores poderiam contribuir com fotos, que seriam utilizados a cada mês para fazer uma capa nova.

As notícias sobre os acontecimentos nas colônias, com relatos sobre eventos culturais, celebrações, conquistas e diários de viagens, por exemplo, assim como convites para eventos futuros, a publicação de relatos históricos, séries de textos escritos por imigrantes, trechos de livros sobre a imigração, trechos retirados de edições passadas da própria *Centraal Maandblad* nos seus anos iniciais, crônicas, entre outros, ganharam mais força.

Também os assuntos de interesse comum a todos os imigrantes holandeses e seus descendentes, como a (manutenção da) cidadania holandesa, participação nas eleições holandesas, estudo e parcerias com universidades e empresas holandesas, assim como eventos em geral completariam a pauta da revista, pelo fato de a ACBH estabelecer convênios internacionais e contatos com a Embaixada da Holanda.

Textos retirados de jornais e revistas brasileiras e holandesas continuaram fazendo parte da revista, porém as notícias das cooperativas nunca mais entraram na revista¹⁷³, o que há sim, são relatos de visitas a propriedades no Brasil e no exterior, cursos técnicos frequentados por pessoas das colônias e notícias sobre as safras e o clima nas colônias, mas nada técnico, como antigamente.

¹⁷² Substantivos terminados nas vogais **a, i, o, u e y** recebem um apóstrofo antes da letra **s** do plural, em Holandês, por esse motivo Holambra's ficou assim também, se referindo a Holambra I e Holambra II.

¹⁷³ Cada Cooperativa tem o seu próprio informe interno para os associados, o qual passou a ser eletrônico com o passar do tempo.

Na contracapa da revista constava a seguinte mensagem: *Revista De Regenboog Arco-íris* (publicação destinada a membros das comunidades de procedência Holandesa no Brasil, sem fins políticos ou religiosos.)

O sucesso da nova versão da Revista, com tiragem inicial de 340 exemplares é perceptível nas reações dos leitores, como no exemplo que segue, retirado da revista número 4, ano 1, de junho de 1999:

Contato com a Redação

Recebemos a seguinte carta do Sr. G.van Blarcum de Graaff:

Ao ler o número 3 da revista *De Regenboog – O Arco-íris*¹⁷⁴ de A a Z eu cheguei à conclusão de a escolha *De Regenboog* foi uma escolha feliz para o nome da revista, já que as sete cores do arco-íris, com todas as suas nuances, dão uma boa imagem da grande variedade de assuntos que são tratados na revista.

Para aqueles que já tem assinatura, eu gostaria de incentivá-los a estimular família, amigos e conhecidos a seguirem o seu exemplo e também assinar a *De Regenboog*! Vale a Pena! [esta última frase tendo sido escrita em português]

Em fevereiro de 2023 (n. 287, ano 24), a *De Regenboog* passou a ser impressa pela Gráfica Vila Velha, a redação composta por Tineke Voorsluys, Nelly Jacobi, Nel Los, Joanita Aardom e Leonardo W. Voorsluys e vinte e dois colaboradores fixos nas oito localidades participantes da revista.

Desde a chegada de Não-Me-Toque, infelizmente não houve mais acréscimos ao rol de participantes. A redação, porém, sempre novamente incentiva que os leitores contribuam com a revista, como no chamado publicado na *De Regenboog* de maio de 2013 (ano 15, n. 170, p. 3)

CHAMADA

A Revista *De Regenboog* é uma publicação destinada às colônias holandesas no Brasil. Seu principal objetivo é manter e fortalecer os laços entre imigrantes holandeses e seus descendentes. Para isso, os escritores das várias colônias se dedicam a compartilhar notícias das colônias por meio das notícias coloniais. No entanto, há espaço na revista que atualmente é preenchido com notícias gerais, mensagens e informações de fundo. Nós,

¹⁷⁴ Até dezembro de 2019 a revista se chamava *De Regenboog – O Arco-íris*, mas a redação optou por manter apenas *De Regenboog* a partir de janeiro de 2020, retirando O Arco-Íris, para evitar possíveis interpretações equivocadas, já que as cores do arco-íris representam a comunidade LGBT. Criada pelo designer Gilbert Baker (1951-2017), por encomenda do político e ativista gay Harvey Milk (1930-1978), a bandeira arco-íris foi para as ruas pela primeira vez em São Francisco, nos Estados Unidos, em 1978, e de lá ganhou o mundo (MÊS, 2021). Mesmo existindo há mais de quatro décadas, a bandeira e o movimento ganharam mais expressividade nas duas últimas décadas no Brasil, fazendo com que a redação da *De Regenboog* decidisse retirar a parte do nome que estava em português.

como editores da *De Regenboog*, ficaríamos felizes em preencher esse espaço com contribuições de pessoas de nossas comunidades. Não estamos nos referindo a notícias das colônias, mas sim a registrar tópicos que nos interessam. Isso pode incluir assuntos relacionados ao setor agrícola, histórias e anedotas que ocorreram em nossas comunidades, a história holandesa-brasileira, a vida cotidiana no presente, e muito mais. Quem estiver interessado em se juntar a nós? Não é necessário que seja uma obrigação; você pode escrever ocasionalmente, compartilhar algo conosco uma única vez ou escrever regularmente. A língua não é um problema, a *De Regenboog* é bilíngue, e contribuições em holandês são tão bem-vindas quanto em português. Esperamos criar uma revista que seja não apenas para, mas também principalmente por pessoas das colônias.¹⁷⁵

Desde o seu início, a revista tem sido transparente com seus leitores¹⁷⁶, o comunicado acima, que enfatiza claramente a natureza bilíngue da revista, é mais uma manifestação de uma adaptação consciente para atender às demandas da comunidade contemporânea, com o propósito de manter a coesão comunitária, sem que a questão do idioma prejudique o processo.

Esses apelos dão resultado, pois mensalmente, pessoas escrevem textos relatando algum acontecimento pessoal ou algo lido em outra fonte ou visto pessoalmente ou na televisão, que os levou a escrever a respeito. O texto¹⁷⁷ a seguir¹⁷⁸, inspirado em um texto escrito em 1967, na coluna *Stem van Eva* é um exemplo.

¹⁷⁵ O texto original está no anexo 8, p. 302.

¹⁷⁶ Vários exemplos dessa conversa aberta com os leitores poderiam ser dados, como um texto da redação expressando insatisfação com a falta de interação dos leitores, em uma das primeiras edições da *Centraal Maandblad*; ou ao informar que determinada pessoa, mesmo prometendo escrever durante as férias, não havia enviado nenhum texto; explicando sobre a necessidade de se “contratar” mais pessoas; sobre o desejo de convidar outras colônias e de que mais pessoas se envolvessem na escrita entre muitos outros exemplos.

¹⁷⁷ O texto original está no anexo 9, p. 303.

¹⁷⁸ Ao finalizar o texto para a revista, considerei traduzi-lo para o português, mas devido a limitações de espaço, ele foi publicado apenas em holandês. Escolhi escrever em holandês, pois o evento ocorreu na Holanda e remete a um texto da década de 1960, também escrito em holandês. Além disso, a familiaridade com histórias contadas em holandês desde a infância influenciou essa escolha. O texto foi assinado com minhas iniciais, mantendo a tradição de anonimato da autora “Eva”.

STEM VAN (een fan van) EVA

Ingeburgerd dankzij Kees!

Mijn Adam en ik wonen nu ruim anderhalf jaar in Amsterdam en voelen ons hier al helemaal thuis. Maar we zijn afgelopen weekend pas echt ingeburgerd.... door Kees.
Ik zie u nu denken: "Maar wie is Kees?"

Ik zat laatst 's avonds rustig op de bank naar *Boer Zoekt Vrouw* te kijken, en Adam zat aan tafel achter een film op Netflix.

Ineens werden mijn ogen dubbel zo groot en ik zei: "Lieverd, tem um... (voordat mijn zin af was stond Adam al praktisch boven op een stoel, hij wist immers niet wát ik zag) ... *muisje querendo sair debaixo da geladeira!!!*"

Ik zat vastgenageld aan de bank en Adam ging ook maar weer zitten. We wisten niet wat we in deze situatie, 's avonds laat, moesten doen; zulk ongewenst bezoek hadden we nooit eerder gehad.

Dan eerst maar aan Google vragen, die weet immers overal raad op: tientallen bedrijven gespecialiseerd in ongediertebestrijding beschikbaar op internet; maar wat blijkt nu, de muizenverdelgers hebben absoluut geen gaatje in hun agenda, ze hebben het op dit moment té druk met muizen en wespen.

Een mevrouw zei zelfs door de telefoon dat ik op moest passen voor charlatans (oh, dus dat gebeurt hier ook!?)

De eerste nacht moest Adam als escorte mee naar de wc. De tweede nacht - het muisje heette nu al Kees en werd als bij *Big Brother* nauwkeurig bewaakt - ging ik alleen, gewapend met een zaklantaarn, en scheen eerst goed voor me uit om vervolgens naar het toilet te gaan (met alle lichten aan).

Wat Google me trouwens ook nog vertelde was dat als je een Kees in huis vindt, er waarschijnlijk ook wel een Jan en Bart, en erger nog, een Wilhelmina of Fientje rondlopen, die er samen voor zorgen dat de familie steeds groter wordt.

Ik was ineens toch wel nieuwsgierig hoe dat allemaal af zou gaan lopen en ondanks alle genomen maatregelen, vond ik het wel interessant hoe zo'n beestje zo klein en dapper kon zijn om zomaar bij iemand naar binnen te glippen. En ik vind het best zielig dat zulke beestjes zo onwelkom zijn en geen levenskans hebben als het aan ons én de katten ligt.

Dit alles doet me denken aan een verhaal uit het Centraal Maandblad van de jaren 1960, toen Eva schreef over een spinnetje (die we hier aan het eind van de zomer ook genoeg hadden):

Het spinnetje had de buitenkant van een van onze vensterruiten uitgekozen als woon- en leefruimte. Het was heel jong en heel klein. Het werkte zo vlijtig aan zijn web, en het stak zo mooi af tegen de lucht, dat wij het niet wegnamen. Elke dag keken wij, hoe ver het web gevorderd was, en hoe het spinnetje groeide. Vol bewondering waren wij voor het als kant zo ragfijne spinnenweb, dat dapper felle stormvlagen doorstond. Dagelijks genoten wij van dit onbegrijpelijk wonder, dat wij toch maar "zomaar voor niets cadeau kregen" Het cabóclo meisje, bij de wekelijkse ramenbeurt, was stomverbaasd, dat de "spinnenruit" nooit mocht worden schoongemaakt en ik zag haar denken: "Esta estrangeira louca" - het spinnetje werd een spin, er kwam een eierdot, en opeens was de hele spinfamilie verdwenen.

Als ik er het met Amsterdammers over heb, vinden ze het een wonder dat we in al die maanden nooit eerder muizen in huis hebben gehad, want dat is het aller normaalste hier. "Je moet gewoon een kat in huis nemen, dat lost je probleem op!", zeggen ze dan. Als zij eens wisten dat ik met het beestje te doen had, zouden ze, na zestig jaar, hetzelfde denken als het cabóclo meisje: "Esta estrangeira louca" (maar dan wel in het Nederlands!)

VBdR

De Regenboog - página 25

FIGURA 30 – MINHA PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO NA REVISTA (*De Regenboog*, n. 295, ano 25 p. 25, 2023)

Mesmo o texto ter sido escrito em holandês, novamente há palavras e frases em português, no texto escrito em 2023 e no texto citado, de 1967: “*Lieverd* [querido], tem um *muisje* [camundongo] querendo sair debaixo da geladeira” e “esta estrangeira louca” para descrever o foi dito ou pensado nas situações descritas.

A revista, portanto, contém textos em português e holandês e até mesmo poucas vezes em inglês. Como informado anteriormente, a questão da língua será trabalhada no quarto capítulo, mas um detalhe merece ser destacado: nas décadas de 1950, 1960 e 1970 os textos eram quase que totalmente em holandês, com palavras em português inseridas em meio aos textos, por não haver similar em holandês, por já fazer parte do vocabulário dos imigrantes e descendentes, entre outros motivos. Agora percebemos o inverso: alguns dos textos redigidos em português contêm palavras em holandês, entre aspas.

O resgate da História é significativo, com colunas intituladas *Laat het verleden spreken* (Deixe o passado falar), e *Memoires* que recuperam textos antigos, e fotos, de *Centraal Maandbladen* dos anos iniciais da década de 1980. Essas colunas demonstram que há muita leitura e pesquisa por parte da redação da *De Regenboog* nas revistas arquivadas e que o *Centro de Documentação* é o lugar onde conseguimos resgatar e resguardar a história, por meio dos documentos guardados.

A redação está constantemente pedindo o apoio das pessoas para contribuírem com material impresso, que possam ter guardado em casa, além de procurar *online* para encontrar material para enriquecer o *Centro* com documentação histórica, como no texto na *De Regenboog* de dezembro de 2014 (ano 16, n. 189, p.10):

Recentemente, não tem sido fornecido muito material para o *Centro de Documentação*. Será que as fontes secaram? Pessoalmente, não acredito muito nisso; deve haver ainda muito material importante armazenado em armários, caixas e baús, sem que se perceba o valor histórico desse material. O que parece ser insignificante pode ser de grande valor para o nosso *Centro de Documentação*. Vocês sabem, não é? O *Centro de Documentação da Associação Cultural Brasil-Holanda* tem como objetivo preservar a história da imigração holandesa para o Brasil em palavras e imagens para as gerações futuras. Desde já, agradecemos sinceramente pela sua contribuição.

E em novembro de 2023 (ano 25, n. 296, p. 3) a redação publicou o seguinte chamado:

A *Associação Cultural Brasil-Holanda* possui um local fixo em Carambeí para armazenar e preservar livros e revistas relacionados às colônias e à

imigração para o Brasil para as gerações futuras. Isso inclui todas as revistas, todas as edições da *Centraal Maandblad* e *Regenbogen* desde o início, que estão armazenados lá.

Bem, todos... exceto um número muito especial: o primeiro número da *De Regenboog*. Se você por acaso o tiver em casa e estiver disposto a doá-lo, ficaríamos muito felizes.

Se você tiver esse exemplar em casa, entre em contato [...] Desde já, agradecemos muito.¹⁷⁹

Nesse capítulo, foram apresentadas informações abrangentes sobre os setenta anos de história da Revista *De Regenboog*, desde sua origem como *Batavo-Post*, em 1953, até sua atualidade como *De Regenboog*. Ao longo desse período, a revista tem sido alimentada mensalmente por voluntários das colônias, inicialmente de Carambeí e, gradualmente, de Castrolanda, Arapoti e outras localidades descritas no capítulo. Inicialmente concebida como um boletim para estabelecer comunicação entre o Conselho Administrativo da Cooperativa, a direção da fábrica e os sócios da Cooperativa, a revista expandiu sua função para incluir informações sobre diversos aspectos da vida nas colônias, desde questões técnicas agrícolas até eventos culturais e esportivos.

A análise detalhada do conteúdo revelou a diversidade de tópicos abordados ao longo dos anos, incluindo informações sobre holandeses no Brasil e na Holanda, temas de interesse geral, seções específicas para mulheres, cultura, saúde, viagens, seções infantis e juvenis, aspectos técnico-econômicos, correspondências dos leitores e anúncios. Essa variedade de assuntos reflete o compromisso da revista em atender às necessidades e interesses da comunidade holandesa no Brasil, contribuindo para a qualidade de vida de seus leitores.

Além disso, a transição linguística ficou evidente ao longo dos anos, com o português emergindo como língua importante de comunicação na revista, embora o holandês ainda seja o idioma principal. Essa adaptação consciente reflete a complexidade da identidade linguística e cultural das colônias, demonstrando uma tentativa de equilibrar a preservação da herança holandesa com a integração à realidade linguística local.

¹⁷⁹ Duas pessoas fizeram a doação. Elas tinham (quase) todas as edições muito bem guardadas em casa. Talvez essas pessoas tenham pensado algumas vezes, durante as arrumações: “para que guardar essas revistas?”, ainda bem que não as jogaram fora, como a grande maioria dos assinantes fez.

Por meio dessas análises, foi possível compreender a dinâmica da revista ao longo de sua história e sua importância na preservação da cultura e história das colônias holandesas no Brasil. Apesar dos desafios e das incertezas que persistem, a expectativa de que as próximas gerações reconheçam o valor da história das colônias e a importância da continuidade da revista permanece vibrante e motiva os voluntários a continuarem com este significativo meio de comunicação comunitária.

4. O ESTUDO DA LÍNGUA HOLANDESA E PORTUGUESA NAS COLÔNIAS HOLANDESAS PRESENTES NA REVISTA PARA FUNDAMENTAR A PESQUISA SOBRE O BILINGUISMO NESTAS COLÔNIAS

Assim que os imigrantes chegaram ao Brasil, tiveram que conviver com uma realidade completamente diferente e com um novo idioma, que em (quase) nada se assemelhava à sua língua materna¹⁸⁰, e, embora vários houvessem frequentado algumas aulas para aprender palavras básicas antes de viajarem ao Brasil, a prática mostrou que o desafio seria grande e que, quanto antes aprendessem o idioma, mais facilmente se adaptariam à nova vida no Brasil.

Nos relatos disponíveis sobre os imigrantes holandeses no Espírito Santo, no século XIX, é possível perceber o quão determinante foi o fato de não dominarem a língua portuguesa, pois “[...] como não havia escola para as crianças, elas não aprendiam o português, o que dificultava muito a integração. Estavam sempre isolados em seu próprio círculo social, sem perspectivas de crescimento” (PAULA, 2011, p. 17).

Cada colônia deste estudo tem uma história particular com a língua holandesa¹⁸¹: Carambeí, é a única colônia que se estabeleceu antes da nacionalização compulsória, que ocorreu no ano de 1938; por esse motivo teve a liberdade e possibilidade de se comunicar em holandês e ensinar o idioma por quase três décadas, antes da obrigatoriedade do ensino de português nas escolas.

A nacionalização compulsória ocorreu durante a ditadura Vargas, quando uma série de decretos foi promulgada a respeito da entrada e permanência de estrangeiros em solo brasileiro, com o intuito de aumentar a identidade nacional. O DECRETO-LEI Nº 406, de 4 de maio de 1938, visava promover a assimilação dos estrangeiros no

¹⁸⁰ Embora o português e o holandês façam parte da grande família de línguas indo-europeias, o holandês se encontra no ramo germânico, junto com o alemão, o inglês, o sueco, o dinamarquês e o norueguês, entre outros. O português, por outro lado, se encontra no ramo românico, assim como o espanhol (ou castelhano), o catalão, o provençal, o francês, o sardo, o italiano, o rético (ou romanche) e o romeno (FONSECA, 1999).

¹⁸¹ Poderíamos supor que as circunstâncias tivessem levado ao surgimento de uma *koiné*. O termo *koiné* tem origem no grego κοινή (koinē), que significa "comum" ou "compartilhado". Uma *koiné* é uma forma de língua que surge como resultado da interação entre falantes de diferentes dialetos de uma mesma língua. Essa variedade linguística é caracterizada por ser comum e supradialetal, desenvolvida para facilitar a comunicação entre pessoas que falam diferentes variantes de uma língua. (FERGUSON, 1982, p. 32). Esse não é o caso das pessoas das colônias, visto que cada uma, assim que visitasse, e ainda visita, ou então se muda para a Holanda, se comunica com os nativos sem dificuldade.

Brasil e propiciar a sua integração na sociedade brasileira. Desta maneira, o artigo 85, ao tratar do ensino nas escolas rurais, estipulava que:

Art. 85. Em todas as escolas rurais do país, o ensino de qualquer matéria será ministrada em português, sem prejuízo do eventual emprego do método direto no ensino das línguas vivas.

§ 1º As escolas a que se refere este artigo serão sempre regidas por brasileiros natos.

§ 2º Nelas não se ensinará idioma estrangeiro a menores de quatorze (14) anos.

§ 3º Os livros destinados ao ensino primário serão exclusivamente escritos em língua portuguesa. [...] (BRASIL, 1938)

O decreto se referia ainda a publicações de livros, revistas ou jornais em línguas estrangeira nas zonas rurais, as quais necessitavam de permissão do Conselho de Imigração e Colonização (BRASIL, 1938, art. 86). Da mesma forma, eram necessários a autorização e o registro prévios no Ministério da Justiça para a publicação de quaisquer livros, folhetos, revistas, jornais e boletins em língua estrangeira (BRASIL, 1938, art. 87).

Na *De Regenboog* de abril de 2013 (ano 15, n. 169, p.16), no texto intitulado *Iets over het onderwijs in Carambeí – Een belangrijke gebeurtenis* (Algo sobre a educação em Carambeí - Um evento importante) há uma descrição desses fatos:

De 1913 a 1930, as aulas eram ministradas em holandês por membros da colônia Carambeí, incluindo Pleuntje de Geus, Marie van Wilpe, Hendrik en Leen Smouters, Cornelia (K'neel) de Geus. Depois, também pelos professores Matthijssen e Zahn. E não podemos esquecer de Jacob Voorsluys, que sempre assumia quando alguém desistia. As aulas eram ministradas em uma casa que aos domingos servia como igreja. Em 1930, uma escola [particular] real foi construída, chamada *Escola de Pilatos*. A partir de 1933, professoras estaduais¹⁸², como Theresa Gaertner Seifarth, passaram a lecionar temporariamente em português. Em 1936, o corpo docente foi ampliado com a inclusão da professora Johanna Bokhout e do professor Keimpe van der Meer, ambos ministrando aulas em holandês. [...]

¹⁸² “Professoras estaduais” corresponde a funcionárias públicas, contratadas pelo Governo Estadual para dar aulas. No Brasil temos o ensino público, no qual o Estado é a instituição patrocinadora da escola e/ou da universidade, podendo essas pertencerem ao governo municipal, estadual ou federal. Há também o ensino privado, a forma de ensino não administrada por um governo e sim por uma ou mais pessoas donas da instituição (DIFERENÇAS, 2011). No idioma holandês, a palavra público é *openbaar*; *Openbare Scholen* (escolas públicas), porém, têm outro significado na Holanda, a saber, são escolas abertas a todas as crianças. Escolas especiais, por outro lado, são escolas que seguem uma religião ou cosmovisão específica, por exemplo, como escolas católicas, protestantes, evangélicas, reformadas, islâmicas, interconfessionais, chinesas ou hindus. Qualquer uma dessas escolas é paga pelo governo holandês, ou seja, a educação é gratuita para todos os alunos até os 18 anos.

Em 1940, foi proibido ministrar aulas em holandês, assim como em alemão, devido à Segunda Guerra Mundial.

Junto ao texto há uma foto tirada no dia da inauguração da segunda escola [particular], chamada *Escola Fundos de Pilatos*, construída para abrigar o crescente número de alunos em idade escolar que moravam longe da *Escola de Pilatos*. Na legenda da foto constam os nomes dos alunos e a origem deles:

[...] Para ter uma ideia de como era a composição da população de Carambeí em termos de origem: Das 40 pessoas nesta foto, 16 são filhos de imigrantes holandeses; 10 são filhos de imigrantes alemães; 11 são filhos de casamentos mistos entre holandeses e alemães, e 3 são verdadeiros brasileirinhos.



FIGURA 31 – FOTO DOS ALUNOS NO DIA DA INAGURAÇÃO DA *ESCOLA FUNDOS DE PILATOS*

As outras colônias desta tese surgiram no mínimo uma década depois destes decretos terem sido publicados: Holambra I em 1948, Não-Me-Toque em 1949, Castrolanda em 1951, Campos de Holambra - Holambra II e Arapoti em 1960, Tibagi em 1964 e Maracaju, em 1972¹⁸³, fazendo com que as crianças em idade escolar

¹⁸³ Holambra I (SP), Não-Me-Toque (RS), Castrolanda (PR), Campos de Holambra - Holambra II (SP), Arapoti (PR), Tibagi (PR) e Maracaju (MS)

frequentassem aulas em português e holandês, em Castrolanda e Arapoti, desde o início, ou somente em português, como ocorreu em Holambra I, Não-Me-Toque, Campos de Holambra - Holambra II, Tibagi e Maracaju.

Os imigrantes e seus filhos, tendo aulas formais de (ou em) holandês, ou não, estando em contato com os idiomas holandês e português em casa, e nos contatos do dia a dia, se tornaram bilíngues, confirmando a teoria de que “o bilinguismo surge, entre outros motivos, pelo contato de línguas através de diferentes formas de migração (econômica, educacional, política, religiosa), nacionalismo e federalismo, educação e cultura, comércio, casamentos mistos etc.” (GROSJEAN, 1997, p.165).

Thomason (2010, p.17) reforça que a origem mais comum do contato linguístico até hoje é o movimento de um grupo para o território de outro grupo, sendo esse também o motivo do bilinguismo nas colônias. Relacionados a esse deslocamento estão a educação e os casamentos mistos¹⁸⁴, comuns com o passar dos anos, como podemos verificar em Rickli (2004, p. 522), quando escreve que, com

[...] o elevado número de casamentos “mistos” e, portanto, de cônjuges “brasileiros” englobados pela colônia, [...] as mudanças do ponto de vista linguístico são talvez a face mais visível dessa intensificação do comércio simbólico em favor de um aumento da possibilidade de englobamento ou incorporação de indivíduos de fora [...].

O bilinguismo, é, portanto, desde a chegada dos primeiros holandeses desta pesquisa em solo brasileiro, resultado da convivência e integração na cultura brasileira, fazendo com que as pessoas desenvolvessem competências em ambas as línguas “na medida do exigido pelas suas próprias necessidades e pelas necessidades do ambiente” (GROSJEAN, 1989, p. 6) e, da mesma forma, as competências bilíngues dessas pessoas, “além de refletirem suas necessidades comunicativas, também refletem a quantidade e a qualidade de sua exposição a cada idioma” (HOFF, 2019, p.6).

Em seu livro escrito em 1983, Bosch (p. 69) relata a realidade na colônia de Arapoti, quando diz que

¹⁸⁴ Casamento misto, neste trabalho, se refere ao casamento entre um imigrante holandês ou descendente, com alguém de origem diferente da holandesa, principalmente os casamentos entre “holandeses” e “brasileiros” (optei por usar as aspas nesta nota, porque a maioria dos “holandeses” nesse caso já nasceram aqui no Brasil, e são, portanto, brasileiros também).

o maior problema com o qual nós, imigrantes mais velhos, tivemos que lidar foi a língua. E mesmo agora, vinte anos depois¹⁸⁵, o nosso português é lastimável. A causa disso é que nós já tínhamos em média quarenta anos de idade quando emigramos e formamos aqui uma comunidade que falava quase que exclusivamente em holandês.

No escritório da cooperativa havia alguns jovens da colônia de Castrolanda que falavam holandês e português, o que fazia com que nós não fôssemos obrigados a falar o português. Quando íamos à cooperativa sempre tinha alguém que nos ajudava.

Também Riel e Zart (2012, p.66) expõem realidade semelhante sobre a colônia de Não-Me-Toque ao escreverem que

no início falavam somente a língua holandesa. Os mais velhos falavam um pouco de alemão aprendido com os soldados alemães durante a guerra, fato que os ajudou bastante, pois eles não conseguiam aprender a língua portuguesa. Para fazerem compras no mercado, levavam um pequeno dicionário, a fim de se fazerem entender ou apontavam os produtos que queriam comprar.

[...] Às vezes, o imigrante pensava que estava falando português. No entanto, falava uma mistura das três línguas – holandês, alemão e português – resultando em algo que ninguém entendia.

E ambos os relatos reforçam o fato de que os imigrantes jovens dominavam a língua com mais facilidade e sem demora; fato estudado por pesquisadores do bilinguismo que confirmam, por exemplo, que “o desenvolvimento do bilinguismo [infantil] ocorre simultaneamente ao desenvolvimento cognitivo, podendo consequentemente influenciá-lo” (MEGALE, 2005, p. 4):

[...] Para as crianças era muito mais fácil, seus cérebros jovens absorviam a língua facilmente. Mas os nossos cérebros pareciam peneiras por onde praticamente tudo escapava. Do pouco que conseguíamos reter formávamos a nossa própria língua portuguesa (BOSCH, 1983, p. 69)

Fato que tinha as suas consequências, como percebemos ao ler que

[...] as crianças e jovens aprendiam rapidamente, tanto é que os pais chegaram a proibi-los de falar o português em casa, pois não entendiam mais os próprios filhos (RIEL e ZART, 2012, p.66)

Esse último relato é semelhante aos depoimentos encontrados no texto (em português) intitulado *Imigração holandesa – língua de lá e de cá*, escrito no ano do

¹⁸⁵ Os imigrantes chegaram a Arapoti a partir de 1960 e o livro foi publicado em 1983.

centenário da colonização holandesa, 2011¹⁸⁶, onde encontramos descrições de várias pessoas sobre o uso da língua holandesa e portuguesa na colônia de Carambeí. Mesmo que a entrevista tenha sido feita apenas com pessoas de Carambeí, as histórias retratam uma realidade similar àquela vivida em outras colônias.

É recorrente ouvir que as pessoas só aprendiam o português na escola, ou até mesmo mais tarde; segundo um filho de pioneiro: “Na escola se falava um pouco de 'brasileiro', mas em casa todos falavam holandês [...] e a professora brasileira era alemã, então eu falava mais holandês que brasileiro.” Outra entrevistada, imigrante, relatou que “na escola, na aula, tínhamos que falar o português, mas entre nós era o holandês. A professora sempre chamava a atenção, mas era muito difícil pra gente, porque o holandês era a língua falada.”

Da mesma maneira, um descendente, de terceira geração, falou que “até os meus cinco anos eu não sabia falar português. Nós morávamos aqui na colônia [Carambeí] e tudo era em holandês. Você ia para o culto, era em holandês, para a escola dominical, era tudo em holandês.”

Em outro relato, a entrevistada, filha de pai holandês e mãe indonesiana, conta que o pai era muito rígido quanto à manutenção da língua holandesa:

em casa antigamente, quando a gente almoçava junto, meu pai dizia: “*Hollands praten of hou je mond*” [Fale holandês ou fique quieto]. Era uma exigência dele falarmos o holandês. Todo mundo ficava quieto, mas todos nós sabemos falar holandês.

E continua: “[...] embora também quisesse passar a língua para meus filhos, [...] não conseguiu ser tão rígida como meu pai”.¹⁸⁷

É possível perceber que o fato de morar em uma colônia auxiliava muito em manter a língua holandesa, pois há o depoimento de mudança de uma família para Ponta Grossa¹⁸⁸, o que representou “uma grande dificuldade pra nós no começo, porque era tudo diferente.” [...] e

¹⁸⁶ *De Regenboog* (junho 2011, ano 13, n. 147, p. 23). O texto completo encontra-se no anexo 10, p. 305)

¹⁸⁷ No ANEXO 11 - A (p. 306), há uma anedota pessoal que exemplifica esta tentativa de manutenção da língua holandesa nas colônias.

¹⁸⁸ A distância do centro de Carambeí até o centro de Ponta Grossa é de 22 km. Décadas atrás, essa distância era considerada grande, mas hoje em dia, por conta dos loteamentos para condomínios de casas e indústrias entre as duas cidades, a percepção de que a distância era grande está diminuindo.

com a mudança da família, a língua holandesa também ficou para trás, pois não falávamos mais holandês em casa justamente porque morávamos em Ponta Grossa. Todos os nossos amigos, a escola, tudo era em Ponta Grossa, então era em português. Enquanto nossos primos que moravam em Carambei ainda falavam holandês. *De Regenboog* (junho 2011, p. 23, n 147, ano 13)

Considerando todos esses relatos, tanto os jovens quanto os imigrantes mais velhos exemplificam o bilinguismo, se levarmos em conta que há bilíngues que só conseguem ler e escrever em uma de suas línguas, com fluência reduzida na língua que usam apenas com um número limitado de pessoas, ou que só conseguem falar sobre um assunto específico em uma de suas línguas (GROSJEAN, 1997 p.167).

Autores concordam que o bilinguismo se refere à “capacidade de produzir enunciados significativos em duas (ou mais) línguas, o comando de pelo menos uma habilidade linguística (ler, escrever, falar, ouvir) em outra língua, o uso alternativo de várias línguas etc. em seu dia a dia.” (Beatens-Beardsmore, 1986; Hakuta, 1986; Haugen, 1969; Romaine, 1995: in GROSJEAN, 1997, p. 164).

Na *Centraal Maandblad* de dezembro de 1980 (ano 19, n. 12, p. 12), Keimpe van de Meer (K.M.) faz uma reflexão sobre o bilinguismo:

Sobre a língua em nossas colônias¹⁸⁹.

Língua é cultura. Ela expressa o que você pensa de uma maneira própria. É o começo de tudo.

[...]

Nós, pessoas da colônia, estamos sob a influência de duas culturas (visões de vida, estilos de vida, línguas) diferentes.

E o autor continua usando a sua metáfora sobre o trânsito para explicar o que ocorre com as duas línguas nas colônias:

Em nossas colônias, há uma rua cultural de mão dupla. O meio de transporte é a língua. Nesta via de mão dupla, existem duas línguas: o português e o holandês.

Qualquer pessoa que queira participar desta via cultural de mão dupla terá que manter e/ou aprender bem ambas as línguas.

Aquele que não tem domínio, ou que não tem domínio suficiente de uma das duas línguas, não pode participar neste tráfego.

Ele não conseguiu tirar a sua carteira de motorista e só pode dirigir com segurança (traduzindo: sentir-se "à vontade") em uma região.

[...]

¹⁸⁹ O texto original está no anexo 12, pp. 309 e 310.

Onde duas línguas muito diferentes se cruzam, os conflitos são esperados, se forem acompanhados por um choque (incompreensão) de culturas. Não se trata de "Camões"¹⁹⁰ versus "Vondel"¹⁹¹, trata-se de coisas comuns, quotidianas, com que as pessoas se preocupam, que as incomodam (K. M., *Centraal Maandblad*, dezembro 1981, ano 20, n.12, p. 12).

Em *Languages in Contact* (1953, p. 1), Weinreich explora os fenômenos que ocorrem quando duas ou mais línguas interagem de forma prolongada em comunidades bilíngues. Weinreich analisa como as línguas influenciam umas às outras em termos de fonética, morfologia, sintaxe, léxico e semântica. Ele identifica e descreve diversos processos de interferência linguística, como o empréstimo de palavras, o calque, ou seja, a tradução literal de expressões, o *code-switching* e a convergência gramatical.

Weinreich também aborda os fatores sociais e psicológicos que influenciam o contato linguístico, incluindo atitudes dos falantes em relação às línguas envolvidas, questões de identidade linguística e a dinâmica de poder entre grupos linguísticos.

Assim, K.M. ainda usando a metáfora sobre tráfegar em uma ou outra região, o autor continua:

A região de língua portuguesa (para nós o Brasil) é muito maior do que a região de língua holandesa (as colônias).

Se você tiver que escolher entre um dos dois idiomas, a escolha é aparentemente muito simples. A área de língua portuguesa é muito maior, você tem muito espaço nela. A língua holandesa é limitada. Você pode contar as casas onde é possível ter uma conversa em bom holandês - um número cada vez menor¹⁹² (K. M., *Centraal Maandblad*, dezembro 1981, ano 20, n.12, p. 12)

Esta informação final descreve um fenômeno comum entre imigrantes e seus descendentes, pois “os filhos de famílias imigrantes precisam de habilidades fortes na língua majoritária¹⁹³ [português] para ter sucesso na escola e precisam de habilidades

¹⁹⁰ Luís Vaz de Camões (1524 – 1580) é considerado o maior poeta de Portugal. Ele escreveu muita poesia, mas sua obra mais famosa é *Os Lusíadas* (OS LUSÍADAS, 2020).

¹⁹¹ Joost van den Vondel (1587 – 1679) foi um poeta e dramaturgo holandês. Ele é considerado o maior escritor e poeta da língua holandesa do século XVII (LITERATUUR-GESCHIEDENIS, 2023).

¹⁹² O autor observou a redução do uso do holandês já no início dos anos 1980; mas apesar disso, até hoje, 42 anos mais tarde, existem casas onde há conversas em “bom holandês”.

¹⁹³ No Brasil o português é a língua oficial e, como tal, é utilizada na mídia, na educação formal e em processos jurídicos, sendo assim, a língua majoritária (LIMBERGER *et al*, 2020, p. 894). Estimativas do *Grupo de Diversidade Linguística do Brasil* (GTDL) comprovam que são mais de 210 idiomas: 180 indígenas, 30 falados por comunidades de imigrantes, duas línguas de sinais usadas por comunidades surdas, fora o próprio português, que possui variações regionais e de classes sociais (RETRATOS, 2011).

na língua de herança¹⁹⁴ [holandês] para se comunicar bem com os seus pais e avós.” (HOFF, 2018, p. 86).

As duas línguas têm, portanto, a sua função e podem caminhar juntas; porém a importância de dominar a língua para a escola influencia a diminuição do uso do idioma de herança, a língua minoritária¹⁹⁵. Hoff (2018, p. 85) ainda salienta que “as crianças bilíngues em ambientes bilíngues podem escolher o idioma que falam e, quando um idioma tem mais prestígio do que o outro, eles escolhem o idioma mais prestigiado”. Ou podemos considerar que nem sempre seja uma questão totalmente de escolha, pois é “comum que a criança aprende a dominar bem uma das línguas e que a outra (ou outras) língua seja menos bem adquirida.” (DE HOUWER, 2007, p. 411).

A língua de herança, portanto, se refere àquela que “se herda, que provém de laços familiares; a língua falada pelos pais, avós, ou familiares próximos, de um país que se conhece ou não, de que se ouviu falar, que se visitou” (WARROT, 2022, p.1). Desta forma, a língua de herança é um conceito que mostra a “relação dos falantes com uma língua cujo estatuto é difícil de designar, e que gravita entre língua materna, língua de origem, língua dos imigrantes, língua minoritária, língua comunitária ou língua de casa (ORTIZ, 2000, p.156). Segundo Almeida e Flores (2017, p. 291), falantes de uma língua de herança são falantes de ascendência estrangeira, imigrantes de segunda ou terceira geração, que nasceram no país de acolhimento ou emigraram em idade precoce, tendo contato com a língua de herança sobretudo no contexto familiar.

A língua é cultura, é uma herança imaterial transmitida para as outras gerações e pela qual valores culturais se manifestam também. Outra herança marcante é o amor pela leitura e escrita, marca registrada de tantos imigrantes que vieram ao Brasil, incluindo os holandeses, trazido por eles e passado aos seus descendentes. Essas práticas foram incentivadas desde cedo, como podemos ler no trecho retirado da *Centraal Maandblad* (fevereiro de 1964, ano 4, n. 2, p. 8):

¹⁹⁴ A língua de herança é a língua herdada dos pais, e o aprendizado ocorre no meio familiar (FERREIRA; VENZKE, 2021).

¹⁹⁵ A língua minoritária é definida como a língua usada por um grupo menor do que o restante da população de um território onde a língua oficial é diferente da língua usada por esse grupo (CONSELHO DA EUROPA, 1992, p.2). As línguas minoritárias estão, muitas vezes, ligadas ao bilinguismo (LIMBERGER *et al*, 2020, p. 895).

Eva's, vamos colocar nossos filhos para trabalhar? Sugiro que eles tentem escrever uma pequena história, uma descrição do "meu dia mais divertido de férias". Pode ser sobre um piquenique, uma festa, um dia na praia, **qualquer coisa**¹⁹⁶. Não muito longo, não muito curto e, claro, totalmente de autoria própria. Aqueles que preferirem escrever em português, também está bom. Erros de ortografia não serão considerados, apenas o estilo da narrativa. Entrega: até o dia de 10 de março, para a Redação da *Maandblad*, sob "História de Férias", claro, com o nome e idade (não acima de 14 anos). Haverá um prêmio disponível, então, mãos à obra, crianças! Eva (bem, desta vez temos que incluir o Adam também)

Fica evidente que o interesse era pela participação das crianças e pelo desenvolvimento delas na arte de escrever, aprendendo inclusive os diferentes gêneros, estilos textuais. Além disso, o idioma não deveria ser uma barreira, o que demonstra o quão consciente a redação estava de que o português fazia e faria, cada vez mais, parte da realidade das colônias, já na década de 1960.

Além dessa, também havia a consciência de que organizando atividades como estas, ocorreria o incentivo de manter o holandês, não só na forma oral, mas também escrita entre as crianças.

Na *Centraal Maandblad* de maio de 1972 (ano 12, n. 5, p. 4), K.M. escreve um texto intitulado "Nossas comunidades no Paraná e a conexão com a Holanda". No final do texto ele ressalta a importância do holandês na vida dos filhos, mesmo estando no Brasil; além de falar o que esse conhecimento pode representar no futuro:

Manter a língua holandesa é e continua sendo, sem dúvida, um bem valioso para nossos filhos, uma chave para contatos valiosos e também para muito conhecimento e *know-how* valiosos.

Além do português, como idioma de "nosso" país, e do inglês, como língua mundial, devemos também continuar enfatizando a importância do holandês para a nossa juventude, para que no futuro essa conexão possa continuar existindo. Essa conexão pode trazer mais conhecimento sobre a "Holanda" no Brasil, especialmente no Paraná, e, por outro lado, talvez despertar maior compreensão sobre o Brasil na Holanda.

¹⁹⁶ **Qualquer coisa**, que deixei em negrito no texto, está em português no original. Tentei encontrar uma maneira de dizer isso em holandês (*maakt niet uit; wat dan ook*), mas nada parecia se encaixar tão bem quanto **qualquer coisa**. Acredito que esse tenha sido o motivo da autora para deixar a frase em português.

Quase três décadas depois, em abril de 2001 (*De Regenboog*, ano 3, n. 26, p. 25) Silvio Bonawitz¹⁹⁷ publicou um texto (em português) intitulado “Curso grátis em casa e sem tarefa”:

Fale a verdade. Você gostava quando seus pais insistiam que você falasse em holandês, ou outra língua? Eu odiava! Eu não entendia o porquê da insistência, sendo que fora de casa tudo era em português.

A verdadeira intenção dos nossos pais é manter a tradição, mas nos dias de hoje, saber uma outra língua pode ser muito importante para você quando começar a trabalhar.

A chegada do computador, e posteriormente da internet, fez com que o inglês fosse requisito essencial nos currículos. Depois, com a criação do Mercosul, o espanhol passou a ser o segundo mais requisitado.

[...]

Outras línguas também se tornaram importantes, com a chegada das multinacionais em nosso país [...]. Cada uma destas empresas trouxe para o Brasil a sua língua nativa e, obviamente, dá preferência em contratar pessoas que conheçam esta língua.

[...]

Nesta semana fui surpreendido com a feliz notícia de que um amigo meu conseguiu entrar em uma grande empresa do ramo automobilístico. Sabe qual foi o principal requisito que o ajudou a entrar nesta empresa? O alemão que aprendeu em casa, gratuitamente, com seus pais.

O objetivo deste texto é chamar a atenção para a oportunidade de se conhecer uma língua estrangeira, sem pagar nada por isso, em casa e sem tarefa. A língua que você está deixando de lado, pode perfeitamente auxiliá-lo a conseguir, futuramente, um bom emprego como o de meu amigo. Pense nisso.

Pesquisadores como King, Fogle e Logan-Terry (2008, p. 907-922) têm manifestado interesse em explorar os aspectos da política linguística familiar, ou seja, o planejamento explícito e manifesto em relação ao uso da língua que ocorre em famílias bilíngues, investigando “as metas que as famílias têm em relação ao uso da linguagem e aos resultados de aprendizagem linguística de seus filhos” (KING et al. 2008, p. 909).

Isso envolve compreender os esforços feitos pelos pais para incentivar a manutenção das línguas de herança e como eles lidam com possíveis mudanças ou alterações linguísticas dentro da família ao longo do tempo (ibid, p. 916-918).

¹⁹⁷ Silvio Bonawitz é assessor de imprensa da Fundação ABC, instituição de caráter particular, sem fins lucrativos, que realiza pesquisa aplicada para desenvolver e adaptar novas tecnologias, com o objetivo de promover soluções tecnológicas para o agronegócio aos mais de 5 mil produtores rurais filiados das Cooperativas Frísia, Castrolanda e Capal, além dos agricultores contribuintes, como os da Coopagricola (Ponta Grossa-PR), da Cooperativa Witmarsum (Palmeira-PR) e da KGL Agronegócio (Formosa-GO) (QUEM, 2023).

Fishman (1991, p. 356) enfatiza a importância das práticas linguísticas familiares na transmissão inicial das línguas de herança. No entanto, ele também destaca que oferecer oportunidades e apoio para que as pessoas usem a língua de herança fora de casa é crucial para garantir seu uso e desenvolvimento contínuos. Isso ressalta a importância de criar um ambiente de apoio além do ambiente familiar para manter e revitalizar as línguas ameaçadas.

É nesse âmbito que entra a escola, por exemplo, mencionada ao longo deste trabalho como sendo um dos eixos do tripé “igreja, escola e cooperativa” nas colônias de Arapoti, Carambeí e Castrolanda (ABC) do Paraná.

A escola, criada pelos próprios imigrantes nas colônias, e sua importância para os imigrantes pioneiros para o aprendizado e manutenção das duas línguas é mencionada por Bosch (1983, p. 101 e 102):

Leitores que não conhecem as circunstâncias, que não sabem o que é emigrar, talvez vejam esta decisão de criar uma escola própria como um luxo desnecessário, afinal, você está indo para um país com a intenção de que este se torne sua nova pátria. Por que, então, além do ensino brasileiro, também ter ensino holandês? Eu acredito que isso tenha uma fundamentação psicológica. Para os mais velhos, quando emigram para outro país, especialmente um país como o Brasil, com uma língua e cultura completamente diferentes, é muito difícil cortar imediatamente o cordão umbilical com a terra natal, pois nada nos conecta tão profundamente quanto a língua. E é assim que queremos que seja, que nossos filhos continuem a dominar esta língua [holandesa], não apenas falando, pois isso rapidamente se transformaria em um dialeto holandês-brasileiro, mas eles também devem aprender a ler e escrever na língua [holandesa]; além disso, devem aprender um pouco sobre a história e cultura da Holanda.

E conclui escrevendo:

Além disso, descobrimos que aqueles que conhecem não apenas o português, mas também a língua holandesa, têm muito mais facilidade em aprender uma língua germânica durante a educação continuada do que aqueles que apenas aprendem a falar uma língua românica. Ao considerarmos esses pontos em conjunto, não vemos mais nossa escola como um luxo desnecessário, mas sim nos orgulhamos dela (BOSCH, 1983, p. 102)

Apenas as colônias ABC fundaram suas próprias escolas, como relatado acima, mas é possível encontrar, com frequência, notícias sobre essas escolas e sobre as das demais colônias participantes da revista: sobre as atividades (culturais) feitas, relatos sobre o início e término das aulas e providências a serem tomadas pelos pais e alunos nesses períodos, formaturas, entre outros; e, às vezes, há novidades

sobre o ensino de holandês nas escolas das colônias ABC, por ser nessas colônias que houve o ensino formal de holandês até alguns anos atrás. Professores eram contratados em parceria com a fundação NOB – *Nederlands Onderwijs in het Buitenland* (Ensino de Holandês no Exterior), que trabalha em nome do Ministério da Educação, Cultura e Ciência holandês, e passavam algum tempo no Brasil dando aulas na escola e participando de eventos em holandês com e para as crianças e adolescentes que estudavam holandês na escola.

Em dezembro de 2002 (p. 7), por exemplo, o relato (em holandês) na *De Regenboog*, intitulado “*Hollandse lessen*” (aulas de holandês) fala sobre a visita de representantes da *Stichting Onderwijs in het Buitenland* (Associação de Ensino de Holandês no Exterior). De acordo com as respostas dadas pelos pais à lista de perguntas entregues por esses representantes,

a língua holandesa ainda tem futuro para as nossas crianças¹⁹⁸. A conexão com os membros holandeses da família e com a cultura holandesa e, possivelmente, um estágio lá, são razões suficientes para continuar, desde que haja possibilidades financeiras e pessoas que queiram se comprometer com isso. Sem falar nos próprios pais. Isso é, portanto, dever de casa.

Em 1965, a *Centraal Maandblad* (ano 5, n. 12, p.7) na seção *Arapoti-Nieuws* (notícias de Arapoti), há um relato sobre a escola, demonstrando a consciência de que o bilinguismo pode influenciar o rendimento escolar:

Os exames de conclusão e transição na escola em nossa colônia transcorreram muito satisfatoriamente. No município de Arapoti, a escola ocupa uma posição elevada, **apesar de ou graças ao bilinguismo**. Os oito alunos que prestaram o exame de admissão no Instituto Cristão foram aprovados.

Na *De Regenboog* de setembro de 2009 (ano 11, n. 126. p. 9), há o relato escrito em holandês de Castrolanda sobre um evento realizado para os idosos da colônia, se referindo ao uso do idioma holandês:

Na tarde de sexta-feira, 31 de julho [de 2009], a *Jeugd van Vroeger* (Juventude do Passado) se reuniu [...]. Fomos convidados a assistir

¹⁹⁸ A palavra *kinderen* pode significar crianças ou filhos. Optei pelo termo crianças por serem alunos do ensino fundamental.

novamente ao musical "*Minoes*" [minus]¹⁹⁹, que já havia sido apresentado na última noite cultural da escola holandesa. Antes disso, tomamos uma xícara de café e, em seguida, pudemos aproveitar a peça divertida, muito bem interpretada e cantada; e tudo em nossa língua materna, isso não é incrível?!

Jeugd van Vroeger (Juventude do Passado) foi o nome dado ao grupo de idosos (formado por imigrantes com o holandês como língua materna) em algumas das colônias. Este grupo se reunia semanalmente para fazer joguinhos, ouvir palestras, tomar café e conversar, além de organizarem passeios e excursões de vez em quando. Havia também o intercâmbio anual entre as colônias. Ainda há encontros de pessoas (acima de 50 anos) interessadas e com tempo para joguinhos, palestras e passeios; mas em Arapoti, por exemplo, o nome do grupo foi mudado para *De Brug* (a Ponte).

Sobre as aulas de holandês nas escolas das três colônias ABC, neste momento (fevereiro de 2024), apenas Arapoti (e a *De Rioranje School*, em Botafogo, no Rio de Janeiro) ainda consta no *website* da fundação NOB (**N**ederlands **O**nderwijs in het **B**uitenland). Na descrição do colégio no site da NOB, lemos que:

A Escola NTC²⁰⁰ faz parte do Colégio Colônia Holandesa, sendo propriedade da comunidade holandesa em Arapoti. Esta instituição é fundamentada em princípios cristãos e oferece aulas de formação religiosa nos departamentos brasileiro e holandês. Seguindo o currículo brasileiro, as aulas NTC são ministradas no período da tarde.

O programa NTC-PO é destinado a crianças holandesas com idades entre 3 e 14 anos (do 3º ao 9º ano). Três professores dedicam-se às aulas NTC, mantendo uma colaboração positiva com os colegas brasileiros. Além disso, a escola promove atividades especiais, como festas religiosas, festa junina, semanas temáticas e outros projetos que também incorporam a educação NTC.

A própria educação NTC organiza eventos como uma noite holandesa, celebrações de *Sinterklaas*, pernoite na escola, *Sint Maarten*²⁰¹ e ocasionalmente acampamentos em parceria com a Escola NTC em Castrolanda. Como encerramento das aulas de holandês, o Grupo 9 realiza um exame de Holandês como Língua Estrangeira. A localização da escola,

¹⁹⁹ *Minoes* trata-se da Senhora Minoes, que parece uma madame, mas se comporta como uma gata. Essa história é baseada no livro da famosa autora holandesa Annie M.G. Schmidt (1911 - 1995).

²⁰⁰ NTC (*Nederlandse Taal en Cultuur*) se refere a Língua e Cultura Holandesa. O formato das aulas teve que ser adaptado aos novos padrões da colônia, em que as crianças falam o holandês cada vez menos e têm avós que já falam e compreendem o português, não havendo, portanto, um objetivo grande para as crianças aprenderem o holandês.

²⁰¹ Em 11 de novembro, celebra-se a festa de *Sint Maarten* (São Martinho). À noite, crianças caminham pelas portas com lanternas, cantam em homenagem a São Martinho e recebem doces ou frutas como recompensa. Segundo as lendas, São Martinho era generoso, doando seus pertences aos pobres, inclusive cortando seu manto ao meio para dar a um mendigo. No passado, crianças carentes visitavam casas com lanternas, buscando algo saboroso para enfrentar o inverno. Atualmente, essa tradição é mantida como uma atividade lúdica e divertida (SINT-MAARTEN, 2024).

no "centro" da colônia holandesa, fica logo fora do centro da cidade de Arapoti.

E mais uma vez, em uma mensagem do Consulado Holandês em Curitiba, podemos ver o valor que o aprendizado do idioma, em casa e/ou na escola, pode ter na vida profissional dos descendentes. O texto diz que

com certa frequência, as empresas entram em contato com o consulado holandês quando estão em busca de funcionários que dominem a língua holandesa. Por essa razão, o consulado pretende criar um banco de dados com currículos de pessoas que falam holandês, de modo que esses currículos possam ser encaminhados para essas empresas. Quem tiver interesse em se registrar pode enviar seu currículo em português, inglês ou holandês (*De Regenboog*, maio de 2006, ano 7, n. 74, p. 13)

E esse fenômeno é recorrente, pois, mesmo sendo um idioma sem grande expressão mundial, com cerca de vinte e quatro milhões de falantes²⁰², a Holanda é ativa no mundo dos negócios e, por isso, o conhecimento do idioma holandês se torna um diferencial na hora das contratações tanto para pequenas quanto para grandes empresas, mesmo porque a mão-de-obra em solo brasileiro representa uma economia enorme para essas empresas. O problema, porém, é que essa mão de obra é escassa, como podemos constatar em um trecho da *De Regenboog* (abril de 2005, ano 7, n. 73, p. 13)²⁰³:

Holambra tem uma nova empresa, a TELEMARKETING C.R.M. Essa empresa oferece oportunidades de emprego para pessoas que falam e leem holandês. No entanto, não é fácil reunir sessenta pessoas que ainda dominam bem o holandês. Aqueles que o dominam bem não vão trabalhar lá, e aqueles que gostariam de trabalhar lá não têm um domínio adequado do holandês.

A expressão do original, aqui traduzida por **não têm um domínio adequado do holandês**, *hebben het Nederlands niet goed onder de knie* (não têm o holandês bem embaixo do joelho) data do século XVIII e provavelmente tenha surgido pela imagem de um vencedor de uma luta que coloca o joelho sobre a pessoa que ele "subjugou" (derrubou no chão). Mais tarde, *onder de knie krijgen* (conseguir colocar embaixo do

²⁰² O holandês é língua oficial na Holanda, na Bélgica, no Suriname, em Aruba, em Curaçao e em Sint Maarten (FEITEN, 2024)

²⁰³ O texto original de encontra no anexo 13, p. 311.

joelho) passou a ser usado não apenas para pessoas (ou países) que foram subjugados, mas também para coisas que se pode aprender (WAAR, 2024), como uma língua, por exemplo.

Como destacado no segundo capítulo deste trabalho, a religião é um dos três pilares das colônias, pois “a Igreja ocupou um lugar central nas nossas comunidades/colônias e conseguiu manter a unidade e a união, apesar da diversidade e das diferenças.” (HISTÓRIA, 2023). Nesse contexto, o bilinguismo é característico nas colônias de Arapoti, Castrolanda e Carambeí²⁰⁴, como podemos ler na página oficial das Igrejas Evangélicas Reformadas no Brasil (IERB)²⁰⁵:

O BILINGUISMO

O fato de as IERs das três colônias (Arapoti, Carambeí e Castrolanda – PR) serem formadas na maioria por membros holandeses e seus descendentes, traz diversas consequências, entre outras o bilinguismo e as diferenças culturais. Pode-se dizer que elas estão em meio a um processo de transição e de integração.

Na prática significa que a cada domingo se tem um culto na língua portuguesa e outro na língua holandesa. E que diversas atividades são feitas ou em uma, ou em outra das línguas.

A nova geração cada vez menos entende e fala o holandês. Por outro lado, cada uma destas três IERs ainda tem um grupo de idosos que quase não fala e entende o português. E mais outro grupo de adultos que fala e entende o português, mas tem mais facilidade de se expressar em holandês, no caso de estudos bíblicos, reuniões etc.

Esta situação exige boa organização e adaptação, bastante compreensão e flexibilidade da parte dos Conselhos, mas também de todos os membros. (HISTÓRIA, 2023)

Entre as atividades da igreja, podemos citar as atividades dominicais com crianças, cujos nomes ainda se podem se manter em holandês, como *Bijbelklas* (classe da Bíblia) e *Kindernevendienst* (culto infantil), mas com sua condução completamente em português faz muitos anos. Também há grupos de estudos bíblicos e de oração, nas duas línguas, e eventos anuais para mulheres, em ambas as línguas também até a atualidade.²⁰⁶

Na mesma página (História, 2023), encontramos a informação de que “gradativamente foi aumentando a necessidade do uso do idioma português nas IERs

²⁰⁴ As demais colônias deste trabalho se distinguem destas três por terem utilizado, desde o início, apenas a língua portuguesa em seus cultos, missas e eventos de igreja.

²⁰⁵ As IERB (ou apenas IER) têm suas raízes na Holanda e chegaram aqui juntamente com a imigração holandesa, no século XX. Cada Igreja-imigrante passou por situações semelhantes e os membros provinham de origem eclesial diversa, porém no Brasil se tornaram membros da IERB.

²⁰⁶ No ANEXO 11 – B (p. 306), há um relato pessoal sobre o uso dos dois idiomas no contexto de igreja.

de língua holandesa²⁰⁷, principalmente nas atividades com adolescentes e jovens, mas também nos cultos em português²⁰⁸.

Para suprir a demanda por atividades em português, pastores brasileiros foram contratados nas três colônias paranaenses. A primeira igreja a contratar um pastor brasileiro foi Carambeí, em 1986, 75 anos após a sua fundação. Cinco anos mais tarde, em 1991, foi a vez de Castrolanda instalar seu primeiro pastor brasileiro, 39 anos após a fundação, e Arapoti seguiu estes exemplos em 1996, quando a igreja completava 36 anos de existência.

Na *De Regenboog* de maio de 2001 (ano 3, n.26, p. 3), temos o relato sobre o *Quarto Encontro da Mulher Cristã na Língua Portuguesa*, com 147 presenças. Esse evento anual teve o seu início no ano de 1998. O Encontro de mulheres em língua holandesa, *Christelijke Vrouwendag*, iniciou em 1953 e até hoje as mulheres, principalmente as das colônias ABC, se reúnem anualmente, com um programa totalmente em holandês, o que não quer dizer que a maioria das conversas hoje em dia, na hora do café e do intervalo, por exemplo, não ocorram em português e holandês.

As demais colônias deste trabalho se distinguem das três mencionadas anteriormente por terem utilizado, desde o início, apenas a língua portuguesa em seus cultos, missas e eventos de igreja.

Keimpe, em seu texto “Sobre a língua em nossas colônias”, aborda o que conhecemos como *code-switching*, a alternância de línguas, ou também chamada de alternância de códigos linguísticos, tão frequente no dia-a-dia das colônias e visível no *Batavo-Post*, na *Centraal Maandblad* e na *De Regenboog* e característica de uma

²⁰⁷ A maioria das IERs não há cultos e atividades (com crianças, jovens e adultos) em língua holandesa. Estas igrejas são “filhas” das IERs de Carambeí, Castrolanda e Arapoti e foram estabelecidas em Araçongas (PR), Campo Magro (PR), Carambeí – Nova Holanda (PR), Curitiba (PR), Itararé (SP), Ponta Grossa (PR), San Martin (PR), São Paulo (SP) e Tibagi (PR).

²⁰⁸ Os cultos eram, até então, dirigidos por pastores convidados ou pelos pastores holandeses. Os pastores holandeses faziam um curso intensivo de português ao chegarem ao Brasil e, assim que possível, conduziam os cultos matutinos e noturnos (alternadamente em holandês e português), estudos bíblicos, atendimento na escola e todas as outras tarefas de um pastor, tanto na língua portuguesa, quanto na língua holandesa. Hoje em dia, os pastores holandeses são responsáveis apenas pelo culto noturno aos domingos (único culto em holandês) e pelas visitas aos membros da igreja que se comunicam melhor em língua holandesa. Como o grupo de quem tem dificuldade em compreender e se expressar em português está cada vez menor, há pessoas que acham desnecessária a vinda de pastores da Holanda. Para outro grupo, as visitas destes pastores à casa são o principal motivo para a manutenção das contratações de pastores holandeses, pois, para eles, a comunicação sobre assuntos pessoais e espirituais é muito mais fácil em língua holandesa.

pessoa bilíngue ou multilíngue, visto que esses utilizam “alternadamente mais do que uma língua para a interação com interlocutores relevantes (PENNINX; MÜNSTERMANN; ENTZINGER, 1998).

De acordo com Beatty-Martínez, Navarro-Torres, Dussias (2020, p. 1), “*code-switching* serve como uma estratégia oportunista para otimizar o desempenho em comunicação cooperativa” e acrescentam que:

code-switching é parte integrante de um “kit de ferramentas” disponível para falantes bilíngues que praticam *code-switching* para auxiliar na produção de língua, permitindo que ambas as línguas permaneçam ativas e acessíveis e, por conseguinte, proporcionando um meio alternativo para transmitir significado, com implicações para o planejamento da fala bilíngue e controle de língua em geral (BEATTY-MARTÍNEZ; NAVARRO-TORRES; DUSSIAS, 2020, p. 1)

Thomason (2001, p. 136) acrescenta que *code-switching* é um mecanismo pelo qual novas formas e novos recursos estruturais são introduzidos em uma língua receptora; uma vez que um elemento de alternância de códigos está presente, ele evolui para a permanência ao longo do mesmo caminho seguido por outras inovações.

É justamente este contato entre línguas que frequentemente leva ao empréstimo de palavras e expressões entre elas, resultando na adoção de palavras estrangeiras, enriquecendo, assim, o vocabulário e refletindo interações culturais.

Na sequência do texto na *Centraal Maandblad* (dezembro de 1980, ano 19, n. 12, p. 12), K.M. cita alguns exemplos de palavras já incorporadas ao vocabulário de imigrantes e descendentes:

Mas uma língua também tem seu próprio conteúdo e sua própria maneira de moldar. Forma e conteúdo influenciam um ao outro. Se não fosse esse o caso, não haveria batalha linguística entre os flamengos e os valões²⁰⁹. Então os frísios²¹⁰ não teriam se preocupado tanto em preservar sua língua.

Parece ser mais do que apenas palavras como “*afrastering*” ou “cerca”, “*vrachtwagen*” ou “caminhão”, “*spoor*” ou “estrada de ferro”.²¹¹

²⁰⁹ Os flamengos e os valões são os principais grupos étnicos da Bélgica. Os flamengos falam uma variante do holandês, o flamengo, e os valões falam francês. A partir do final do século XVIII, surgiram questões relacionadas aos idiomas e à divisão do país (HOE, 2023).

²¹⁰ Os frísios ou frisões (em latim: *frisii*) são um povo da região costeira da Frísia, no sudeste do mar do Norte, ao longo do mar Frísio que é situado entre as ilhas Frísias e as costas neerlandesas, alemãs e dinamarquesas. Os governos da Holanda e da Alemanha assinaram, ratificaram e implementaram a Convenção-Quadro para a Proteção das Minorias Nacionais do Conselho da Europa e reconheceram os frísios como uma minoria nacional dos dois países (FRÍSIOS, 2023).

²¹¹ Optei por manter as palavras em holandês para deixar claro o que o autor estava explicando ao utilizar esses exemplos.

Podemos (nas colônias) adicionar palavras como “*sirk*” e “*camion*” ao nosso vocabulário. Podemos dizer com segurança “*Carambí*” ou “*Ponte Gros*”, nossa consciência linguística não muda por causa disso.
[...]

Essa alternância de códigos linguísticos evidencia o bilinguismo de um falante (BULLOCK e TORIBIO, 2009, p. 189). Ainda segundo esses mesmos autores (2009, p. 189), o uso da alternância de línguas destaca “a habilidade dos bilíngues de gerenciar os diferentes sistemas linguísticos, resultando de fatores cognitivos, linguísticos e sociais”.

Code-switching ocorre, por exemplo, “quando uma língua não tem tradução aplicável para uma palavra, conceito ou expressão” (EMMOREY *et al*, 2008, p.58), sendo mais evidente no empréstimo de vocabulário, devido à alta frequência de alternâncias de palavras isoladas, com a inserção de palavras que não possuem um equivalente preciso na língua receptora, assim como o empréstimo lexical de tais palavras (THOMASON, 2010, p.136).

Ainda conforme Thomason (2001, p. 11), esse contato linguístico vai além do simples empréstimo de palavras, pois todos os elementos da estrutura da língua são, em princípio, passíveis de mudanças de acordo com as circunstâncias sociais e linguísticas, resultando no surgimento de novas variantes das línguas.

E na conclusão de seu texto, K.M. reflete sobre a singularidade de cada língua e a importância de se aprender uma nova língua, principalmente quando inseridos em uma nova realidade:

Língua, cada língua tem seu próprio conteúdo, sua própria história, sua própria carga, sua própria lógica, sua própria maneira de expressar emoções, seus próprios sons.

[...]

Uma linguagem molda (distorce) o pensamento de alguém porque a história de um povo é armazenada nela desde seus primórdios.

Pode-se medir a idade por anos, mas também pelo conhecimento, experiência e cultura, consciente ou inconscientemente, o conhecimento dos antepassados vive em cada indivíduo e em conjunto. Não se trata apenas de ciência, mas também de sabedoria. Quanto mais “aprendemos”, mais longe chega a nossa “memória”. *Centraal Maandblad* (dezembro de 1980, ano 19, n. 12, p. 12),

A partir dos trechos das revistas e outras fontes bibliográficas em conjunto com a fundamentação teórica, fica evidente a complexidade da jornada linguística dos imigrantes holandeses no Brasil e suas interações com a língua portuguesa. Desde

sua chegada ao Brasil, os imigrantes enfrentaram o desafio de se adaptar a uma realidade e a um idioma completamente diferentes do holandês. Apesar de alguns terem frequentado aulas para aprender palavras básicas antes da viagem, logo se tornou claro que dominar o idioma local era essencial para uma adaptação mais suave à nova vida no Brasil.

Cada colônia estudada possui uma história única com a língua holandesa. Os imigrantes e seus filhos, seja por meio de aulas formais de holandês ou do contato diário com os idiomas holandês e português, tornaram-se bilíngues, confirmando a teoria de que o bilinguismo surge, entre outros, do contato entre diferentes línguas em várias formas de migração e interação cultural.

Desde seus primeiros dias no Brasil, o bilinguismo foi uma consequência natural da convivência e integração na cultura brasileira. As habilidades bilíngues das pessoas refletem suas necessidades comunicativas e o nível de exposição a cada idioma. Além disso, a noção de língua de herança emerge como uma consideração importante, ressaltando o papel das práticas linguísticas familiares na transmissão e preservação das línguas de origem.

O fenômeno do *code-switching* também é uma característica marcante das colônias, demonstrando a fluência dos imigrantes e descendentes nas duas línguas e suas interações linguísticas cotidianas. Esse fenômeno é observado ao longo do boletim *Batavo-Post*, da *Centraal Maandblad* e na *De Regenboog*.

Em suma, esse capítulo oferece uma visão abrangente das dinâmicas linguísticas nas colônias holandesas no Brasil, destacando o papel do bilinguismo, da língua de herança e do *code-switching* na preservação e na evolução das identidades linguísticas dessas comunidades.

4.1 PESQUISA SOBRE PALAVRAS E FRASES QUE EXEMPLIFICAM O BILINGUISMO E O CODE-SWITCHING NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

A revista, considerando todas as suas fases, completou 70 anos em 2023; isso significa que nas sete décadas, nesses cerca de 840 exemplares, muito foi escrito e, desta forma, muitos exemplos foram encontrados durante a minha pesquisa de ocorrências do português em meio ao holandês.

Optei por incorporar as descobertas e análises de dois intervalos temporais ao longo dessas sete décadas:

1. O primeiro abrange os anos iniciais, de 1953 a 1969, marcados pela predominância inequívoca do holandês nas colônias, especialmente durante o período inicial, dada a influência histórica e pelo fato de algumas estarem em seu estágio inicial de existência.
2. O segundo intervalo, de 2010 a 2023, reflete o período contemporâneo da pesquisa, caracterizado pelo domínio do português nas colônias, embora ainda haja muitas pessoas vindas da Holanda, com o holandês como primeira língua, fato que evidencia uma complexa dinâmica linguística.

A fim de estruturar os exemplos de palavras, expressões e textos identificados na pesquisa, escolhi categorizá-los em campos semânticos, na medida em que isso era possível para, posteriormente, conduzir a análise. Optei por manter a conformidade com a apresentação original das palavras na revista, incluindo o uso de aspas e itálico, permitindo até mesmo a preservação de eventuais variações na acentuação.

O uso de negrito e outras formas de assinalar as palavras se fez necessário para tornar os exemplos mais claros durante a leitura e serão explicados quando necessário.

O *Centro de Documentação* está com a coleção das revistas originais praticamente completa. Deste material, cerca de 25% estão digitalizados, a saber, as edições de janeiro de 1964 a dezembro de 1973²¹² e de abril de 2010 a janeiro de 2024^{213, 214}.

Do material disponível para pesquisa, temos exemplos de termos em língua portuguesa em meio a textos escritos em holandês a partir do ano de 1954²¹⁵.

²¹² O formato e tamanho das revistas desse período tornaram possível o escaneamento das mesmas em impressora simples. Esses números estão disponíveis para todos os interessados em <https://www.tulipana.org/erfgoed-bronnen/centraal-maandblad-1961-1999>.

²¹³ Desde essa data, as edições são enviadas em formato *pdf* para a editora e na sequência postadas no site da *Associação Cultural Brasil-Holanda* (<https://www.acbh.com.br/downloads/>). Para pedir acesso a essas edições, é necessário enviar um e-mail para a redação.

²¹⁴ No ANEXO 11 – C (p. 306), há uma explicação detalhada das motivações para escolher esses períodos específicos.

²¹⁵ O único documento preservado e disponível de 1953 é composto por uma página. Nesta página não constam palavras em português.

Há muitas ocorrências de palavras entre aspas, mas a maioria está sem aspas, ou em itálico. Não há motivo específico para essa diferença, é uma questão de ausência de padrão mesmo²¹⁶. A alternância de códigos chama a atenção em palavras e expressões constituídas com uma parte em holandês e outra em português, como em fubamolen, palavra que significa moinho (*molen*) de farinha de milho, também denominada de fubá; ou palavras numa composição que existe nem em português, nem em holandês, mas que são compreendidas em ambas as línguas (*cooperatieve*); em português, o correspondente seria *cooperativa* e em holandês, *coöperatie*. Nas edições mais antigas da *Centraal Maandblad*, a falta de acentos também ocorre com certa frequência (bisavos), ou o uso do acento circunflexo ao invés do til (extrações), possivelmente porque muitas máquinas de datilografia vinham da Holanda e, portanto, poderiam não ter a tecla til²¹⁷, a qual não pertence ao idioma holandês.

Encontramos, também, termos em português, com a tradução na sequência, entre parênteses, como, por exemplo praia (*strand*), ou a explicação sobre termos usados em português, como por exemplo no breve comentário, com apenas o título “PERSIANAS” em português, onde, no corpo do texto (por mim traduzido), encontramos a explicação do que são persianas, além do termo usado em holandês:

“PERSIANAS”

A fábrica que produz, entre outras coisas, essas cortinas de proteção solar da marca *Columbia*, exportará esses produtos para os Estados Unidos por 30 milhões de dólares. Na Holanda, o nome desses tipos de cortinas é “jaloezieën”²¹⁸ (*CENTRAAL MAANDBLAD*, 1983, ano 23, n. 5, p.4)

Na década de 1950, as palavras são, na maioria, palavras relacionadas ao universo agropecuário e às cooperativas, no campo semântico de cargos e organizações, como:

²¹⁶ Todas as pessoas que contribuem com textos para a revista são voluntárias e, apesar de haver revisão de texto, para a verificação gramatical e de conteúdo, questões de padronização acabam passando despercebidamente, algumas vezes.

²¹⁷ O til ou tilde é um sinal diacrítico que serve para indicar que as vogais portuguesas com ele assinaladas são nasais.

²¹⁸ *Jaloezieën* tem relação com as palavras *jaloerie* (ciúmes) e *jaloers* (ciumento). A palavra surgiu por meio da palavra francesa *jalousie*, originária da palavra italiana *gelosia*, que significa ciúmes, mas também se refere às treliças ou grades ornamentais, das quais se pode ver sem ser visto. Em italiano, o fato de que a treliça escondia as mulheres dos olhares de fora teria levado ao nome (*JALOEZIE*, 2023).

diretor-presidente
diretor-comercial
diretor-secretário
Comissão Mixta Brasil-Holanda
Associação **de** Criadores **van** São Paulo
posto cooperat**ieva**
associação

Nesse grupo acima é possível reconhecer o fenômeno do *code-switching*, no uso da preposição **van** na expressão **Associação de Criadores van São Paulo**, onde ao invés da preposição **de**, o autor usou a preposição traduzida **van**, sendo que, em outro texto de 1954, o autor escreveu “*Leden van de Associação dos criadores do Estado do Paraná kunnen bij die Associação opgeven hoeveel algodão zij nodig hebben.*”, avisando que os sócios da Associação podem indicar na associação de quanto algodão necessitam.

Se a expressão fosse traduzida, ficaria *Vereniging van Fokkers van São Paulo*. A preposição *van* é a tradução da preposição **de** do português, mas não é a única; existe também a preposição *uit*, usada para falar sobre origem ou procedência de alguém ou algo. Portanto, se fosse dizer que a Associação de Criadores estava vindo de São Paulo para uma reunião, por exemplo, o correto seria dizer *Vereniging van Fokkers komt uit São Paulo voor een vergadering*.

Outro exemplo encontrado foi “prefeito **van** Castro”, onde o termo prefeito não foi traduzido para *burgemeester*, e a preposição *van* não foi colocada em português (de).

Esses dois exemplos parecem reforçar que “o *code-switching* pode ocorrer naturalmente e sem planejamento consciente [...]” (DEWAELE, J-M., 2012, p. 82), pois não parece haver um motivo para o autor ter usado o **van**, além de poder ter sido um engano na hora de escrever, ou até mesmo, na hora de datilografar.

Outro exemplo é a palavra cooperat**ieva**, em posto [de combustíveis] cooperat**ieva**²¹⁹, que, embora compreensível nos dois idiomas, na verdade não está nem em holandês (*de coöperatie*²²⁰) e nem em português (cooperativa). Essa palavra

²¹⁹ Hoje em dia temos o *Posto Capal*, *Posto Frísia*, por exemplo, nomes que substituíram o nome Posto Cooperativa.

²²⁰ O trema na segunda letra **o** de *coöperatie* é para sinalizar a diferença de pronúncia entre o hiato (*co-ö-pe-ra-tie*) de palavras onde os dois **os** formam um ditongo, como *droomden* (*droom-den* = sonhavam), por exemplo.

demonstra uma interferência ortográfica do holandês. A explicação para essa interferência poderia ser que a maioria das palavras em holandês com o som [i] são escritas com *ie* (por exemplo: *niet* (não); *de*²²¹ *fiets* (bicicleta); *zien* (ver)). Palavras escritas com a letra *i* têm, na maioria das vezes, a pronúncia [e] (por exemplo: *het kind* (a criança, o filho); *slim* (esperto); *binnen* (dentro))²²².

Os primeiros três exemplos possuem traduções muito similares em holandês: *directeur-president*, *directeur-commercieel* e *directeur-secretaris*. No entanto, acredito que esses termos tenham sido escritos em português devido ao contexto da cooperativa, que envolvia sócios holandeses e brasileiros e, possivelmente, porque esses termos não fizessem parte do vocabulário dos imigrantes antes de sua chegada ao Brasil.

Dentro do campo semântico da agricultura e criação de animais, encontrei os seguintes substantivos.

algodão
batata-extra
batata doce
farelo de linho
“capim”
alfafa
cascalha
vacinas
sulfato de amônia
cálcio
fubam*molen*
farinhete

Essas palavras eram usadas em português no dia a dia dos produtores, durante a negociação e utilização dos produtos, e por isso a opção pelos termos em português me parece mais natural do que o uso dos termos holandeses, (respectivamente: *katoen*, *extra-aardappel*, *zoete aardappel*, *lijnzaadmeel*, *gras*, *klaver*, *grind*, *vaccins*, *ammoniumsulfaat*, *calcium*, *maïsmee*, *molen* e *zemelenmeel*).

Batata é um dos alimentos mais consumidos na Holanda, mas a classificação dos diferentes tipos de batata ocorre de maneira diferente do que no Brasil, onde batata-extra indica uma batata de nível superior de qualidade ou tamanho em

²²¹ **De** e **het** são os artigos definidos da língua holandesa. O *de* é usado com substantivos do gênero masculino e feminino e o *het* usado com substantivos do gênero neutro.

²²² Temos ainda palavras onde tanto o *i* quanto o *ie* se pronunciam como [i] (por exemplo: *de politiek* (a política); *de politie* (a polícia))

comparação com as batatas comuns. Por esse motivo, o termo escolhido em português cabe melhor no contexto do que a sua tradução literal, que precisaria de uma explicação para os leitores holandeses.

Em fubamolen ainda temos a palavra *molen* (moinho), que representa um exemplo de alternância de códigos, pois “quando o falante possui em seu repertório mais de uma língua, ele também pode produzir ‘alternâncias de código’ ou pode ainda ‘misturar os códigos’, quando palavras da língua-alvo são inseridas e se misturam em seu discurso” (GOROVITZ; LOPES, 2016, p. 50).

Além de fuba [*sic*], o autor usou o termo farinha, usado em algumas regiões do Brasil para se referir a um tipo de farinha de milho, geralmente mais grossa e de textura granulada, sendo, portanto, um sinônimo de fubá ou farinha de milho.

Havia ainda termos relacionados a frutas e animais:

ameixas
manga
papaia,
jaboticabas
horto florestal
pinheiro

gado holandês
cabeça de vaca
boletín do leite

máquinas agrícolas
leilão
rações

A palavra ameixas é traduzida por *pruimen* e existem os termos *mango* e *papaja*. No entanto, não existe uma tradução para a palavra jaboticabas, uma vez que se trata de uma fruta tipicamente brasileira. É possível encontrar textos em holandês nos quais a jaboticaba é referida como *Braziliaanse druif* (uva brasileira)²²³, o que pode oferecer uma ideia geral da fruta para aqueles que nunca a provaram.

Nesse âmbito ainda temos o termo horto-florestal (*bosbouwkwekerij*) e um anúncio de venda de madeira:

²²³ Jaboticaba (*Plinia cauliflora*) A jaboticaba ou jabuticaba é o fruto da jaboticabeira ou jabuticabeira, uma árvore frutífera brasileira da família das mirtáceas, nativa da Mata Atlântica (JABOTICABA, 2023); *Braziliaanse druif* (JABOTICABA, 2023).

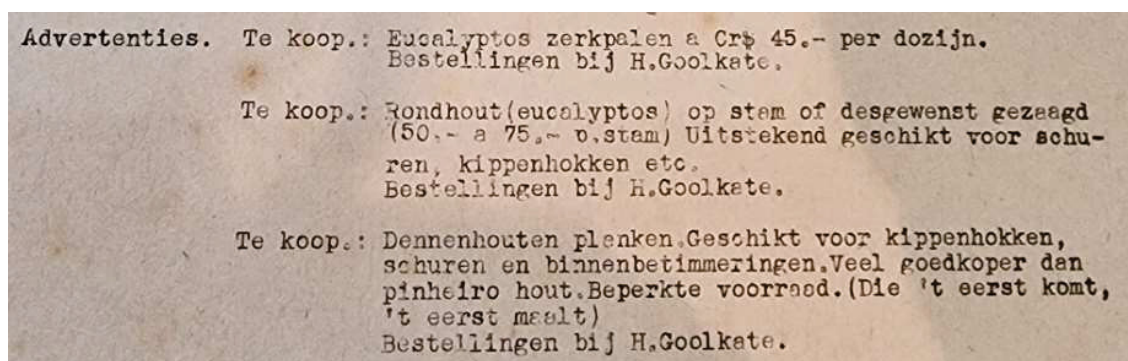


FIGURA 32 – ANÚNCIO DE VENDA DE MADEIRA

Nesse anúncio de venda de *zerkpalen* (mourões para cercas), *rondhout* (madeira redonda) para *schuren en kippenhokken* (celeiros e galinheiros) e *dennenhouten planken* (tábuas de madeira de pinho), encontramos a palavra **pinheiro**. Na década de 1950, o pinheiro utilizado para corte era a *araucaria angustifolia*, a árvore símbolo do Paraná, o Pinheiro-do-Paraná. Essa variedade de pinheiro²²⁴ não é encontrada na Europa, o que torna necessário chamá-la pelo seu nome brasileiro, para que seu público-alvo compreenda e para diferenciá-la do pinus (*pinus elliotis*) (*denneboom*), que faz parte da realidade europeia (da família *pinaceae*) e que está escrita em holandês no anúncio (*dennen*):

“Vende-se: Tábuas de madeira de pinus. Adequadas para galinheiros, celeiros e revestimentos internos. Muito mais baratas do que a madeira de pinheiro. Estoque limitado (Quem chegar primeiro, leva.)”

A expressão original, entre parênteses, (*wie 't eerste komt, die 't eerste maalt*) (quem chega primeiro, mói primeiro) já existia na Idade Média,

pois, em tempos antigos, o trigo precisava ser levado até um moinho para ser moído no local. No *Utrechts Placaatboek* (um livro de 1632 com regulamentos e ordenações) está escrito: [*De moolenaars [zullen] gehouden wesen, het koorn, het welck eerst op de moolen gebragt wort, eerst te maalen, zonder ymand, die nakomt, te praefereeren voor den geenen, wiens koorn eerst ter moolen is gebragt*] Os moleiros [devem] ser obrigados a moer primeiro o trigo que é trazido primeiro ao moinho, sem preferir ninguém que chegue depois, em relação àquele cujo trigo chegou primeiro ao moinho.” Portanto, quem

²²⁴ No Brasil também são chamados pinheiros, espécies que na verdade não fazem parte da família Pinaceae, como a Araucária (*Araucaria angustifolia*), mais conhecida como pinheiro-do-paraná. Este pertence a família *Araucariaceae*, que é pequena e nativa apenas do hemisfério sul. Abrange dois gêneros somente: o *Agathis*, (natural da Austrália) e o *Araucaria* que aparece no Chile, Argentina e sul-sudeste do Brasil, em regiões de altitude elevada, ou seja, acima de 500 m (PINHEIRO, 2023).

chegasse primeiro com seu trigo ao moinho tinha a garantia de que seu trigo seria moído primeiro (WAT, 2023)

O anúncio traz outro exemplo importante do que ocorre quando idiomas entram em contato: Na primeira linha do anúncio há a palavra *zerkpalen*, para definir mourões para cerca, para prender o arame (farpado) e delimitar o espaço dos animais no pasto. A palavra *zerk* é muito parecida com a palavra cerca, porém elas não significam a mesma coisa: *zerk* se refere à placa de pedra natural em um túmulo, em memória ao falecido. A palavra em holandês para cerca seria *afrastering* e os mourões seriam chamados de *afrasteringspalen*. A palavra criada *zerk* é muito mais simples e compreendida e usada por muitos imigrantes e seus descendentes, até hoje.

Boletim [*sic*] do leite é mais um exemplo da interferência do holandês no português. *Bulletin*, em holandês, significa o mesmo que boletim em português, então o autor do texto na verdade misturou as duas escritas. No entanto, todos os leitores certamente entenderam o que estava escrito. Na língua holandesa, é muito mais comum as palavras terminarem com a letra **n** do que com a letra **m**, sendo, portanto, um possível motivo também para a escrita equivocada.

Em algumas edições dos primeiros anos, há a expressão “puro por cruza” em anúncios de venda de gado. Animal puro por cruza se refere ao processo de cruzamento seletivo de animais ou plantas de uma mesma espécie, porém com características diferentes, visando obter descendentes que apresentem as características desejadas de ambas as linhagens originais. Geralmente, esse processo é realizado para melhorar certos traços genéticos, como resistência a doenças, produtividade, tamanho, cor, entre outros.

Como o negócio de compra e venda de gado não era apenas feito entre os holandeses, provavelmente a “qualidade” puro por cruza acabou se tornando uso comum. Assim também gado holandês já havia substituído *Nederlands rundvee*, por exemplo. Outro termo usual em português para falar sobre a quantidade de animais, **cabeça** de gado, **cabeça** de vaca, não existe em holandês. Nesse idioma se utiliza o próprio termo *rundvee* (gado bovino), *koe* (vaca), *stier* (boi) para se falar de sua quantidade.

Neste contexto, máquinas agrícolas (*landbouwmachines*), leilão (*veiling*) e rações (*voer*) também parecem ter sido escolhidas pelo fato de os leitores saberem o significado, usarem as palavras e talvez não fazer diferença em que língua estariam. Isso acontece com várias das palavras encontradas nos documentos pesquisados.

O Brasil é famoso por ser o país do futebol, mas o esporte é praticado e amado na Holanda desde o século XIX também²²⁵. O campeonato de futebol mais antigo na Holanda de que se tem conhecimento foi disputado em 1854. Um professor inglês havia levado a bola de futebol para a Holanda (VOETBALGESCHIEDENIS, 2020). Quarenta anos mais tarde, em 1894, o futebol chegava ao Brasil, quando Charles Miller, um jovem filho de ingleses que voltava a São Paulo após realizar seus estudos na Europa, trouxe consigo bolas e regras para a prática do futebol no país (HISTÓRIA, 2024)

Os imigrantes se encontravam regularmente para jogar futebol, como podemos perceber em relatos na revista. Há, portanto, termos utilizados no contexto do futebol também:

"juiz"
"juiz ladrão"
"bola militar"

O holandês tem a palavra *scheidsrechter* para juiz, mas não se usa chamar o juiz de ladrão em holandês; entre outras maneiras de expressar o desagrado com a performance do juiz, existe a expressão *blinde eikel* (cego idiota), que é um insulto pejorativo usado para acusar alguém de tomar decisões ruins, falta de discernimento ou estupidez. Ou seja, não seria uma tradução exata de juiz ladrão.

O mesmo ocorre com o esporte pouco conhecido no Brasil e desconhecido na Holanda, chamado Bola Militar²²⁶.

Na sequência, temos algumas palavras do universo financeiro específico do Brasil, não sendo possível traduzi-las para o holandês, mantendo a palavra original, portanto, por se tratar de unidade monetária do Brasil naquele período²²⁷ e por ser o próprio nome da instituição financeira:

²²⁵ Meu pai conta que, quando era menino e nem imaginava que um dia viria morar no Brasil, ele tinha um pôster do Pelé pendurado em cima da sua cama. Edson Arantes do Nascimento (23 de outubro de 1940 – 29 de dezembro de 2022), mais conhecido como Pelé, foi um futebolista brasileiro que atuou como atacante. Descrito como o "Rei do Futebol", é amplamente considerado como o maior atleta de todos os tempos.

²²⁶ As regras da Bola Militar podem ser encontradas na *Revista de Educação Física* (1948, v. 17, n. 3, p. 16 e n.4, p. 14) (REVISTA, 2020).

²²⁷ O Cruzeiro, também conhecido como cruzeiro "antigo", foi a primeira moeda a utilizar os centavos no Brasil, sendo que esta moeda foi emitida em substituição ao padrão Mil-Réis, em vigor durante o período colonial, a monarquia e também durante as primeiras décadas do período republicano (CRUZEIRO, 2023).

conto²²⁸
cruzeiros
Banco do Brasil

centavos
ficha de cadastro
desconto
à dinheiro
deposito
"carteira"

As outras palavras poderiam ser escritas em holandês, mas ficariam distanciados do contexto em que deveriam ser usados. O artigo era informativo, sobre como abrir uma conta no Banco do Brasil, e por esse motivo vejo importância na manutenção do português para estes termos: centavos (*centen*), ficha de cadastro (*inschrijvingsformulier*), desconto (*korting*), à dinheiro (*contant geld*), deposito [*sic*] (*storting*) e "carteira" (*portemonnee*), por exemplo.

As palavras, exemplos de meios de transporte, encontradas nos textos foram:

caminhonete
caminhão
caminhões
lotação
"huifcaminhão"
sjarette

Caminhonete (*bestelwagen*, *pick-up*) e **caminhão** (*vrachtwagen*) foram possivelmente assimiladas com facilidade no vocabulário dos imigrantes por estas palavras, de origem francesa (*camionnette* e *camion*), serem usadas por falantes de flamengo na Bélgica e soarem familiares aos ouvidos dos holandeses, pelo fato da proximidade geográfica destes três países.

Essa influência francesa no flamengo e, por conseguinte, no holandês, em certos momentos, nem sempre é um auxílio para compreender o significado das palavras portuguesas. Um exemplo disso é **prefeitura**, vocábulo recorrente até hoje na revista e que foi percebido pela primeira vez em 1965, pois *préfecture*, em francês,

²²⁸ Na década de 1950, conto era uma gíria utilizada no Brasil para se referir a mil cruzeiros. Portanto, um conto equivalia a mil cruzeiros. Conto é a palavra portuguesa antiga para se referir a mil; no Brasil, antes de se dizer simplesmente um conto, se dizia um conto de réis, isto é, mil réis.

é equivalente a delegacia e não a prefeitura. Talvez algum imigrante tenha estranhado ao ouvir alguém dizer que precisava ir à prefeitura.

Prefeitura também é um exemplo importante porque a sua tradução é *gemeente*, mas *gemeente* também se refere a um grupo de crentes de uma igreja. Visto que a religião sempre foi importante nas colônias, o termo *gemeente* remete mais os imigrantes e descendentes a assuntos da igreja e não do município, favorecendo a opção por prefeitura nos textos.

A palavra **lotação** se refere a um veículo comparável a um ônibus. No ano de 1955, com a “regulamentação do serviço de transporte coletivo de passageiros através do Decreto 503/55, que deu origem à concessão para 13 empresas operadoras”, a cidade de Curitiba era atendida por 50 ônibus e 80 lotações.

Esse meio de transporte não era realidade na Holanda dos anos 1950, onde trens, bondes, ônibus, barcos e principalmente as bicicletas transportavam as pessoas aos seus destinos. Além disso, a palavra, que na verdade seria como um apelido do meio de transporte, tem relação com o fato de esses veículos estarem muitas vezes com a capacidade máxima, ou acima de passageiros. Se traduzissem o termo lotação, surgiria *volledige bezetting* (ocupação completa, lotação completa), que não faria sentido algum neste contexto.

Temos mais dois exemplos de interferência linguística nesse grupo de palavras, pois **huif**caminhão foi utilizado para denominar um caminhão com uma cobertura. *Huif* se refere a um tipo de cobertura ou capota colocada sobre um veículo para oferecer proteção contra sol ou chuva, por exemplo. Essa cobertura pode ser feita de tecido, couro, plástico ou outro material e é frequentemente usada em veículos como carruagens, carroças ou caminhões para proteger mercadorias durante o transporte. Pensando nisso, a palavra holandesa para charrete também teria *huif* em sua composição, formando a palavra *huifkar*.

Sjarette é uma variação da palavra *charrete* (que pode ser escrito *sjarrette* ou *sjaret*), usada no flamengo para descrever um carrinho de bebê. A origem da palavra é francesa e nesse idioma é usada para a charrete como a conhecemos no Brasil também. Acredito que ao ouvirem charrete no Brasil, associaram com a palavra flamenga, ou francesa. A grafia da palavra pode ter sido influenciada pelo conhecimento da palavra flamenga, ou pela lógica da pronúncia do holandês para escrever essa palavra, visto que **sj** tem o som de [ʃ] (como em chá, chimarrão e chuva)

muito comum em diminutivos (por exemplo: *het meisje* (a menina, a moça), *het ijsje* (o sorvete)), mas que pode aparecer no início de palavras também (por exemplo: *de sjaal* (o cachecol) e *sjoelen* (um jogo de tabuleiro holandês tradicional)).

As outras palavras não fazem parte de um grupo específico:

Pilatos
caixa postal
Folha do Dia
Carteiras de identidade
Churrascada
churrasco

Pilatos é o nome de um bairro em Carambeí - PR, caixa postal e *Folha do Dia* poderiam ser traduzidos por *postbus*, *Dagblad* e *identiteitskaart*, respectivamente; mas provavelmente a opção foi pela manutenção dos termos em português por estes fazerem parte do dia a dia e que, portanto, seriam compreendidos por todos e por Folha do Dia ser o nome do jornal, ou seja, não sendo traduzido, por ser o título do jornal.

Isso também vale para churrasco e churrascada, palavras que definem o gosto do brasileiro por carne assada. Mesmo não sendo tradicional, até hoje, comer churrasco na Holanda, e muito menos da nossa maneira brasileira, os imigrantes logo conheceram a iguaria brasileira e criaram o hábito de comer churrasco “à moda brasileira”.

Na Holanda, foi na década de 1950 que a carne se tornou mais acessível para os holandeses, década em que já havia holandeses morando em Carambeí e chegando em Castrolanda; isso significa que essas pessoas não tinham o hábito de consumir muita carne na terra natal. Se fossem traduzir a palavra para o holandês, cairiam em um empréstimo linguístico, pois o termo utilizado em holandês é *barbecue* (oficialmente no dicionário *Van Dale*), mas também se usa *barbeque* ou *bbq*.

A origem e significado da palavra *barbecue* remontam à França, embora pareça uma palavra inglesa. Há muito tempo, porcos franceses eram assados em um espeto. Popularmente, esse espeto era chamado de **para dentro na barba, para fora no rabo**, que no francês era *barbe-et-queue* (barba=barbe, e=et, cauda=queue), ou *la barbe à queue* (da barba/cabeça ao rabo) (HERKOMST, 2024).

Além dos termos listados, houve sentenças inteiras dentro de um texto escrito em holandês, falando sobre uma notícia da *Folha do Dia*, que reportava a descoberta

de minerais valiosos na colônia de Castrolanda. A redação do *Batavo-Post* enviou um “repórter” para tentar descobrir mais sobre este assunto. Após conversar com várias pessoas, entre elas os antigos proprietários da fazenda (*vorige eigenaars van de fazenda*) e o Serviço de Extensão Agrícola (*landbouwvoorlichtingsdienst*), ele chegou aos seguintes resultados²²⁹:

[...] Vorige eigenaars van de fazenda: “não sabemos de nada, talvez os *bisavos* [*sic*] perderam lá umas moedas de prata ou de ouro no valor de poucos milreis, mas nada podemos adiantar”

De landbouwvoorlichtingsdienst: “é bem possível, os senhores procurem bem e depois nos avisam, sim? Obrigado”. (BATAVO-POST, n. 8, 1954, p. 3)

Essas palavras teriam uma tradução no holandês, mas tudo leva a crer que os leitores do *Batavo-Post* já estavam habituados a essas palavras e que os editores queriam manter a emoção da história.

E mais uma vez, o restante das palavras poderia ter sido escrito em holandês, pois há um equivalente para cada uma delas, porém os autores optaram pelos termos em português.

As revistas sempre trouxeram informações sobre associações culturais (*culturele verenigingen*), dada a importância delas nas colônias, e na *Centraal Maandblad*, (*Batavo Bijblad*, outubro de 1956, p. 4) houve uma mensagem sobre a festa de São Nicolau, escrita em holandês, com um telegrama, vindo da Espanha, escrito em português²³⁰. O texto, escrito em formato de telegrama, com sentenças curtas e incompletas e com acentuação incorreta, deixando a pergunta se isso foi proposital, ou se representa uma interferência linguística, já que o idioma holandês não tem acentuação como o português.

²²⁹ Pela continuação do texto, ninguém acreditava que houvesse de fato algum mineral no local. Além disso, não há registros oficiais sobre isso tampouco.

²³⁰ Na realidade, o telegrama vindo da Espanha deveria ter sido escrito em espanhol, mas para os leitores, isso provavelmente não era importante.

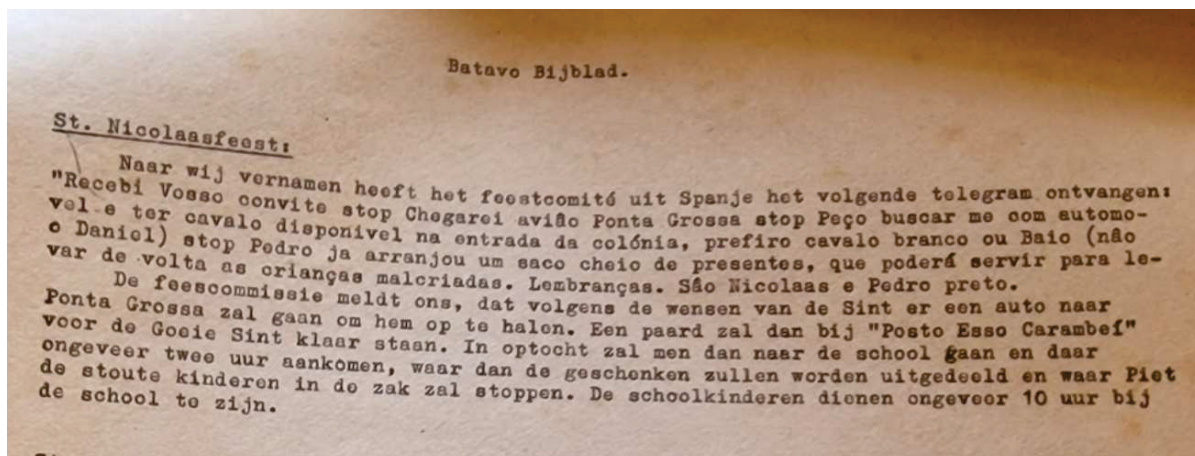


FIGURA 33 – TELEGRAMA DO COMITÊ DE SÃO NICOLAU

Além do anúncio de um cirurgião dentista, na *Centraal Maandblad* de novembro de 1956, p.4. Qualquer pessoa podia fazer um anúncio pago na revista e como este dentista atendia na região dos Campos Gerais, provavelmente utilizava este anúncio com texto padrão (em português) nos meios de comunicação disponíveis na região.

A redação adicionou informação mais específica em holandês na sequência do texto: "o dentista mencionado acima espera iniciar seu trabalho em Carambei no início de janeiro, na casa de Ari Aardoom".

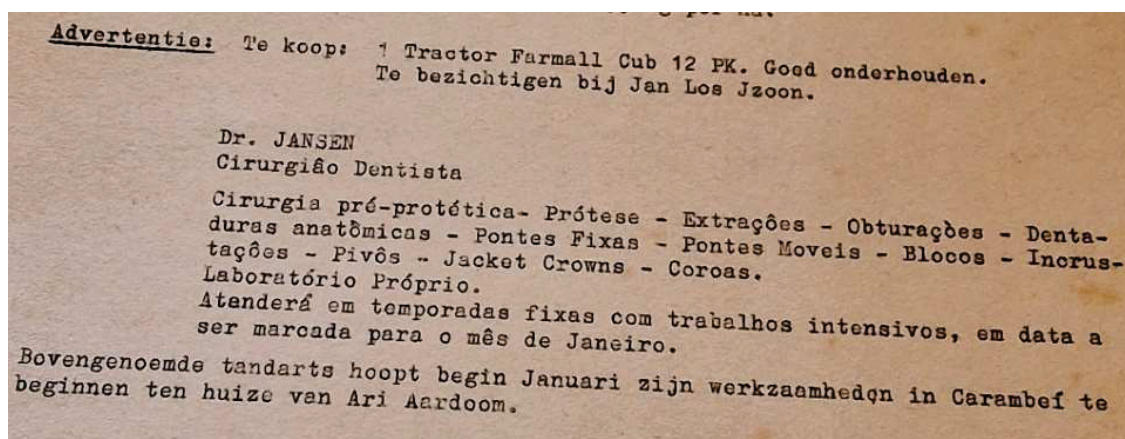


FIGURA 34 – ANÚNCIO DE ATENDIMENTO DE CIRURGIÃO DENTISTA

Além destas, há uma errata na *Centraal Maandblad* (novembro de 1957, p.11), onde ocorre um exemplo de palavra cujo som remete a uma palavra em português com significado totalmente diferente: a palavra *koe*, que significa vaca, se pronuncia

[ku], o que em português tem um significado que em nada se assemelha a vaca e não é educada, como o próprio texto explica.

Errata:

[...] No artigo sobre "produção de leite e alimentação animal", há mais um erro, que pode gerar associações de pensamento. Na página 3 deste artigo você lê: **A flora ruminal da - etc.** Você entende que isso deve ser: **a flora ruminal da vaca etc (De pensflora van de - enz. U begrijpt, dat dit moet zijn: de pensflora van de koe)**. Os "brasileiros" entre nós podem pensar (que), em vez daquela palavra, que é menos educada, usaram apenas um traço (*Centraal Maandblad*, novembro de 1958, p.11).²³¹

Há uma certa frequência de textos falando sobre a escola e a educação dos filhos dos imigrantes e dentre as palavras encontradas, há o nome das matérias escolares:

português
francês
inglês
matemática
ciência natural
geografia
história
desenho

E além da lista de disciplinas encontramos expressões como:

escola primária
curso de madureza
admissão

O curso de madureza era voltado para alunos que haviam concluído o ensino médio e desejavam aprofundar seus estudos em disciplinas acadêmicas antes de entrar na universidade. Poderíamos compará-lo a um curso supletivo, pois oferecia matérias mais avançadas e aprofundadas em diversas áreas do conhecimento, preparando os alunos para os exames de admissão universitária, que eram rigorosos.

Sendo os sistemas educacionais brasileiro e holandês diferentes, não haveria como traduzir o termo curso de madureza. As palavras **escola primária** (*basisschool*)

²³¹ O texto original encontra-se no anexo 14, p. 312

e **admissão** (*toelating*) eram termos corriqueiros no contexto de escola, por isso a opção por elas, muito provavelmente.

Já mencionamos alguns anúncios, e para completar, encontrei o anúncio de uma barbearia, totalmente em língua portuguesa:

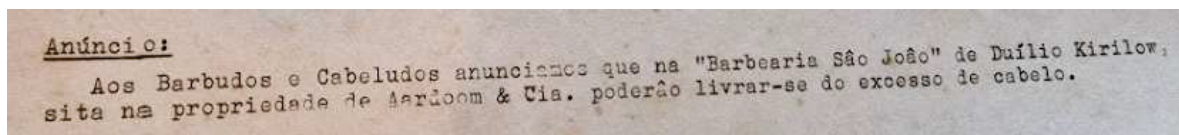


FIGURA 35 – ANÚNCIO DE BARBEARIA

E o anúncio de tratamento dentário, na edição de junho de 1959, p. 8:

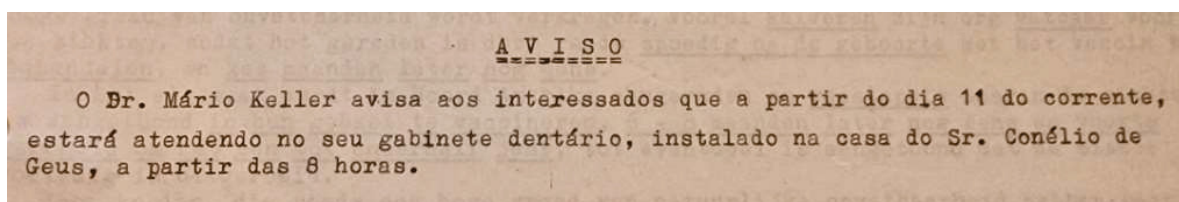


FIGURA 36 – ANÚNCIO DE ATENDIMENTO DE CIRURGIÃO DENTISTA 2

Esses anúncios eram provavelmente publicados em outros meios de comunicação também, e, portanto, estariam em português por padrão. Resta saber como esta mensagem chegava aos leitores, se eles conseguiam entender o jogo de palavras.

Há também a carta de 24 de setembro de 1959, enviada pela diretora do *Lar Batista Paranaense – Orfanato de Londrina*, mantida da forma original, como recebida pela redação. Novamente surge a curiosidade de saber o quanto do texto era compreendido pelas senhoras a quem a carta se destinava. Estas senhoras provavelmente tinham muitos filhos pequenos para cuidar; além de ter a responsabilidade de ajudar nos afazeres da chácara; muitas vezes, não lhes garantindo tempo para estudar e praticar a língua portuguesa. Talvez os filhos tenham sido importantes nessa hora, fazendo a tradução dos termos desconhecidos:

LAR BATISTA PARANAENSE
ORFANATO
Rua São Vicente 564-C.P.1000,Fone,1202
Londrina-----Paraná.

Londrina,24 de Setembro de 1959

Prezadas Senhoras da Sociedade de Senhoras Saudações,

Com muita alegria venho por
meio desta,apresentar a nossa sincera palavra de agradecimento pela oferta enviada
em especie a esta Instituição .

Estamos com 60 crianças internas.Contamos com a continuidade da cooperação das
prezadas amigas no amparo dos orfãos e desamparados.

Fraternalmente,

Diretora,

FIGURA 37 – CARTA RECEBIDA DA DIRETORA DO LAR BATISTA PARANAENSE.

Desta maneira podemos perceber que a língua portuguesa estava, de certa maneira, bem presente na revista em seus primeiros sete anos de existência (década de 1950) e fica claro que os imigrantes estavam inseridos na sociedade brasileira de variadas maneiras, necessitando compreender cada vez mais palavras em português.

Em 1961, primeiro ano da nova versão da *Centraal Maandblad*, é importante salientar o aparecimento de mais palavras relacionadas à política. A década de 1960 foi de muitas mudanças políticas e era relevante escrever sobre este assunto, quando os imigrantes estavam no Brasil não havia muito tempo e que as mudanças na política influenciavam suas vidas e produção direta ou indiretamente:

Renúncia de um presidente, adoção casuística do regime parlamentarista, radicalismo político, golpe de Estado seguido de ditadura militar, fechamentos do Congresso, elevado número de diferentes governos e subversão armada são alguns dos acontecimentos que movimentam o Brasil na conturbada década de 60 (DÉCADA, 2023)

Podemos dividir as palavras encontradas na década de 1960 em vários campos semânticos: política, agricultura, educação, economia, cooperativa, alimentação, entre outros.

Em relação à política, encontramos termos que fornecem um vislumbre da complexa paisagem política e social do Brasil nos anos 1960, que abrangiam desde esforços de desenvolvimento até conflitos políticos e sociais. Segundo o *Panorama das Décadas da Câmara dos Deputados*, alguns dos acontecimentos que

movimentavam o Brasil na conturbada década de 1960 foram a “renúncia de um presidente, adoção casuística do regime parlamentarista, radicalismo político, golpe de Estado seguido de ditadura militar, fechamentos do Congresso, elevado número de diferentes governos e subversão armada” (DÉCADA, 2023)

A redação da revista sentiu a necessidade de informar seus leitores, muitos dos quais não dominavam o português a ponto de entender as notícias relacionadas à política escritas nos jornais e que, portanto, provavelmente não liam as notícias diretamente das fontes brasileiras.

Os assuntos, contudo, eram de fundamental importância, pois fatores políticos, sociais e econômicos influenciavam (e ainda influenciam) a agropecuária, podendo, por exemplo, impactar nas importações e exportações, alterar o câmbio, afetar financiamentos e a geração de empregos; isso explica palavras como reforma agrária, “estatuto do trabalhador rural”²³², “reforma cambial” e “impôstos”²³³ nas notícias da revista. Em holandês, esses termos poderiam ser traduzidos por *landhervorming*, *statuut van de landarbeider*, *valutahervorming* e *belastingen*, respectivamente, mas acredito que a opção pelo termo em português tenha sido motivada pelo fato de aparecerem nos jornais e notícias da época com grande frequência. Na verdade, a palavra *belasting* (imposto) também aparece com frequência em textos, sendo comum encontrar as duas formas, portanto.

Sobre os novos impostos, o autor escreve, em certo momento, que, mesmo havendo melhorias no novo sistema, ele também traz “**confusão**” *ofwel verwarring*. **Verwarring** é a tradução de confusão. Esse é mais um exemplo de termos que aparecem com sua tradução, ou explicação na sequência.

²³² Optei por manter as palavras da forma como foram colocadas na revista: entre aspas, em itálico etc.

²³³ Na década de 1960, a palavra imposto era escrita com acento circunflexo: impôsto. A LEI N.º 5.765, de 18 de dezembro de 1971 fez alterações, entre outras, no uso do acento circunflexo, suprimindo-o de palavras como imposto e ele, por exemplo (HISTÓRICO, 2009); Art 1º De conformidade com o parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, exarado a 22 de abril de 1971 segundo o disposto no artigo III da Convenção Ortográfica celebrada em 29 de dezembro de 1943 entre o Brasil e Portugal, fica abolido o trema nos hiatos átonos; o acento circunflexo diferencial na letra e e na letra o, a sílaba tônica das palavras homógrafas de outras em que são abertas a letra e e a letra o, exceção feita da forma pôde, que se acentuará por oposição a pode; o acento circunflexo e o grave com que se assinala a sílaba subtônica dos vocábulos derivados em que figura o sufixo mente ou iniciados por z (LEI, 1971). No decorrer do texto, haverá mais exemplos de palavras escritas com acento circunflexo e que passaram pela reforma ortográfica de 1971, como cêrca, sêca, professôra.

Embora as notícias contendo a palavra imposto sejam sobre o Brasil, a Holanda passou por uma mudança importante em relação a impostos na década de 1960, mais especificamente no ano de 1968, quando o BTW foi instituído²³⁴. BTW (IVA) é o Imposto sobre Valor Agregado, incluído no preço de todos os bens e serviços que são comprados. Esse imposto foi um resultado direto das diretrizes europeias para a harmonização de impostos (DIGITALE, 2023).

Ainda em relação ao momento político e econômico da década de 1960, as palavras e expressões faziam parte do contexto específico brasileiro (e sul-americano); poderiam ter sido criados ou surgido espontaneamente para expressar os sentimentos de pessoas, ou as decisões tomadas naquele momento. Por esse motivo, elas podem ser traduzidas literalmente para o holandês, mas não farão sentido para o leitor holandês sem uma explicação contextual.²³⁵ Alguns exemplos são:

“marchas das famílias com Deus”
Ato Institucional
viva brasil
“descamisados”
“paredão”
“linha dura”
“confusão”
Mandado de Segurança
cédula única

As Marchas das Famílias com Deus (*Optochten van de Families met God*) foram uma série de manifestações e protestos que ocorreram no Brasil durante no ano de 1964. Essas marchas eram organizadas por grupos conservadores, antipopulistas e anticomunistas contrários às reformas de base propostas pelo então presidente da República, João Goulart²³⁶ (CODATO & OLIVEIRA, 2004, p. 293). Em outra passagem, o autor usou “optochten van de gezinnen met God”, em holandês e entre aspas. *Families* e *gezinnen* significam famílias, mas *gezin* se refere especificamente ao núcleo familiar, que compartilha o mesmo espaço de moradia, e

²³⁴ Eu não encontrei notícia nas revistas sobre o novo imposto BTW.

²³⁵ Como o objetivo desta pesquisa é a análise linguística dos termos, eu vou apenas citar a que se referem os termos e expressões, com uma breve explicação, sem me aprofundar na parte histórica, política e ideológica dos fatos.

²³⁶ João Belchior Marques Goulart (1919 - 1976), conhecido popularmente como Jango, foi o 24.º presidente do Brasil, de 1961 a 1964 (JOÃO, 2023).

familie, às pessoas relacionadas por sangue, casamento, adoção ou outros laços afetivos, que podem não viver juntos no mesmo local.

O **Ato Institucional** (*Institutionele Acte*) é mencionado algumas vezes ao se tratar das “normas elaboradas no período de 1964²³⁷ a 1969, que permitiram a institucionalização e radicalização do regime militar” (RESUMO, 2021). O AI-5²³⁸ instaurou a Censura na ditadura militar, trazendo consigo muitas perseguições políticas. Isso era realidade no Brasil e, se fosse colocada a tradução para o holandês, provavelmente deixaria muitos leitores em dúvida sobre o significado. Na tentativa de encontrar notícias de jornal com o termo *Institutionele Acte* na internet, encontrei apenas uma, de 3 de janeiro de 1979 (BRAZILIË, 1979), mostrando que o termo existia, porém era pouco usado, especificamente para transmitir notícias sobre a política brasileira.

Viva Brasil (*Leve Brazilië*) era frequentemente usado como um grito de apoio ao país, um *slogan* patriótico que expressava um sentimento de entusiasmo e orgulho nacional. Para uma equivalência em contexto holandês, o uso da saudação *Leve de Koning* (Viva o Rei) é utilizado no dia chamado *Prinsjesdag*²³⁹

Descamisados (*ontbloot van hemd* ou *hemdlozen*), **paredão** (*grote muur*), “*harde lijn*” (linha dura)²⁴⁰, **confusão** (*chaos*) e **mandado de segurança** (*bevelschrift*) são exemplos de termos utilizados no Brasil e em outros países da América Latina no

²³⁷ No primeiro AI, a Constituição de 1946 é alterada para conferir aos Comandantes-em-chefe das Forças Armadas o poder de suspender direitos políticos e cassar mandatos legislativos (RESUMO, 2021).

²³⁸ O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados (O AI-5, 2023).

²³⁹ *Prinsjesdag* é o dia em que o Rei (ou Rainha) vai ao parlamento para ler o Discurso do Trono (*troonrede*). Isso aconteceu pela primeira vez em 2 de maio de 1814. Inicialmente, o Discurso do Trono era proferido por ocasião da abertura da sessão (período de reuniões) dos Estados Gerais. As sessões regulares começavam no outono, e além disso, havia sessões extraordinárias que, por exemplo, começavam em momentos diferentes após as eleições. Após a revisão da Constituição em 1983, o novo ano parlamentar começa no *Prinsjesdag* (terceira terça-feira de setembro). No Discurso do Trono, é explicada a situação do país e os planos do governo. No *Prinsjesdag*, também é apresentado o orçamento para o próximo ano. A expressão *Leve de koning(in)* (Viva o Rei (Rainha)) é proferida após a leitura do Discurso do Trono. A primeira vez que isso ocorreu foi em 1897 (GESCHIEDENIS, 2023). Após as últimas palavras do Discurso do Trono, o presidente da Assembleia Conjunta exclama: *Leve de Koning(in)* (Viva o Rei (ou Rainha))! E os convidados presentes então gritam: *Hoera! Hoera! Hoera!* (Viva!, Viva!, Viva!) (CEREMONIE, 2023). *Hoera!* (ou *hieperdepiep, hoera!!*) também é falado ao final da música *parabéns pra você* holandês.

²⁴⁰ Estava escrito desta maneira na revista, em holandês, com a versão entre parênteses, na notícia intitulada “NOVIDADES DO BRASIL”

contexto de violência e repressão em torno do golpe militar e à condição de classes trabalhadoras e setores menos favorecidos da sociedade que buscavam melhores condições de vida e representação política.

O termo **descamisados**, baseado nos *sans culottes* da revolução francesa, se refere a uma revolta dos pobres, que sequer tinham roupa para vestir. Os *culottes* (calções até o joelho) eram considerados símbolos da aristocracia. Da mesma forma, uma camisa pode simbolizar a aristocracia. Tanto os *sans culottes* quanto os descamisados eram conhecidos por sua vestimenta simples e por desempenharem um papel na promoção de ideais republicanos. Para o leitor holandês com conhecimento sobre a Revolução Francesa, *sans culottes* (*zonder kniebroeken* – sem calções) faria sentido, mas *hemdlozen* não traria o mesmo entendimento.

Com **paredão** ocorre o mesmo, o leitor holandês, muito provavelmente, associaria *grote muur* à muralha da China, chamada em holandês de *Chinese Muur* ou *Grote Muur*.

A **cédula única**²⁴¹ (*enkelvoudig kiesbriefje* ou *enkele stembrief*) aparece na década de 1960, porque, em 1962, a Lei 4.109 instituiu a cédula oficial de votação para todas as eleições²⁴², ou seja, também para as eleições pelo sistema proporcional (OS, 2023), onde entram os termos Deputado Estadual e Verador [*sic*] na revista, além de palanques, ao se referirem a campanhas políticas.

Até meados da década de 1950 as cédulas eleitorais de votação eram impressas e distribuídas pelos próprios partidos e candidatos. A partir de 1962 (sendo utilizada pela primeira vez na disputa para a Câmara dos Deputados), ficou estabelecido que

nas eleições majoritárias (presidente, governador, senador, prefeito e seus respectivos vices e suplentes), a cédula oficial [confeccionadas e distribuídas, com exclusividade, pela Justiça Eleitoral] já continha os respectivos nomes em ordem determinada por sorteio. Já nas eleições proporcionais, a cédula

²⁴¹ Sancionada pelo então presidente da República, João Café Filho (1899 - 1970), em 30 de agosto de 1955, por sugestão do então presidente do TSE, Ministro Edgard Costa, a Lei 2.582 instituiu a cédula única de votação para as eleições de presidente e vice-presidente da República. O primeiro presidente da República eleito com a nova cédula foi Juscelino Kubitschek (1902 – 1976), em 1955. Pode-se dizer que a cédula única de votação trouxe algumas vantagens, como a liberdade e o sigilo do voto, a facilidade na apuração dos resultados e a contribuição no combate ao abuso do poder econômico (OS, 2023).

²⁴² O Congresso Nacional, [...] instituiu, em 30 de agosto de 1955, por meio da Lei nº 2.582, sancionada pelo presidente da República João Café Filho, a cédula oficial sob a designação de cédula única de votação para as eleições de presidente e vice-presidente da República (MEMÓRIAS, 2022). Somente em 1962, a cédula servia para as outras funções também.

continha um espaço para eleitoras e eleitores escreverem o nome ou número de seu candidato ou a sigla do partido de sua preferência (MEMÓRIAS, 2022)

A cédula oficial de votação esteve em vigor de 1955 até 1998. A partir do ano 2000, com a conclusão do processo de votação eletrônica, ela deixou de ser utilizada, a não ser em situações excepcionais.

Durante os 43 anos em que ela foi utilizada, trouxe inúmeras vantagens, como, por exemplo, a liberdade e o sigilo do voto, a facilidade na apuração dos resultados e a contribuição no combate ao abuso do poder econômico, comuns antes desse período.

Em um texto sobre holandeses na Austrália, retirado do “Serviço Holandês de Informações”, constava que o Ministro de emigração da Austrália (Minister van Emigratie van Australië) declarou que *“behalve dat zij goede “cidadãos” zijn, toonden de hollanders dat ze zich snel konden aanpassen aan de plaatselijke gewoonten en aan de australische levensstijl”* (além de serem bons “cidadãos”, os holandeses demonstraram que podiam se adaptar rapidamente aos costumes locais e ao estilo de vida australiano). É curioso que o autor tenha colocado o termo cidadãos no meio do texto, pois a palavra *burger* quer dizer a mesma coisa: segundo o dicionário, *burger* significa “residente de uma cidade” ou “residente de um país” (BETEKENIS, 2023).

Na coluna *Stem van Eva* da *Centraal Maandblad* (1964, n. 7, p. 11 e 12), encontrei os termos “estrangeira”²⁴³ e “marca estrangeira” em um texto onde a autora relata a sua participação na “campanha de ouro para o bem do Brasil”²⁴⁴ e constata que: “[...] ao longo de 25 anos no exterior, você aprende algo. Você aprende a amar a terra estrangeira, que foi boa para você, e a seus habitantes. Muitas vezes, você lamenta que não possa ser mais para eles do que apenas uma 'estrangeira'”, e ao longo do texto ela também cita o fato de que os imigrantes são rotulados como “marca estrangeira”.

²⁴³ Todas as palavras e expressões escritas entre aspas simples ou duplas neste parágrafo estão no português e entre aspas no original.

²⁴⁴ Em 1964, dias após o golpe militar, o empresário Assis Chateaubriand (1892 – 1968) criou a campanha *Ouro para o bem do Brasil*, por meio da qual convidava a população brasileira a doar bens e ajudar a acabar com a dívida externa do país (OURO, 2020).

É comum, até hoje, mesmo na 3.^a geração, sermos chamados de estrangeiros ou holandeses (ou até mesmo de alemães, polacos²⁴⁵), podendo ter uma conotação positiva ou negativa.

Há um texto da década de 1960 em que a autora descreve como a família observava, durante dias, o trabalho cuidadoso e habilidoso de uma aranha na janela da sala de estar: [...] *Het cabôclo*²⁴⁶ *meisje, bij de wekelijkse ramenbeurt, was stomverbaasd [...] en ik zag haar denken*: “Esta estrangeira louca” (A garota cabocla, durante a lavagem semanal das janelas, ficou completamente surpresa [...] e eu a vi pensando: “Esta estrangeira louca.”). Novamente, o adjetivo foi colocado em sua forma básica (masculino e singular) na frente do substantivo feminino, com o acento circunflexo.

O termo acabou se tornando uma palavra em holandês para os imigrantes e seus descendentes, com a grafia *kaboekel*; essa palavra não existe em nenhum dicionário, mas é compreendida por muitos no contexto das colônias, com o significado de pessoa simples, como modos de agir e se vestir rústicos. Morfologicamente, a palavra é constituída por *kaboek-* + o sufixo *-el*, uma adaptação de caboclo ao holandês falado nas colônias no Brasil. Assim as casinhas simples, de madeira ou material, eram e são chamadas *kaboekelhuisjes*, por exemplo. Nessa palavra composta, podemos verificar outra diferença entre a língua holandesa e portuguesa, a saber, a ordem das palavras que a compõem: no holandês, o adjetivo aparece antes do substantivo; as palavras são escritas junto; e não ocorre a preposição **de**, como no português, onde nesse caso haveria uma locução adjetiva, por exemplo, casa de caboclo.

Neste mesmo texto ocorre a palavra “jeito” no parágrafo em que a autora descreve que nunca mais precisaria desentortar (*rondbuigen*) a aliança do marido com “jeito”, porque ele infelizmente a perdera durante o trabalho, enquanto estava

²⁴⁵ Como o número de imigrantes alemães e poloneses no sul do Brasil é muito maior do que o número de imigrantes holandeses, muitas pessoas sequer imaginam que haja holandeses morando aqui e às vezes nem sabem da existência da Holanda, infelizmente. Por causa dos traços físicos muito similares e também pelo sotaque, várias pessoas acabam nos rotulando de acordo com o que é conhecido por elas. Como comparação: é comum ouvir qualquer pessoa originária de região Nordeste do Brasil ser chamada de baiana. O motivo para isso a meu ver é o desconhecimento e o costume.

²⁴⁶ Entre as definições encontradas para a palavra caboclo, estão: filho de pais de etnias diferentes, sendo um indígena e outro branco, e que tem a pele acobreada e os cabelos negros e lisos; denominação genérica atribuída a descendente indígena mestiço ou de etnia desconhecida; pessoa que vive no campo ou na roça e que tem hábitos e modos considerados simples e rústicos; caipira; pessoa humilde que vive no campo e tem costumes simples ou rústicos (CABOCLO, 2023).

“*cirktrekken*” (puxando a cerca, ou seja, fazendo a cerca). A aliança entortava, pois vivia ficando presa em alguma ferramenta ou máquina.

A tradução básica da palavra **jeito** seria *manier*, *wijze*, mas esses termos se referem a jeito como modo; não é isso que a autora quis dizer, ela quis explicar que desentortar a aliança requeria um jeito especial, um truque (*trucje*) ou uma habilidade (*handigheid*). Esses termos holandeses, porém, não dão o significado de contornar obstáculos ou desafios, por exemplo, que é justamente o que a palavra **jeito** denota nesse parágrafo, pois, sem esse jeito, a aliança poderia não desentortar, ou até mesmo estragar.

A palavra *cirktrekken* (literalmente: puxar cerca, ou seja, fazer uma cerca) é mais um exemplo de hibridismo e invenção de vocábulo novo: anteriormente ocorreu a palavra *zerk* para se referirem a cerca, desta vez a grafia estava diferente e a pronúncia dessa grafia se assemelhava mais à palavra cerca: *cirk*. A letra “i” tem o som [e] na maioria das palavras em holandês, ao passo que a letra “e” tem o som [ɛ], quando estiver em uma sílaba curta, como em *zerk* [zɛ rk].

Além dessas palavras “inventadas”, ou seja, com a escrita fonética (*zerk* e *cirk*) para se referirem a cercados, também encontrei cerca, cêrca e cercas em meio aos textos. Provavelmente dependia de quem estava escrevendo o texto e, até hoje, a palavra *zerk* é preferida sobre a sua tradução *omheining* (palavra que temos que usar quando estamos na Holanda, ou falando com um holandês que nos visita no Brasil, se quisermos ser compreendidos). A palavra **heining** denota separação, vedação, barreira; ao passo que **om** significa ao redor de algo. Essa separação pode ser tanto por meio de uma cerca de material, quanto de uma cerca viva, com plantas.

No campo da agricultura, encontramos vários exemplos de termos técnicos, como nomes de adubos e fertilizantes, que eram vendidos na cooperativa com o nome em português e, portanto, eram chamados por esse nome entre os agropecuaristas também, assim como produtos agrícolas produzidos e comercializados:

calcário
farinha de ossos
amendoim
“safra da seca”
200.000 kilos superfosfato simples
Posto São Paulo
adubo granulado
sulfato de amônio
triplo *fosfaat*
cloreto de potássio

batata doce

Como mencionado acima, essas palavras eram usadas no dia a dia dos cooperados e acredito ser esse o motivo para aparecerem em português ao invés de sua tradução em holandês: calcário (*kalksteen*, *kalk* ou *calciumcarbonaat*), farinha de ossos (*beendermeel*), amendoim (*pinda*), “safra da seca”²⁴⁷ (*oogst van het droge seizoen*), 200.000 kilos²⁴⁸ superfosfato simples (200.000 *kilo simpele superfosfaat*). Os últimos três termos já apareceram nas duas línguas, da seguinte maneira: *mengmeststoffen* (adubo granulado), *zwavelzure ammoniak* (sulfato de amônio), *triplo fosfaat en kalizout-60* (cloreto de potássio).

A batata doce, também chamada de *bataten* às vezes em livros ou na revista, era plantada para a alimentação do gado no inverno (BOSCH, 1983, p.4). A batata doce é comum na Holanda hoje em dia, mas, possivelmente, os imigrantes a conheceram somente quando chegaram aqui.

Na sequência, listo as palavras

arroba
chácara “o recanto”
fazenda “igreja velha”
rancharia
“lombo’s”
silo’s
cascalha [sic]
barro
mestiço

²⁴⁷ O sistema de plantio e colheita na Holanda difere muito do sistema aqui no Brasil. Devido ao seu tamanho e latitude, o Brasil possui uma grande variedade de climas, desde tropical até subtropical e temperado. A Holanda tem um clima temperado marítimo, com estações do ano bem definidas, incluindo invernos frios e verões suaves. O Brasil é conhecido por ser um grande produtor de uma variedade de culturas tropicais, como soja, milho, café, cana-de-açúcar, laranjas, entre outros. A agricultura é altamente diversificada e a semeadura e a colheita ocorrem em diferentes épocas do ano, dependendo da região e da cultura. A Holanda é conhecida por sua agricultura altamente especializada, com foco em culturas como tulipas, batatas, cenouras, beterrabas e flores de corte. Devido ao clima temperado, as estações do ano desempenham um papel importante na programação rigorosa de semeadura e colheita. E o governo holandês também estipula datas limites para o plantio e colheita (CALENDÁRIO, 2022; AKKERBOUW, 2009).

²⁴⁸ A palavra kilo se traduz como quilo em português. Em holandês, kilo não tem plural quando segue um número, portanto *kilos* não seria a opção correta neste caso (nem em português e nem em holandês), por estar no plural e por não estar na forma correta do plural. Quando não há uma quantidade antecedendo a palavra, mas uma palavra como muitos e alguns, por exemplo, o plural é formado da seguinte maneira: *veel kilo’s*, *een paar kilo’s*, mostrando, mais uma vez, o hibridismo presente na revista. Outro detalhe é a falta da palavra de: no holandês não se coloca palavra nenhuma entre a quantidade e o substantivo a que se refere (por exemplo: 5kg *suiker* (açúcar); 10m *draad* (fio))

Arroba é uma unidade de medida de peso utilizada em alguns países, principalmente em contextos agrícolas, pecuários e comerciais. A quantidade exata de peso em uma arroba pode variar de acordo com o país e a região; no Brasil e em alguns outros países da América Latina, uma arroba equivale a, aproximadamente, 15 kg. Na Holanda não existe um termo específico para este valor, e se utiliza quilograma, ou mesmo unidade, quando se trata da venda de gado, por exemplo.

As palavras *chácara*, *fazenda* e *rancharia* se referem a *boerderij* em holandês, podendo o termo *chácara*, por se referir a algo menor, ser traduzido por *boerderijtje*²⁴⁹ também.

A Holanda é um país muito menor do que o Brasil²⁵⁰ e, por esse motivo, as áreas cultiváveis também são significativamente menores. Na Holanda, de um total de 75.255 estabelecimentos agrícolas, há apenas quatro *boerderijen*, também chamadas de *akkerbouwbedrijven* (literalmente: empresas agrícolas de cultivo) com uma área de mais de mil hectares (DIT, 2019); a média, porém, é de áreas de 25 hectares por propriedade (FABRIEK, 2016).

No Brasil, de um total de 5.073.324 estabelecimentos agropecuários, em torno de quinze mil têm área de 2.500 hectares ou mais. Quase 30.500 têm área maior que 1.000 hectares. A grande maioria (47,8%), porém, tem uma área de até 10 hectares (MENOS, 2019)

Essa grande diferença pode explicar por que temos vários termos em português para definir o tamanho²⁵¹ e não encontramos nomenclatura para diferenciar as propriedades em holandês.

²⁴⁹ O diminutivo no idioma holandês é formado pela adição do sufixo básico *-je*, na maioria das palavras: *huis* – *huisje* (casa); *woord* – *woordje* (palavra); *boek* – *boekje* (livro); ou alguma de suas variantes, como *-pje*, para palavras terminadas em “m”: *boom* – *boompje* (árvore); *kraam* – *kraampje* (barraca de feira); *duim* – *duimpje* (polegar) e *-tje*, para palavras terminadas em “n”, “l” e “r”, quando precedidos por vogal longa, formada por duas vogais iguais ou diferentes; ou a letra “w”: *zoon* – *zoontje* (filho); *zaal* – *zaaltje* (salão); *deur* – *deurtje* (porta); *duw* – *duwtje* (empurrão). Há ainda casos em que se dobra a última consoante (m, n, l, ng, r) de palavras monossilábicas com vogal curta e se adiciona *-etje*: *rem* – *remmetje* (freio); *man* – *mannetje* (homem); *bal* – *balletje* (bola); *ring* – *ringetje* (anel); *ster* – *sterretje* (estrela).

²⁵⁰ Da área total da Holanda de 4,185 milhões de hectares, 54% (2,2 milhões de hectares) é utilizada como terreno agrícola (HOE, 2023); o Brasil tem um território de 851,487 milhões de hectares, e os estabelecimentos agropecuários ocupam uma área total de 351,289 milhões de ha, ou seja, cerca de 41% da área total do país (PERFIL, 2021).

²⁵¹ De modo geral, podemos dizer que as *chácaras* são propriedades menores e mais próximas da zona urbana, os *sítios* são um pouco maiores e mais afastados, enquanto *ranchos* são terrenos maiores, porém direcionados ao lazer. As grandes propriedades que não se encontram nessas outras definições podem ser chamadas de *fazendas* (QUAL, 2022).

Algo interessante, contudo, é chamar a atenção para dois tipos específicos de *boerderijen*²⁵² na Holanda, que não conheço no Brasil: as *kinderboerderijen*, projetadas para fins educativos e para aproximar as crianças dos animais e da vida rural, e que oferecem experiências interativas, como acariciar e alimentar os animais, podendo estar até em um parque, no meio da cidade, como ocorre em Amsterdam, no *Rembrandtpark*, onde o *Uylenburg* já existe há mais de 35 anos (KINDERBOERDERIJ, 2024); e as *zorgboerderijen*, que oferecem cuidados e orientação para pessoas com deficiências, problemas psicológicos ou outras necessidades de cuidado, oferecendo programas de trabalho e terapia em um ambiente rural. As pessoas podem morar nesse local ou passar o dia, de forma regular, mas dormir em suas próprias casas.

A palavra **lombo's**, que surgiu de lombas²⁵³, é uma “invenção” dos imigrantes em Arapoti, por fazer parte da sua realidade, conforme o relato no livro de Bosch (1983, p. 15):

A fazenda²⁵⁴ está disposta em forma de leque ao redor desta cidadezinha [Arapoti] e é composta por diversas lombas, cada uma com seu próprio nome, como Rincão, Lagoa, 1ª Lomba, 2ª Lomba, 3ª Lomba, 4ª Lomba e Pizza; todas essas lombas juntas totalizam 4.500 hectares.

Por algum motivo, no dia a dia, os imigrantes começaram a falar lombo ao invés de lomba²⁵⁵ e isso passou até a ser escrito, eventualmente, como ocorreu na revista. Poderíamos reconhecer o hibridismo aqui, visto que há a marca de plural seguindo as regras holandesas, havendo, portanto, uma palavra formada por elementos do português e do holandês. O mesmo poderíamos dizer sobre a palavra *silo's*, que exemplifica o que ocorre, com alguma frequência, nos dois idiomas, a saber, palavras com escrita e significado igual, porém com uma pequena diferença: o plural está conforme as regras holandesas de plural, onde palavras terminadas nas vogais a, i, o, u, y recebem um apóstrofo s o plural.

²⁵² Mantive o termo *boerderij* aqui por não saber qual dos termos em português seria o mais adequado. Isso é comum acontecer quando estamos conversando sobre agropecuária na Holanda em português.

²⁵³ Lomba pode ser definida como cumeada de um monte ou outeiro; encosta; elevação de terra, de areia etc (LOMBA, 2023).

²⁵⁴ No texto original, em holandês, Bosch (1983) usou a palavra *fazenda* também, mostrando que os imigrantes haviam incorporado os diferentes termos para *boerderij* ao seu vocabulário.

²⁵⁵ Alguns dos imigrantes mais antigos continuaram falando assim por muito tempo.

Em um texto sobre a (má) condição de uma estrada entre Castro e Carambeí aparece a palavra cascalha [sic] (*grind*) e “[...] *deze vertraging kwam door de bagger (het braziliaanse woord barro klonk hun vertrouwd in de oren)*” ([...] essa demora ocorreu devido à lama (a palavra brasileira barro soava familiar para eles)).

Aqui temos o termo cascalha [sic]. O cascalho é um material de grande importância na construção de estradas pavimentadas e manutenção das vias rurais. A tradução seria *grind*, mas esse material é usado para preencher pequenas áreas no jardim e não pavimentar estradas na Holanda. Por isso cascalho diz muito mais no contexto das estradas brasileiras.

Além disso, barro é um exemplo de palavra que, pela semelhança com a palavra *bagger* do holandês, foi facilmente compreendido pelos imigrantes.

Alguém anunciou uma estufa *voor kuikens*, ou seja, uma estufa para pintinhos. Uma estufa para plantas é chamada *kas* ou *broeikas* em holandês; mas, esse termo não se utiliza no holandês para uma estufa para pintinhos. O que existem são lâmpadas especiais para aquecê-los. O mais próximo de uma estufa para pintinhos seria a chamada *opfokkooi voor kuikens*, que se refere a uma gaiola de criação para pintinhos. Como uma estufa para pintinhos é normalmente feita de madeira, o termo *kooi* (gaiola) poderia causar confusão quanto ao tipo de produto vendido. O anúncio também menciona *broedmachines* (incubadoras), onde podemos perceber que o seu plural é composto apenas por “s” no final da palavra. A vogal “e” não entra no grupo das vogais que terminam com apóstrofo + “s” no final no plural²⁵⁶.

Uma notícia foi escrita sobre uma conferência sobre o preço do leite organizada pela *Federatie van “Associações Rurais”*. O autor poderia ter usado a palavra federação também, já que o nome completo e oficial era Federação das Associações Rurais²⁵⁷, ou ele poderia ter deixado a expressão toda em holandês, porque os termos eram familiares para os imigrantes quando estavam na Holanda: *Federatie van*

²⁵⁶ O mesmo ocorre com o possessivo de palavras terminadas em vogais. Se escrevermos a frase A casa de (nome terminado em vogal) em holandês, ficará assim: *Anna’s huis*, *Maaikes huis*, *Ali’s huis*, *Marco’s huis*, *Abu’s huis* e *Trudy’s huis*.

²⁵⁷ A Sociedade Rural do Paraná foi fundada originalmente como Associação Rural de Londrina em 19 de junho de 1946 por um grupo de 19 pioneiros de Londrina. Até então era subordinada à Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo. Por determinação da Assembleia Geral, realizada no dia 18 de agosto de 1965, tornou-se Sociedade Rural do Norte do Paraná e, em 12 de dezembro de 1970, passou a ser Sociedade Rural do Paraná (SOMOS, 2023).

Plattelandsverenigingen. Novamente acredito que a opção pelo português tenha sido pela familiaridade com o termo.

Outros exemplos apareceram em um texto sobre a qualidade do leite; encontrei “leiteiros” (*melkboeren*) e uma explicação sobre a classificação do leite. Nessa classificação, os termos aparecem em português. Como havia tanto cooperados holandeses quanto brasileiros, acredito que esses termos eram escritos em português como padrão, em relatórios, atas e boletins; o que resta de dúvida é se o cooperados que não liam em holandês também recebiam essa explicação sobre a classificação do leite.

Os adjetivos “bom”, “mau” e “sofrível” se referem ao substantivo masculino leite. Já na expressão “durabilidade mau”, a palavra deveria ser má, para combinar com o substantivo feminino durabilidade. Novamente é possível reconhecer a influência do holandês aqui, pois no holandês os adjetivos não declinam, e, portanto, se mantêm na forma original (que no português seria o masculino singular); o adjetivo, entretanto, ficou na posição usual dos adjetivos em português, depois do substantivo, diferentemente do holandês.

Em certa parte da explicação, o autor colocou as expressões “*alles bom*” (tudo bom) e “*alles mau*” (tudo mau) para falar sobre a diferença de preço por litro recebido. Provavelmente a palavra *alles* não fazia parte da classificação oficial, mas foi colocado entre aspas também.

No português temos a palavra **ruim**, que pode ser considerada um sinônimo de mau (CARVALHO, 2014, p. 24); no entanto, a palavra *ruim*, no holandês, tem um significado muito diferente, pois significa espaçoso. Por esse motivo, eu acredito que optaram pela palavra mau, para não causar nenhuma confusão ou falta de compreensão.

Na pecuária leiteira, considera-se gado mestiço aqueles animais derivados do cruzamento de uma raça pura de origem europeia e que seja especializada na produção de leite (Holandesa, Pardo-suíça, Jersey etc.), com uma raça de origem indiana, uma das várias que formam o grupo Zebu (Gir, Guzerá, Indubrasil, Sindi etc.) (VACAS, 2023). Chama a atenção que o texto anuncia **7 mestiço vaarzen** (sete novilhas mestiças); o adjetivo mestiço tem três características que marcam os adjetivos no holandês (e que não ocorrem assim em português): o adjetivo está no

singular, está no masculino, ou seja, na forma básica da palavra, e está posicionado antes do substantivo.

No holandês há apenas duas formas para cada adjetivo, a saber, o adjetivo com ou sem a letra “e” no final. Para definir se o adjetivo recebe o “e” ou não, é necessário verificar o artigo da palavra. Existem dois artigos definidos: *de*, para substantivos masculinos e femininos, no singular e no plural, e *het*, para substantivos neutros, no singular (substantivos neutros no plural utilizam o artigo *de* também).

Ainda no contexto rural, a revista trouxe um aviso sobre o **barbeiro**; porém não como anteriormente, em anúncios de corte de cabelo, barba e bigode, mas agora no contexto de saúde pública, ao falar da necessidade de maior assistência e apoio médico no combate a insetos, como o barbeiro, principal inseto que transmite a doença de chagas²⁵⁸. A doença e seu transmissor não ocorrem na Holanda e os imigrantes tomaram conhecimento do barbeiro e de muitos outros insetos e doenças apenas quando chegaram no Brasil.

Em meio aos assuntos relacionados à cooperativa, encontrei as seguintes palavras

Cooperativa Agrícola
Cooperativa Central de Imigração
Diretor Comercial
Diretor Secretário
Central de Laticínios
Divisão de Pedologia e Fertilidade dos Solos (Seção de Análise Rápida para Fertilidade de Solos)
voerdeposito

Além dessas termos relacionados a nomes de instituições e cargos, temos um anúncio de emprego onde ocorre apenas uma palavra em português: *De cooperatie “Castrolanda” wenst een persoon in dienst te nemen, die met de algemene leiding belast kan worden. Een functie van Gerente dus* (A cooperativa “Castrolanda” deseja contratar uma pessoa que possa ser encarregada da liderança geral. Um cargo de Gerente, portanto).

Se o autor optasse por usar a palavra utilizada em holandês, utilizaria a palavra *manager*, emprestada do inglês. O termo *manager* passou a fazer parte da língua holandesa no decorrer do século XX, quando ocorreu um aumento da

²⁵⁸ O agente causador da doença de chagas é um protozoário denominado *Trypanosoma cruzi*.

internacionalização do comércio e do contato das empresas com o idioma inglês. Os imigrantes não vinham de um contexto empresarial e possivelmente não usavam o termo *manager* antes de chegarem no Brasil; o que me leva a acreditar que emprestar a palavra gerente do português fazia mais sentido do que emprestar *manager* do inglês (que ainda necessitaria de uma explicação em holandês).

Voerdeposito (depósito de ração, ou em holandês *voeropslagplaats*) é mais um exemplo de palavra híbrida, pois combina elementos de holandês e português em uma única palavra, o que caracteriza uma situação de *code-switching*. A palavra depósito não foi acentuada, conforme deveria ser na língua portuguesa. A possível explicação seria o fato de o holandês ter muito pouca acentuação. O acento agudo aparece mais na letra **e**, por exemplo, ou também nas outras vogais, para colocar ênfase naquela sílaba.

Melkcaminhão é mais um exemplo de hibridismo. Em português a palavra seria caminhão de leite e em holandês o termo seria *melktank*, ou *melkkoeltank*. Mas como dito anteriormente, caminhão (pronunciado mais como o francês *camion*) foi adotado muito cedo pelos imigrantes e até hoje é usado.

Nos exemplos acima vemos novamente que a ordem das palavras se manteve no padrão holandês: primeiro o adjetivo e depois o substantivo, sem o uso da preposição **de** entre essas palavras.

Para fazer o uso consciente ou inconsciente de *code-switching*, a pessoa precisa ter domínio das duas (ou mais) línguas nas quais está se comunicando e, como ocorreu acima, esse falante acaba fazendo escolha, novamente, consciente ou inconscientemente pela regra gramatical de um dos idiomas. Nesse caso é possível ver a característica do holandês na ordem das palavras, como exposto acima.

No âmbito da educação, as palavras encontradas foram

Instituto Cristão
passar por média
"já passei"
patrono
se Deus quiser²⁵⁹
liquidificador
professôra
dona

²⁵⁹ Esses dois termos foram encontrados no contexto da educação, por isso foram colocados nesse grupo.

Instituto Cristão é o nome do colégio fundado em 1915 e que foi assumido pela *Igreja Evangélica Reformada* em 1964²⁶⁰. Desde então, vários textos foram escritos sobre o colégio, para prestação de contas e para manter pais e alunos informados sobre o colégio. Desde a década de 1960, três geração de imigrantes e seus descendentes frequentaram, e frequentam até hoje, o colégio.

Em um texto sobre o *Instituto Cristão*, onde o autor relatava sobre a finalização do ano de 1967, há algumas expressões como “passar por média”, “se Deus quiser” e patrono. O conceito “passar por média” significava que o aluno havia atingido pelo menos a nota mínima para passar de ano e que não precisaria, portanto, fazer provas de recuperação ou passar por conselho de classe, por exemplo. Em holandês diríamos *de leerling is geslaagd* (o aluno foi aprovado), mas a expressão em português parece ser mais completa, deixando claro que o aluno passou “de primeira”.

Em outro momento, o autor escreve que, em setembro, muito antes de as aulas terminarem, alguns alunos já diziam “já passei” (*ik ben al over*).

O autor também faz um jogo de palavras quando escreve sobre a aprovação dos alunos: *Ik heb geschreven: “we hopen” en dat niet alleen omdat we naar goede Christelijke zede moeten zeggen “se Deus quiser”, maar ook, omdat de officiële erkenning er nog niet is* (Eu escrevi: “esperamos”, e não apenas porque, de acordo com a boa tradição cristã, devemos dizer “se Deus quiser”, mas também porque o reconhecimento oficial ainda não ocorreu.) No português é muito comum colocar Deus em expressões do dia a dia e isso não ocorre no holandês. O que existe é usar *Deo volente*²⁶¹, ou *D.V.* em convites de casamento, por exemplo, não ocorrendo em conversar ou textos do cotidiano.

²⁶⁰ A escola cristã foi fundada em 1915 pelo missionário Harry Preston Midkiff (1883 - 1983) perto de Castro, PR. Inicialmente dirigida pela *Missão Presbiteriana do Brasil*, a escola tinha o propósito de integrar teoria e prática para uma formação completa dos alunos. Em 1937, o patrimônio foi transferido para a família Rickli, mantendo seus propósitos educacionais e cristãos. De 1952 a 1964, a *Associação do Instituto Cristão* (AIC) assumiu a administração, e a partir de 1964, a *Igreja Evangélica Reformada* liderou a instituição por cinquenta anos através da *Associação das Escolas Reunidas do Instituto Cristão*. Após o contrato de comodato terminar em 2014, a administração retornou à AIC, que estabeleceu uma parceria com o *Instituto Presbiteriano Mackenzie de São Paulo*. Em 2017, o *Mackenzie* adquiriu completamente a escola, mantendo sua orientação confessional baseada nos princípios bíblicos da fé cristã reformada (INSTITUTO, 2023).

²⁶¹ *Deo volente* é uma expressão em latim que significa se Deus quiser e nós vivermos ou, de forma mais concisa, se Deus quiser (STIJLVOLLE, 2023).

A palavra *patrono*, que normalmente se refere a um professor, ou membro da equipe escolar escolhido pela turma para lhe representar, pode ser traduzido por *klasvertegenwoordiger* (representante de turma), mas novamente, poderia deixar o leitor em dúvida, pelo fato de o termo ser muito abrangente, podendo se referir a um aluno representante de turma também, por exemplo.

Há também um aviso que se inicia assim: *De “turma” van de vierde klas*. Na verdade, turma é a versão da palavra *klas*, mas pode significar *groep* (grupo) também, o que o autor provavelmente quis transmitir ao utilizar “turma”.

Na continuação, o aviso contém a palavra “liquidificador”, que havia sido sorteado pela turma. A palavra liquidificador foi rapidamente adotada pelos imigrantes, inclusive em anúncios de venda de utensílios domésticos, pois diferenciava claramente um liquidificador de uma batedeira, o que não ocorre em holandês, onde ambas podem ser chamadas de *mixer* (misturador), *mengmachine* (máquina de misturar), *keukenmachine* (máquina de cozinha).

A partir da década de 1960, o termo emprestado do inglês *blender*²⁶² passou a ser usado na Holanda, mas esse termo é pouco usado pelos imigrantes e descendentes nas colônias. O comum é ainda optar pelo termo *mixer* (liquidificador ou batedeira), quando o contexto deixar claro de qual aparelho se trata, ou usar liquidificador e *mixer* (batedeira). Palavra que também já ocorre no português, denotando um aparelho compacto, com função parecida com o liquidificador, porém com estrutura diferente, sendo segurado na mão e sendo mais indicado para alimentos líquidos.

Há algumas profissões que foram utilizados em português desde sempre, e no caso de professora (*sic*), o termo era importante para diferenciar as professoras brasileiras das *juffen* holandesas. Mas a palavra dona foi usada por gerações para se referir a professoras holandesas e brasileiras também. Com o passar do tempo, as crianças pequenas passaram a chamar as professoras brasileiras de tia e as holandesas de *juf*²⁶³.

²⁶² A palavra *blend* aparece no português no contexto de café, cigarro, chocolate ou cachaça, por exemplo, para demonstrar que há uma mistura de grãos, tabaco ou ingredientes.

²⁶³ Esses termos se referem apenas às mulheres. Os homens eram, e são chamados de professor ou *meester*.

Vários imigrantes se esforçaram muito para aprender o idioma português, das mais diversas formas, como através da leitura e estudo da Bíblia em português, com hinos e corinhos de igreja, com professores particulares, em grupinhos pequenos e com materiais didáticos diversos. Em um anúncio sobre a venda de utensílios domésticos, itens de decoração e uma espingarda, a família incluiu um curso de português chamado *Linguafone cursus português*²⁶⁴

Na verdade, o nome da empresa é **Lingua**ph**one**, mas como o ph não é comum nem em holandês e nem em português, provavelmente a pessoa nem se atentou ao fato de estar escrevendo a palavra de maneira equivocada. Curioso também é o fato de português estar em português, poderiam ter escrito *portugees* também, já que o anúncio está todo em holandês. Eu imagino que a pessoa estivesse olhando para o material enquanto listava os produtos que pretendia colocar à venda e que por isso acabou escrevendo português.

Ainda ocorreram as palavras

profissões
clube ginástico
conjunto folclórico
censo escolar
chapa

As traduções destes termos seriam, respectivamente, *beroepen*, *gymnastiekclub* e *folkloristische groep* e *leerlingtelling*. A opção pela inserção dessas palavras em português deve, mais uma vez ter sido por conta da familiaridade das pessoas com esses termos.

Antes do início das aulas, o *Instituto Cristão* exigia que os alunos fizessem uma chapa (*longfoto*²⁶⁵) para ficarem no internato. A revista estava avisando que os alunos poderiam fazer esse exame gratuitamente em Ponta Grossa – PR. O termo completo em português era chapa dos pulmões e era exigida (também para admissão nas empresas) porque até o fim dos anos 1960, começo da década de 1970, a tuberculose não havia sido controlada, mesmo nas cidades. Um tratamento mais eficaz surgiu apenas no final da década de 1970.

²⁶⁴ *Lingua**ph**one* é um fornecedor mundial de cursos de idiomas para estudo individual e em sala de aula desde 1901, presente em mais de 60 países em todo o mundo (ABOUT, 2023).

²⁶⁵ Literalmente foto do pulmão.

No campo semântico financeiro e administrativo temos vários termos, como

cruzeiros
cruzeiros novos²⁶⁶
trilhão²⁶⁷ cruzeiros

Esses termos não têm tradução para o holandês por se tratar da moeda nacional brasileira da época. Dois detalhes a serem observados, entretanto, são que, em português, se colocaria a preposição **de** entre trilhão e cruzeiros, mas em holandês isso não ocorre, sendo esse o provável motivo para o autor deixar de incluir essa preposição; além disso, no holandês, não se coloca as moedas no plural quando precedidos por um valor, ou seja, se escreveria trilhão cruzeiro em holandês. Como na revista a palavra cruzeiros aparece no plural, podemos perceber a influência do português nessa escolha.

Há também expressões sobre impostos, crédito e fundos, que podem ter um equivalente em holandês, mas que eram relativamente comuns aos imigrantes no contexto do banco e da cooperativa, onde eram escritos assim. Caso fossem traduzidos, poderiam causar incompreensão (e era desnecessário, provavelmente). O que fica claro nesta lista, é que o objetivo da *Centraal Maandblad* era informar ao máximo os seus leitores a respeito de questões fundamentais para a administração de seus negócios.

salário-mínimo
“salário móvel”
crédito cooperativo
vendas e consignações
taxa
“rendimento bruto”
“declaração de rendimentos”
“declaração de bens”
“fundo de assistência e previdência”
“declaração de bens”
“imposto do consumo”

²⁶⁶ O Cruzeiro Novo foi introduzido como moeda no Brasil em 13 de fevereiro de 1967. Ele substituiu o Cruzeiro como parte do processo de reforma monetária durante aquele período, por conta do aumento da inflação. O Cruzeiro Novo teve sua circulação até 15 de maio de 1970, quando foi novamente substituído, desta vez pelo Cruzeiro (EM, 2022).

²⁶⁷ A nomenclatura de valores altos em holandês é diferente do português em alguns casos e podem até causar confusão, como por exemplo, *miljoen* (milhão); *miljard* (bilhão); *biljoen* (trilhão); *biljard* (quadrilhão) e *triljoen* (quinquilhão)

secretaria da fazenda
“títulos”
“verba”

Em um texto informativo sobre impostos, o autor escreveu a palavra em português entre parênteses atrás do termo em holandês: *ontvangstbewijs* (recibo) para deixar bem claro de o que se tratava. A palavra se traduz literalmente por comprovante de recebimento, mas recibo é muito mais comum na língua portuguesa.

Em um anúncio sobre venda de madeira, há a frase “**10% reductie bij betaling a vista**” (10% de redução com pagamento à vista). Em outros anúncios a palavra desconto aparece com frequência, como quando escreveram 30% “desconto” a vista, 25% “desconto” a 30 *dagen* (dias), 20% “desconto” a 60 *dagen* (dias).

Não há acento grave na letra **a** de à vista e outro detalhe é o fato de terem “adaptado” a expressão para o parcelamento também. Em holandês se diria *binnen 30 dagen* (dentro de 30 dias) e *binnen 60 dagen* (dentro de 60 dias). Além disso, a expressão à vista poderia ser traduzida por *contant*. Hoje em dia se usa a palavra *contant* para se referir a pagamento em espécie e *pinnen* para pagamento com cartão na Holanda.

No campo da alimentação, encontrei alguns exemplos a serem explorados. Churrasco é um termo recorrente nas revistas, desde o início, o que demonstra que assar e grelhar a carne no carvão, ou na lenha, caiu muito rápido no gosto dos holandeses aqui no Brasil. A popularidade do churrasco como atividade social e prática culinária na Holanda ganhou força após a Segunda Guerra Mundial, especialmente nas décadas de 1960 e 1970. Desde então, as palavras *barbecue* ou *barbecueën*²⁶⁸ (empréstimos do inglês) começaram a ser usadas na Holanda.

O fato do hábito e do vocábulo terem surgido após a saída dos imigrantes da Holanda pode ser o motivo para a palavra churrasco ter sido incorporada ao holandês das colônias.

²⁶⁸ O holandês faz uso de vários termos da língua inglesa e mantém, na grande maioria das vezes, tanto a grafia, quanto a pronúncia. Porém, os verbos ganham o acréscimo do sufixo *en* quando estão no infinitivo (por exemplo: *barbecueën*, *printen* (imprimir), *appen* (enviar WhatsApp), *mailen* (enviar e-mail)) e esses verbos seguem as regras de conjugação da língua holandesa (*ik* (eu) *barbecue*, *jij* (você) *barbecueet*, *wij* (nós) *barbecueën*).

Hoje em dia há pessoas que mantêm churrasco, churrascada e churrascaria em seus textos; mas há também os que escrevem *barbecue* ou *barbecueën*²⁶⁹, parecendo comprovar que escritores e leitores da revista utilizam todas as formas naturalmente.

Chamo a atenção ainda para o fato de o verbo *barbecueën* não ter uma tradução única em português, pois *barbecueën* se refere a fazer o churrasco, mas também comer o churrasco, ou seja, é frequentemente uma atividade social e culinária, na qual as pessoas cozinham juntas ao ar livre e desfrutam de pratos assados e grelhados. No Brasil é comum termos churrasqueiras internas, para fazermos churrasco o ano todo; na Holanda essa é uma atividade típica de primavera e verão, quando as pessoas levam as suas churrasqueirinhas (descartáveis) para o parque e se reúnem com amigos para comer queijos, salames e petiscos, além de um pedacinho de carne, geralmente um hambúrguer ou espetinhos de carne com legumes.

Houve também a publicação de uma receita, na coluna mensal *Stem van Eva*, onde o *code-switching* está presente, visto que o texto em holandês contém termos em português. Optei por colocar uma figura do texto original, com a tradução abaixo, e, para deixar claro quais palavras estavam em português no original, as deixarei em negrito:

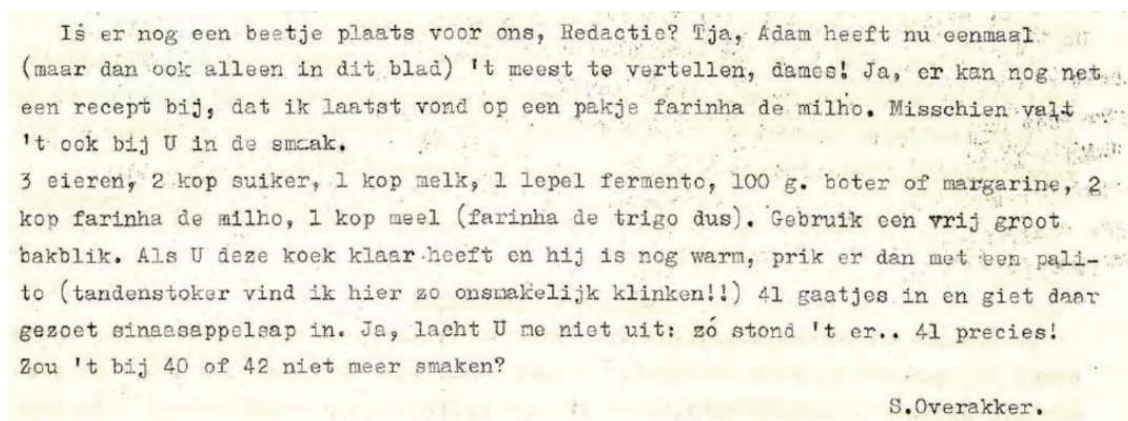


FIGURA 38 – RECEITA DE BOLO (*Centraal Maandblad*, n. 9, p.16, 1964)

Há ainda um pouco de espaço para nós, Equipe de Redação? Bem, Adão²⁷⁰ tem, afinal de contas (mas somente nesta revista), mais a dizer, senhoras! Sim, ainda é possível incluir uma receita, que encontrei

²⁶⁹ O trema em *barbecueën* tem a função de dar à última sílaba a pronúncia de final de verbos no infinitivo.

²⁷⁰ A coluna se chamava *Stem van Eva* (A voz da Eva) e por isso sempre usavam o nome Adão para se referir aos homens, fazendo uma alusão à história bíblica de Adão e Eva.

recentemente em um pacote de **farinha de milho**. Talvez também seja do seu gosto.

3 ovos, 2 xícaras de açúcar, 1 xícara de leite, 1 colher de **fermento**, 100 g de manteiga ou margarina, 2 xícaras de **farinha de milho**, 1 xícara de farinha (**farinha de trigo**, portanto). Use uma assadeira relativamente grande. Quando o bolo estiver pronto e ainda quente, faça 41 furos com um **palito** (acho a palavra palito de dente (*tandenstoker*) um pouco desagradável aqui!) e despeje suco de laranja adoçado neles. Sim, não ria de mim: foi exatamente assim que estava escrito... exatamente 41! Será que não teria o mesmo sabor com 40 ou 42?

Qualquer farinha pode ser chamada de *meel*²⁷¹ em holandês, mas também há palavras para especificar de qual *meel* se trata, por isso farinha de milho pode ser chamado de *maïsmeel* e farinha de trigo de *tarwebloem*²⁷². Como a farinha de milho não é usada para fazer pratos tipicamente holandeses²⁷³, é provável que os imigrantes tenham tomado conhecimento desse produto apenas quando chegaram no Brasil e, portanto, tenham aprendido a expressão farinha de milho ao invés de *maïsmeel*.

A palavra sôbre-mesa, que se traduz como *dessert* ou *toetje*, foi usada ao invés dessas opções. A palavra ainda está com a grafia antiga nesse texto. O outro termo que aparece nesse mesmo texto é *een volgende* “ponto” *in ons leerboek* (um próximo ponto em nosso livro didático). A autora poderia ter usado a palavra *onderwerp* (assunto) em sua frase, mas optou pelo contexto escolar, ao usar ponto e livro didático, pois ela estava dando uma aula sobre charme e elegância para as jovens leitoras. Ao perguntar para a minha mãe o que significava ponto, ela me contou (em holandês) que o ponto era um assunto específico, escrito pela professora no quadro e que deveria ser copiado pelos alunos em seus cadernos, por exemplo, sobre as datas importantes no Brasil, como o Dia da Independência (7 de setembro de 1822) e o Dia da Abolição da Escravatura (13 de maio de 1888), entre outros. Com estes pontos os alunos inclusive aprendiam português, porque, no caso da minha mãe, por exemplo, que foi para a escola falando apenas o dialeto *Drents*²⁷⁴, os pontos foram de grande auxílio, não só para o idioma, mas também para adquirir conhecimento sobre fatos históricos.

²⁷¹ *Meel* é usado inclusive para se referir a ração animal seca e fina.

²⁷² *Bloem* se refere a um tipo específico de farinha geralmente feita de trigo, e é uma farinha refinada da qual o farelo e o gérmen foram removidos. *Bloem* tem uma textura mais fina e é frequentemente usada em panificação e culinária para fazer pão, bolos, tortas, panquecas etc.

²⁷³ Farinha de milho foi ficando mais comum com a chegada das receitas internacionais, como a polenta, por exemplo, trazida da Itália

²⁷⁴ O dialeto *Drents*, uma forma regional da língua holandesa oficial, é falado na província de Drenthe, no norte da Holanda, e pelos imigrantes no Brasil provenientes dessa província.

Na pesquisa sobre a década de 1960, também encontrei alguns termos relacionados a objetos, como:

enceradeira
prateleira
radiola alta fidelidade
consertos de pneus de trator e de automóvel. também compra e venda de pneus usados

É interessante perceber que essas palavras foram escritas em português, em meio a anúncios em holandês. Isso me faz pensar que as pessoas tinham em mente que brasileiros poderiam ser potenciais compradores dos produtos e serviços anunciados. A tradução das duas primeiras palavras para o holandês seria respectivamente *boenmachine*, *plank*.

O termo radiola, um elemento cultural e tecnológico das décadas de 1960 e 1970 no Brasil, precisaria ser definido utilizando mais palavras em holandês; para definir o que é uma radiola alta fidelidade, seria necessário dizer algo como *een apparaat met radio- en platenspelerfuncties met hoge kwaliteit geluidswaergave* (um aparelho de som com função de rádio e toca-discos com reprodução de som com alta qualidade).

Em relação à oferta de serviços de borracharia, a frase em holandês seria *reparaties aan tractor- en autobanden. Ook inkoop en verkoop van gebruikte banden*, não havendo palavras sem equivalente direto. O motivo provável para estarem em português é por causa do público-alvo ser composto por brasileiros e holandeses.

Várias palavras que talvez não encaixem em um campo semântico específico também aparecem nos textos, como “presente de grego” e “passear”.

Presente de grego “é uma expressão popular usada para representar o recebimento de algum presente ou dádiva que traz prejuízo para quem a recebeu, ao contrário do que era esperado”²⁷⁵ e faz referência ao “Cavalo de Tróia, um famoso episódio descrito na Ilíada de Homero, que narra os eventos da Guerra de Tróia” (PRESENTE, 2021). Essa expressão não existe em holandês e nem algo que se assemelhe.

²⁷⁵ Um exemplo de **presente de grego** pode ser: dar um cachorro de presente para alguém que tem medo de cachorros, ou que mora em um lugar pequeno demais para abrigar um cachorro, ou que não tem condição financeira para sustentar um cachorro. A pessoa entra em uma situação complicada ao receber o presente e se obriga a encontrar uma solução para um problema criado por outra pessoa.

Uma expressão que existe em holandês é *het paard van Troje binnenhalen* (trazer o cavalo de Troia para dentro), ou seja, prejudicar-se sem suspeitar de malícia, como resultado de um estratagema do adversário; ou seja, não tem o mesmo significado do português. Há também o termo *Trojaanse paard(en)* (cavalo de Troia) para se referir a qualquer *malware* (abreviação de software maligno) que engana os usuários sobre sua verdadeira intenção.

A palavra passear é uma palavra com significado muito amplo em português, pois significa caminhar ou percorrer um espaço de maneira relaxada e geralmente agradável, muitas vezes com o propósito de lazer ou para apreciar a paisagem. Pode envolver caminhar a pé, passear de bicicleta, fazer um passeio de carro, de ônibus ou de barco, por exemplo. O termo também pode ser usado de forma mais ampla para se referir a atividades de lazer, como dar uma volta, explorar um lugar ou simplesmente aproveitar o tempo ao ar livre, ou mesmo, uma viagem curta.

No holandês não há uma palavra que englobe todos esses significados. Há a palavra *uitgaan*, que é sair de casa para fazer algo que não envolva obrigação; podemos usar também *op stap gaan* ou *gaan stappen*, que também se refere a sair de casa para se divertir; há ainda o termo *wandelen*, que significa caminhar, fazer um passeio o pé.

Mas passear não é necessariamente a pé, então ainda existem expressões como *gaan fietsen*, *rondrijden*, *een fietstocht maken*, *een boottocht maken*, *een wandeltocht maken*, *een wandeling maken*, que descrevem o ato de fazer um passeio de bicicleta, de carro, de barco, ou seja, definem como você vai passear, se a pé ou de bicicleta, por exemplo.

Praticamente todas as expressões são compostas pelo verbo *gaan* ou *maken* e um complemento e nenhuma consegue traduzir exatamente o que passear significa; sendo o verbo passear, portanto, uma palavra muito útil para se aprender como estrangeiro.

Esse fenômeno de palavras em um idioma não terem um equivalente em outras línguas é comum e pode ser definido como uma lacuna lexical (*lexical gap*). Essas lacunas podem ser observadas quando o sistema lexical de uma língua entra em contato com outra língua, ou seja, quando duas línguas com diferenças sociais e culturais estão sendo comparadas (IVIR, 1977, p.172). A lacuna lexical ocorre “sempre que uma língua expressa um conceito com uma unidade lexical [passear], enquanto

a outra língua expressa o mesmo conceito com uma combinação livre de palavras [como as exemplificadas anteriormente para traduzir a ideia de passear]” (BENTIVOGLI, 2000, p. 2).

Essas palavras capturam nuances culturais e experiências específicas que podem ser difíceis de expressar em outras línguas. Um exemplo clássico de lacuna lexical é a palavra **gezellig**. Essa palavra não possui uma tradução direta para outro idioma, mas pode ser explicada em termos de sua conotação e sentimento associado.

Gezellig é uma palavra holandesa que descreve uma sensação de conforto, aconchego e ambiente acolhedor, muitas vezes acompanhada de uma atmosfera agradável e companhia agradável, onde você se sente confortável e relaxado.

É como a sensação de estar com bons amigos ou familiares, desfrutando de um momento agradável juntos, seja em casa, em um café acolhedor ou até mesmo durante um jantar íntimo. Também é usado para descrever um clima agradável em um lugar, como uma festa, um evento ou até mesmo uma cidade. Ou pode também ser usado para aceitar a um convite: “*Zullen we iets gaan drinken?*” “*Ja, gezellig!*” (“Vamos sair para tomar alguma coisa?” Sim, *gezellig!*”) significando que você já imagina que o momento será agradável, que acha uma boa ideia.

Uma pessoa com quem você gosta de passar o tempo, também pode ser adjetivada como *gezellig*, ou um ambiente com decoração de bom gosto e aconchegante. É uma sensação que a pessoa reconhece quando experimenta e por esse motivo, *gezellig* é um termo que praticamente todos os brasileiros que convivem com holandeses conhecem e aprendem a encaixar em suas frases e conversas.

O antônimo de *gezellig* é *ongezellig*, palavra que se refere a um lugar frio e nada acolhedor, ou então a uma pessoa que não quer conversar ou interagir; ou mesmo um dia nublado e sombrio, por exemplo.

Na revista de setembro de 2023 (ano 25, n. 294, p. 23) Voorsluys²⁷⁶ escreve sobre a palavra *gezellig*²⁷⁷. No texto²⁷⁸, escrito em holandês²⁷⁹, é possível ver o que a

²⁷⁶ Tineke Voorsluys faz parte da redação da revista faz muito tempo e participa ativamente com textos de próprio punho sobre língua, nuances da língua e cultura.

²⁷⁷ No decorrer deste trabalho, haverá mais textos sobre a palavra *gezellig*, que é a palavra “sem tradução” mais comum do holandês.

²⁷⁸ O texto original encontra-se no anexo 15, p. 313.

²⁷⁹ Deixarei *gezellig* e *gezelligheid* em holandês no texto (pois afinal de contas, a palavra não tem tradução) e as palavras e frases que foram escritas em português no original, em negrito, para a diferenciação.

palavra demonstra sobre a cultura holandesa nesse aspecto, cultura essa fortemente enraizada nas colônias:

Sempre pensei que os holandeses fossem apaixonados por café e que fossem os maiores consumidores de café do mundo... Isso não é verdade. Estamos em terceiro ou quinto lugar na lista dos maiores consumidores de café global, dependendo da fonte da internet consultada. E não andamos movidos a café, mas sim a *gezelligheid*. Cheguei a essa conclusão em uma festa de aniversário no *Clube Social*. Inacreditável quantas vezes a palavra *gezellig* apareceu em diferentes conversas. Não somos apenas muito orgulhosos da palavra em si, intraduzível e definidora de cultura, mas também não podemos viver sem ela. Sem *gezelligheid* paramos de funcionar normalmente, eu acho. Nossa bateria é recarregada por ela; somos simplesmente nada sem *gezelligheid*.

Além de ser indispensável para nós, a palavra é bastante versátil. Um ambiente pode ser *gezellig*: **aconchegante**; ela pode caracterizar qualquer tipo de visita: **sem ideias de tradução**; posso ir tomar um café *gezellig* na casa da minha vizinha ou tomar um vinho *gezellig* com uma amiga; também pode ser muito pessoal: alguém pode ter um caráter *gezellig*, rir de forma *gezellig*, conversar de forma *gezellig*; e pode ser usada de forma sarcástica ou irônica: o sarcasmo é outra característica cultural nossa, mas isso não se encaixa neste relato.

Versátil, característica cultural, base para sarcasmo, a consideramos intraduzível em outras línguas e, por isso, algo para nos orgulharmos; embora nós mesmos nem sempre saibamos exatamente o que queremos dizer com essa palavra, mas preferimos não admitir, e... tiramos nossa energia dela. *Gezelligheid*, entre nós, acolhedor (e aconchegante). Nenhum encontro é verdadeiramente bem-sucedido se não tiver sido *gezellig*.

Aqui está o que um pequeno país pode ter de grandioso: *gezelligheid*. Como nós holandeses somos encantadores [leuk]²⁸⁰ (outra palavra versátil sem significado claro).

A autora ainda faz uma brincadeira com a palavra, ao descrever a festa de aniversário:

[...] *Het was er super **gezellig** met lekkere hapjes, fijne bediening, **gezellige** aankleding, **gezellige** gesprekken en **gezellige** gasten, een middag die niet stuk kon. [...] Nog vele **gezellige** jaren in goede gezondheid.*

Traduzindo o texto

[...] Foi super **agradável** [lá], com petiscos deliciosos, serviço acolhedor, decoração **aconchegante**, conversas **animadas** e convidados **simpáticos/divertidos**, uma tarde que não poderia ter sido melhor. [...] Muitos anos ainda por vir, **cheios de alegria/agradáveis** e boa saúde."

²⁸⁰ *Leuk* é um adjetivo que denota algo positivo, podendo ser traduzido como **legal** na maioria das vezes, mas também pode ser engraçado, agradável, prazeroso, charmoso, feliz, *gezellig*, extrovertido, entre outros.

Nas revistas, há centenas de ocorrências da palavra *gezellig*, até mesmo para dizer que os moradores de Campos de Holambra podiam *gezellig mopperen* (resmungar) novamente por causa da chuva, pela qual estavam esperando fazia tempo, mas que agora já incomodava novamente²⁸¹. Assim vemos que a palavra *gezellig* carrega uma conotação de calor e amizade, mesmo quando se está expressando descontentamento.

Na coluna *Stem van Eva*, encontrei outro exemplo, a palavra *gauchos* (*sic*) entre uma lista de palavras em holandês, descrevendo a variedade de desenhos feitos pelas crianças das colônias para a coluna. A palavra *gaúcho* é um exemplo de termo que não tem tradução para o holandês, por se tratar de uma palavra específica para se referir ao habitante da zona rural do Rio Grande do Sul e, por extensão, de todo o estado rio-grandense; o habitante da zona rural (pampas) do Uruguai e da Argentina, que se dedica à criação de gado (GAÚCHO, 2023). A palavra necessitaria de explicação para ser compreendida por aqueles que nunca a ouviram e não conhecem sua história e contexto.

No anúncio da imagem abaixo, podemos ver que a maioria das palavras está em holandês, mas também há a ocorrência de várias em português, como por exemplo churrasco, balcão imbuia, imbuia, marfim, tipo Amr. [Americano], prateleira, liquidificador, rua Princeza [*sic*] Isabel.

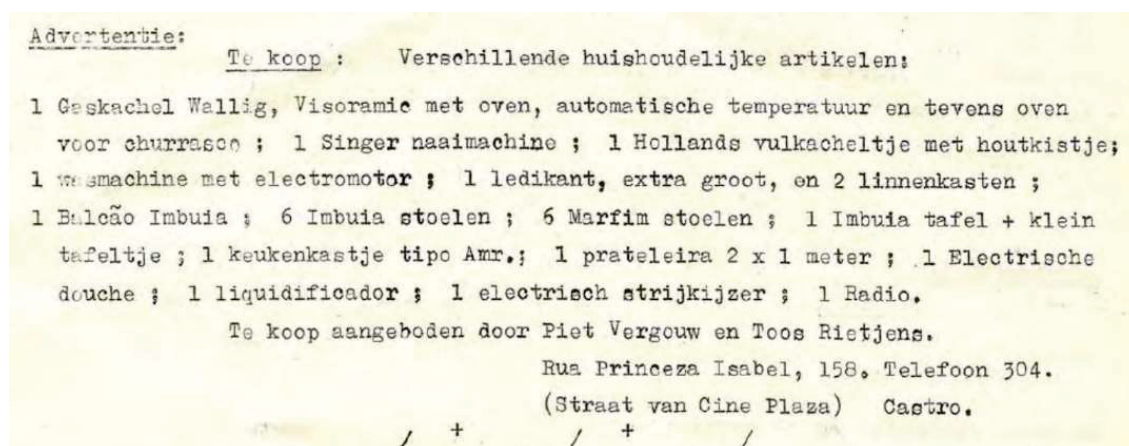


FIGURA 39 – ANÚNCIO DE PRODUTOS COM EXEMPLOS DE CODE-SWITCHING (*Centraal Maandblad*, n. 4, p. 5, 1967)

²⁸¹ Assunto número um de conversas rápidas na cultura holandesa. Praticamente nunca estamos satisfeitos com as condições de tempo.

Alguns desses termos (*churrasco*, *liquidificador* e *plank*) já foram discutidos anteriormente, mas ainda podemos mencionar imbuia, uma madeira típica da América do Sul, sem tradução para o holandês, e balcão (*aanrecht*), marfim (*ivoorhout*), tipo Americano (*Amerikaanse stijl*) e Rua Princesa [sic] Isabel (que seria literalmente traduzido por *Prinses Isabelstraat*).

De todas essas palavras listadas, **imbuia** e **Princesa Isabel** não teriam tradução para o holandês, mas por algum motivo, as pessoas optaram por colocar todas as listadas em português. Sobre a palavra princesa: novamente acredito que o erro ortográfico tenha sido causado pela pronúncia da palavra, em holandês, o som [z] é praticamente sempre escrito com a letra z, ao passo que a letra s, tem a pronúncia [s].

No caso das cadeiras de **marfim** (*Marfim stoelen*), mesmo sendo mais conhecida por *ivoorhout*, a madeira tem vários outros nomes na Holanda, entre eles marfim, pequena marfim ou pau marfim (HOUTSOORT, 2024). A escolha do nome para esse tipo de madeira, *ivoor* (marfim), provavelmente se deva à semelhança da sua cor com a cor das presas de animais, como elefantes, morsas e hipopótamos.

Houve um aviso informando sobre o passo-a-passo para o pedido de carteira de motorista. Na lista de documentos, constam as seguintes informações:

“1º *Fotocopiën* (autenticados) *van*: Carteira 19 of Carteira de Identidade, Título de Eleitor *en* Carteira de Reservista (*dit alleen voor de heren*)”

A primeira revista de 1967 (Ano 7, n. 1, janeiro de 1967) trouxe, na primeira página, um longo texto intitulado *Nieuwe wetten en de moegelijke gevolgen daarvan voor onze cooperaties en hun leden* (Novas leis e as possíveis consequências disso para nossas cooperativas e seus associados).

O termo que apareceu em português foi “Fundo de Garantia”. O Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) foi concebido em 1966 pelo ministro do Planejamento do governo do marechal Castello Branco (1897 – 1967), Roberto Campos (1917 – 2001) e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1967. O objetivo era duplo: facilitar a demissão de trabalhadores e financiar a construção de imóveis (FONTENELLE, 2017).

Além de explicar sobre a origem e função desse fundo, a revista disponibilizou um modelo de declaração.

Hieronder volgt het model van een optie voor de Fundo de Garantia (zie pag. 4)

DECLARAÇÃO DE OPÇÃO.

Eu, _____, Dit model geldt
 (nome do empregado por extenso) alleen voor work-
 portador da Carteira Profissional nº _____, nemers die al in
 empregado da empresa _____ dienst waren.
 (denominação da empresa)

no Estado do Paraná, declaro, para todos os fins, que, nesta data, Voor nieuw aan te
 exerce a opção pelo regime do Regulamento do Fundo de Garantia do nemen werknemers
 Tempo de Serviço, aprovado pelo Decreto nº 59.820, de 20/12/66. moet men een an-
 der model hebben.

_____ de _____
 (local) (data)

 (assinatura)

TESTEMUNHAS

1a) _____
 2a) _____

 (assistente responsável legal pelo menor, quando
 couber.

Impressão datiloscópica, quando de tratar de
 analfabetos.

FIGURA 40 – MODELO DE DECLARAÇÃO DE OPÇÃO - FGTS (*Centraal Maandblad*, n. 1, p.22, 1967)

Ainda encontramos o seguinte parágrafo: *De Secretaria van Financiën gebruikte in haar instructie niet het woord: “associados”, maar “cooperantes”, om duidelijk aan te geven, dat de Secretaria verwacht, dat de cooperatie leden heeft, die ook werkelijk met de cooperatie werken* (A Secretaria de Finanças não utilizou a palavra “associados”, mas “cooperantes” em suas instruções, para deixar claro que a Secretaria espera que a cooperativa tenha membros que efetivamente trabalhem com a cooperativa.) Não seria possível traduzir esses termos para o holandês mantendo o significado proposto pela Secretaria.

Quando estourou a Guerra dos Seis dias²⁸², os imigrantes ficaram preocupados quanto ao futuro de sua produção, mas, segundo consta na *Centraal Maandblad*, em reunião com o então ministro Magalhães Pinto (1909 – 1996), foram tranquilizados pela promessa de tentativa da manutenção da paz pelo governo.

Neste mesmo texto, o autor faz uma comparação entre árabes e israelenses no Brasil, onde se toleram, têm uma boa convivência, e no Oriente Médio, onde há conflitos; e nos dá uma indicação quanto à visão que tinha da cultura brasileira:

²⁸² A Guerra dos Seis Dias, ou Terceira Guerra árabe-israelense, foi travada entre os dias 5 e 10 de junho de 1967, tendo de um lado do conflito as forças armadas do Estado de Israel e, do outro, as do Egito, Síria, Jordânia e Iraque, que, por sua vez, receberam o apoio de Kuwait, Líbia, Arábia Saudita, Argélia e Sudão. Essa foi a guerra mais rápida travada entre árabes e israelenses e foi também a guerra que possibilitou a Israel expandir seu território, conquistando a Península do Sinai, a Cisjordânia, Gaza, Jerusalém oriental e as colinas de Golã – o que, posteriormente, desencadeou a Guerra do Yom Kippur, em 1973 (GUERRA, 2023).

A sociedade brasileira parece ser uma escola de tolerância entre raças e nacionalidades. Tanto os países árabes quanto Israel deveriam enviar seus líderes para o Brasil por alguns anos, para ganhar a vida de forma pacífica aqui. Quando eles, como proprietários da "**Casa Damasco**"²⁸³ e da "**Casa Jerusalém**" tiverem bebido **cafèzinhos**²⁸⁴ suficientes, talvez também aprendam a se entender melhor.

Há uma mensagem de final de ano aos clientes, amigos e familiares da empresa de transporte Ardo²⁸⁵ onde encontrei três detalhes que me chamaram a atenção: a palavra *empieza* [sic] aparece com a letra z. No holandês, a letra "s" praticamente não aparece sozinha no meio de uma palavra, entre duas vogais (temos poucos exemplos: *eisen* (exigências), *basis* (base) e *fase* (fase)); por outro lado, o duplo "s" é comum, produzindo o som [s] nas palavras. Todas as palavras (com raríssimas exceções, como *basis* e *fase*, por exemplo) com duas ou mais sílabas que tem o som [z], são escritas com a letra "z", o que me parece ser o motivo para terem escrito a palavra *empieza* [sic] com a letra "z".

Outro termo da mensagem é Caixa Postal (*Postvakje*). Em quase todos os avisos dados sobre correspondência e endereços postais encontrados nas revistas, a palavra portuguesa foi utilizada em meio aos textos em holandês, uma única vez encontrei o termo *postkastjes* na revista, uma linha abaixo de sua versão portuguesa.

Há ainda a palavra *clinten* [sic]: o ditongo *ie* se pronuncia [i] e para ter o som [i:ɛ], como ocorre na palavra *clientes*, é necessário colocar um trema em cima do e: *cliënten*. Aqui pode ter sido esquecimento, ou influência (inconsciente?) do português, que não tem o trema. O trema é comum no ditongo *ie* quando se quer diferenciar entre os sons [i] (*niet, fiets, familie*), [i:ɛ] (*cliënt, efficiënt*) e [i:ə] (*Brazilië, drieëntwintig*)

²⁸³ Deixei os termos que estavam em português no original em negrito.

²⁸⁴ A partir do Acordo Ortográfico entre a *Academia das Ciências de Lisboa* e a *Academia Brasileira de Letras*, de 1931, e das Conclusões complementares, em 1943, decidiu-se pelo "emprego do acento grave nos advérbios em mente que provêm de formas adjectivas marcadas com acento agudo, e nos derivados em que entram sufixos precedidos do infixo z e cujas formas básicas são marcadas com o mesmo acento. (Exemplos: benêficamente, agradavelmente, distraidamente, herôicamente, mamente, samente; lâbiozinho, pétalazinha, debilizinho, jóiazinha, órfãozinho, anêizinhos, avôzinha, **cafèzinho**, cafèzeiro, chapêuzito, cházada, mázinha, vintênzinho.)" (ACORDO, 2014).

²⁸⁵ Em 1953 com 1 caminhão da marca NASH iniciou-se uma parceria com a Batavo. Deixou de trabalhar como autônomo em 1964, já com 9 caminhões abrindo a Empresa TRANSPORTES ARDO LTDA. [hoje TransArdo] (HISTÓRICO, 2023)



FIGURA 41 – MENSAGEM DE FINAL DE ANO 1967 (*Centraal Maandblad*, n. 12, p. 6, 1967)

Nos dois casos, o anúncio foi escrito em holandês na íntegra, porém, anos mais tarde, em outubro de 1998, um anúncio foi publicado, totalmente em língua portuguesa, buscando uma pessoa bilíngue:

Precisa-se (de) uma pessoa para participar, a partir do próximo ano, do grupo da redação da *Centraal Maandblad*. De preferência jovem, bilíngue (português/holandês), para coordenar a parte da publicação mensal, na língua portuguesa. Interessados poderão entrar em contato com o sr. Dimmy para melhores informações (*CENTRAAL MAANDBLAD*, outubro de 1998, p. 13)

Esses anúncios sugerem que, nos anos 1960, era mais provável encontrar alguém que fosse falante nativo de holandês e também dominasse o português, em comparação com a situação oposta. No entanto, na década de 1990, era bastante viável que um falante nativo de português tivesse aprendido o holandês ou possuísse conhecimento da língua por ser descendente de holandeses.

Em 1967, há o título “REGISTRO CIVIL *en* CARTORIO *gestart te*²⁸⁶ Carambei” (REGISTRO CIVIL e CARTÓRIO iniciados em Carambei), onde novamente as duas línguas são utilizadas, não pela falta de palavras na língua holandesa, neste caso,

²⁸⁶ A palavra **te** tem alguns significados em holandês: ela pode anteceder um adjetivo e significar que algo é “demais”: *te mooi* (bonito/bonita demais), *te duur* (caro/cara demais), *te makkelijk* (fácil demais); ser utilizada com a palavra **om**, para expressar um objetivo, sempre seguido pelo verbo no infinitivo: *ik om te zien* (para ver).

mas pelo fato de os termos em português fazerem serem mais claros, como se fossem o nome do estabelecimento, do que se fossem traduzidos.

Ao concluir a investigação sobre a presença de palavras em português nos textos em holandês durante alguns anos da década de 1950 e sobre a década de 1960, emerge a compreensão da riqueza da interação linguística, mesmo que talvez não tão significativa ainda, nesse contexto específico da revista nas colônias holandesas. A análise revela não apenas uma sobreposição lexical, mas também nuances culturais e históricas intrincadas que permeiam essas expressões linguísticas.

4.2 PESQUISA SOBRE PALAVRAS E FRASES QUE EXEMPLIFICAM O BILINGUISMO E O *CODE-SWITCHING* NAS DÉCADAS DE 2010 E 2020

Passando para a análise do segundo período (2010 a 2023), será possível verificar se houve uma mudança drástica no uso do português, ou se o padrão do início da revista se mantém. Será curioso ver as transformações após 40 anos de existência.

Fazendo a pesquisa sobre a década de 2010, é possível perceber que a língua predominante da revista continua sendo o holandês; no início da década, todos os textos contendo os relatos mensais de cada colônia eram escritos em holandês, com pequenas inserções, parágrafos curtos, em português. Às vezes o parágrafo em português é sobre o mesmo assunto escrito em holandês, não uma tradução. É interessante notar que, mesmo que o uso da língua portuguesa seja predominante nas colônias, é comum ver que, quando os autores optaram por um termo em português, eles colocaram uma tradução, ou sinônimo em holandês na sequência, entre parênteses ou não. Colocarei exemplos no decorrer deste capítulo.

Os campos lexicais mais comuns na década de 2010 e 2020 são novamente alimentação, eventos e nomes de instituições educacionais, financeiras e ONGS, por exemplo. Há textos sobre a língua portuguesa e holandesa, novamente comparando as línguas e descrevendo o bilinguismo nas colônias, mostrando que o interesse pelo mesmo se manteve, mesmo décadas depois. Fato marcante é que as pessoas continuam descrevendo fatos do dia a dia que chamam a atenção pela diferença linguística ou cultural.

Para iniciar, na *De Regenboog* de abril de 2010 (ano 12, n. 133, p. 3), a autora escreve o texto sobre o ditado do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) *Één zwaluw maakt nog geen voorjaar* ou *Één zwaluw maakt nog geen zomer* (uma andorinha só não faz verão), cujo significado é que uma pessoa não pode ser caracterizada por um ato bom realizado uma única vez, e isso não pode ser usado como argumento para concluir que essa pessoa sempre repetirá o ato bom.

Ela faz uma comparação entre o significado para os holandeses e para os brasileiros, conforme ela ouviu em uma emissora de rádio brasileira. A autora conhecia o significado aprendido em holandês, a saber, que não se deve criar expectativas muito altas com base em um único bom presságio ou sinal; e conforme o relato dela,

esta tarde (31 de março), ouvi na rádio brasileira um significado completamente diferente da expressão 'uma andorinha só não faz verão', que também é conhecida aqui [no Brasil]. Como não acreditei nos meus ouvidos, primeiro consultei um dicionário (sem resultado) e depois o Google, e sim, o locutor de rádio estava certo. Segundo a explicação que li, ao longo dos anos, no Brasil, essa expressão passou a significar 'uma pessoa não pode resolver o problema sozinha em certas circunstâncias'. Em outras palavras, 'A união faz a força' (*De Regenboog*, abril de 2010, ano 12, n. 133, p.3)

Um relato sobre a língua nas colônias está na coluna *Grootopa Vertelt*, onde Bosch (2013, p.25) utiliza histórias e situações verdadeiras das colônias para compor suas crônicas. No texto encontrado na *De Regenboog* de novembro de 2013, chamado: *de achtervolging* (o bisavô conta: a perseguição), ele relata a visita do personagem a um recém-inaugurado café, e faz uma análise sobre o sotaque dos moradores de Carambeí, percebido por pessoas “de fora” da colônia, focando a atenção na pronúncia da letra “r”, além de fazer um comparativo com a evolução da pronúncia da letra “r” na Holanda, quando fala que “[...] ouve um comentário de que, devido à pronúncia do “r” de nosso povo, ainda podem perceber que descendemos de estrangeiros, mesmo que existamos há mais de cem anos” [e explica que isso ocorre porque] “o “r” no português brasileiro é pronunciado no início das palavras e nas palavras com duas letras “r” (“rr”) como uma espécie de “g”, [enquanto o “r” dos imigrantes e seus descendentes é pronunciado como o “r” único, quando no meio de palavras em português].

O texto continua refletindo sobre pronúncia:

O bisavô pensa sobre isso e chega à conclusão de que na verdade não falamos bem nenhuma das duas línguas aqui. Basta prestar atenção no holandês contemporâneo falado na televisão [holandesa]. A pronúncia que

ouvimos no BVN²⁸⁷ está muito distante da língua que falamos aqui. No BVN, ouvimos muito flamengo, o que é compreensível, pois essa língua é falada na Flandres, na Bélgica, há séculos. Mas a pronúncia dos holandeses que ouvimos na televisão soa cada vez mais como uma mistura de holandês com inglês. Por exemplo, quando dizem *wij staan in de regen en worden nat* (estamos na chuva e estamos ficando molhados), soa como *we staan in de ggrreegge en wowrde nat...* isso não é holandês, pensa o bisavô. No passado, a pronúncia arrastada era considerada um defeito de fala, agora aparentemente é ensinada a todos. Até mesmo o 'n' no final das palavras não é mais pronunciado, e isso, na televisão! Mas ouça o discurso de abdicação da Rainha Beatrix, ela falava holandês normal, quase como estamos acostumados... quando fazemos um grande esforço.

O que foi relatado no texto acima é algo que acontece com praticamente todos os moradores das colônias: temos sotaque (uns mais do que outros) enquanto falamos o português, denunciando a origem estrangeira e o nosso bilinguismo; porém, quando estamos na Holanda, a maneira como falamos, “hibridizando”, por assim dizer, o holandês com a melodia e entonação do português, causamos dúvida em muitos, que, não conseguindo identificar de que região somos na Holanda, logo perguntam se somos do Sul.

A reflexão do *Grootopa* sobre a pronúncia dos falantes na Holanda ser diferente da pronúncia nas colônias é compreensível. Desde que os imigrantes saíram do país, a Holanda mudou consideravelmente, com a chegada de pessoas de diversas nacionalidades, línguas e culturas²⁸⁸. Segundo Van de Velde (2020), “que o holandês muda sob a influência da crescente diversidade étnica está fora de questão. Essas mudanças são profundas e afetam as formas da língua, a estrutura das frases, o

²⁸⁷ BVN, sigla formada pelas iniciais de *Het Beste van NPO*, que por sua vez vem de *Nederlandse Publieke Omroep* (Radiodifusão Pública Holandesa) é o canal de televisão público para holandeses no exterior, iniciado em 1996. Originalmente a sigla vinha de *Beste van Vlaanderen en Nederland* (O Melhor da Flandres e da Holanda), mas em 2021 foi anunciado que a colaboração entre a NPO e VRT (*Vlaamse Radio- en Televisieomroeporganisatie* - Organização de Radiodifusão e Televisão Flamengo) seria encerrada no dia 1 de julho de 2021. O BVN não transmite programas ou filmes em outros idiomas, apenas produções em holandês da Radiodifusão Pública Holandesa (NPO). O canal é transmitido via satélite para a Europa, África e América e está disponível em partes da Europa através de redes de cabo. BVN seleciona diariamente uma série de programas em holandês, a partir da oferta das Radiodifusões Públicas Holandesas. O foco está no noticiário e informações de fundo, ou seja, informações adicionais ou detalhes fornecidos para ajudar a compreender melhor um determinado tópico, situação ou evento. Atualmente, o BVN se tornou um canal de televisão acessível em todo o mundo via satélite e internet (BVN, 2023).

²⁸⁸ A razão pela qual as pessoas migram pode variar. A migração de asilo ocorre quando as pessoas estão em busca de um lugar seguro. Por exemplo, porque precisam fugir da guerra e da miséria. A maioria das pessoas migra por outras razões. Por exemplo, para trabalhar em outro país (migração laboral) ou para estudar (migração de conhecimento). Mas também para estar com a família (migração familiar). (RIJKSOVERHEID, 2024)

vocabulário e a pronúncia.” O contato com a língua holandesa através da televisão é uma maneira de perceber e refletir sobre essas mudanças.

Outra questão abordada é o distanciamento sofrido pelos imigrantes ao morarem algum tempo fora da terra natal, seja em relação à língua, seja em relação à cultura, ou ao sentimento de pertencimento a um lugar. No texto escrito por um dos voluntários que contribuíram com textos para a revista, Nicolaas Nienhuys (*in memoriam*), encontramos um relato significativo sobre o sentimento do autor durante a *Agroleite*²⁸⁹:

Outro tópico que veio à tona foi o sentimento de um imigrante. Em determinado momento, ele deixa de ser holandês porque não volta lá há anos, a Holanda mudou. Por outro lado, ele também não é brasileiro. Sua herança holandesa pesa sobre ele. Seus valores profundamente enraizados continuam a existir. Ele mantém hábitos alimentares e moral arraigados.

E ele continua “filosofando” sobre o quão complicado é ser estrangeiro em um outro país e como, muitas vezes, a língua continua sendo a barreira para a comunicação fluir de forma concreta:

Foi uma noite agradável [no original está escrito *gezellig*] com muitas conversas boas. Encontros bastante peculiares, aliás. Conversei com um alemão que mora na Colômbia e representa uma empresa holandesa. Tudo muito internacional. A Agroleite agora é também internacional. Importante para a troca de técnicas modernas e o progresso no desenvolvimento da nossa produção agrícola. É lamentável que a organização não tenha considerado que algumas pessoas não falam português. Por exemplo, ajudei um francês que queria fazer seu crachá. A moça queria saber seu CPF ou CNPJ e não falava inglês. O homem educado acabou desistindo de conquistar o crachá no cordão.

Esse relato demonstra a realidade na qual vivemos, também no contexto agrícola e no contexto das colônias, na qual o intercâmbio de línguas ocorre a qualquer momento e na qual a vantagem de se falar mais idiomas fica mais evidente.

Há outro exemplo, em forma de diálogo, publicado em janeiro de 2014 (*De Regenboog*, ano 15, n. 178, p. 26 - sem informação de fonte bibliográfica) que

²⁸⁹ O Agroleite é um evento técnico voltado a todas as fases da cadeia do leite. Ele acontece anualmente no mês de agosto, na cidade de Castro (PR), capital nacional do leite, e busca apresentar o potencial de produção de leite da região nos aspectos qualitativo e quantitativo. Há também a exposição de animais, o torneio leiteiro, o clube de bezerras (projeto das cooperativas que há mais de 35 anos fomenta nas crianças o interesse pela pecuária leiteira), o leilão, o dia de campo e a dinâmica de máquinas. Durante o evento também são realizados fóruns, seminário internacional e painel para se discutir genética, alimentação, qualidade animal, qualidade do leite e tecnologias voltadas ao setor. Há também um espaço para agricultura, suinocultura e ovinocultura importantes setores produtivos da realizadora do evento (VITRINE, 2023).

descreve, de forma engraçada e até exagerada, os usos e significados da palavra **meia**, no português, demonstrando uma lógica nada lógica para não nativos nesse intercâmbio linguístico:

O português praticado no Brasil ...

Na recepção de um salão de convenções em Fortaleza

- Por favor, gostaria de fazer minha inscrição para o Congresso.
- Pelo seu sotaque vejo que o senhor não é brasileiro. O senhor é de onde?
- Sou de Maputo, Moçambique.
- Da África, né?
- Sim, sim, da África.
- Aqui está cheio de africanos, vindos de toda parte do mundo. O mundo está cheio de africanos.
- É verdade. Mas se pensar bem, veremos que todos somos africanos, pois a África é o berço antropológico da humanidade...
- Pronto, tem uma palestra agora na sala meia oito.
- Desculpe, qual sala?
- Meia oito.
- Podes escrever?
- Não sabe o que é meia oito? Sessenta e oito, assim, veja: 68.
- Ah, entendi, meia é seis.
- Isso mesmo, meia é seis. Mas não vá embora, só mais uma informação. A organização do Congresso está cobrando uma pequena taxa para quem quiser ficar com o material: DVD, apostilas, etc., gostaria de encomendar?
- Quanto tenho que pagar?
- Dez reais. Mas estrangeiros e estudantes pagam meia.
- Hmmm! que bom. Ai está: seis reais.
- Não, o senhor paga meia. Só cinco, entende?
- Pago meia? Só cinco? Meia é cinco?
- Isso, meia é cinco.
- Tá bom, meia é cinco.
- Cuidado para não se atrasar, a palestra começa às nove e meia.
- Então já começou há quinze minutos, são nove e vinte.
- Não, ainda faltam dez minutos. Como falei, só começa às nove e meia.
- Pensei que fosse as 9:05, pois meia não é cinco? Você pode escrever aqui a hora que começa?
- Nove e meia, assim, veja: 9:30
- Ah, entendi, meia é trinta.
- Isso, mesmo, nove e trinta. Mais uma coisa senhor, tenho aqui um folder de um hotel que está fazendo um preço especial para os congressistas, o senhor já está hospedado?
- Sim, já estou na casa de um amigo.
- Em que bairro?
- No Trinta Bocas.
- Trinta Bocas? Não existe esse bairro em Fortaleza, não seria no Seis Bocas?
- Isso mesmo, no bairro Meia Boca.
- Não é meia boca, é um bairro nobre.
- Então deve ser cinco bocas.
- Não, Seis Bocas, entende, Seis Bocas. Chamam assim porque há um encontro de seis ruas, por isso seis bocas. Entendeu?
- Acabou?
- Não. Senhor é proibido entrar no evento de sandálias. Coloque uma meia e um sapato...

FIGURA 42 – O USO DA PALAVRA MEIA De Regenboog (janeiro 2014, ano 15, n. 178, p.26)

O campo semântico²⁹⁰ de **meia**, temos o primeiro exemplo do texto “tem uma palestra agora na sala **meia oito**”, onde o **meia** significa o número 6, se referindo a meia dúzia (12). Em Holandês o número seis, apesar de, em contexto de ovos, por exemplo, poder ser chamado de *halve dozijn* (meia dúzia) nunca é substituído por *halve*. Em português, o número três e seis são muito semelhantes em sua pronúncia (principalmente no contexto de uma ligação telefônica, por exemplo), o que pode causar confusão; por isso, a escolha por **meia**, ao invés de seis, auxilia na correta compreensão.

Ainda temos, no Brasil, a expressão **trocar seis por meia dúzia**, que significa realizar uma troca ou escolha sem diferença significativa, indicando que as opções são praticamente equivalentes. Em inglês há um equivalente *six of one, half a dozen of the other* (seis de um, meia dúzia de outro), que expressa a ideia de que duas opções são equivalentes ou não fazem diferença significativa. Em holandês, porém, não há expressão com seis e meia dúzia para expressar essa ideia; usamos as expressões *het maakt geen verschil* (não faz diferença) ou *het komt op hetzelfde neer* (isso se resume ao mesmo).

Outro exemplo é “Dez reais. Mas estrangeiros e estudantes pagam **meia**”. Nesse caso seria cinco, mas **meia** nesse caso significa 50% de qualquer valor total. No Brasil, assim como em outros países, é comum que estudantes com a carteirinha de estudante tenham desconto para participar de eventos, cinema e teatro, por exemplo. Não há o conceito de meia entrada em Holandês, o que existe é *korting* (desconto), oferecido para pessoas (de qualquer idade) que possuam o cartão de museu, sejam assinantes da loteria federal ou de outra associação que forneça desconto. Além disso, pessoas até 18 anos não pagam entrada em museus na Holanda.

Na sequência, o texto traz o seguinte: “Cuidado para não se atrasar, a palestra começa às nove e **meia**.” **Meia** significando trinta nesse caso. O holandês também usa a palavra *half* (meia) para definir as horas, mas quando se refere a 9h30 (como no texto) dirá “meia dez”, pois a partir do momento em que o ponteiro está no 30, já se refere à hora futura, fato que causa muita confusão com falantes não-nativos.

²⁹⁰ O campo semântico é o campo do significado, porque a semântica é a parte da gramática que estuda o significado das palavras e a diferença de sentido que as palavras apresentam em diferentes contextos (CAMPO, 2023). Como exemplo do campo semântico de alimentos, poderíamos nomear palavras como **maçã, pão, queijo, cenoura e arroz**; ou no campo semântico de cores, temos **verde, amarelo, cinza, branco e lilás**, por exemplo.

Ainda há a confusão quanto ao nome de um bairro, quando o estrangeiro diz: “Isso mesmo, no bairro Meia Boca.” e a atendente responde: “Não é meia boca, é um bairro nobre.” Isso porque **meia boca** é um adjetivo “para designar algo mais ou menos, que não é tão bom, nem muito ruim. É uma expressão usada para dizer que algo não é incrível; algo foi feito às pressas ou de qualquer jeito; algo que está no meio (MEIA, 2020), conforme também **meia sola** (nos calçados), utilizado para serviços incompletos ou feitos apenas para solução imediata.

Em holandês temos a expressão *halfbakken*, que se originou de *half gebakken* (meio assado) e tem uma certa semelhança de significado: deficiente, incompleto. Mas não é necessariamente usada nas mesmas situações de **meia boca**.

O texto finaliza com mais um significado da palavra meia, a saber, a peça de roupa usada no pé: “Senhor é proibido entrar no evento de sandálias. Coloque uma meia e um sapato”. Nesse caso a tradução para o holandês é *um sok*. No holandês não se usaria a forma singular nesse imperativo “coloque uma meia e um sapato”, mas se falaria *trek sokken en schoenen aan* (calce meias e sapatos).

Dessa maneira é possível entender que o que para um idioma é natural e simples, fazendo com que os falantes o utilizem sem pensar no motivo de estarem fazendo o mesmo, para o não falante pode causar muita confusão.

Casos como esses exemplificados acima podem ajudar a explicar o porquê de se usar palavras em português desde o início; na maioria das vezes por não haver palavra equivalente em holandês: por se tratar de palavras relacionadas à agropecuária, à política, à cultura e a costumes próprios do Brasil, por exemplo.

Outras vezes existe um termo em holandês, mas a palavra em português está tão integrada no conhecimento dos falantes, que a escolha recai no uso do termo em português. Ainda existe o campo semântico das palavras, podendo ser razão para manter o português, para não causar confusão, pois em holandês também ocorrem “palavras com diferentes possibilidades de significação, dependendo de como forem empregadas e o contexto em que estarão inseridas” (DIFERENÇAS, 2023).

Pensando nesse bilinguismo e nas diferenças culturais entre brasileiros e holandeses, vale acrescentar o texto publicado na *De Regenboog* de fevereiro de

2023 (ano 14, n. 167, p. 1). Na coluna chamada *Redactioneel praatje*²⁹¹ (bate-papo editorial), a autora escreve um texto interessante sobre bilinguismo e sobre o fato de as línguas terem termos sem uma tradução que dê conta de expressar o que a palavra denota.

A todos os leitores,

O bilinguismo oferece a oportunidade de utilizar aquelas palavras²⁹² das diferentes línguas que melhor expressam o que se pretende. Nesse sentido, é um enriquecimento do nosso vocabulário. É lamentável, no entanto, que apenas as pessoas que falam as mesmas duas línguas possam nos entender. Nas colônias de pessoas de origem holandesa, não é um problema misturar as línguas; fora delas, é desaconselhável se a intenção for ser compreendido.

A língua é o meio para transmitir mensagens e para expressar o que queremos e sentimos. O engraçado é que a maioria das línguas tem pelo menos algumas palavras que são específicas de uma cultura. Claro, a grande maioria das palavras tem equivalentes em outras línguas, mas são aquelas palavras que não podem ser verdadeiramente traduzidas que revelam algo sobre um grupo de pessoas. É uma teoria interessante, que, aliás, não é prejudicada por qualquer conhecimento adquirido em estudos, o que torna a teoria ainda mais agradável.

Se nos restringirmos ao holandês e ao português, acho que palavras como *gezellig*, *abraço*, *chagrijnig*²⁹³, *saudade*, *knus en kneuterig*²⁹⁴ e assim por diante, dizem algo sobre a natureza das pessoas. É reconfortante que o português não tenha uma palavra que expresse o conceito de *pesten*²⁹⁵ em todos os seus aspectos negativos. Isso significa que não era necessário nomear essa forma de agressão. Infelizmente, a globalização introduziu códigos de comportamento que exigiram a importação do termo *bullying*.

Gezellig é uma palavra que o português deveria ter, é tão versátil. Um ambiente *gezellig* pode ser traduzido como *aconchegante*, mas é muito mais difícil traduzir o ato de tomar um café *gezellig* na casa do vizinho. *Saudade* é *heimwee*, certo? Quando não vejo alguém por um tempo, posso dizer em português com um valor emocional superficial: *Oh, que saudades*. O significado em holandês descreve a versão traumática da palavra.

Abraço é outro exemplo de palavra que, embora tenha uma tradução, tem um valor emocional diferente. O significado emocional dessa palavra destaca uma diferença cultural importante. Em português, *abraço* é tanto uma maneira amigável e cotidiana de cumprimentar alguém quanto um gesto de compaixão em um funeral, por exemplo. Em holandês, *omhelzing* é algo para

²⁹¹ No texto original, tanto as palavras em holandês quanto em português e inglês que a autora usa para exemplificar a sua teoria estão em itálico; optei por usar o mesmo padrão na tradução, para deixar claro quais palavras foram utilizadas.

²⁹² No original, a frase é *Tweetaligheid geeft de mogelijkheid om die woorden uit de verschillende talen te gebruiken die het beste weergeven wat bedoeld wordt*, com um acento agudo na palavra *díe*. Palavras em holandês não costumam ser acentuadas; porém quase qualquer palavra pode receber um acento agudo quando se quer enfatizar a palavra, quando se deseja conduzir o leitor à correta entonação; seria como acentuar a palavra *aquélas*, no texto traduzido, para dar mais ênfase.

²⁹³ De mau humor, aborrecido, rabugento.

²⁹⁴ Essa expressão descreve uma sensação acolhedora e aconchegante, caseira.

²⁹⁵ O termo se refere ao comportamento repetitivo e intencional de intimidação, assédio ou discriminação, geralmente praticado por uma pessoa ou grupo em relação a outra pessoa, causando-lhe sofrimento ou angústia. Hoje, em português, a palavra *bullying* é usada e compreendida amplamente.

bons amigos, ocasiões muito especiais ou com seu namorado. Atualmente, ouço a palavra *knuffel* sendo usada com frequência onde usamos *abraço* no português, mas eu relaciono *knuffel* principalmente a criancinhas. Embora isso possa ser coisa minha, já que estou longe da Holanda há muito tempo.

Se palavras podem acidentalmente transmitir algo sobre um povo, os slogans são especificamente criados para expressar características. *Jogo de cintura* e *jeitinho brasileiro* estão relacionados à maneira descontraída com que os brasileiros lidam com as coisas. Não tenho certeza se essas são características das quais deveriam se orgulhar ou não. Da mesma forma, questiono se o lema holandês *Doe maar gewoon, dan doe je al gek genoeg*²⁹⁶ (Aja de maneira normal, você já estará sendo louco o suficiente) é algo de que devemos nos orgulhar ou não. A sobriedade holandesa e o desprezo pela ostentação nos tornam um pouco rígidos quando se trata de estabelecer contatos ou lidar com sentimentos. Em contrapartida, o brasileiro é habilidoso socialmente, mas nunca se sabe exatamente onde ele está (*waar hij staat*).

A nacionalidade está implícita no significado das palavras e é expressa de maneira forte nos lemas nacionais. Um tópico interessante para se discutir com uma xícara de café *gezellig*. Jogando conversa fora ou com *smalltalk* [conversa informal]? Pois é...

Tineke²⁹⁷

Há um pequeno trecho na *De regenboog* de dezembro de 2010 (ano 12, n. 141, p.28, em holandês e retirado do *Wereldkrant*²⁹⁸ a respeito do fato de bilingues que falam mais de uma língua com frequência apresentarem menores sintomas de Alzheimer do que os que falam apenas um idioma

²⁹⁶ Essa frase reflete a cultura de sobriedade e modéstia dos holandeses, enfatizando a importância de não se destacar ou chamar atenção excessivamente.

²⁹⁷ O texto original se encontra no anexo 16, p. 314.

²⁹⁸ A *Radio Nederland Wereldroep* lançou o jornal matutino digital gratuito *De WereldKrant* (Jornal Mundial) em julho de 2006 para os holandeses que estão de férias no exterior. O jornal é distribuído por e-mail (WERELDOMROEP, 2006).



FIGURA 43 – TEXTO SOBRE BILINGUISMO²⁹⁹

Desse mesmo jornal textos são retirados com frequência, e várias vezes os mesmo são traduzidos para colocar na *De Regenboog*, como por exemplo o texto com título *Holanda-Brasil: relações bilaterais ainda podem melhorar*, escrito em holandês, mas que pode interessar leitores brasileiros que não têm acesso ao texto original.

Há outro texto em português, retirado da revista *InfoMoney*, escrito em português, que não fala de língua, mas retrata a cultura e a criatividade holandesa ao inventar situações e programas com gincanas e *quiz* e *reality shows*³⁰⁰entre outros:

²⁹⁹ Tradução: Bilingües têm menos chance de desenvolver Alzheimer. Pessoas que regularmente falam duas línguas parecem apresentar sintomas da doença de Alzheimer em um momento posterior em comparação com aquelas que falam apenas uma língua, de acordo com pesquisadores canadenses. Em alguns casos, a doença se manifestou em bilingües até cinco anos mais tarde.

³⁰⁰ A Holanda é uma verdadeira fábrica de *reality shows* como, por exemplo, o *Big Brother*, o *The Voice*, *No Limite*, *Quem quer ser um milionário*, *The Wall*, entre muitos outros, a maioria conhecida no Brasil.

Heineken faz entrevista de emprego com situações inusitadas

SÃO PAULO - Qual seria sua reação caso comparecesse à uma entrevista de emprego e o entrevistador lhe guiasse de mãos dadas com as suas até a sala de entrevistas ou se ele passasse mal na sua frente? Por essas e outras situações “inusitadas” os candidatos para trainee tiveram de enfrentar para conseguir uma vaga na Heineken.

A experiência foi gravada em vídeo e postada no Youtube como “The Candidate” - um making off que mostrava a reação de jovens candidatos enquanto aconteciam situações diferentes das tradicionais entrevistas de emprego. Os candidatos passam por um falso ataque cardíaco do recrutador, um incêndio e até por um salvamento de um funcionário da cervejaria que ficou preso no terraço do prédio.

As situações, é claro, não passaram de uma brincadeira. Já as reações dos candidatos foram levadas a sério e determinaram quem tinha as qualidades necessárias para conseguir a vaga de trainee no departamento de marketing da marca.

O vencedor

Entre 1734 candidatos, o escolhido foi Guy Luchting que apresentou o melhor desempenho e conquistou uma vaga na sede da Heineken, em Amsterdam. “Eu realmente não sabia o que estava acontecendo com aquela entrevista de emprego. Primeiro eles andavam de mão dadas comigo, eu achei uma atitude bem amigável”, disse Luchting. “De repente, o recrutador tem um ataque na minha frente, a sirene de incêndio toca e me deparo segurando uma espécie de cama elástica para alguém pular do terraço! Foi insano”.

Internet (InfoMoney)

FIGURA 44 – SELEÇÃO DE CANDIDATOS DA HEINEKEN (De Regenboog, março de 2013, n. 168 p. 26)

Na revista de novembro de 2015 (p.15), lemos no *Arapoti Journaal* que

A Noite Holandesa da NTC-school³⁰¹, organizada no dia 2 de outubro, foi um pouco diferente desta vez. Os alunos mais velhos ensaiaram uma peça de teatro [...] e os grupos mais jovens fizeram apresentações de playback com a ajuda de seus pais. [...] Com certeza, foi uma noite agradável!

Esses são alguns exemplos de como a escola está envolvida com o ensino e aprendizagem da língua de herança trazida pelos imigrantes ao Brasil. É comum ver textos relacionados à escola e/ou às aulas de holandês serem escritos em holandês, porém com contribuições das crianças sendo feitas em sua maioria no idioma português, criando assim como se fosse uma bela colcha de retalhos cultural e linguístico.

Na *De Regenboog* de agosto de 2011 (ano 13, n. 149, p.10), encontrei o seguinte texto, em português, sobre um intercâmbio de alunos da rede municipal de ensino:

Alunos de Intercâmbio têm aula de holandês

O projeto Intercâmbio Brasil/Holanda em desenvolvimento desde o ano passado entre os alunos da rede municipal de ensino, está próximo da fase que levará 10 alunos para a Holanda [...] seguindo um roteiro que inclui história, cultura, curiosidades, uma inesquecível experiência de conhecimentos.

Para tanto os alunos e também os quatro professores que integram o projeto estão participando de aulas para aprendizado da língua holandesa. De acordo com a professora, Irene de Oliveira Messias [...], autora do projeto Brasil e Holanda: “A construção das relações cotidianas em Carambeí”, o objetivo é passar as crianças noções básicas da língua holandesa, sendo um mínimo adequado a entender o idioma e as diferenças culturais entre o Brasil e Holanda.

As aulas são ministradas pela professora de idiomas, Yvette Erkel, nascida na Holanda, e que está em Carambeí há pouco mais de três anos, e atua na atividade agropecuária e como professora da língua holandesa. [...] Yvette Erkel criou um pequeno dicionário com vocabulário básico para uso nas aulas e principalmente durante a viagem. A professora está repassando também informações sobre a cultura, costumes e curiosidades típicas do povo holandês.

Na pesquisa sobre o ano de 2021 encontramos um anúncio da própria redação, falando sobre a renovação da assinatura e incentivando aos leitores a divulgarem a revista, oferecendo inclusive desconto àqueles que conseguirem mais assinantes, além de pedirem a colaboração de todos para aprimorarem a revista. O texto está nos dois idiomas:

³⁰¹ NTC-scholen (*Nederlandse Taal en Cultuur scholen* – Escolas de Língua e Cultura Holandesa) fornecem três horas semanais de aulas de língua e cultura holandesa (ONDERWIJS, 2023).

Aanbieding
Oferta

De maand april is dé maand om het abonnement op De Regenboog te verlengen en dit jaar hebben we een bijzonder aantrekkelijke aanbieding:

Voor de verlenging van uw abonnement 2021/2022 geven we een korting van 50% voor wie een nieuwe abonnee aanbrengt en 100% voor wie twee nieuwe abonnees weet aan te brengen.

Zet 'm op!! Laat het vrienden, buren, collega's en familie weten.

We staan open voor suggesties en opbouwende kritiek waar het de vormgeving en inhoud betreft.

We rekenen op uw medewerking!!!

Abril é mês de renovação de assinatura da nossa revista De Regenboog e este ano estamos com uma promoção imperdível:

Para renovar sua assinatura 2021/2022, estaremos dando um desconto de 50% para quem conseguir um novo assinante e 100% para quem conseguir dois novos assinantes.

Colaborem!! Ofereçam aos seus amigos, vizinhos, colegas, familiares.

Acceptamos sugestões e críticas construtivas para melhorar a apresentação e conteúdo.

Contamos com a sua colaboração!!!

FIGURA 45 – ANÚNCIO DA REDAÇÃO SOBRE NOVAS ASSINATURAS (*De Regenboog*, fevereiro 2021, n. 263, ano 22, p. 1)

A quase totalidade dos anúncios na década de 2010 e 2020 está em língua portuguesa, mas encontrei um exemplo de um anúncio bilíngue de uma empresa, em março de 2013. Na versão em português, os anunciantes utilizaram a forma verbal das palavras – compra, vende e administra – e em holandês, a opção foi pela forma substantiva – compra, venda e administração de. A palavra *boerderijen*, já abordada anteriormente nessa pesquisa, se refere a qualquer propriedade rural, independentemente de seu tamanho ou finalidade³⁰².

ContAGRI
Contabilidade e Imobiliária

Compra, vende e administra

- Imóveis Urbanos
- Imóveis Rurais
 - Leiteria completa com plantel de bovinos
 - Chácaras
 - Área com plantações de pinus

Telefone (42)3231-2252
Site www.grupocontagri.com.br
e-mail contagri@grupocontagri.com.br

Koop, verkoop en administratie van:

- Onroerende goederen gelegen in de bebouwde kom
- Onroerende goederen gelegen op het platteland
 - Melkveehouderijen, compleet met veestapel
 - Boerderijen
 - Met pinus beplante arealen

FIGURA 46 – ANÚNCIO BILÍNGUE (*De Regenboog*, março de 2013, n. 168, p. 25)

³⁰² A explicação completa encontra-se na página 189.

Os relatos de Não-Me-Toque estão completamente em português em todas as edições desde 2016, mas Maracaju revezou entre português e holandês, de acordo com a pessoa que escrevia o texto. Em outros casos, textos em português foram inseridos entre os textos em holandês. O interessante é ver que, nestes textos em português, ocorreram algumas palavras em holandês: Em um texto sobre tamancos holandeses, encontramos as palavras “*klompen*” e “*wilg*”, a última sendo o álamo, a árvore que fornece a madeira utilizada na fabricação dos tamancos (*klompen*).

De Não-Me-Toque também veio o relato (em português) que, além de nos contar sobre a manutenção da cultura holandesa de tomar café junto com a família e amigos, é mais um exemplo de palavras holandesas inseridas em textos em português:

Café na Praça

Como já é costume, cada primeiro domingo do mês depois da missa dominical, aconteceu no dia 3 de fevereiro, numa manhã muito agradável, nosso tradicional Café Holandês em “Nossa Casinha” na praça central de Não-Me-Toque.

Momento muito apreciado pelos imigrantes e seus descendentes, onde se encontram num verdadeiro clima familiar, mantendo viva a tradição: “*Kom eventjes binnen om 'n kopje koffie te drinken*” (Entra um momentinho para tomar uma xícara de café) herdados dos primeiros imigrantes que aproveitavam o encontro nos domingos depois da missa para pôr os diversos assuntos em dia. É um grupo de jovens que se põe voluntariamente à disposição para preparar os *vlaaien*³⁰³ e demais guloseimas e servir o café. Durante uma hora e pouco idosos e jovens se misturam numa alegre conversação, para depois cada um ir para seus afazeres dominicais, muito agradecidos à equipe organizadora.

(*De Regenboog* – março de 2019, ano 20, n. 240, p. 13)

Outro exemplo ocorre no texto intitulado *Koffiehuis Parque Histórico investe em jovem talento*, (março de 2021, ano 23, n. 264, p.6) onde o autor (desconhecido) faz um relato da entrevista com um jovem descendente de holandeses. Nas respostas transcritas do jovem, é interessante perceber esta evolução no uso da língua: “[...] já trouxe uma receita nova que cativou os clientes, o petisco *frikandel*, que é um

³⁰³ *Limburgse vlaai*, ou simplesmente *vlaai*, é um tipo de torta tradicional do Limburgo holandês e belga. Tem muitas variedades diferentes de recheios de frutas, como cereja, damasco, morango e ameixa. As *vlaaien* se diferem de tortas normais, como de maçã e de limão, por exemplo, porque a sua base é feita a partir de uma massa fermentada, se assemelhando a uma massa de pão, mais pesada do que a massa das tortas tradicionais, conhecidas no Brasil também, nas quais não se acrescenta fermento para fazer a base (VLAAI, 2023).

tradicional produto holandês em formato de embutido e servido frito. [...] Minha *oma* (avó) sempre cozinhou, aprendi muito com ela [...].”

As crianças e jovens podem falar holandês muito pouco hoje em dia, mas as palavras *opa* e *oma* estão “na ponta da língua” de qualquer uma delas, além do amor por bolo. Em um dos trechos, uma avó escreveu sobre a sua conversa com um dos seus netinhos na qual ela gostaria de saber todos os detalhes sobre um evento do dia das crianças (talvez até com a intenção de escrever a respeito na revista): “Quando perguntei a um dos netos como tinha sido, recebi esta resposta: ‘*Oma, tinha bolo de chocolate. Tão delicioso!*’³⁰⁴ E o resto??”

Há também um relato sobre uma gincana: *Het parcours was mooi en de spelletjes bem divertidos* (heel leuk) (O percurso estava bonito e os jogos eram bem divertidos). O autor utilizou a expressão **bem divertidos** para descrever os jogos. Divertido é usado para descrever algo agradável, alegre, dinâmico, interessante, recreativo. Entre parênteses consta **heel leuk**, que também é usado para se referir a algo animado, agradável, divertido, bonito, alegre.

Podemos perceber que os termos são semelhantes, então não parece haver motivo para a autora ter optado por inserir a expressão em português e ainda acrescentar a tradução em holandês entre parênteses. Parece mais um caso de um netinho descrevendo o dia para a avó, ou da autora se lembrando de várias pessoas comentarem que a gincana estava divertida no dia do evento.

Outro aspecto interessante de se observar é que a cada mês há a seção *verjaardagen 80-plussers* (aniversários de octogenários e acima), e nessas listas há sempre nomes bem “holandeses”, pois, a maioria inclusive veio da Holanda ainda. É comum que os idosos de cada colônia sejam homenageados com o seu nome, idade e dia de aniversário e um *Hartelijk gefeliciteerd* (parabéns) acompanhando. Quase sempre isso ocorre em holandês, e os nomes e sobrenomes mostram que esses idosos são imigrantes ou descendentes de holandeses. Interessante notar que, de vez em quando, essa homenagem é feita em português, como no texto com o título *Parabéns para idosos*, mesmo os idosos falando a língua holandesa³⁰⁵.

³⁰⁴ A parte em itálico foi escrita assim no original e o restante estava em holandês.

³⁰⁵ Como será a evolução desta lista no decorrer dos anos?! Que nomes aparecerão? Serão nomes holandeses ainda, dados em homenagem aos avós, ou serão nomes comuns no Brasil, demonstrando que os casamentos mistos já se tornaram maioria e que assim também os nomes ficaram mais nacionais?

O mesmo caracteriza os textos *in Memoriam*: cada vez mais podemos encontrar textos totalmente em português, mesmo homenageando pessoas idosas que não dominavam a língua portuguesa. Para os seus descendentes, porém, ficaria difícil escrever em holandês tanto pela falta de domínio da língua holandesa na forma escrita, quanto pela dificuldade na compreensão da leitura pelos familiares. Há vezes em que a família opta por colocar a mensagem nos dois idiomas também.

Passando à análise dos termos encontrados em português começaremos pelo campo lexical³⁰⁶ alimentação, onde encontramos um número significativo de exemplos, em sua maioria substantivos. Como lemos anteriormente, holandeses gostam muito de café e doces e por isso muitos termos ocorrem que envolvem esse tema:

o típico *vlaai*
rosca (gebak van mandioca)
rosca de natal
mandioca pudding.
de doce de leitefabriek
torta de limão (citroentaart)
Tortas
'barraca de bolo'
Na afloop werd er *refri* en *bolo* aangeboden.
Confeitaria "Zoet en Zout"
sandwiches, koek, *bolo de polvilho*
koffietafel (confraternização)
een Café Colonial en *Bazar*
De "Torta Holandesa" die in Holland niet eens bestaat,

A palavra ***vlaai*** aparece em diversos textos, descrevendo feiras, encontros culturais e eventos sociais, tão estimados pelos holandeses e seus descendentes. Esses momentos ficam incompletos sem café e bolos, de preferência doces, como podemos perceber no relato que diz que no evento havia um "delicioso café acompanhado de *vlaai*, *koekjes* e bolos". *Koekjes*³⁰⁷ (pequenos bolos) são bolachas, ou biscoitos.

No caso de ***rosca***, a autora colocou uma explicação entre parênteses, usando mais um termo em português para explicá-la, mandioca. A palavra ***gebak*** pode ser traduzida como assado, torta. Mesmo com essa tradução, não seria possível ter uma

³⁰⁶ O campo lexical é o campo da palavra, porque o léxico é o conjunto de palavras usadas em uma língua. Fazem parte do mesmo campo lexical as palavras formadas a partir do mesmo radical e as palavras que pertencem à mesma área de conhecimento ou domínio (CAMPO, 2023).

³⁰⁷ No ANEXO 11 - D (p. 307), há um exemplo de codeswitching envolvendo a palavra *koekje*.

ideia do formato da rosca e, além disso, roscas não são necessariamente feitas com mandioca, mas podem ser feitas com farinha de trigo também, como no caso da **rosca de natal**. Na época de Natal, é muito comum ver *kerstkransen* (roscas de natal) em todos os mercados na Holanda; essas roscas, porém, mesmo tendo aparência semelhante, são feitas com massa folheada e um recheio típico de amêndoas, não se assemelhando, portanto, à rosca de natal.

Ao falar do **mandioca pudding** (pudim de mandioca), ao invés de usar *cassave* ou *maniok*, a autora manteve o termo mandioca. Acredito que, se perguntados, a maioria dos holandeses e principalmente seus descendentes, não saberiam dizer qual é a tradução de mandioca no holandês. O que percebemos aqui novamente, é que a ordem das palavras seguiu a lógica holandesa (mesmo porque o texto foi escrito em holandês) e que o adjetivo está posicionado antes do substantivo.

Esse mesmo fenômeno ocorre em **de doce de leitefabriek** (a fábrica de doce de leite, onde *fabriek* está no final da palavra. Aqui inclusive o *code-switching* está presente, porque em holandês não temos uma tradução para doce de leite. O que temos é *dulce de leche*, emprestada do espanhol, e qualquer doce de leite é importado, ou feito da maneira tradicional e caseira, cozinhando a lata de leite condensado.

Torta de limão (citroentaart) também demonstra a diferença entre a ordem das palavras nos dois idiomas. No holandês, o complemento nominal que determina, que especifica sempre fica em primeiro lugar.

Torta, em si, é uma palavra recorrente nas revistas e até de **“Torta Holandesa”** *die in Holland niet eens bestaat* (a “Torta Holandesa”, que nem sequer existe na Holanda) é apreciada por muitos e servida nas confeitarias das colônias. Essa torta é totalmente brasileira e o nome foi dado em homenagem aos antigos patrões da inventora da torta. Tortas geladas não são comuns na Holanda, onde a maioria das tortas vai ao forno, como a *appeltaart*³⁰⁸ (torta de maçã), a mais consumida na Holanda.

A palavra **bolo** se traduz por *koek* (bolo simples, de maneira geral, escuro), *cake* (bolo simples, com massa clara) e *taart*, quando com recheio e cobertura. Nesse

³⁰⁸ A palavra *taart*, além de usada para tortas, também é usada para bolos recheados e com cobertura, para aniversários e comemorações.

sentido, faz sentido usarem o termo bolo, e 'barraca de bolo', pois as variedades de sabores e formatos são enormes.

Ainda pensando nas palavras *koek* e *koekje*, podemos relacioná-las a **cookie**, o pequeno bolo que surgiu na Inglaterra, na Idade Média, e cujo nome se originou do termo holandês *koekje*. Ao ser levada aos Estados Unidos, a receita foi aprimorada e o doce se tornou como é conhecido e apreciado hoje, com as gotas de chocolate. Além disso, temos a palavra **cuque** (no PR), ou **cuca** (RS e SC), que veio da palavra alemã *Kuchen*, que se assemelha a *koek* em sua pronúncia, e se refere ao tradicional doce alemão chamado de *Streuselkuchen* (*Streusel* = granulado, farofa doce), ou “bolo de farofa”, que tem uma cobertura crocante feita de manteiga, farinha de trigo e açúcar. Mesmo com a pronúncia parecida, a *Streuselkuchen* é chamada de *kruimeltaart* na Holanda e não de *kruimelkoek*. *Kruimel* é migalha em português.

Além disso, encontrei a seguinte lista:

café tropeiro
“churrasco”
Churrasquinho
Chimarrão
tereré
Mateada
costelão, matambre, vaca atolada
boi gordo (vette stier)
de Costelão de Chão
een churrasco “de chão”.
een churrasco met linguiça de Maracaju
LEITÃO ASSADO
een lekkere “costela de fogo de chão”
gebraden “leitões” [leitões assados]

Esses termos não têm equivalente em holandês e mesmo a explicação não é simples e requer várias palavras.

Um detalhe que me chama a atenção é que tem palavras que não são simples nesta lista, mas também não têm explicação ou tradução, como, por exemplo, **mateada**. Pesquisando pelo seu significado, encontrei “Evento tradicionalista; reunião informal de pessoas com intuito de apreciarem um bom mate.” (MATEADA, 2013). Matambre é a “carne que cobre as costelas do boi e é a primeira que se retira depois do couro.” (MATAMBRE, 2013) e vaca atolada é um

prato originário de Minas Gerais. Consiste em mandioca bem cozida, temperada a base de alho, sal, pimenta malagueta, cebolinha e salsa, onde se atolam pedaços de costela bovina frita. Deixa-se cozinhar por mais tempo até os sabores se misturarem. Daí o nome vaca atolada, ou seja, costela de vaca atolada na mandioca (VACA, 2007)

Em diferentes textos também encontrei **chimarrão** e **tereré**. Embora 40% dos holandeses tomem chá diariamente³⁰⁹, não há o costume de preparo e compartilhamento do chá como ocorre com a erva-mate no Brasil. A *Yerba Mate* é vendida na Holanda como *A bebida milagrosa sul-americana (Dé³¹⁰ Zuid-Amerikaanse wonderdrank)* e segundo os sites que vendem a erva, tomar esse chá também é um ritual.

Pensando de forma bem geral na diferença entre as duas formas de preparar a erva-mate no Brasil, o chimarrão é uma infusão da erva com água quente, enquanto o tereré é uma fusão de erva-mate com água fria; há variações de combinações que podem ser feitas em cada uma, porém ambas necessitam de bomba, espécie de canudo com filtro na ponta (CHIMARRÃO, 2018).

Em **een churrasco met linguça de Maracaju**, temos duas palavras em holandês: *een* (um) e *met* (com). A palavra **de**, mesmo existindo em holandês (os artigos o, os, a, as), nessa frase é a preposição de, do português, denotando a origem da linguça. A opção por manter a palavra **de** e não traduzi-la por *uit* se deve pelo fato de Linguça de Maracaju ser uma marca, um conceito.

O relato com título *Cavalgada* descreve a visita de cavaleiros contém alguns termos específicos em português (em negrito). O texto traduzido é:

Os cavaleiros em seus trajes típicos, com **bombacha** (calça de montaria brasileira) [gaúcha], chapéu e lenço no pescoço. O grupo parou brevemente em Castrolanda e foi muito educado, com saudações como **bom dia** e **como vai** etc. Isso evoca uma retrospectiva dos **Tropeiros** que moviam o gado dessa maneira e viajavam semanas e meses a fio.³¹¹

³⁰⁹ De acordo com a pesquisa da marca de máquinas de café Van Duijnen, após a água de torneira (*kraanwater*), o café é a bebida mais consumida na Holanda (63% dos holandeses tomam café (*koffie*) diariamente, e, em média 3,8 xícaras). O chá fica em 3º lugar (40% dos holandeses tomam chá (*thee*) diariamente, e, em média 2,9 xícaras).

³¹⁰ O acento agudo em **dé** é para dar a tônica na palavra, para enfatizar que a erva é única em sua qualidade.

³¹¹ O texto original é *De berijders in hun typische klederdracht, bombacha (Braziliaanse paardrijbroek), hoed en halsdoek. De groep hield even halt voor Castrolanda en was heel beleefd, bom dia en como vai enz. Het geeft een terugblik van de Tropeiros die vee op deze manier verplaatsten en dan weken en maanden reisden.*

Ainda há outros termos relacionados ao universo da cultura gaúcha. Elas representam elementos e aspectos da tradição e do estilo de vida dos gaúchos, incluindo comidas típicas, eventos esportivos, vestimentas e outras características culturais da região.

Semana Farroupilha (toddenweek)
Farroupilha
Guerra dos Farrapos (toddenoorlog)
Desfile Farroupilha (toddenoptocht)
Patrão
Missa Crioula
"grenal de bombacha"
Gaúchos
Praça
Cavalgada
Festa de laço lassowedstrijden
Café de Chaleira

Esses termos não têm equivalente em holandês e mesmo a explicação não é simples e requer várias palavras. Temos apenas uma colônia situada no Rio Grande do Sul, porém a cultura gaúcha está disseminada por todas as localidades onde as colônias se encontram, de maneira mais ou menos expressiva, por isso esses termos foram retirados de textos de diversas colônias.

O termo farroupilha surgiu porque "os revolucionários que apoiavam a causa utilizavam um pedaço de pano vermelho em uma das partes da vestimenta para demonstrar a adesão à causa, dando origem ao nome de *Revolução Farroupilha* ou *Guerra dos Farrapos*³¹²" (GUERRA, 2020). Algumas vezes ocorrem traduções para o holandês, como *toddenoptocht*, *toddenoorlog* e *toddenweek*. **Todden** significa farrapos, e é sinônimo de *lompen*. O termo *Lompenoorlog* é encontrado nas buscas por relatos em holandês descrevendo a guerra, a opção *Toddenoorlog*, porém, não apareceu durante a pesquisa.

Ainda no contexto de eventos tipicamente brasileiros e comidas relacionadas aos mesmos, temos a Festa Junina e suas comidas e bebidas típicas sendo descrita por muitas pessoas no decorrer dos anos, assim temos relatos como [...] veel popcorn³¹³,

³¹² A Guerra dos Farrapos (20 de setembro de 1835 – 28 de fevereiro de 1845) começou como uma revolução regional contra o governo Imperial do Brasil, na província de São Pedro, no Rio Grande do Sul, mas com o passar do tempo acabou se espalhando por outras províncias do sul (GUERRA, 2020).

³¹³ As palavras estão de acordo com o original, em itálico

pijnappelboomnoten (pinhão), *hete kruidenwijn* (quentão), ou então *veel popcorn*, *rapadura*, *batata doce*, *pinhão* (pitten van de pinheiroboom) en niet te vergeten *quentão* (hete rode wijn met kruiden) voor de groten, warm druivensap met kruiden voor de kinderen. [muita pipoca, rapadura, batata-doce, pinhão (sementes da árvore de pinho) e não podemos esquecer o quentão (vinho quente com especiarias) para os adultos, e suco de uva quente com especiarias para as crianças.]

Novamente houve a opção por explicar alguns dos termos, deixando outros, tão típicos e específicos sem tradução. Rapadura, por exemplo, é “um doce de origem açoriana ou canária em forma de pequenos tijolos, com sabor e composição semelhantes ao açúcar mascavo” (RAPADURA, 2023) e não faz parte do contexto holandês. É interessante notar também que em alguns casos se optou por colocar o conceito em português com a tradução em seguida, e, em outros, a expressão em holandês, com a versão ao lado. Ainda é possível ver como um autor traduz pinhão de maneira diferente do outro (*pijnappelboomnoten* e *pitten van de pinheiroboom*); até mesmo ocorrendo o hibridismo na palavra *pinheiroboom*. *Noten* (nozes) e *pitten* (sementes) também são conceitos diferentes, porém utilizados para descrever o mesmo pinhão³¹⁴.

Na sentença “*Traditiegetrouw werd de caipirabruiloft gevierd en de quadrilha gedanst. Het costuum was caipiraklederdracht.*” [Tradicionalmente, foi celebrado o casamento caipira e dançada a quadrilha. A vestimenta era traje típico caipira.], o termo caipira aparece junto das palavras em holandês. Em holandês, poderíamos usar o termo *plattelands*, que descreve aquele que mora no interior. O termo, porém, não dá conta de traduzir o significado profundo de caipira, que passou a descrever um grupo étnico-cultural, com suas próprias tradições, crenças e costumes³¹⁵.

³¹⁴ Pinhão: semente branca e comestível do pinheiro que tem cobertura lenhosa de cor castanho-avermelhada e se encontra contida na pinha de diversos pinheiros, esp. a do pinheiro-do-paraná (PINHÃO, 2023).

³¹⁵ O Caipira é conhecido por sua simplicidade e rusticidade, sendo muitas vezes retratado como um homem do campo, possuindo uma forte ligação com a terra, a agricultura, a pecuária e as tradições rurais. A música sertaneja, por exemplo, é uma expressão cultural típica do caipira, que retrata a vida no campo e suas histórias. O Caipira possui características marcantes, que refletem sua vida no campo. Sua vestimenta é simples e prática, com roupas e chapéus de palha, que protegem do sol e do calor. A culinária caipira é rica em pratos típicos, como o feijão tropeiro, a pamonha e a paçoca, que são preparados com ingredientes encontrados na região rural. Além disso, a religiosidade é uma parte importante da cultura caipira, com festas e celebrações religiosas que reúnem a comunidade (CAPIRA, 2023).

A palavra **plattelands** pode, às vezes, ser relacionado a alguém com menos instrução, uma pessoa menos intelectual do que os habitantes das cidades grandes; assim também o termo **caipira**, ou a ideia que ela transmite, pode ter um caráter pejorativo, indicando que alguém é rude, pouco sofisticado ou se veste mal. De maneira geral, esse caráter também está se perdendo no Brasil e ocorrendo até uma valorização do conceito caipira, dando a ideia de algo mais natural, mais saudável³¹⁶ e tranquilo, realidade invejada por quem mora nas grandes cidades.

O termo **quadrilha**, dança folclórica realizada em pares, com a música, os passos e a vestimenta do universo caipira, poderia ser comparado à dança folclórica holandesa, dançada não só em Castrolanda, mas também em outras colônias. A tradução para *volksdans* (dança folclórica), porém, faria perder o significado de quadrilha no contexto da festa junina.

Ainda encontrei *Echte sertaneja muziek (de raíz)*³¹⁷ [verdadeira música sertaneja [de raiz]]. Tanto em português como em holandês, a palavra música é um substantivo feminino e por isso sertaneja está concordando com a palavra música.

Na sequência listarei comidas muito apreciadas pelos brasileiros e estrangeiros, que também não tem um equivalente em outras línguas:

pão de queijo
de tweede 'tarde do pastel'
pastéis
bolos en tortas, salgados, een lanche of een porção

Embora os termos **pastel** e **pasteitje** sejam bem parecidos, e ambos serem feitos de massa folhada, **pasteitje**, que se originou da *Vol-au-vent* francesa, tem outro formato e recheio de outra consistência, além de não ir ao óleo, mas sim ao forno. O mais semelhante ao pastel brasileiro, por causa do formato seria o *indisch pasteitje*

³¹⁶A galinha caipira, que bota o ovo caipira, é uma ave de raça rústica, criada em um ambiente com uma instalação fechada (aviário ou galinheiro), mas que tenha também uma área aberta de pasto, com alimentação baseada em ração sem pigmento, verduras, ervas e legumes (OVO, 2018).

³¹⁷ O sertanejo raiz é um gênero musical totalmente brasileiro, com origem na música caipira. As letras são belíssimas e comoventes, e suas melodias e arranjos são extraídos das histórias do campo, da vida simples das pessoas, em que, normalmente, as famílias eram muito próximas umas das outras (SERTANEJO, 2023).

(pastelzinho indonésio). Esse é feito no forno, não no óleo, como o pastel que gostamos de comer no Brasil³¹⁸.

Pão de queijo, tão apreciado por estrangeiros, é encontrado apenas onde brasileiros decidem vender comida brasileira como fonte de renda, no exterior, ou congelado, em lojas de produtos brasileiros. A tradução seria *kaasbroodje*, mas o *kaasbroodje* holandês é feito com massa folhada e queijo curado (no mínimo 12 meses), o que resulta em outro sabor, formato, consistência e aparência, em nada lembrando o nosso pão de queijo, feito de polvilho e originalmente de queijo de minas.

Na opção da autora por escrever *bolos* em *tortas*, *salgados*, *een lanche* of *een porção* podemos reconhecer a maior familiaridade com os termos em português. É importante ressaltar que, como o texto está em holandês, as palavras “estrangeiras” foram colocadas em itálico nos textos originais e mantidos aqui (e também no decorrer do texto³¹⁹). Em holandês, o texto ficaria: *koeken/cakes en taarten, hartige hapjes, een snack of een portie*, portanto, todas as palavras têm equivalente em holandês. A palavra inglesa **snack** é, na verdade, uma palavra emprestada do médio holandês, falado entre 1200 e 1500 na região atual onde se fala holandês: *snacken* (*snakken*).³²⁰

Por outro lado, outro empréstimo do inglês, *lunch*, aparece na revista, como na frase [...] *barraca*³²¹ met lunch en drank [barraca com almoço³²² e bebida]. Normalmente lemos **almoço** em meio aos textos, por exemplo: de traditionele *almoço* [o almoço tradicional]; Aansluitend was er een *almoço* van Yakisoba en *macarronada* [Em seguida, houve um almoço com Yakisoba e macarronada].

³¹⁸ O “nosso pastel” se originou do rolinho primavera e do *guioza*, ambos da cozinha asiática. Segundo LIRA, 2013, “a introdução do pastel no Brasil se deu por meio de imigrantes chineses, que tiveram de se adaptar aos ingredientes disponíveis por aqui. [...] Por conta da Segunda Guerra Mundial, japoneses abriram pastelarias no intuito de se passarem por chineses, livrando-se, dessa forma, da discriminação que havia na época em razão da aliança entre alemães, italianos e japoneses, inimigos do Brasil no conflito”.

³¹⁹ Normalmente se coloca uma tradução entre parênteses, mas como aqui estou inserindo exemplos das revistas, onde já ocorrem os parênteses em muitos casos, optei por colocar as minhas traduções entre colchetes.

³²⁰ A palavra *snack* é derivada do som que os nossos dentes fazem quando batem um no outro: *snak!* (TUSSEN, 2023)

³²¹ Barraca, neste sentido, é traduzida por *kraam*, ou *kraampje*. Como na Holanda há muitas feiras, esse termo é muito comum.

³²² Embora normalmente uma barraca não ofereça um verdadeiro almoço, do modo como imaginamos como brasileiros.

Assim como **almoço** é usado em meio aos textos, vemos a palavra **jantar** com frequência: De jaarlijkse “JANTAR da APAE” [jantar anual da APAE]; O primeiro “Jantar do Empresário”; een *Jantar do Dia dos Namorados* (diner).

Para traduzir jantar para o holandês, teríamos três opções: **diner**, palavra emprestada do francês, usada para descrever uma refeição formal, com vários pratos e convidados, geralmente para celebrar alguma data importante; o termo *avondeten* (comida da noite), usado para a refeição diária feita em casa; *etentje*, termo usado para descrever um encontro, com amigos ou colegas para uma refeição compartilhada mais informal. O termo *etentje* é usado no diminutivo, *eten* + *tje*, sem, por esse motivo, significar que é pequeno ou simples: podem haver muitos convidados para um *etentje* e haver muita comida, mas o caráter informal é que define que é um *etentje* e não um *diner*.

Outro detalhe que merece atenção são os artigos: o holandês tem dois artigos definidos, o *de* e o *het*. Segundo a gramática, o *de* é usado para substantivos masculinos e femininos e o *het* para substantivos neutros. É muito difícil, porém, saber qual é o gênero das palavras em holandês, motivo de muita confusão na hora de escolher qual artigo definido utilizar. Há alguns grupos de palavras que seguem um padrão, como, por exemplo, substantivos terminados com os sufixos *-heid*, *-ing*, *-schap* e *-rij*, além de todas as palavras no plural, sempre vêm com o artigo *de*. Por outro lado, palavras terminadas com os sufixos *-ment*, *-sel*, *-um*, e os substantivos que estiverem no diminutivo (e no singular) serão sempre antecidos pelo artigo *het*.

Na *De Regenboog*, assim como também na *Centraal Maandblad*, podemos perceber que não há como encontrar um padrão na escolha de artigo definido (em holandês (*de* e *het*) antes de palavras em português, em meio a textos em holandês. Assim como no holandês, onde o artigo **de** (o, a, os, as) é mais usado, a preferência nas revistas também é pelo **de**. Não há como reconhecer uma lógica ou regra para essa preferência; provavelmente cada escritor optou pelo artigo definido que melhor lhe soava ao ouvido. O que é padrão, porém, é o uso do artigo **de** antes de substantivos no plural, seguindo a regra do holandês, como, por exemplo **de sabiás**. Exemplos de uma escolha que parece ter sido influenciada pelo holandês aparecem algumas vezes, como em **het “Parque Histórico”** e **het Casa de Cultura**. Em holandês essas palavras são traduzidas por *het park* e *het huis*.

A revista, por valorizar tanto os eventos culturais, está sempre relatando os eventos das colônias e da cidade da qual fazem parte, ou publicando convites, por isso vemos frases e termos (em meio a textos em holandês e novamente misturados com preposições e artigos em holandês) como.

O que é comum de ocorrer são as traduções de datas e eventos: os textos estão escritos em holandês, com a expressão em português e sua tradução entre parênteses, como, por exemplo “dia da Saudade” (Dag van de heimwee); 'Dia do Rio' (dag van de rivier); “Solidaridade não tem idade” (solidariteit kent geen leeftijd); “Semente de Ouro” (Gouden Zaad); DIA DE ÁRVORE (Bomendag); “A Missão do Filho de Deus” (de missie van Gods zoon); de Baile do Chopp (Choppbal`s); Caminhada da Primavera (lentewandeling)

Há, por exemplo, dois avisos sobre eventos culturais na mesma página, ambos da colônia de Castrolanda. O aviso sobre o *Zeskamp* é destinado a todas as colônias participantes e o aviso sobre a *Oranjefeest*³²³, embora todos sejam bem-vindos, é mais destinado às pessoas da própria Castrolanda e localidades próximas, como Carambeí e Arapoti, por ser um evento mais curto. Talvez esse seja o motivo para a escolha do idioma em cada aviso.

³²³ *Oranjefeest* (Festa Laranja ou Festa *Oranje*) é a comemoração do Dia do Rei (*Koningsdag*). A cor laranja (*oranje*), símbolo da Holanda (inclusive sendo a cor do uniforme das seleções da Holanda e dos atletas que representam o país em todas as modalidades de esporte) tem a ver com o sobrenome da família real: Oranje-Nassau. Como a maioria das pessoas se veste de laranja no dia que homenageia o rei, a festa recebeu também esse nome. A Oranjefeest em Castrolanda tem várias atividades: a rua do Moinho se transforma em uma grande feira ao ar livre, com música, comidas típicas, barraquinhas, comércio de usados, brincadeiras, artesanato e apresentações culturais. Além disso, quando o evento ocorre no mesmo dia em que ocorre na Holanda (onde sempre é feriado nesse dia), há a transmissão ao vivo de imagens da festa do dia do Rei na Holanda. A festa conta ainda com apresentações do Grupo Folclórico Holandês, coral de fazendeiros da Castrolanda *Boerenkoor*, Coral da ABC, e brincadeiras antigas tipicamente holandesas e exposição de tratores antigos e do *Trekkertrek* [uma competição de arrancada com tratores] (20ª ORANJEFEEST, 2019). Laranja remete tanto à cor quanto à fruta em português; no holandês, contudo, a fruta é chamada de *sinaasappel*. *Sinaasappel* é derivada do francês *pomme de Sine* (maçã da China). Sina é a antiga palavra para China. No século XVI, a laranja doce era trazida do sul da China para a Europa pelos portugueses.



FIGURA 47 – AVISOS SOBRE EVENTOS (*De Regenboog*, abril de 2010, ano 12, n. 133, p. 10)

passeio ciclistico
confraternização
 huwelijkschallenge (uitdaging).
 Afstudeerfeest (formatura)
 Caminhada
 Nosso Oranjefeest
 do 1º Oranjefeest (uso do masculino ao invés de feminino no artigo)
confraternizações
 leilão
 De 33e Expoflora, met als thema “Flores, Magia e Alegria” (Bloemen, Bekoring en Blijdschap)



FIGURA 48 – CONVITE PARA A MOLENFEEST (*De Regenboog*, novembro de 2014, ano 16, n. 188, p. 1)

een *trio elétrico* (vrachtwagen met geluidsinstallaties waarbovenop zangers straatshows geven)
GINCANA HOLANDESA
 'feriado' of vrije dag

Ao escrever sobre o **trio elétrico**, não foi usada a tradução literal, mas sim uma explicação, a saber, caminhão com sistemas de som sobre o qual cantores realizam apresentações de rua. Novamente, esse veículo não faz parte do contexto holandês e, se fôssemos traduzi-lo literalmente, escreveríamos a expressão *geluidswagen met podium* (veículo de som com pódio). Se falado para um holandês, ele muito

provavelmente conseguiria compreender o significado, mas haveria a necessidade de explicar em qual contexto esse veículo é usado.

Papai Noel
Cadeautjes uitgewisseld (amiga secreta)
São Nicolau (Sinterklaas)

Em uma parte do texto, a autora escreve, em holandês, que “a câmara municipal aprovou por unanimidade um projeto de lei para incluir a Festa de São Nicolau no **patrimônio cultural** oficial de Holambra.” Isso evidencia mais uma vez como as culturas brasileira e holandesa se entrelaçam, buscando valorizar e aproveitar a riqueza uma da outra.

Um aspecto que se mantém no decorrer das décadas é o uso de preposições holandesas em meio a palavras e/ou frases em português, como ocorreu no exemplo Associação de Criadores **van** São Paulo, na década de 1950. Na década de 2010, encontrei exemplos de preposições e artigos abaixo:

de *pracinha* **van** *papai Noel*
Quermesse **op** *de praça* **van** *de Matriz*
Noite de Pijama *pyjamanacht*
Sinterklaasfeest (*Festa de São Nicolau*)

Gedurende deze dankdienst danste **de** grupo **van** “Dança Circular” **op** “Música Sagrada” **de** Missa Latino Americana (Durante este culto de agradecimento, o grupo de “Dança Circular” dançou ao som da “Música Sagrada” a Missa Latino-Americana.) As preposições *van* (de), *op* (em) e o artigo *de* (o, a, os, as) estão inseridos entre as expressões em português. No holandês não ocorre a contração da preposição com o artigo, como ocorre no português (por + a = pela; em + o = no; a + a = à; de + o = do); as palavras são sempre escritas em sua forma cheia, como podemos verificar nos seguintes exemplos: “dia **da** Saudade” (dag **van** **de** heimwee) e ‘Dia **do** Rio’ (dag **van** **de** rivier).

Outro aspecto é o fato de muitas vezes não haver artigo na frente das palavras. Fazendo uma comparação quanto ao uso de artigos, no holandês não usamos artigos (*de*, *het*, o, a, os, as) antecedendo países e nomes próprios como no português: *Brazilië* (o Brasil); *Nederland* (a Holanda); *Piet* (o Pedro); *Marietje* (a Maria). Há raras

exceções, como *de Verenigde Staten* (os Estados Unidos) e *het Verenigde Koninkrijk* (o Reino Unido).

Assim também com outros substantivos, o que explica **noite de pijama e festa de são Nicolau**, onde, no português, haveria o acréscimo do artigo **o** em ambos os casos.

Em expressões relativas a datas comuns, o uso do artigo geralmente acompanha a regra do português, como em **Caminhada da Primavera, dia dos professores, Festa do Milho e "Corrida do Rei"**; porém a frase **dia de agrônomo** apareceu sem o artigo.

Quando a revista traz o relato sobre o evento em que as mulheres fizeram amiga secreta, tão conhecido e apreciado no Brasil, por todas as faixas etárias, a autora colocou *cadeautjes uitgewisseld* em seu texto, o que seria traduzido por presentes trocados. No holandês, não existe uma tradução literal para amigo secreto, mas há sim a troca de presentes no final do ano para uma pessoa cujo nome só será divulgado na hora do encontro. A tradição é fazer um poema que inclua a pessoa que vai receber o presente e aspectos do presente em si.

Por meio dos exemplos elencados, podemos perceber que, na década de 2010 e 2020, muito mais vocábulos em português entraram na revista, muitos dos quais com a tradução, ou explicação em português, na sequência, entre parênteses. Parece haver a consciência de que muitos dos leitores ainda dominam a língua holandesa melhor do que a portuguesa, mas que os termos em português estão cada vez mais “dominando” a realidade em que os imigrantes e seus descendentes vivem e convivem.

Possivelmente, daqui a alguns anos, essas traduções não se tornarão mais indispensáveis. O desdobrar do tempo revelará como a revista, juntamente com seus redatores, responderá às transformações linguísticas e culturais ocorridas nas colônias abordadas nesta pesquisa. Desejo que o holandês perca por bastante tempo no Brasil, pois isso será motivo de orgulho.

No decorrer desse capítulo, pudemos perceber que o português assumiu o seu espaço na língua holandesa dos holandeses e seus descendentes aqui no Brasil. Esse fenômeno é natural e demonstra a integração das pessoas, das línguas e das culturas.

As palavras e frases encontradas durante a pesquisa estão organizadas em uma tabela, subdivididas em anos; além disso, a classe gramatical consta ao lado. Há 168

locuções substantivas, 282 exemplos de substantivos, 10 ocorrências de locuções adjetivas, 4 verbos e 17 adjetivos. Grande parte dessas palavras foi abordada em meio ao texto, divididas em campos semânticos³²⁴:

TABELA 2 – CLASSSSIFICAÇÃO GRAMATICAL DOS TERMOS ENCONTRADOS EM PORTUGUÊS

ANO	PALAVRA E FRASES	CLASSE GRAMATICAL
1954	diretor-presidente	Locução substantiva
1954	diretor-comercial	Locução substantiva
1954	diretor-secretário	Locução substantiva
1954	farinhete	substantivo
1954	horto florestal	Locução substantiva
1954	sulfato de amonia	Locução adjetiva
1954	associação de criadores	Locução adjetiva
1954	posto cooperatieva	Locução substantiva
1954	fubamolen	Locução substantiva
1954	puro por cruz	Locução adjetiva
1954	algodão	Substantivo
1954	comissão mixta brasil-holanda	Locução substantiva
1954	associação	Substantivo
1954	cascalha	Substantivo
1954	juiz	Substantivo
1954	juiz ladrão	Locução substantiva
1954	bola militar	Locução substantiva
1954	conto	Substantivo
1954	cruzeiros	Substantivo
1954	centavos	Substantivo

³²⁴ O número de ocorrências de cada palavra não foi contabilizado, porque o foco foi colocado na comparação entre os idiomas e a especulação em relação à motivação da escolha de uma palavra em detrimento de outra, ou seja, a escolha por palavras em português nos casos em que havia palavras em holandês. Ou então traçar um paralelo entre a palavra em português e seu equivalente, ou uma explicação sobre ela.

1954	Banco do Brasil		Locução adjetiva
1954	desconto		Substantivo
1954	caminhonete		Substantivo
1954	lotação		Substantivo
1954	caminhão		Substantivo
1954	caminhões		Substantivo
1954	Pilatos		Substantivo
1954	caixa postal		Locução adjetiva
1954	Folha do Dia		Locução substantiva
1954	Pinheiro		Substantivo
1955	boletim do leite		Locução substantiva
1955	máquinas agrícolas		Locução substantiva
1955	rações		Substantivo
1955	capim		Substantivo
1955	leilão		Substantivo
1955	janeiro		Substantivo
1955	fevereiro		Substantivo
1955	março		Substantivo
1955	abril		Substantivo
1955	maio		Substantivo
1955	junho		Substantivo
1955	à dinheiro		Locução substantiva
1955	praia		Substantivo
1955	conjunto		Substantivo
1955	guia		Substantivo
1955	paraíso terrestre		Locução substantiva
1955	associação cultural		Locução substantiva
1956	depósito		Substantivo
1956	caminhão		Substantivo
1956	batata doce		Locução substantiva
1956	ameixas		Substantivo
1956	jaboticabas		Substantivo

1956	gado holandês		Locução substantiva
1956	composto		Substantivo
1956	popular		Adjetivo
1956	farelo de linho		Locução substantiva
1956	ensacado		Adjetivo
1956	carteiras de identidade		Locução substantiva
1956	fubá		Substantivo
1957	carteira		Substantivo
1957	huifcaminhão		Substantivo
1957	lambari		Substantivo
1957	cabeça de vaca		Locução substantiva
1957	raposa		Substantivo
1957	“puro por cruza”		Locução adjetiva
1957	puro por cruzo		Locução adjetiva
1957	errata		Substantivo
1958	Português		Substantivo
1958	Francês		Substantivo
1958	Inglês		Substantivo
1958	Matemática		Substantivo
1958	Ciência Natural		Locução substantiva
1958	Geografia		Substantivo
1958	História		Substantivo
1958	desenho		Substantivo
1959	Curso de Madureza		Locução substantiva
1959	Escola primária		Locução substantiva
1959	Admissão		Substantivo
1959	Churrascada		Substantivo
1959	Caminhonete		Substantivo
1959	Fortaleza		Substantivo
1959	Prelúdio		Substantivo
1959	Carazinho		Substantivo
1959	Jaboticaba		Substantivo

1959	Manga		Substantivo
1959	papaia,		Substantivo
1959	Cascalho		Substantivo
1959	Cálcio		Substantivo
1959	empregado		Substantivo
1959	prefeito van Castro		Locução substantiva
1959	município		Substantivo
1959	veradores [sic]		Substantivo
1961	Ordem e progresso		Locução substantiva
1961	verba		Substantivo
1961	confusão		Substantivo
1961	churrasco		Substantivo
1961	professôra		Substantivo
1961	Central de Laticínios		Locução substantiva
1961	lombo's		Substantivo
1961	Deputado Estadual		Locução substantiva
1961	fazenda Igreja Velha		Locução substantiva
1961	reforma cambial		Locução substantiva
1961	O Recanto		Substantivo
1961	Chácara		Substantivo
1962	Instituto Cristão		Locução substantiva
1962	dona		Substantivo
1962	caçula		Substantivo
1962	Cooperativa agrícola		Locução substantiva
1962	Escola Dominical		Locução substantiva
1962	Deus te ajude!		Imperativo
1962	barbeiro		Substantivo
1962	Voerdeposito		Substantivo
1962	Diretor Comercial		Locução substantiva
1962	Diretor Secretário		Locução substantiva
1962	Cooperativa Central de Imigração		Locução substantiva
1962	pedidos		Substantivo

1963	Cruzeiros		Substantivo
1963	leiteiros		Substantivo
1963	Mandado de Segurança		Locução substantiva
1963	Reforma agrária		Locução substantiva
1964	posto		Substantivo
1964	títulos		Substantivo
1964	salário móvel		Substantivo
1964	aliança do progresso		Locução substantiva
1964	linhas		Substantivo
1964	salário-mínimo		Locução substantiva
1964	transportar		Verbo
1964	transporte		Substantivo
1964	recanto		Substantivo
1964	associação		Substantivo
1964	instituto cristão		Locução substantiva
1964	bom		Adjetivo
1964	mau		Adjetivo
1964	sofrível		Adjetivo
1964	durabilidade mau		Locução adjetiva
1964	barbeiro		Substantivo
1964	impôstos		Substantivo
1964	confederação		Substantivo
1964	vendas e consignações		Locução substantiva
1964	rancharia		Substantivo
1964	especial		Adjetivo
1964	amarelão		Substantivo
1964	arroba		Substantivo
1964	agulha		Substantivo
1964	safr da sêca		Locução substantiva
1964	paredão		Substantivo
1964	marchas das famílias com deus		Locução substantiva
1964	distribuidor		Substantivo

1964	concertos		Substantivo
1964	pneus		Substantivo
1964	trator		Substantivo
1964	automóvel		Substantivo
1964	compra		Substantivo
1964	venda		Substantivo
1964	usados		Substantivo
1964	progresso		Substantivo
1964	favelas		Substantivo
1964	declaração de bens		Locução substantiva
1964	imposto do consumo		Locução substantiva
1964	calcário		Substantivo
1964	sulfato de amônio		Substantivo
1964	enceradeira		Substantivo
1964	liquidificador		Substantivo
1964	radiola alta fidelidade		Substantivo
1964	imbuia		Substantivo
1964	viva brasil		Substantivo
1964	secretaria da fazenda		Locução substantiva
1964	o petróleo é nosso		Locução substantiva
1964	taxa		Substantivo
1964	descamisados		Substantivo
1964	prateleira		Substantivo
1965	perseverança		Substantivo
1965	presente de grego		Locução substantiva
1965	pintasilgofosforita de olinda		Locução substantiva
1965	farinha de ossos		Locução substantiva
1965	escória de thomas		Locução substantiva
1965	crúa		Adjetivo
1965	desengordurada		Adjetivo
1965	degelatinada		Adjetivo
1965	prefeitura		Substantivo

1965	irmãos		Substantivo
1965	união		Substantivo
1965	adubo granulado		Substantivo
1965	passear		Substantivo
1965	chácara		Substantivo
1965	oficina		Substantivo
1965	censo escolar		Substantivo
1965	mestiço		Adjetivo
1965	clube ginástico		Substantivo
1965	conjunto folclórico		Substantivo
1965	cerca		Substantivo
1965	amendoim		Substantivo
1965	linha dura		Locução substantiva
1965	estatuto do trabalhador rural		Locução substantiva
1965	fundo de assistência e previdência		Locução substantiva
1965	crédito cooperativo		Locução substantiva
1965	trilhão cruzeiros		Locução substantiva
1965	estufa		Substantivo
1965	linguafone cursus português		Locução substantiva
1965	distrito		Substantivo
1965	palanques		Substantivo
1965	cercas		Substantivo
1965	profissões		Substantivo
2010	perseverança		Substantivo
2010	presente de grego		Substantivo
2010	pintasilgofosforita de olinda		Substantivo
2010	farinha de ossos		Substantivo
2010	escória de thomas		Substantivo
2010	crúa		Adjetivo
2010	desengordurada		Adjetivo
2010	degelatinada		Adjetivo
2010	prefeitura		Substantivo

2010	irmãos		Substantivo
2010	união		Substantivo
2010	adubo granulado		Substantivo
2010	passear		Substantivo
2010	chácara		Substantivo
2010	oficina		Substantivo
2010	censo escolar		Substantivo
2010	mestiço		Adjetivo
2010	clubes ginástico		Substantivo
2010	conjunto folclórico		Substantivo
2010	cerca		Substantivo
2010	amendoim		Substantivo
2010	linha dura		Locução adjetiva
2010	estatuto do trabalhador rural		Locução substantiva
2010	fundo de assistência e previdência		Locução substantiva
2010	crédito cooperativo		Locução substantiva
2010	trilhão cruzeiros		Locução substantiva
2010	estufa		Substantivo
2010	linguafone <i>cursus</i> português		Substantivo
2010	distrito		Substantivo
2010	palanques		Substantivo
2010	cercas		Substantivo
2010	profissões		Substantivo
2011	educação infantil		Locução substantiva
2011	saguão		Substantivo
2011	reforma		Substantivo
2011	à cobrar		Locução substantiva
2011	gincana		Substantivo
2011	“gincana de charretes”		Locução substantiva
2011	divertidos		adjetivo
2011	Biblioteca Pública.		Locução substantiva
2011	Seção Agenda Cultural		Locução substantiva

2011	quebra molas		Locução substantiva
2011	clonados		Adjetivo
2011	Dança Circular		Locução substantiva
2011	Música Sagrada		Locução substantiva
2011	Alvará		Substantivo
2011	cesta básica		Locução substantiva
2011	título de eleitor		Locução substantiva
2011	assentamento		Substantivo
2011	Formaturas		Substantivo
2011	Feijoada		Substantivo
2011	capivara's		Substantivo
2011	Feira do Produtor		Locução substantiva
2011	uma caminhada organizada		Locução substantiva
2011	Dia do Agricultor		Locução substantiva
2011	lousa interativa multimídia		Locução substantiva
2011	Dia de Avós		Locução substantiva
2011	Dia do Agricultor		Locução substantiva
2011	Café colonial		Locução substantiva
2011	Malhas		Substantivo
2011	“prateleiras”		Substantivo
2011	Escoteiros		Substantivo
2011	Reitoria		Substantivo
2011	Urubu)		Substantivo
2011	A Missão do Filho de Deus		Locução substantiva
2011	Nova Lei		Locução substantiva
2011	boi gordo (vette stier)		Locução substantiva
2011	culto funebre		Locução substantiva
2011	Departamento		Substantivo
2011	de Cultura e Educação		Locução substantiva
2011	apresentações artísticas em shows		Locução substantiva
2011	Feira da Ciencias [síc]		Locução substantiva
2011	Professora		Substantivo

2012	café tropeiro		Locução substantiva
2012	parque das águas		Locução substantiva
2012	sabiás		Substantivo
2012	rosca de natal		Locução substantiva
2012	de Ginásio de Esportes		Locução substantiva
2012	de Promotora pública		Locução substantiva
2012	De Polícia Militar		Locução substantiva
2012	Finados		Substantivo
2012	“transição de governo”.		Locução substantiva
2012	Formaturas		Substantivo
2012	sítio		Substantivo
2012	feriadão		Substantivo
2012	delegacia		Substantivo
2012	mudas		Substantivo
2012	Ipê roxo		Locução substantiva
2012	Ipê		Substantivo
2012	Patatas de Vaca		Locução substantiva
2012	Secretaria de Turismo.		Locução substantiva
2012	Consultorio		Substantivo
2012	concha acústica		Locução substantiva
2012	hidroginástica		Substantivo
2012	noite de pijama		Locução substantiva
2012	sandwiches,		Substantivo
2012	bolo de polvilho		Locução substantiva
2012	Caminhada da Primavera		Locução substantiva
2012	de granja		Substantivo
2012	propaganda gratuita		Locução substantiva
2012	de parabólica		Substantivo
2012	confraternização		Substantivo
2012	plantio direto		Locução substantiva
2012	lomba's		Substantivo
2013	concursos		Substantivo

2013	concursados		Substantivo
2013	ponto		Substantivo
2013	comissão de artes		Locução substantiva
2013	semana de mulher		Locução substantiva
2013	Programa nacional de cultura		Locução substantiva
2013	Mata nativa		Substantivo
2013	ouriço		Substantivo
2013	planaltos		Substantivo
2013	restingas		Substantivo
2013	gambá		Substantivo
2013	tereré		Substantivo
2013	Festa do Milho		Locução substantiva
2013	Cavalgada		Substantivo
2013	Olimpíadas		Substantivo
2013	São Silvestre		Locução substantiva
2013	Reveillon		Substantivo
2013	de roça		Substantivo
2013	Parque Histórico		Locução substantiva
2013	museu		Substantivo
2013	interativo"		Substantivo
2013	Copel		Substantivo
2013	Educação Infantil		Locução substantiva
2013	Creche		Substantivo
2013	Confraternizações		Substantivo
2013	Capivaras		Substantivo
2013	Confeitaria		Substantivo
2013	secretários		Substantivo
2013	mercados.		Substantivo
2013	quaresmeira		Substantivo
2013	Primaveras		Substantivo
2013	pinheiros.		Locução substantiva
2013	De Semana da Criança		Locução substantiva

2013	madrinha		Substantivo
2013	Dia do Idoso		Locução substantiva
2013	De Conselho do Idoso		Locução substantiva
2013	De Secretaria de Esportes		Locução substantiva
2013	De Clube de Campo		Locução substantiva
2013	questões trabalhistas		Locução substantiva
2013	siriema		Substantivo
2014	Professora		Substantivo
2014	Professor		Substantivo
2014	pastor emérito		Locução substantiva
2014	truco		Substantivo
2014	bocha		Substantivo
2014	malha		Substantivo
2014	Sindicato Rural		Locução substantiva
2014	escolinha municipal		Locução substantiva
2014	assentamentos		Substantivo
2014	desnorteados		Substantivo
2014	pastéis		Substantivo
2014	lança-perfume		Locução substantiva
2014	Meio		Substantivo
2014	Ambiente		Substantivo
2014	Academia		Substantivo
2014	montaria em boi		Locução substantiva
2014	Papai Noel		Locução substantiva
2014	Biblioteca Municipal.		Locução substantiva
2014	ROVOPAR		Substantivo
2014	Bota Fora		Locução substantiva
2014	Bitrens		Substantivo
2014	Posto de Saúde		Locução substantiva
2015	praça		Substantivo
2015	tiro ao alvo		Locução substantiva
2015	feriado		Substantivo

2015	Jaguaririca		Substantivo
2015	Foice		Substantivo
2015	barraca de bolo		Locução substantiva
2015	piada		Substantivo
2015	Noite de Pijama		Locução substantiva
2015	defesa civil		Locução substantiva
2015	Casa da Cultura		Locução substantiva
2015	doce de leite		Locução substantiva
2016	música ao vivo.		Locução substantiva
2016	refri		Substantivo
2016	museu interativo		Locução substantiva
2016	tilápia		Substantivo
2016	artesanato		Substantivo
2016	galeria		Substantivo
2016	prefeitos		Substantivo
2016	praça		Substantivo
2016	cooperativismo		Substantivo
2016	Farmácia		Substantivo
2016	araras		Substantivo
2016	mandioca		Substantivo
2016	Praça		Substantivo
2016	apagão		Substantivo
2016	terceira idade		Locução substantiva
2017	apagão		Substantivo
2017	defensivos		Substantivo
2017	pousada		Substantivo
2017	pesque&pague		Locução substantiva
2018	delicioso		Adjetivo
2018	dia dos professores		Locução substantiva
2018	lua crescente		Locução substantiva
2018	dia de agrônomo		Locução substantiva
2018	Acampadentro		Substantivo

2018	DIA DE ÁRVORE		Locução substantiva
2018	ponto de encontro		Locução substantiva
2018	de Baile do Chopp		Locução substantiva
2018	Desfile Farroupilha		Locução substantiva
2018	Academias		Substantivo
2018	leilão		Substantivo
2018	de ensino fundamental		Locução substantiva
2018	Infantil e Maternal		Substantivo
2018	pinhão		Substantivo
2018	tarde do pastel		Locução substantiva
2018	ônibus de saúde		Locução substantiva
2019	vestibulares		Substantivo
2019	confraternizações		Substantivo
2019	escoteiros		Substantivo
2019	Verde e Meio Ambiente		Locução substantiva
2019	feira		Locução substantiva
2019	creme de leite		Locução substantiva
2019	gorjeta		Substantivo
2019	relógio		Substantivo
2020	churrasco "de chão".		Locução substantiva
2020	Café Colonial en Bazar		Locução substantiva
2020	tatus		Substantivo
2020	Pinhão		Substantivo
2020	Quentão		Substantivo
2020	Feira de cacarecos		Locução substantiva
2020	decorar		Verbo
2020	LEITÃO ASSADO		Locução substantiva
2020	amiga secreta		Locução substantiva
2020	São Nicolau		Locução substantiva
2020	Tortas		Substantivo
2020	veia jugular		Locução substantiva
2020	vitimas do câncer"		Locução substantiva

2020	Brinque e Doe		Verbo
2021	Dia da família		Locução substantiva
2021	Pai		Substantivo
2021	Mãe		Substantivo
2021	Avôs		Substantivo
2021	Voto de louvor		Locução substantiva
2021	Feira de artesanato		Locução substantiva
2021	Safrinha		Substantivo
2021	Dançantes		Substantivo
2021	Gincanas de charretes		Locução substantiva
2021	Estufas		Substantivo
2021	Gaivotas		Substantivo
2021	Praças		Substantivo
2021	Se destacou		verbo
2022	Reverendo		Substantivo
2022	caipiras		Substantivo
2022	“evento”		Substantivo
2022	“Feira de Ciências”.		Locução substantiva
2022	“Segundo Grau”		Locução substantiva
2022	almoço		Substantivo
2022	Vandalismo		Substantivo
2022	Jantar		Substantivo
2022	Dia dos Namorados		Locução substantiva
2022	Retiro		Substantivo
2022	Rodovia		Substantivo
2022	postos de saúde		Locução substantiva
2022	banhado		Substantivo
2022	Costelão		Substantivo
2022	Chão		Substantivo
2022	salão		Substantivo
2022	Gari		Substantivo
2022	arroios		Substantivo

2023	Dia do Pecuárta		Locução substantiva
2023	artesanatos		Substantivo
2023	Salgadinho		Substantivo
2023	Lotérica		Substantivo
2023	numa boa		Locução adjetiva
2023	formaturafeest		Substantivo
2023	blocos [carnaval]		Substantivo
2023	Baianas		Substantivo
2023	gemeentehuis		Locução substantiva
2023	Campanha da Fraternidade		Locução substantiva
2023	Fraternidade e Juventude		Locução substantiva
2023	Tilápias		Substantivo
2023	Repelente		Substantivo
2023	jacarandá mimosa		Locução substantiva

Essa lista demonstra que a grande maioria das palavras utilizadas nas revistas são substantivos ou locuções substantivas, nos fazendo acreditar que as demais palavras tenham uma probabilidade maior de ter um equivalente em holandês, ou que para expressarem sentimentos, emoções e opiniões, por exemplo, o holandês seja o idioma preferido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese visou explorar a presença holandesa no Brasil, com um enfoque particular nas colônias holandesas e na revista *De Regenboog*. Ao longo dos capítulos, o objetivo foi construir uma visão abrangente e detalhada sobre o impacto cultural e linguístico dessas comunidades, desde suas raízes históricas até suas manifestações contemporâneas.

O capítulo 1, apresentando o contexto e a gênese do trabalho, além da justificativa, dos objetivos, da metodologia utilizada e da organização da tese, estabeleceu as bases da pesquisa. Ele elucidou a importância do estudo das colônias holandesas no Brasil e como a revista *De Regenboog* serve como um instrumento de análise.

O segundo capítulo forneceu um resumo histórico da presença holandesa no Brasil, desde o período colonial até os dias atuais, com foco nas colônias holandesas objeto deste estudo. Esse capítulo contextualizou a evolução das colônias holandesas e expôs como esses grupos se integraram e se transformaram ao longo do tempo. A rica e complexa história dos holandeses no Brasil foi traçada, destacando eventos chave e mudanças significativas.

O capítulo 3 focou nas edições da revista *De Regenboog*, detalhando o seu ano de fundação, as mudanças ao longo do tempo, o conteúdo e suas características. A análise revelou como a revista se adaptou às transformações dentro das colônias e como refletiu as dinâmicas internas e externas da comunidade holandesa. Foi possível observar um diálogo contínuo entre tradição e adaptação, evidenciado nas páginas da revista.

O quarto capítulo ofereceu uma base teórica sobre linguagem, cultura, bilinguismo, hibridismo, heteroglossia e *code-switching*. Foi traçado um paralelo entre trechos da revista e uma listagem das palavras em português utilizadas nos textos predominantemente em holandês. Esse capítulo destacou o aumento significativo do uso do português, refletindo um processo de integração e mudança cultural dentro das colônias. A análise teórica permitiu compreender melhor as nuances linguísticas e culturais presentes na revista.

Com a pesquisa, foi possível concluir que a revista *De Regenboog* não apenas documenta a história e cultura das colônias holandesas no Brasil, mas também serve como um espelho das transformações linguísticas e culturais que ocorreram. A análise de edições da revista evidenciou um crescente bilinguismo e um hibridismo cultural, que são testemunhos da capacidade de adaptação e resiliência da comunidade holandesa.

Além disso, a transição linguística ficou evidente ao longo dos anos, com o português emergindo como língua importante de comunicação na revista, embora o holandês ainda seja o idioma principal. Essa adaptação consciente reflete a complexidade da identidade linguística e cultural das colônias, demonstrando uma tentativa de equilibrar a preservação da herança holandesa com a integração à realidade linguística local.

A análise detalhada do conteúdo revelou a diversidade de tópicos abordados ao longo dos anos, incluindo informações sobre holandeses no Brasil e na Holanda, temas de interesse geral, seções específicas para mulheres, cultura, saúde, viagens, seções infantis e juvenis, aspectos técnico-econômicos, correspondências dos leitores e anúncios. Essa variedade de assuntos reflete o compromisso da revista em atender às necessidades e interesses da comunidade holandesa no Brasil, contribuindo para a qualidade de vida de seus leitores.

Por meio dessas análises, foi possível compreender a dinâmica da revista ao longo de sua história e sua importância na preservação da cultura e história das colônias holandesas no Brasil. Apesar dos desafios e das incertezas que persistem, a expectativa de que as próximas gerações reconheçam o valor da história das colônias e a importância da continuidade da revista permanece vibrante e motiva os voluntários a continuarem com esse significativo meio de comunicação comunitária.

5.1 OBSERVAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Durante a pesquisa, percebi que, além de fazer a análise dos termos em português em meio aos textos em holandês e dos termos em holandês inseridos nos textos em português, poderia explorar outros aspectos contidos nas revistas, como o vocabulário criado pelos imigrantes, conhecido nas colônias, mas requerendo explicação para quem vem de fora; nos temas da revista *De Regenboog*, pensando o que poderia atrair mais leitores, usando, para isso, as informações obtidas durante as conversas com voluntários de diversas colônias; retomar o projeto inicial de entrevistar pessoas das diferentes colônias sobre língua, cultura, interculturalidade e bilinguismo, entre várias outras possibilidades.

O estudo realizado não só contribui para a preservação da memória coletiva das colônias holandesas no Brasil, mas também oferece *insights* valiosos para pesquisas futuras sobre imigração e multiculturalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA, A. J. van der. **Biographisch woordenboek der Nederlanden**. Deel 9. J.J. van Brederode, Haarlem, 1867.

ABOUT. Disponível em: <https://linguaphone.co.uk/about/#>. Acesso em 29 ago. 2023.

ACORDO ortográfico da língua portuguesa: atos internacionais e normas correlatas. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014. 100 p.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, **Câmara aprova 2011 como ano da Holanda no Brasil** (15 jul. 2010). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/142458-camara-aprova-2011-como-ano-da-holanda-no-brasil/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

AKKERBOUW in de 4 seizoenen. Lansingerland: PRLT Communicatie, 2009, 23 p.

ALMEIDA, L.; FLORES, C. **Bilinguismo**. Capítulo 12. In: Maria João Freitas & Ana Lúcia Santos (eds.), Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português, 275–304. Berlin: Language Science Press, 2017.

ACBH. Revista de Regenboog. Disponível em: <https://www.acbh.com.br/revista-de-regenboog/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

ACBH. Nossa história. Disponível em: <https://www.acbh.com.br/acbh/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ASSOCIAÇÃO Holandesa de Não-Me-Toque.

Disponível em: <https://www.holandesesnmt.com.br/sobre>. Acesso em: 16/06/2022.

BALCÃO do emigrante. As diferenças entre emigrante, imigrante e migrante. Disponível em: https://b-emigrante.com/diferencas-entre-emigrante-imigrante-migrante?doing_wp_cron=1681198237.4181210994720458984375#:~:text=Um%20emigrante%20%C3%A9%20uma%20pessoa,das%20pessoas%20que%20a%20comp%C3%B5em. Acesso em: 11 abr. 2023.

BARLÉU, G. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo/Itatiaia, 1974.

BARLÉU, G. **O Brasil holandês sob o conde João Maurício de Nassau**. Tradução e notas: BRANDÃO, C. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005

BENTIVOGLI, L.; PIANTA, E.; PIANESI, F. **Coping with lexical gaps when building aligned multilingual wordnets**. 2nd International Conference on Language Resources and Evaluation, LREC 2000. 2000, 6p.

BERGER, R. S. **Os Capixabas Holandeses**. Uma história holandesa no Brasil. Tradução de: ROOS, T; ESHUIS, M. Santa Leopoldina, 2008. Título original: Op een dag zullen ze ons vinden.

BETEKENIS burger. Disponível em: <https://www.vandale.nl/gratis-woordenboek/nederlands/betekenis/burger->. Acesso em: 28 set. 2023.

BEZERRA, Juliana. **Imigração no Brasil**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/imigracao-no-brasil/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

BOLA militar. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1793/1998>. Acesso em 03 abr. 2022.

BOMENY, H. M. B. **Três decretos e um ministério**: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 137-166.

BOSCH, F. **Arapoti**. Een Hollandse boer in Brazilië vertelt. Castro: Kugler, 1983.

BOUWMAN, G. H.; BIERSTEKER, I.; KNIBBE, A. **Brasil-Holanda**, pelo trabalho Pátria comum. Maracaju, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 1.584**, de 2 de abril de 1855. SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1584-2-abril-1855-558513-publicacaooriginal-79849-pe.html>. Acesso em 21/02/2023.

BRASIL. **Decreto nº 948**, de 13 de dezembro de 1938. Coleção de Leis do Brasil. P. 270, vol. 4, 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-948-13-dezembro-1938-349142-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Centraliza%20no%20Conselho%20de%20Imigra%C3%A7%C3%A3o,promover%20a%20assimila%C3%A7%C3%A3o%20dos%20alien%C3%ADgenas>. Acesso em 28 jan. 2023.

BRASIL. **Carta de Lei**, de 25 de Março de 1824 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm#:~:text=Perpetuo%20do%20Brasil-,Art.,f%C3%B3rma%20alguma%20exterior%20do%20Templo. Acesso em 26 jan. 2023.

BRASILIANA iconográfica. Equipe Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20112/historia-naturalis-brasiliae/>. Acesso em: 20/03/2021.

BRAZILIAANSE KOORTS, documentaire over Zeeuwse emigranten in de 19^{de} eeuw, 2015. Een film van Arjan van Westen en Monique Schoutsen

BRAZILIË is nu 'beperkte democratie'. 3 de janeiro de 1979. Disponível em: https://www.nrc.nl/nieuws/1979/01/03/brazilie-is-nu-beperkte-democratie-kb_000026319-a3222764. Acesso em: 31 ago. 2023.

BVN. Disponível em: <https://nl.wikipedia.org/wiki/BVN>. Acesso em: 31 out. 2023.

CABOCLO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/caboclo/>. Acesso em: 11 set. 2023.

CAIPIRA: O que é, significado. 04/07/2023. Disponível em: <https://resumos.soescola.com/glossario/caipira-o-que-e-significado/>. Acesso em: 13 set. 2023.

CALENDÁRIO agrícola 2023: saiba o que plantar e colher em cada época do ano. 25/08/2022. Disponível em: <https://blog.climatefieldview.com.br/calendario-agricola>. Acesso em: 11 set. 2023.

CAMPO lexical e campo semântico. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/campo-lexical-e-campo-semantico/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CAMPOS de Holambra. Disponível em: <https://www.paranapanema.sp.gov.br/campos-de-holambra/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

CAPIBARA. 29 out. 2020. Disponível em: <https://www.ensie.nl/anw/capibara>. Acesso em: 26 out. 2023.

CARAMBEÍ. IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/carambei/historico>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CARAMBEÍ parque histórico. Disponível em: <https://www.aphc.com.br/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CARAMBEÍ. Wikipedia. Disponível em: <https://nl.m.wikipedia.org/wiki/Carambe%C3%AD>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CARVALHO, S. D. M. **Estudo sobre os adjetivos mau e ruim:** diferentes contextos e contribuição para o ensino de PL2E. Monografia apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Rio, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em professor de português para estrangeiros. Rio de Janeiro, 2014.

CASTROLANDA. Disponível em: <https://www.acbh.com.br/castrolanda/>. Acesso em: 02 jun. 2022)

CENTRALE ARCHIEF SELECTIEDIENST, **Inventaris van het archief van de Directie voor de Emigratie van het Ministerie van Sociale Zaken en Werkgelegenheid**, (1933) 1945 – 1994. Centrale Archief Selectiedienst. Nationaal Archief, Den Haag, 2009. 245 p.

CENTRO de Documentação da Associação Cultural Brasil-Holanda. Disponível em: <https://www.acbh.com.br/acervo-cultural/#:~:text=Centro%20de%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20da%20Associa%C3%A7%C3%A3o,livros%20em%20holand%C3%AAs%20e%20portugu%C3%AAs>. Acesso em: 03 abr. 2023

CEREMONIE op Prinsjesdag. Disponível em: <https://www.rijksoverheid.nl/onderwerpen/prinsjesdag-traditie-en-ceremonie/ceremonie-prinsjesdag>. Acesso em: 31 ago.2023.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000. 567 p.

CHAVES, N. **Imigrantes – Immigranten**. História da Imigração holandesa na região dos Campos Gerais. Falando de Histórias I: Sociabilidades, Artes, Arquitetura, Mulheres, Religião, Cooperativismo. Ponta Grossa: Estúdio Texto / APHC Editorial / NMC – Núcleo de Mídia e Conhecimento, 2011.

CHAVES, N (Org.). **Imigrantes-immigranten**: história da imigração holandesa na região dos campos gerais, 1911-2011. Falando de histórias II: imigrantes, educação, culinária, meio ambiente, tecnologia, memórias, n. 2. Ponta Grossa: Estúdio Texto / APHC Editorial / NMC – Núcleo de Mídia e Conhecimento, 2011.

CHIMARRÃO x tereré: qual a sua escolha? 13/04/2018. Disponível em: [https://www.plazahoteis.com.br/pt-br/blog/chimarrao-terere-ervamate/#:~:text=A%20temperatura%20%C3%A9%20uma%20das,refresc%C3%A2ncia\)%20ou%20capim%2Dlim%C3%A3o](https://www.plazahoteis.com.br/pt-br/blog/chimarrao-terere-ervamate/#:~:text=A%20temperatura%20%C3%A9%20uma%20das,refresc%C3%A2ncia)%20ou%20capim%2Dlim%C3%A3o). Acesso em: 06 dec. 2023.

CHRYSTOSTOMO, M. I. de J.; VIDAL, L. **Do depósito à hospedaria de imigrantes:** gênese de um “território da espera” no caminho da emigração para o Brasil. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, fev. 2014, pp.195-217.

CODATO, A.; OLIVEIRA, M. R. **A marcha, o terço e o livro:** catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. In: Revista de História. vol. 24, nº 47, São Paulo, 2004, pp. 271 - 302.

COLÔNIA. Disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/col%C3%B3nia#:~:text=1.,Povoa%C3%A7%C3%A3o%20feita%20por%20colonos>. Acesso em 03 abr. 2023.

COLÔNIA B. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em 03 abr. 2023.

CONHEÇA a história de uma das escolas pioneiras de Holambra. Jornal da cidade de Holambra, 2019. Disponível em: <https://www.jcholambra.com/post/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-de-uma-das-escolas-pioneiras-de-holambra>. Acesso em 15 out. 2022.

LIRA, A. Conheça a história do pastel e aprenda receitas. 22 de maio de 2013. Disponível em: <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Comida/Reportagens/Comida/noticia/2013/05/conheca-historia-do-pastel-e-aprenda-receitas.html#:~:text=%E2%80%9CA%20introdu%C3%A7%C3%A3o%20do%20pastel%20no,pastelarias%20em%20todo%20o%20pa%C3%ADs%3F>. Acesso em: 30 jan. 2024.

CORREA., J. P.; LIMA, S. H.; SELAU, M. S. **Um museu em desenvolvimento:** a experiência do Centro Cultural Castrolanda – Castro PR. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL **HISTÓRIA, REGIÕES E FRONTEIRAS.**, 2018, Passo Fundo. Anais da IV CIHRF. Passo Fundo: PPGH/UPF, 2018. v. 2.

CRUZEIRO (1942–1967). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro_\(1942%E2%80%931967\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro_(1942%E2%80%931967)). Acesso em: 14 ago. 2023.

CUNHA, S. V. P. **Não-Me-Toque no rastro de sua história**. 2 ed. Não-Me-Toque: Grapel, 2004.

CURIOSIDADE sobre o esporte “Malha”. <https://otimoesportedit.wordpress.com/curiosidade-sobre-o-esporte-malha/>. Acesso em: 26 out. 2023.

DÉCADA de 60. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/decada-de-60>. Acesso em: 20 abr. 2023

DEWAELE, J-M. **Code-switching**. In Robinson, P (ed). The Routledge Encyclopedia of Second Language Acquisition. Oxford: Routledge, 2012, p. 82-83.

DIFERENÇAS entre campo lexical e campo semântico. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/gramatica/diferencas-entre-campo-lexical-campo-semantico.html>. Acesso em: 20 out. 2023

DIGITALE reis door de geschiedenis van belastingen in Nederland. Disponível em: <https://www.bdmuseum.nl/digitale-reis-door-de-geschiedenis-van-belastingen-in-nederland/>. Acesso em: 12 out.2022.

DIT zijn de 10 grootste akkerbouwbedrijven. 2 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.boerenbusiness.nl/akkerbouw/artikel/10880854/dit-zijn-de-10-grootste-akkerbouwbedrijven>. Acesso em: 24 ago. 2023.

DUSSEN, A. van der. **Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses (1639): suas condições econômicas e sociais**. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool. 1947. 168 p. Tradução, introdução e notas de J. A. Gonsalves de Mello.

EM 15 de maio de 1970, a moeda do Brasil voltava a se chamar Cruzeiro. 21 de maio de 2022. Disponível em: <https://jornaldosmunicipiosrj.com.br/noticia/3301/em-15-de-maio-de-1970-a-moeda-do-brasil-voltava-a-se-chamar-cruzeiro.html>. Acesso em: 29 ago. 2023.

EMIGRATIE1945-1967. Huygens instituut. Disponível em: <https://resources.huygens.knaw.nl/emigratie/gids/instelling/3991429112>. Acesso em 23 fev. 2023.

ENGLAND expects that every man will do his duty. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/England_expects_that_every_man_will_do_his_duty. Acesso em 23 ago. 2023.

ESCOLA SP. Um ensino de qualidade faz toda a diferença. Disponível em: <https://escolasp.com.br/>. Acesso em: 2 mar. 2023.

EURICO Gaspar Dutra. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Eurico_Gaspar_Dutra#:~:text=Eurico%20Gaspar%20Dutra%20GCA%20\(Cuiab%C3%A1,atual%20estado%20do%20Mato%20Grosso](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eurico_Gaspar_Dutra#:~:text=Eurico%20Gaspar%20Dutra%20GCA%20(Cuiab%C3%A1,atual%20estado%20do%20Mato%20Grosso). Acesso em 20 mar. 2023.

EVERTSON, C. M & Green, J.L. **Observation as inquiry and method**. In M. Wittrock (Ed.), Handbook of research on teaching. New York: MacMillan, 1986. p. 162 - 230.

EXPODIRETO. Disponível em: <https://www.expodireto.cotrijal.com.br/a-expodireto/conheca-a-cidade>. Acesso em: 01 ago. 2023.

EXPOSIÇÃO Internacional do Café e Feira de Curitiba. In: Jornal Flan (de 6 a 13 de dezembro de 1953, p. 42). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=100331&pagfis=1535&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FABRIEK of keuterboer: hoe groot zijn onze boerderijen? 19 de maio de 2016. Disponível em: <https://veldverkenners.be/nl/nieuws/fabriek-of-keuterboer-hoe-groot-zijn-onze-boerderijen#:~:text=Het%20gemiddelde%20bedrijf%20telt%2025%20hectare%E2%80%A6&text=De%20gemiddelde%20grootte%20van%20onze,nog%20maar%208%2C4%20hectare>. Acesso em: 24 ago. 2023.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Criar, 2003. 168 p.

FEITEN & cijfers. Disponível em: <https://taalunie.org/informatie/24/feiten-cijfers#:~:text=Er%20zijn%20ongeveer%204%20miljoen,dan%20scoort%20het%20behoorlijk%20hoog>. Acesso em 26 jan. 2024.

FERGUSON, C. A. **The Koiné**: An Evolving Concept in Language Study. International Journal of the Sociology of Language, vol. 1982, n. 35, 1982, p. 23-35.

FERREIRA, A. M. G. **A presença da língua polonesa na colônia Dom Pedro II em Campo Largo, Paraná**. 2019, 216 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

FERREIRA, J. C. V. **Municípios paranaenses**: origens e significados de seus nomes. – Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura, 2006. 342 p.

FERREIRA, C. L.; VENZKE, L. L. **O que é uma língua de herança?** 29 dez. 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/tesouro-linguistico/category/linguas-de-heranca/>. Acesso em 20 fev. 2023.

FISHMAN, J. A. **Reversing language shift**: Theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages. Clevedon: Multilingual Matters, 1991. 413 p.

FONSECA, F. V. P. da. **As línguas românicas**. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/as-linguas->

romanticas/3999#:~:text=Quais%20as%20l%C3%ADnguas%20rom%C3%A2nicas%20vivas%20(faladas)%20atualmente%3F&text=S%C3%A3o%20elas%20o%20portugu%C3%AAs%20(com,ou%20romanche)%20e%20o%20romeno. Acesso em: 12 jan. 2024.

FONTENELLE, A. **Em 1967, FGTS substituiu estabilidade no emprego.** 5 de maio de 2017. Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/05/05/em-1967-fgts-substituiu-estabilidade-no-emprego>. Acesso em: 24 ago. 2023.

FOPPA, D. **Colonos e agricultores:** significados diferentes, mas a mesma importância. Disponível em: <https://www.folhadecandelaria.com.br/ler-noticia/ievfss/colonos-e-agricultores:-significados-diferentes,-mas-a-mesma-importancia.html>. Acesso em: 04 fev. 2024.

GALINDO, m.; HULSMAN, L. **Guia de Fonte para a história do Brasil holandês.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2001. XLIII, 376 p.

GALLAS, A. O. G.; GALLAS, F. D. **Holandeses no Brasil:** 100 anos de imigração positiva. São Paulo (SP): A. O. G. Gallas; F. D. Gallas, 2012. 156 p.

GAÚCHO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gaucho/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

GESCHIEDENIS Prinsjesdag. Disponível em: https://www.eerstekamer.nl/historische_gebeurtenis/geschiedenis_prinsjesdag. Acesso em: 24 ago. 2023.

GIRON, L. S.; BERGAMASCHI, H. **Colônia:** um conceito controverso. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

GLOBAL Integration. Disponível em: <https://www.acbh.com.br/global-integration-2/>. Acesso em: 08 maio 2024.

GLOBAL Integration – Notícias e informações. Disponível em: <https://www.acbh.com.br/noticias/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

GONSALVES DE MELLO, José Antônio. **O domínio holandês na Bahia e no Nordeste**. IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de (ORG) História geral da civilização brasileira. Tomo I: A época colonial. Volume I: Do descobrimento a expansão territorial. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003. 13ª Edição. p. 262.
anglo

GONSALVES DE MELLO, J. A. **Tempo dos Flamengos** – Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks UNIVERSIDADE Editora, 2001, 4ª edição.

GOROVITZ, S; LOPES, L.M. **Mudanças linguísticas, variedades aproximativas e tradução**. Belas Infieis, v. 5, n. 2, p. 45-58, 2016.

GROOTOPA vertelt. Disponível em: <https://www.acbh.com.br/grootopa-vertelt/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

GUERRA dos Seis Dias. FERNANDES, C. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-dos-seis-dias.htm>. Acesso em: 24 ago. 2023.

HALL, K.; NILEP, C. **Code-switching, identity and globalization**. TANNEN, D.; HAMILTON, H.; SCHIFFRIN, D (Ed.) The Handbook of Discourse Analysis. John Wiley & Sons, Inc., 2015, 2ª edição.

HERKOMST barbecue. Disponível em: <https://www.bbqkampioen.nl/blogs/news/herkomst-barbecue>. Acesso em: 14 fev. 2024.

HISTÓRIA. Igrejas Evangélicas Reformadas no Brasil. Disponível em: http://www.ierb.org.br/historia/#link_17. Acesso em: 26 abr. 2023.

HISTÓRIA. Prefeitura Municipal Maracaju. Disponível em: <http://www.maracaju.ms.gov.br/>. Acesso em 13 nov. 2022.

HISTÓRIA de Holambra. Circuito das Águas Paulista, 2019. Disponível em: <https://www.circuitodasaguaspaulista.com.br/historia/holambra>. Acesso em: 05 set. 2021.

HISTÓRIA do futebol. Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm#:~:text=O%20futebol%20chegou%20ao%20Brasil%20em%201894.,pr%C3%A1tica%20do%20futebol%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 30 jan. 2024.

HISTÓRIA Naturalis Brasiliae. Brasiliana Iconográfica, 2018. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20112/historia-naturalis-brasiliae>. Acesso em: 16 abr. 2020. Autor(a): Equipe Itaú Cultural

HISTÓRICO. Disponível em: <https://transardo.com.br/sobre.html>. Acesso em: 21 ago. 2023.

HISTÓRICO das mudanças ortográficas no Brasil. 20 de janeiro de 2009. Disponível em: <https://conversadeportugues.com.br/2009/01/historico-das-mudancas-ortograficas-no-brasil/>. Acesso em: 21 ago. 2023

HOE wordt de Nederlandse bodem gebruikt? Disponível em: <https://longreads.cbs.nl/nederland-in-cijfers-2020/hoe-wordt-de-nederlandse-bodem-gebruikt/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

HOFF, E. **Bilingual development in children of immigrant families.** Child Dev Perspect. 2018 June; 12(2): 80–86. doi:10.1111/cdep.12262.

HOFFMAN, E. **Between worlds, between words**: some thoughts on self-translation. In: SZEKACS-WEISZ, J.; WARD, I. *Lost childhood and the language of exile*. London: Imago MLPC e The Freud Museum, 2004.

HOFFMANN, G. **A saga de um suíço no Cerrado brasileiro**. 17 de setembro de 2010. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/por/a-saga-de-um-su%C3%AD%C3%A7o-no-cerrado-brasileiro/28296640>. Acesso em: 11 jan. 2023.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**. Tomo I: A época colonial. Volume I: Do descobrimento a expansão territorial. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003. 13ª Edição.

HOUTSOORT: Guatambu. Disponível em: <https://www.houtinfo.nl/node/259>. Acesso em 30 jan. 2024.

HULSMAN, L. A. H. C. **Nederlandse groepsmigratie naar Brazilië (1822-1992)**. Amsterdam NL: New Holland Foundation, 2012.

HUTCHINS, W. J.; SOMERS, H. L. **An introduction to Machine Translation**. London: Academic Press. 1992, 362 p.

IMIGRANTES holandeses e a agricultura de Tibagi. Tibagi Prefeitura Municipal, 2011. Disponível em: <https://www.tibagi.pr.gov.br/noticias/imigrantes-holandeses-e-a-agricultura-de-tibagi>. Acesso em 03 mai. 2020.

IMPÉRIO do Brasil. Tratado de Amizade, Navegação e Commercio. 20 de dezembro de 1828. Disponível em: <https://atom.itamaraty.gov.br/index.php/p14-m13b-1828-12-20>. Acesso em 03 jul. 2022.

INSTITUTO Cristão qualifica jovens para a vida há mais de cem anos em Castro. VINNE, M. Disponível em: <https://www.acbh.com.br/noticias/instituto-cristao/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

IOTTI, L. H. **A política imigratória brasileira e sua legislação - 1822-1914**. In: X Encontro Estadual de História, 2010, Santa Maria. Anais da anpuhrs. Santa Maria, 2010

IVIR, V (1977). **Lexical gaps**: a contrastive view. *Studia Romanica et Anglica Zagrabiensia*, 43, p. 167-76.

JABOTICABA. Disponível em: https://www.ourfood.nl/ingr/grfr_krsp/myrtaceae-mirte/jaboticaba.html#gsc.tab=0. Acesso em 14 ago. 2023.

JABUTICABA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jabuticaba>. Acesso em 14 ago. 2023.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1977. 162 p.

JANZEN, H. E. **O Ateneu e Jakob von Gunten**: um diálogo intercultural possível. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 170. 2005.

JOÃO Goulart. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Goulart. Acesso em: 21 ago. 2023

KIERS-POT, C. H. L. **Castrolanda 40 jaar – 1951-1991**. Castrolanda, 1991, 250p.

KIEWIET, R.; KIEWIET, W. **Imigrantes – Immigranten**. História da imigração holandesa na região dos Campos Gerais, 1911 -2011. A colônia de Gonçalves Júnior – Irati – Paraná. A imigração holandesa de 1908 – 1909 no Brasil. Carambeí: Estúdio Texto/APHC Editorial/NMC, 2011)

KINDERBOERDERIJ de Uylenburg. Disponível em: <https://www.iamsterdam.com/uit/agenda/attracties-en-bezienswaardigheden/bezienswaardigheden/kinderboerderij-de-uylenburg>. Acesso em: 14 fev. 2024.

KING, K. A; FOGLE, L; LOGAN-TERRY, A. **Family language policy**. Language and linguistics compass 2(5). 2008. 907–922.

KLABIN. Disponível em: <https://klabin.com.br/nossa-essencia/sobre-a-klabin>. Acesso em: 03 fev. 2023.

KONINKLIJKE VERZAMELINGEN, **Nassau-Siegense en Nassau-Hadamarse**

Linies. Den Haag, 2000. Disponível em:

<https://www.koninklijkeverzamelingen.nl/images/archives/pdf/A04.ead.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2020)

KOOPS, E. **Van heide naar ver**. Overzeese emigratie uit Drenthe (1948-1962). Drents Historisch Tijdschrift, Waardeel, v. 28, n. 1, p 5-15, 2008.

KOOPS, E. **De dynamiek van een emigratiecultuur**: De emigratie van gereformeerden, hervormden en katholieken naar Noord-Amerika in vergelijkend perspectief (1947 - 1963). Hilversum: Uitgeverij Verloren, 2010, 416 p.

KOOY, H. A. **Carambeí 75 jaar**. Castro: Kugler, 1986.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LANNA, A. L. D (2013). **A Brazil Railway Company**: ferrovia, territórios, modernidade no início do século XX. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

LEGISLAÇÃO. Legislação Informatizada - Decreto nº 528, de 28 de Junho de 1890 - Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22 fev. 2023. Publicação original: Coleção de Leis do Brasil - 1890, Página 1424 Vol. 1 fasc.VI.

LEI no 5.765, de 18 de dezembro de 1971. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5765.htm#:~:text=LEI%20No%205.765%2C%20DE%2018%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201971.&text=Aprova%20altera%C3%A7%C3%B5es%20na%20ortografia%20da%20l%C3%ADngua%20portugu%C3%AAsa%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAscias. Acesso em: 21 ago. 2023

LESSARD-HÉBERT, M., Goyette, G. & Boutin, G. **Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013. 194 p.

LOMBA. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/lomba#:~:text=1.,Encosta>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MALHAS. O que significa malha? Disponível em: <https://blog.maximustecidos.com.br/o-que-significa-malha/>. Acesso em: 26 out. 2023.

MARACAJU de 5.000 a 50.000 habitantes, na visão de Henrique Holandês. Hoje Cidades, 2019. Disponível em: <https://hojecidades.com.br/maracaju-de-5-000-a-50-000-habitantes-na-visao-de-henrique-holandes/>. Acesso em 10 nov. 2022.

MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. B. **Designing Qualitative Research**. California: Sage Publications, 2021, 345 p.

MATAMBRE. 22 mar. 2013. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/matambre/>. Acesso em: 17 out. 2023.

MATEADA. 21 jun. 2013. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/mateada/>. Acesso em: 17 out. 2023.

MATOS, C. **História da cidade**: Carambeí. 17 de março de 2014. Câmara Municipal de Carambeí. Disponível em: <https://www.carambei.pr.leg.br/institucional/carambei>. Acesso em 28 fev. 2023.

MATTOS e SILVA, R. V. **Teorias da mudança lingüística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s)**. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - Vol. 3, 2008.

MEGALE, A. H. **Bilinguismo e educação bilíngue**: discutindo conceitos. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL, v. 3, n. 5, ago. 2005.

MEIA boca. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/meia+boca/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

MELLO, E. C. de. **O Negócio do Brasil - Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669**. Rio de Janeiro: TopBoobs, 1998. 274 p.

MELLO, E. C. **O Brasil Holandês** (1630 a 1654). São Paulo: Penguin Classics, 2010.

MELLO, J. A. G. de. **Fontes para a História do Brasil Holandês**. 2 vols. Recife: IPHAN/MEC, 2001.

MEMÓRIAS eleitorais: a cédula oficial de votação. Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Agosto/memorias-eleitorais-a-cedula-oficial-de-votacao>. Acesso em: 12 out. 2022.

MENOS de 1% das propriedades agrícolas é dona de quase metade da área rural brasileira. 27 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/publicacao/menos-de-1-das-propriedades-agricolas-e-dona-de-quase-metade-da-area-rural-brasileira/>. Acesso em: 21 ago. 2023

MET God op avontuur! De eerste emigranten naar Brazilië. Holambra, 2020. Disponível em: <https://holambra.nl/?p=1467>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MUSEU de Holambra. Disponível em: <https://www.museuholambra.com.br/index.php?lingua=BR>. Acesso em: 8 ago. 2022.

NASCIMENTO, R. L. X. do. **Pelo Lucro da Companhia**: Aspectos da Administração no Brasil Holandês, 1630 – 1639. Orientadora: Dr^a. Virgínia Maria de Assis Almoêdo. 2004. 113 folhas. Dissertação (Mestrado) - curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

NAUTA J., **Johan Maurits van Nassau**. IN: Van Caenegem R., Elias B., e.a (reds.), Spiegel Historiae, volume 15, Haarlem, Fibula-Van Dishoeck, 1980, pp. 15-24

NOSSA História. Associação holandesa Não-Me-Toque-RS, 2019. Disponível em: <https://www.holandesesnmt.com.br/sobre>. Acesso em 03 jul. 2021.

NOSSA História: Comunidade de Maracaju – MS. Portal Luteranos, 2021. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/memorias/nossa-historia-comunidade-de-maracaju>. Acesso em: 10 nov. 2022.

NOTÍCIAS. Agora é lei: Não-Me-Toque Capital Nacional da Agricultura de Precisão, 5 de novembro de 2009. Disponível em: [https://naometoque.rs.gov.br/2009/11/05/agora-e-lei-nao-me-toque-capital-nacional-da-agricultura-de-precisao/#:~:text=Em%20setembro%20de%202009%2C%20a,Goellner%20\(D%20DEM%20MT\)](https://naometoque.rs.gov.br/2009/11/05/agora-e-lei-nao-me-toque-capital-nacional-da-agricultura-de-precisao/#:~:text=Em%20setembro%20de%202009%2C%20a,Goellner%20(D%20DEM%20MT).). Acesso em 31 out. 2022.

NOVA Guiné Neerlandesa. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Guin%C3%A9_Neerlandesa. Acesso em: 20 ago. 2021.

O AI-5. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acesso em: 20 out. 2023.

OLIMPIÁDA Intercolonial das Comunidades Holandesas no Brasil – Zeskamp. Disponível em: <https://www.acbh.com.br/zeskamp/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ONDERWIJS in Nederlandse taal- en cultuur. Disponível em: <https://www.onderwijsinspectie.nl/onderwijssectoren/nederlands-onderwijs-in-het-buitenland/soorten-onderwijs/onderwijs-in-nederlandse-taal-en-cultuur>. Acesso em: 21 jul. 2023.

20ª ORANJEFEEST tem data definida. 2019. Disponível em: <https://centroculturalcastrolanda.com.br/noticia/noticias-20-oranje-feest-tem-data-definida-77>. Acesso em: 17 out. 2023.

ORIGEM do nome. Não-Me-Toque. Disponível em: <https://naometoque.rs.gov.br/o-municipio/origem-do-nome/#:~:text=Exist%C3%A2ncia%20da%20Fazenda%20N%C3%A3o%20Me,Fazenda%20N%C3%A3o%20Me%20Toque>. Acesso em: 13 out. 2022

ORTIZ A. M. L. Form(ação) de professores de português como língua de herança nas diásporas. In: Português Língua de Herança e Formação de Professores, Maria de Lurdes Gonçalves, Sílvia Melo-Pfeifer (coord.), Maria José Grosso (dir.), Lidel, 2020.

OS 60 anos da criação da cédula única de votação (30 agosto de 1955). Disponível em: <https://www.tre-mg.jus.br/institucional/memoria-eleitoral/historia-e-memoria/os-60-anos-da-criacao-da-cedula-unica-de-votacao-30-agosto-de-1955>. Acesso em: 28 ago.2023.

OURO para o bem do Brasil. Disponível em: <http://etudoverdade.com.br/br/filme/47236-Ouro-para-o-Bem-do-Brasil#:~:text=Em%201964%2C%20dias%20ap%C3%B3s%20o,a%20d%C3%ADvida%20externa%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 24 ago. 2023.

OVO caipira, orgânico e cage free: aprenda a diferenciar os tipos. Disponível em: <https://ciorganicos.com.br/noticia/ovo-caipira-organico-e-cage-free-aprenda-a-diferenciar-os->

tipos/#:~:text=Ovo%20caipira%3A%20%C3%A9%2C%20obviamente%2C,0%2C5%20m%C2%B2%20de%20pasto. Acesso em: 24 set. 2023.

PARÓQUIA Divino Espírito Santo (Holambra). Disponível em:
<http://www.diocesedeamparo.org.br/index.php/2016/03/24/paroquia-divino-espirito-santo/>. Acesso em: 2 ago. 2022.

PARQUE Histórico de Carambeí. Disponível em: <https://www.aphc.com.br/indonesia/>. Acesso em: 25/08/2021.

PAULA, P. de (Ed.). **Verde, Amarelo e Laranja** – Histórias da Imigração Holandesa no Brasil. Publicação Comemorativa Ano Brasil-Holanda. Holambra: Editora Setembro, 2011

PERFIL do produtor brasileiro segundo o censo agropecuário. 6 de agosto de 2021. Disponível em: <https://blog.sensix.ag/perfil-do-produtor-brasileiro-segundo-o-censo-agropecuário/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

PETRONE, Maria Theresa. **Imigração**. IN: FAUSTO, Boris (org.). O Brasil republicano, sociedades e instituições (1889-1930). 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, v.2, p.95-133.

PETRONE, M. T. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PINHÃO. Disponível em: <https://www.meudicionario.org/pinh%C3%A3o>. Acesso em 12 ago.2023.

PINHEIRO. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pinheiro>. Acesso em: 14/08/2023.

PLANTIO direto. Disponível em:
https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/agricultura/agr_acoes_resultados/agr_solucoes_casos_plantio2/. Acesso em: 02 fev. 2023.

PREFEITURA DE ARAPOTI. História do Município. Disponível em: <https://www.arapoti.pr.gov.br/cidade>. Acesso em: 20/10/2022

PREFEITURA DE PARANAPANEMA. Holambra. Disponível em: <https://www.paranapanema.sp.gov.br/campos-de-holambra/#:~:text=Por%20for%C3%A7a%20de%20Lei%20Municipal,destaque%20da%20economia%20do%20munic%C3%ADpio>. Acesso em: 23 jan. 2023.

PREFEITURA DE TIBAGI. Imigrantes holandeses e a agricultura de Tibagi. Disponível em: <https://www.tibagi.pr.gov.br/noticias/imigrantes-holandeses-e-a-agricultura-de-tibagi>. 01 de abril de 2011. Acesso em: 20 mai. 2021.

PRESENTE de grego. Disponível em: <https://escapetime.com.br/br/blog/-escapecult-presente-de-grego#:~:text=Presente%20de%20grego%20%C3%A9%20uma,eventos%20da%20Guerra%20de%20Tr%C3%B3ia>. Acesso em: 13 set. 2023.

QUAL é a diferença entre rancho, sítio, fazenda e chácara? 3 de janeiro de 2022
Disponível em: <https://summitagro.estadao.com.br/noticias-do-campo/qual-e-a-diferenca-entre-rancho-sitio-fazenda-e-chacara/#:~:text=De%20modo%20geral%2C%20podemos%20dizer,podem%20ser%20chamadas%20de%20fazendas>. Acesso em: 15 ago. 2023

QUAL o significado do nome "Maracaju"? Disponível em: <https://nomessobrenomes.com/qual-o-significado-do-nome-maracaju>. Acesso em: 28 out. 2022.

QUEM SOMOS. Fundação ABC. Disponível em: <https://fundacaoabc.org/quem-somos/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

RAPADURA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rapadura>. Acesso em: 17 out. 2023.

RECIFE recebeu primeiro horto zoobotânico do Brasil. Disponível em: <http://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/recife-recebeu-primeiro-horto-zoobotanico-do-brasil/>. Acesso em: 03 jan.2023.

REIF-HÜSLER, Monika. Die Macht des Fremden: Überlegungen zu einer Kulturgeschichte der Barbaren. In: Interkulturalität: zwischen Inszenierung und Archiv/ Stefan Rieger (Hrsg.). Tübingen: Narr, 1999.

REIS de Portugal. 29 mar. 2019. Disponível em: <https://monarquiaportuguesa.blogs.sapo.pt/reis-de-portugal-henrique-i-de-441664>. Acesso em: 20 mar.2023.

REISINDRUKKEN van een oude planter. Holambra, 2013. Disponível em: 19 <http://holambra.nl/?tag=Carambeí&paged=2>. Acesso em: 03 fev. 2021.

RESUMO dos atos institucionais do Regime Militar. 10 de março de 2021. Disponível em: <https://www.cursosapientia.com.br/conteudo/noticias/resumo-dos-atos-institucionais-do-regime-militar>. Acesso em: 15 ago. 2023.

RETRATOS - Somos 210 Brasis. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2488:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 01 fev. 2024.

REVISTA de Educação Física. 04 ago. 2020. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/1793/1998> e <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/issue/view/214>. Acesso em: 03 abr. 2022.

RIEL, C.; ZART, H. G. **A Caminho da Esperança Imigração Holandesa em Não-me-Toque**. Não-Me-Toque, 2012, 297p.

RIJKSOVERHEID. Hoe en waarom migreren mensen? Disponível em: <https://www.rijksoverheid.nl/onderwerpen/migratie/vraag-en-antwoord/hoe-en-waarom-migreren-mensen>. Acesso em: 05 jun 2024.

ROOS, T.; ESHUIS, M. **Os Capixabas Holandeses**. Uma História holandesa no Brasil. Tradução de BERGER, R. S. Op een dag zullen ze ons vinden. Barneveld: Koninklijke BDU Uitgevers, 2008, 160p.

SAES, G. A. M, de. **A república e a espada**: a primeira década republicana e o florianismo. Orientador: Dr. Ulysses Telles Guariba Netto. 2005. 140 folhas. Dissertação (Mestrado) - curso de Pós-Graduação em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SALOMONS, L. **Os Primeiros Anos** – De Eerste Jaren. Arapoti, 2020.

SALOMONS, T. de J. **50 Jaar Kolonie Arapoti**. Ponta Grossa, 2010.

SAVILLE-TROIKE, M. **The ethnography of communication**: an introduction. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

SCHEFFER, J. E (coord.) **Breve história das colônias holandesas no estado do Paraná**. Coleção histórica nº 2. Carambeí: Associação Cultural Brasil-Holanda.

SCHALKWIJK, F. L. **Igreja e Estado no Brasil Holandês** (1630 a 1654). São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SCHIPPER, A. **Te weinig eer voor graaf Johan Maurits**. Trouw, 11 de setembro de 2004. Disponível em: <https://www.trouw.nl/nieuws/te-weinig-eer-voor-graaf-johan-maurits~b2ca0870/>. Acesso em 24 fev. 2023.

SERTANEJO. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/downloads/escolinha-de-arte/2590-escolinha-de-arte-musica-atividade-11-5-a-12->

anos#:~:text=O%20sertanejo%20raiz%20%C3%A9%20um,muito%20pr%C3%B3ximas%20umas%20das%20outras. Acesso em: 03 jul. 2022.

SILVA, Daniel Neves. **Invasões holandesas no Brasil**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/invasoes-holandesas-no-brasil.htm>. Acesso em: 25 abr 2022.

SILVA, L. D. **BRASIL HOLANDÊS**: Os caminhos do conhecimento. In: GALINDO, m.; HULSMAN, L. **Guia de Fonte para a história do Brasil holandês**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2001. XLIII, 376p.

SINT-MAARTEN 11 november Zingend langs de deuren. Disponível em: <https://weetwatjeviert.nl/alle-feestdagen/sint-maarten/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SITTA, C. W. **Holambra (1)**: a conquista. Disponível em: <https://holambra.nl/?p=1316>. 14 de outubro de 2020. Acesso em: 13 jan. 2023.

SITTA, C. W. **HOLAMBRA (2)**: a viagem. 16 de outubro de 2020. Disponível em: <https://holambra.nl/?p=1332>. Acesso em: 20 set. 2021.

SITTA, C. W. **HOLAMBRA (4)**: as novidades e as dificuldades. 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://holambra.nl/?p=1361>. Acesso em: 20 set. 2021.

SOMOS uma das mais importantes entidades de classe do Brasil. Disponível em: <https://srp.com.br/institucional#historia>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SOUSA, R. **Colonização Holandesa**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/colonizacao-holandesa.htm>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SMITS, M. **HOLAMBRA** Geschiedenis van een Nederlandse toekomstdroom in de Braziliaanse werkelijkheid 1948—1988. Katholiek Documentatie Centrum. Nijmegen, 1990, 211 p.

SMITS, M. **HOLAMBRA** De moeizame beginjaren van een stukje Nederland. Versão em Português: HOLAMBRA Os primeiros anos difíceis de um pedacinho da Holanda no Brasil. Valkhof Pers. Nijmegen, 2016, 208 p.

SMITS, M. **Geen Paradijs**. De Nederlandse emigratie naar Zuid-Amerika, 1858-1940. In: Historiek online geschiedenismagazine, 2021. Disponível em: <https://historiek.net/geen-paradijs-de-nederlandse-emigratie-naar-zuid-amerika-1858-1940/57333/>. Acesso em: 12 jul. 2022

STAPELBROEK, R. **Retour Brabant** - Brazilië. De Terugkeer van naoorlogse emigranten (1960 – 1970). Inbrabant tijdschrift voor brabantse heem en erfgoed, v. 1, p. 1-22, 2012. Disponível em: <https://www.yumpu.com/nl/document/read/19961533/retour-brabant-brazilie-de-terugkeer-van-thuis-in-brabant>. Acesso em: 31 out. 2020.

STAPELBROEK, R. **Themagids Zeskamp**: Lokale bronnen met betrekking tot zes Nederlandse groepsvestigingen in Brazilië in de periode (1900) 1948 – 2016. Brazilië Nederland 2016. 195 p.

STIJLVOLLE trouwkaarten. Disponível em: <https://stijlvolletrouwkaarten.nl/schrijfwijze-deo-volente#:~:text=Deo%20volente%20is%20een%20Latijnse,wordt%20deze%20uitdrukking%20vaak%20gebruikt>. Acesso em: 14 fev. 2023.

STRAATEN, H.S. van der. **Hollandse pioniers in Brazilië**. Franeker: Uitgeverij Van Wijnen, 1988.

STUKJES Nederland in Brazilië. Holambra, 2013. Disponível em: <https://holambra.nl/?p=117>. Acesso em 01 fev. 2022.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ética, 1986.

THOMASON, S. G., **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

TONGEREN, I. van. **15 jaar Não-Me-Toque**. Neerlandia, 1965. https://www.dbnl.org/tekst/_nee003196501_01/_nee003196501_01_0035.php. Acesso em: 04 nov. 2022

TUSSEN-de-oortjes. Disponível em: <https://www.groene.nl/artikel/tussen-de-oortjes>. Acesso em 31 out. 2022.

UMA História Holandesa no Brasil. 19 out. 2020. Disponível em: <https://holambra.nl/?p=1348/>. Acesso em: 06 jun. 2022.

VACA atolada. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/vaca%20atolada/>. Acesso em: 17 out. 2023.

VACAS mestiças. Disponível em: https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/criacoes/gado_de_leite/producao/sistemas-de-producao/racas/vacas-mesticas#:~:text=Na%20pecu%C3%A1ria%20leiteira%2C%20considera%2Dse,%2C%20Guzer%C3%A1%2C%20Indubrasil%2C%20Sindi%20ou. Acesso em: 03 set. 2023.

VAINFAS, R. **Jerusalém Pernambucana**. IN: VIEIRA, H. C.; GALVÃO, N. N. P.; SILVA, L. D (org.) **Brasil Holandês: História, memória e patrimônio compartilhado**. São Paulo: Alameda, 2012. p.189.

VAN DE VELDE, F. **Maakt migratie de taal eenvoudiger?** In: Neerlandia, n. 4, ano 124. 2020. Disponível em: <https://www.anv.nl/tijdschrift/inhoudsopgaven/2020-4/maakt-migratie-de-taal-eenvoudiger/>. Acesso em: 05 jun. 2024.

VARGAS, D. B.; LASTA, T. T. **História econômica geral**. Indaial: UNIASSELVI, 2018. 183 p.

VIEIRA, H. C (et al.) (orgs.) **Brasil Holandês**: História, memória e patrimônio compartilhado. São Paulo: Alameda, 2012, 338p.

VITRINE da tecnologia do leite na América Latina. Disponível em: <https://www.agroleitecastrolanda.com.br/pt-br>. Acesso em: 03 jul.2023.

VLAAI. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Limburgse_vlaai. Acesso em: 27 jun. 2022.

VOETBALGESCHIEDENIS van Nederland begon 25 jaar eerder dan gedacht. Disponível em: <https://www.quest.nl/maatschappij/geschiedenis/a34788190/de-voetbalgeschiedenis-van-nederland-begon-25-jaar-eerder-dan-gedacht/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

WAAR komt de uitdrukking iets onder de knie krijgen vandaan en wat wordt ermee bedoeld? Disponível em: <https://onzetaal.nl/schatkamer/lezen/uitdrukkingen/iets-onder-de-knie->

krijgen#:~:text=iets%20onder%20de%20knie%20krijgen%20betekent%20dat%20je%20iets%20steeds,vaardigheid%20je%20steeds%20beter%20afgaat. Acesso em: 26 jan. 2024.

WARROT, C. V. **Português Língua de Herança**: Realidades e Desafios (Contexto de Ensino Universitário). Portuguese Language Journal. ISSN 1942-0986. American Organization of Teachers of Portuguese, v. 16, 2022.

WAT betekent ‘Wie het eerst komt, het eerst maalt’ en waar komt deze uitdrukking vandaan? Disponível em: <https://onzetaal.nl/schatkamer/lezen/uitdrukkingen/wie-het-eerst-komt-maalt-het-eerst>. Acesso em: 13 ago. 2023.

WAT zijn de regels voor de vervoeging van Engelse werkwoorden in het Nederlands, zoals streamen en mixen? Disponível em: <https://onzetaal.nl/taalloket/engelse-werkwoorden>. Acesso em: 21 ago. 2023

WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and Problems**. New York: Linguistic Circle of New York, 1953, 148 p.

WERELDOMROEP lanceert De WereldKrant. Disponível em: <https://www.adformatie.nl/pr/wereldomroep-lanceert-de-wereldkrant>. Acesso em: 04 dec. 2023.

WIELEMAKER, A. **Maracajú**. O Paraíso? Maracaju, 1999.

WIJNEN, C. J. M. **De Nederlandse agrarische groepsvestigingen in Brazilië**. Den Haag: LEI, 2001

WIJNEN, C. J. M. **HOLAMBRA II** - Een groepsvestiging van Nederlandse boeren in Brazilië. Mededeling No. 178. Landbouw-Economisch Instituut. Den Haag, 1977.

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE OS “HOLANDESES” DO BRASIL

BRANCO, P. M. C. **O Universo Imaginário dos Holandeses no Brasil Seiscentista - Um Estudo da Narrativa do Viajante Joan Nieuhof**. 2004. 140 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis, Assis, 2004.

CALDAS, P. S. R. **Frans Post: herança realista da pintura holandesa na paisagem brasileira**. 2002. 120 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

CARDOSO, Z. R. **Burgueses urbanos: dos flamengos aos mascates em recife**. 2000. 241 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

CORDEIRO, S. V. A. de L. **Escola Evangélica de Carambeí: Uma Instituição Educacional da Imigração Holandesa na Região dos Campos Gerais/PR**. 2006. 82 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2006.

EILERT, C. A. **"Crescimento físico e performance motora: um estudo em comunidade isolada em imigrantes - Holambra"**. 1997. 103 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

FERRAZ, M. do A. P. **Recife - Sede da República do Brasil-Holandês: uma República brasileira do século XVII**. 2003. 106 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

FRAGA, L. **Os "holandeses" de Carambeí: estudo sociolingüístico**. 2008. 222 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

LAURENTYS, T. C. de. **Memória e História: o imaginário da invasão holandesa a Salvador (1624)**. 2002. 94 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LUYTEN, S. M. B. **Papel da comunicação na aculturação dos holandeses no Paraná: o caso da colônia de Carambeí**. 1979. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L (Orgs.) **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

PUNTONI, P. **A mísera sorte: a escravidão africana no Brasil holandês e as guerras do tráfico no Atlântico Sul, 1621-1648**. 1992. 154 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

QUINTAS, G. de A. **A visão da alteridade em Albert Eckhout: fragmentos visuais do Brasil holandês**. 2002. 150 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

RICKLI, J. F. **A comunidade da benção: religião, família e trabalho na colônia Castrolanda**. 2003. 146 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

SCHERER, R. R. **Tamancos de Madeira: imigração neerlandesa em Não-Me-Toque/RS (1949-2003)**. 2004. 150 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2004.

SOUZA JÚNIOR, Â. M. **O Campo dos Sonhos: Pequena contribuição à análise da Dinâmica Política de uma comunidade Holandesa: O caso de Holambra – SP**. 1998. 111 p. dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

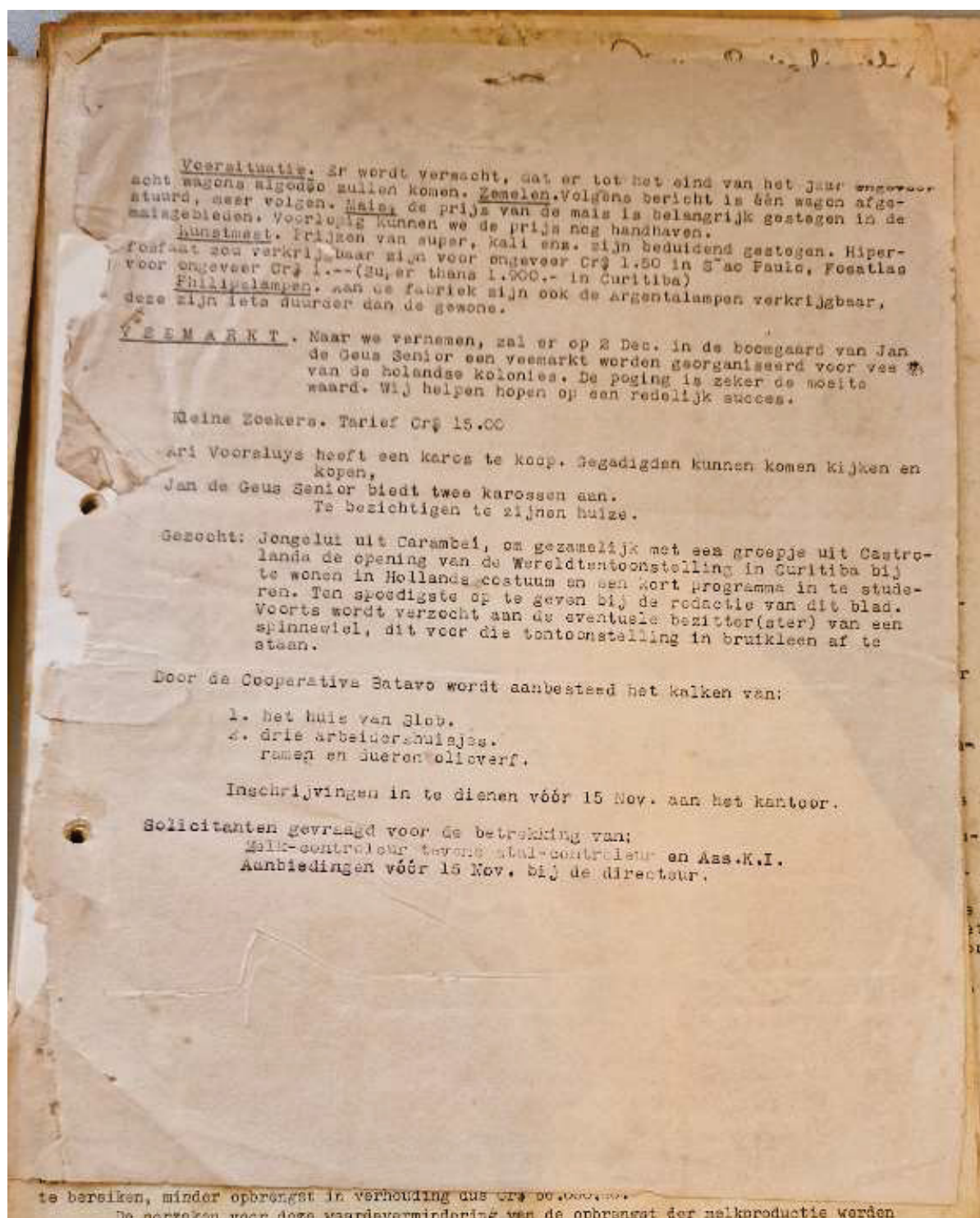
ZOMER, A. H. **Narrando (re)negociações culturais**: memórias dos ‘holandeses’ e ‘brasileiros’ de Arapoti/PR”. dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada, na área de Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ZOMER, A. H. **Ideologias e políticas linguísticas em jogo**: reflexões sobre discursos acerca de práticas comunicativas na colônia holandesa de Arapoti/pr. 2002. 230 p. tese (Doutorado em Linguística Aplicada, na área de Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

ANEXOS

ANEXO 1: Imagem utilizada na pesquisa para a monografia de conclusão do curso de especialização (p. 20)





ANEXO 3 – Onze Krant (Nosso jornal) (p. 99)

Redactie: P.v.Santen en K.v.d.Meer. Techn.medewerking:G.Biesheuvel.

Onze krant.

Sindelijk is dan de langverwachte stencilmachine gearriveerd. Wel zijn daarmee alle moeilijkheden nog niet overwonnen, want stencils zijn er nog niet, behalve dan enkele, die niet bij de machine horen en dus pasklaar gemaakt moeten worden. Toch willen we, zij het voorlopig op heel bescheiden schaal aanvangen. Daarmee gaat dus thans het eerste nummer in zee. Ieder weet wat de bedoeling is, n.l. om een vorm van geregeld contact te hebben tussen het bestuur van de Cooperatie en de leiding van de fabriek aan de ene kant en de leden aan de andere kant. Een maandelijks toelichting op de voornaamste feiten uit de gang van zaken, opheldering van slecht begrepen punten, voorlichting waar die nodig blijkt, raadgevingen in verband met voer- en kunstmest situatie enz. De mogelijkheden zijn vele. Zoals in het vorig rondschrijven reeds werd opgemerkt, kan dit alleen slagen met medewerking van allen. Zal dit blaadje aan zijn doel beantwoorden, dan moet het bestuur, dan moet ook de redactie weten, waarover de leden iets willen horen. Zijn er dus moeilijkheden die men graag zag opgelost, richt U zich dan tot het Bestuur, zijn er klachten spreek er dan niet over met Jan en Alleman, behalve met het Bestuur, dat er wellicht een oplossing voor kan vinden. Elke maand staat dit blaadje voor U klaar. Indien enigszins mogelijk zal met ieders wensen rekening worden gehouden. In bescheiden mate zal ook af en toe ruimte voor "ingezonden stukken" aanwezig zijn. Het ligt dus geheel aan U, of de resultaten werkelijk zullen zijn, wat ze kunnen zijn. En hiermede gaat dan de "eersteling" in zee. We wensen dat het een "goede reis en behouden vaart" zal zijn. KM.

Enkele mededelingen over de melk van de maand September (gedeeltelijk Oct):

ANEXO 4 – índices com os conteúdos de alguns outros boletins a partir do ano 1954 (p. 100).

1954 – número 2

Original em Holandês	bladzijde	Tradução em Português	página
Bij nos in de kolonie	1	Em nossa colônia	1
Rookverbod in de fabriek	2	Proibição de fumar na fábrica	2
CCLP nieuws – januari 1954	2	Notícias CCLPL – janeiro de 1954	2
Iets over 1953	3	Informações sobre 1953	3
Kleine zoekers	3	Pequenos caçadores	3
Vaccine tegen brucelose	4	Vacina contra brucelose	4
Brief van Johan Eigenberg	4	Carta de Johan Eigenberg	4
Voeding van melkvee met krachtvoer	4	Alimentação de gado leiteiro com concentrados	4
Kaas, boter, flessenmelk, room en kwark	5	Queijo, manteiga, leite engarrafado, creme de leite e requeijão	5
Kwaliteit van de melk in november 1953	5	Qualidade do leite em novembro de 1953	5
bestuursbesluiten	5	Decisões da Direção	5
Bussen vertinnen	5	Estanhar latas	5

1954 – número 3

Original em Holandês	bladzijde	Tradução em Português	página
Korte nabeschouwing over januari 1954	1	Breve reflexão sobre janeiro de 1954	1
Voedersituatie	2	Situação alimentar	2
Rijstverbouw	2	Cultivo de arroz	2
Insecticides	2	Inseticidas	2
Melk-controle	2	Controle do leite	2
Ontvangen protest	3	Protesto recebido	3
Bij ons in de kolonie	3	Em nossa colônia	3
Merkwaardige feiten	4	Fatos curiosos	4
Ontvangen melk in december 1953	5	Leite recebido em dezembro de 1953	5
Kwaliteit van de ontvangen melk	5	Qualidade do leite recebido	5
Kaas, boter, Flessenmelk en Karnemelk	6	Queijo, manteiga, leite engarrafado e leiteiro	6
Lichtverbruik	6	Consumo de luz	6
Korte mededelingen	7	Comunicados curtos	7
Studiefonds	7	Fundo de estudo	7
Wegencommissie	8	Comissão de estradas	8

1954 – número 5

Original em Holandês	bladzijde	Tradução em Português	página
Iets van de redactie	1	Algo da redação	1
Tutti - Frutti	2	Tutti Frutti	2
Penicilinemelk	2	Leite de penicilina	2
Resultaten van februari en maart (melk)	3	Resultados de Fevereiro e Março (leite)	2
Diverse produkten	3	Produtos diversos	2
Kunstmest	3	Fertilizante	3

Ontvangen melk in april 1954	3	Leite recebido em abril de 1954	3
Bij nos in de kolonie	4	Em nossa colônia	4

1954 – número 6

Original em Holandês	bladzijde	Tradução em Português	página
Opbrengst van de melk in april 1954	1	Produção de leite em Abril de 1954	1
Ontvangen melk in 1954	2	Leite recebido em 1954	2
Kwaliteit onderzoek – mei 1954	2	Pesquisa de qualidade – Maio de 1954	2
melkaanvoer	2	Fornecimento de leite	2
Over reizen en nog wat	3	Sobre viagens e mais um pouco	3
Wanneer heeft de melkvorming plaats?	4	Quando ocorre a formação do leite?	4
Voedersituatie	4	Situação alimentar	4
Kunstmest	4	Fertilizante	4
Thee	4	Chá	4
Hoog bezoek aan de kolonies	5	Visita importante às colônias	5

1954 – número 7

Original em Holandês	bladzijde	Tradução em Português	página
Opbrengst v.d. melk in mei 1954	1	Produção de leite em maio de 1954	1
Ontvangen melk in juni 1954	1	Leite recebido em junho de 1954	2
Kwaliteit onderzoek – juni 1954	1	Pesquisa de qualidade – junho de 1954	2
Voedersituatie	1	Situação alimentar	2
Registratie (Banco do Brasil)	3	Registros (Banco do Brasil)	3
Bezoek Ir. Haverman	4	Visita de Ir. Haverman	4
Overkomst centrifugist	4	Acordo centrífuga	4
40 jaar echtvereniging (Oom Jacob en Tante Marie)	4	40 anos de casamento (Tio Jacob e Tia Marie)	4

1954 – número 8

Original em Holandês	bladzijde	Tradução em Português	página
Overgang <i>Batavo-Post</i> naar <i>Centraal Maandblad</i>	1	Transição de <i>Batavo-Post</i> para <i>Centraal Maandblad</i>	1
Ontvangen melk in juli 1954	1	Leite recebido em julho de 1954	1
Kwaliteit onderzoek – juli 1954	1	Pesquisa de qualidade – Julho de 1954	1
Mededelingen	2	Comunicados	2
Melkprijs juni 1954	2	Preço do leite em junho de 1954	2
Bezoek van Dr. D. K. Wielenga	3	Visita do Dr. D. K. Wielenga	3
Bezoek van Hr. Kaeming	3	Visita de Hr. Kaeming	3
Veel succes gewenst	3	Boa sorte	3
Vereniging voor Culturele Belangen (Westering)	4	Associação para os Interesses Culturais (Westering)	4

1954 – número 9

Original em Holandês	bladzijde	Tradução em Português	página
Overgang van de fabriek	1	Transição da fábrica	1
Kunstmest	1	Fertilizantes	1

Overzicht augustus 1954	1	Visão geral de agosto de 1954	1
Nummering der bussen	2	Numeração das latas	2
Melkbriefjes	2	Notas de leite	2
Post	2	Correspondência	2
Bestellingen	2	Encomendas	2
Kantoor Cooperativa Central	2	Escritório Cooperativa Central	2
Verband tussen melkwinning en de duurzaamheid van de melk	2	Relação entre a produção de leite e a durabilidade do leite	2

ANEXO 5: Aviso da redação sobre a mudança do *Batavo-Post* para *Centraal Maandblad* (p.108)

B "BATAVO-POST" *J. Biesheuvel*
Nummer 8 Augustus 1954. *aug. 54*
Redactie: P. van Santen en K. v. d. Meer. Techn. Medewerker : G. Biesheuvel.

Na de verkorte editie van de vorige maand zouden we met recht deze maand een "uitgebreide" uitgave mogen verwachten. "Eilaes", we varen nog steeds in hetzelfde schuitje. Zelfs de technische medewerker schudt als we hem om copie vragen, behoedzaam de hem nog resterende haren, en geeft te kennen: op 't ogenblik geen tijd.

En toch, ook nu mogen we niet wanhopen. Ook de drukten van het ogenblik de vele beslommeringen verbonden aan overname fabriek door de centrale en de voorbereiding van de nieuwe werkzaamheden, nemen straks een einde en dan is er wel enige reden om een verbetering in de bestaande toestand voor onze "pers" te verwachten. Zelfs is er een kans op uitbreiding. Door de besturen van Batavo en de Centrale werd namelijk besloten, dat straks bij de overname van de fabriek ook de Batavo-Post over zal gaan naar de Centrale. De bedoeling is, dat er dan een blaadje zal verschijnen, voorlopig onder de naam "Centraal Maandblad" dat in de eerste plaats het nieuws van de Centrale zal gaan brengen, waar ook de afzonderlijke Cooperaties hun mededelingen kunnen doen, en dat dus in de beide kolonies zal worden rondgezonden. Daarvoor zal natuurlijk een kleine wijziging in de redactie zijn. De meest waarschijnlijke oplossing zal zijn, dat namens Batavo en namens Castrolanda een redacteur wordt benoemd en dat de technische medewerker ook aan de staf zal worden verbonden als redacteur.

Het is natuurlijk niet wel mogelijk om in een blaadje als dit "wereld nieuws" te gaan brengen, al klagen sommigen ook, dat ze al in geen maanden meer met de gang van zaken op de hoogte zijn. De pers hier en de radio houden ons in 't algemeen beter op de hoogte, dan een maandblaadje dat zal kunnen doen. Wel wordt overwogen rond te zien naar een capabel medewerker, die een overzicht van wereldnieuws en politiek zal kunnen geven. Men hoopt, dat met voldoende belangstelling van de lezers en nuttige wenken, op de duur dan het krantje kan uitgroeien tot een nuttig element in onze kolonieshuishouding.

De Batavo-Post loopt dus op zijn laatste benen. Het hangt nog van enkele factoren af, die nog niet geheel zeker zijn, of dit het laatste of het voorlaatste nummer zal blijken. Een kort bestaan dus, waarvan waarschijnlijk de grootste verdienste was, niet "wat" er verscheen, maar wel, dat er iets verscheen, waarmee dus in beginsel de eerste wankel schrede werd gezet op de "troon" van Koning Pers. Voor elke koning is de troon in zijn eerste levensjaar meestal voorzien van een eer, waarmee we maar willen zeggen, dat we de eisen dus niet te hoog mochten stellen, en het de redactie niet te kwalijk mogen nemen, als bij het "zoeken" en "tasten", naar wat de lezers wensten, vooral bij het uitblijven van reacties van de lezers, niet steeds "elk wat wils" gevonden kon worden.



ASSOCIAÇÃO CULTURAL BRASIL - HOLANDA

Informativo para assinantes e associados

A organização fundada em 1996 tem sido importante para holandeses e descendentes no Brasil, pois se empenha em guardar a história das comunidades e manter as suas relações, assim como busca preservar o patrimônio artístico e cultural holandês e brasileiro para as futuras gerações.

No decorrer dos anos a ACBH tem trabalhado com afinho na publicação da revista *De Regenboog/Arco-Íris*, onde notícias das colônias, assim como outros assuntos de interesse dos leitores, têm sido divulgados mensalmente. Ela conserva um importante acervo documental sobre a imigração holandesa e as colônias no Brasil. Também mantém uma tradição, como na maioria das cidades holandesas, com o Coral Masculino ABC. Estas e outras atividades são exercidas em prol da comunidade holandesa no Brasil.

Há algum tempo a diretoria vem pensando em expandir sua atuação para um projeto de integração voltado principalmente para os descendentes jovens. Por isso em março deste ano foi iniciado com a pesquisa sobre as possibilidades de estudos e estágios no exterior, principalmente na Holanda, para promover a integração cultural e a formação profissional e pessoal de jovens.

Na assembleia geral realizada em maio as atividades da associação foram oficialmente subdivididas em departamentos, cada um com uma coordenação própria. Seguem os três departamentos e suas principais atividades:

1-COMUNICAÇÃO

- Edição e distribuição da revista *De Regenboog/Arco-Íris*;
- Manutenção do site;
- Publicações na imprensa.

2-CULTURAL

- Centro de Documentação;
- Coral Masculino ABC;
- Convênios internacionais;
- Contatos com a Embaixada dos Países Baixos.

3-GLOBALINTEGRATION

- Divulgação de possibilidades para intercâmbio estudantil e experiência de trabalho internacional;
- Promoção do ensino superior holandês, de vivências e integração cultural;
- Estabelecimento de parcerias para impulsionar a intercooperação no campo de estágios.

A comunicação relativa à associação e à cultura holandesa na imprensa está sendo realizada por uma empresa de assessoria, graças ao apoio da Unium. Esperamos em breve poder contar com o importante aporte financeiro das cooperativas em questão para continuar com as demais atividades propostas.

A fim de divulgar e compartilhar as atividades culturais e oportunidades, a revista e o site continuam tendo seu papel de referência, mas também serão utilizadas as redes sociais online.

Sinta-se à vontade para entrar em contato com o novo departamento através do e-mail: globalintegration.acbh@gmail.com ou pelo WhatsApp 42 9988 9529.
Facebook: Associação Cultural Brasil-Holanda

ANEXO 7: Texto introdutório original da primeira edição da *De Regenboog* (março de 1999, ano 1, n.1 p. 3) (p.139)

3



**NIEUWS VAN DE
ASSOCIAÇÃO CULTURAL
BRASIL - HOLANDA**

Hé, hè, dat was een zware bevalling, maar met vereende krachten en veel wikken en wegen, maar vooral mede door uw hulp, namelijk het verheugende nieuws dat er uiteindelijk maar weinig abonnee's zijn afgevallen en er zelfs een aantal zijn bijgekomen, kunnen we de pen weer opnemen en het CENTRAAL MAANDBLAD onder de nieuwe titel *DE REGENBOOG* nieuw leven inblazen.

Waarom *DE REGENBOOG* ? Dit is voortgekomen uit de kleuren die de deelnemende groepen bij de "Zeskamp" vertegenwoordigen.

U zult opmerken dat de omslag werd veranderd in een vaste omslag, in ieder geval voor één jaar, opgeluisterd met een varia van foto's die de verschillende gemeenschappen weergeven.

De afmeting van het blad is iets kleiner, en u zult ook merken dat er veel meer advertenties werden geplaatst, dit om de financiële situatie van de kas te versterken, want het blad zal "sine qua non" zich financieel moeten bedruipen.

Ook de rubrieken, met uitzondering van de reeds bestaande, zullen hier en daar veranderen.

Met genoegen delen wij u mede dat er gereageerd werd op ons verzoek aan de vaste medewerkers(sters) te trachten meerdere personen te interesseren om mee te werken aan de inhoud van dit maandblad, mede in verband met de introductie van de artikelen in de Braziliaanse taal. Zo werd ons medegedeeld dat in Arapoti maar liefst zes dames zich bereid hebben verklaard om mee te werken aan de verzorging van het "Arapoti-Journaal". Helaas, maar volkomen begrijpelijk is Koosje Bronkhorst er niet bij, maar wist vriendinnen te interesseren om het van haar over te nemen.

- Koosje, nogmaals hartelijk dank voor de medewerking die je gedurende een lange periode hebt gegeven. Wij zullen jouw stukken met opbouwende kritiek niet gaan vergeten!

Verder meldde onze trouwe medewerkster uit Castrolanda, Gezina Rabbers, dat ze drie dames heeft kunnen interesseren om met haar het "Castrolanda Nieuws" te verzorgen.

- Gezina, veel succes toegewenst en ook veel dank voor het vele werk in het verleden verricht!

In Carambei werd Antina van Dongen verzocht om de rubriek "Carambei Notities" te verzorgen, gezien de heer Kooy, die het voor zoveel jaren heeft gedaan (sinds 1968 deel uitmaakte van de redactie van het CM), door problemen met zijn ogen het niet langer kan doen. Wel zal hij de rubrieken: "Zoeklicht op Brazilië", dat nu een andere titel heeft, namelijk: "Brazilië Bode" en van "Nederlands erf" wat verandert in: "Flitsen uit Nederland", blijven verzorgen. - Ook hem willen wij van harte dankzeggen voor zijn inzet, tijd en moeite om elke maand maar weer opnieuw het CM van deze leesstof te voorzien.

Ook Antina werd het verzoek gedaan om enkele personen te benaderen om mee te doen en dat lukt zeer zeker.

De redactie bestaat uit dezelfde leden, namelijk mevrouw Dieuwertje Meijer, die de rubriek: Ecologie, beschrijving van planten en dieren en al wat met Natuur te maken heeft, blijft verzorgen en ons enorm bijstaat bij het corrigeren van alle ingekomen stukken. - Ook daar zijn we haar erg dankbaar voor en wij hopen dat ze het voor een lange tijd mag blijven doen.

ANEXO 7: continuação do texto introdutório original da primeira edição da *De Regenboog* (março de 1999, ano 1, n.1, p. 4) (p.139)

4

Verder is Tobias Katsman "uitgenodigd-lid", gezien zijn werkzaamheden hem niet toelaten altijd aanwezig te zijn, en ondergetekende is coördinator en hoopt veel contact te onderhouden met alle medewerkers(sters) uit de ABC-kolonies, de Holambra's, Tibagi, Maracajú, voor zover dit mogelijk is, en voor de toekomst willen wij proberen "Maranhão en "Nã-me-Toque" ook te interesseren zich aan te sluiten.

Dan rest ons nog een woord van dank uit te spreken aan de medewerkers(sters) die zo ver van ons afzitten, Petra Crins van Holambra II, Gerda Jeuken van Holambra I, Douwtje Biersteker van Tibagi, Adriana Knibbe en Albert Remijn van Maracajú. Ook jullie hartelijk dank voor de, door een ieder zo gewaardeerde informaties, over het wel en wee van jullie gemeenschappen. Vol houden zo! En als tip wil ik suggereren dat jullie ook trachten om een of twee personen te interesseren mee te werken aan "De Regenboog" en dat die maar lang aan het firmament mag staan!

Het is in alle gemeenschappen nodig dat via de Braziliaanse taal de jongere generatie bereikt en geïnteresseerd wordt om hiermede het maandblad, vooral voor de toekomst te waarborgen. Wij moeten goed beseffen dat op langere termijn de Nederlandse taal, afgezien van de maatregelen die werden getroffen om deze zo lang mogelijk in ere te houden, langzaam aan gaat verwateren.

Dit eerste nummer is hier en daar nog wat geïmproviseerd. De tijd was te kort om alles perfect te regelen. Wij hopen dat u daar begrip voor kunt hebben.

Tot slot nog even terugkomen op de samenstelling van deze nieuwe uitgave, het maandblad "De Regenboog".

Deze wordt door Adrie Meijer al jarenlang gedaan, ik meen van ruim 20, en zij heeft zich wederom beschikbaar gesteld om er mee door te gaan. Ook aan haar alle hulde en dank voor de zeer creatieve wijze waarop het maandblad werd verzorgd en aangekleed. Wij hopen dat ze ook voor de nieuwe uitgave van "De Regenboog" goed geïnspireerd blijft.

Een prettige "lees"toegewenst en mede uit naam van de redactiecommissie, met een hartelijke groet,

*D.R.Vermeulen.
(Secretaris ad hoc).*

OPROEP

De Regenboog is een tijdschrift voor de Nederlandse kolonies in Brazilië. Het primaire doel van het blad is de onderlinge banden tussen Nederlandse immigranten en hun nazaten te behouden en te versterken. Hiervoor zetten de schrijvers uit de verschillende kolonies zich in, via het kolonienieuws worden we op de hoogte gehouden van het reilen en zeilen in de andere Nederlandstalige gemeenschappen. Maar er blijft ruimte in het tijdschrift over die op dit moment gevuld wordt met algemene flitsen, berichten en achtergrondnieuws. Wij, als redactie van De Regenboog, zouden het leuk vinden om die ruimte te vullen met bijdragen van mensen uit onze gemeenschappen. Ik heb het niet over kolonienieuws, maar over het op papier zetten van onderwerpen die ons bezighouden. Dat kan liggen op het vlak van de agrarische sector, verhalen en anekdotes die zich afgespeeld hebben in onze gemeenschappen, Nederlands-Braziliaanse geschiedenis, het leven van alle dag in het hier en nu, noem maar op. Wie voelt ervoor om onze gelederen te komen versterken? Het hoeft geen verplichting te worden, u kunt af en toe schrijven, slechts eenmalig iets met ons delen of regelmatig in de pen klimmen. De taal hoeft geen probleem te zijn, De Regenboog is tweetalig en Nederlandse bijdragen zijn even welkom als Portugese.

Wij hopen hiermee een blad te maken dat in zijn geheel niet alleen voor, maar vooral ook door koloniemensen gecreëerd wordt.

U kunt reacties sturen naar Joanita:
lcaardoom@uol.com.br of
regenboog@brturbo.com.br

De Redactie

ANEXO 9: MINHA PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO COM A REVISTA – *De Regenboog*,
(outubro de 2023, n. 295, ano 25, p. 25) (p. 143)

VOZ DA (uma fã da) EVA³²⁵

Integrados graças ao Kees!

Meu Adam e eu moramos em Amsterdã há mais de um ano e meio e já nos sentimos completamente em casa. Mas realmente nos integramos no fim de semana passado... graças ao Kees.

Agora você deve estar se perguntando: "Mas quem é Kees?"

Outro dia, estava sentada tranquilamente no sofá assistindo ao programa *Boer Zoekt Vrouw*, e o Adam estava sentado à mesa, assistindo a um filme no *Netflix*.

De repente, meus olhos se arregalaram e eu disse: "*Lieverd*, tem um... (antes que eu pudesse terminar minha frase, Adam já estava praticamente em cima de uma cadeira, pois ele não fazia ideia do que eu estava vendo) ... um camundongo tentando sair de debaixo da geladeira!!!"

Fiquei pregada no sofá e Adam também se sentou novamente. Não sabíamos o que fazer nessa situação, tão tarde da noite; nunca tínhamos tido uma visita indesejada como essa antes.

Então, decidimos pedir ajuda ao Google, afinal, ele sabe de tudo: dezenas de empresas especializadas em controle de pragas disponíveis na internet. Mas o que descobrimos foi que os exterminadores de camundongos estão totalmente ocupados, sem disponibilidade na agenda, pois eles estão muito ocupados com camundongos e vespas no momento.

Uma senhora até disse ao telefone que deveríamos tomar cuidado com charlatões (oh, então isso acontece por aqui também!?!).

Na primeira noite, Adam teve que me acompanhar até o banheiro. Na segunda noite - o camundongo já se chamava Kees e estava sendo vigiado como no *Big Brother* - eu fui sozinha, armada com uma lanterna, e iluminei tudo na minha frente antes de ir ao banheiro (com todas as luzes acesas).

Aliás, o Google também me disse que quando você encontra um Kees em casa, provavelmente também tem um Jan e Bart, e pior ainda, uma Wilhelmina ou Fientje, todos contribuindo para o aumento da família.

De repente, fiquei curiosa para saber como tudo isso iria terminar e, apesar de todas as medidas que tomamos, achei interessante como um animalzinho tão pequeno e valente poderia simplesmente entrar na casa de alguém. E sinto pena desses animais, que são tão indesejados e têm pouca chance de sobreviver, tanto por nossa causa quanto dos gatos.

Tudo isso me lembra uma história do *Central Maandblad* dos anos 1960, quando Eva escreveu sobre uma pequena aranha (que também tínhamos em casa no final do verão):

³²⁵ Nessa coluna, a autora sempre chamava (e ainda chama) as mulheres de Eva e os homens de Adam (Adão).

A aranha escolheu um dos nossos vidros da janela como seu lar e espaço vital. Ela era muito jovem e pequena. Trabalhava diligentemente em sua teia e se destacava lindamente contra o céu, então decidimos não removê-la. Todos os dias, observávamos o progresso de sua teia e como a aranha crescia. Ficávamos admirados com a teia fina e delicada, que resistia bravamente às tempestades violentas. Todos os dias nos encantávamos com esse milagre inexplicável que recebemos de graça. A moça que fazia a limpeza semanal das janelas ficou surpresa por nunca ter que limpar o vidro onde a aranha morava, e pude ver que ela pensou: "Essa estrangeira é louca". A aranha cresceu e pôs ovos, e de repente toda a família de aranhas desapareceu.

Quando converso com os locais de Amsterdã sobre isso, eles acham um milagre que nunca tivemos camundongos em casa durante todos esses meses, porque é completamente normal aqui. Eles dizem: "Você só precisa ter um gato em casa, isso resolverá o seu problema!" Se eles soubessem que eu tinha pena do bichinho, depois de sessenta anos, eles pensariam a mesma coisa que a moça da limpeza: "Essa estrangeira é louca" (mas em holandês!).

VBdR³²⁶

³²⁶ Durante toda a sua existência, o interessante da coluna é que a identidade da "Eva" ficava quase sempre anônima, ou quase anônima, apenas com as iniciais da autora e isso despertava a curiosidade dos leitores.

Imigração holandesa – Língua de lá e de cá

Por Mariângela Guimarães

Cem anos de imigração holandesa e, passado tanto tempo, a língua corrente entre imigrantes e descendentes em Carambei, no Paraná, ainda é o holandês. Até os anos 60, praticamente não se ouvia outra língua por ali. E mesmo hoje, só os mais novos preferem falar português.

Jacob Vriesman, de 86 anos, filho de um dos primeiros pioneiros, nasceu no Brasil, mas só aprendeu o português quando teve que servir o exército. "Na escola se falava um pouco de 'brasileiro', mas em casa todos falavam holandês. Aprendi a falar brasileiro no quartel. Na escola, nós tínhamos das 8 às 10 aulas em brasileiro, e das 10 ao meio-dia em holandês, então a gente misturava. E a professora brasileira era alemã, então eu falava mais holandês que brasileiro."

Seu Jacob lembra, inclusive, que muitas vezes eram os brasileiros que moravam na região que acabavam aprendendo holandês. "Alguns tinham empregados que falavam holandês. Os brasileiros é que aprenderam a falar holandês nas chácaras."

Palavrinhas

Annie Boot, sua esposa, nasceu na Holanda e até hoje procura ensinar um pouco da língua materna para os netos e bisnetos: "Algumas palavrinhas eles entendem em holandês. Desde pequeninhos eu falo com eles assim. E eles aprendem rápido. Quando chegamos ao Brasil, meu irmãozinho, Joãozinho, em dois meses já conversava com os amiguinhos em português. A gente não entendia nada, mas ele sim."

Douwte Dijkstra, que emigrou para o Brasil aos 4 anos de idade, não guardou nem mesmo o sotaque, embora até hoje fale holandês em família. Mas nos primeiros tempos, também teve alguma dificuldade com o idioma. "Na escola, na aula, tínhamos que falar o português, mas entre nós era o holandês. A professora sempre chamava a atenção, mas era muito difícil pra gente, porque o holandês era a língua falada."

Quem é mais brasileiro?

O professor Hendrik Sijpkens, conhecido por todos em Carambei como 'meester' – palavra que significa mestre em holandês –, também se lembra que quando chegou ao Brasil, todos só falavam holandês na região. "Eram só holandeses. Mesmo os brasileiros falavam holandês aqui, em 1961. Mas em dez anos mudou completamente de holandês para português."

Sijpkens sempre falou holandês com seus filhos, para que aprendessem o idioma de seu país natal, mas na escola, fazia questão de ser visto como brasileiro: "Eu brigava sempre com os alunos que diziam 'holandês'. Eu dizia 'meu rapazinho, você tem dez anos. Eu já estou há 40 anos no Brasil. Quem é mais brasileiro, eu ou você?'"

Comunidade fechada

Carlos Verschoor, que já é da terceira geração de holandeses em Carambei, conta que também só aprendeu o português quando foi para a escola. "Até os meus cinco anos eu não sabia falar português. Nós morávamos aqui na colônia e tudo era em holandês. Você ia para o culto, era em holandês, para a escola dominical, era tudo em holandês. Aí, por motivo de trabalho do meu pai, fomos morar em Ponta Grossa, e foi uma grande dificuldade pra nós no começo, porque era tudo diferente. Aqui a gente vivia numa comunidade fechada, tínhamos uma cultura rígida, uma cultura bem evangélica, e fomos estudar numa escola de freiras, então você via coisas que nunca tinha visto antes."

Com a mudança da família, a língua holandesa também ficou para trás. "Não falávamos mais holandês em casa justamente porque morávamos em Ponta Grossa. Todos os nossos amigos, a escola, tudo era em Ponta Grossa, então era em português. Enquanto nossos primos que moravam em Carambei ainda falavam holandês."

Exigência

Já Willemke Struiving, conhecida pelo apelido de Panoka, aprendeu o holandês na marra, por exigência do pai. "Nós somos uma família de oito, com o pai e a mãe dez. E antigamente, quando a gente almoçava junto, meu pai dizia 'Hollandse praten of hou je mond'. Era uma exigência dele falar o holandês. Todo mundo ficava quieto, mas todos nós sabemos falar holandês."

E embora também quisesse passar a língua para seus filhos, hoje com 19 e 18 anos, Panoka não conseguiu ser tão rígida como seu pai. "A língua, infelizmente nós não conseguimos passar. Tanto Gijs, meu marido, como eu falamos holandês, mas nós começávamos a falar holandês com eles e terminávamos com o português. Infelizmente eles não sabem falar holandês. Só entendem quando nós falamos mal deles", brinca. "Aí eles captam alguma coisa."

ANEXO 11: Memorial descritivo – acréscimos pessoais sobre a minha vivência no contexto das colônias holandesas no Brasil

A. Anekdota contada por minha mãe (referente ao texto escrito na página 153):

Certo dia, Vivian deve ter tido uns oito a nove anos, ficou alguns dias na casa dos tios em Carambeí para brincar com a prima.

Chegando em casa, ela bem preocupada me disse:

Mamãe, sabia que o Oom Peter não entende nem fala português?

Eu perguntei: Sério?

Não fala nem entende nada! Porque quando a gente falava em português ele toda hora falava: *Wat? Wat zeg je? Ik versta je niet!* (o quê? O que você disse? Eu não te entendo!), ele só entende o Português!

Daí eu [minha mãe] expliquei que os tios queriam que os filhos aprendessem o Holandês e por isso a regra de casa era:

Aqui em casa só falamos holandês!

E conseguiram, pois o casal de filhos fala fluentemente holandês³²⁷ e gosta de ler livros em holandês.

Foi uma história muito engraçada quando ela me contou.

B. Memória do uso dos dois idiomas no contexto de eventos de igreja (referente ao texto escrito na página 163):

Me lembro de cantar no *Kinderkoor* (coral infantil), onde cantávamos em holandês e português, e das aulas de catecismo, que eram dadas em português ou holandês, de acordo com o pastor (se este era holandês ou brasileiro) e com o material e, analisando agora, os meus amigos e eu nunca pensamos a respeito da língua nesses casos, qualquer um dos dois idiomas estava perfeito para nós, podíamos ter uma preferência pela pessoa que nos dava as aulas, mas isso não tinha a ver com o idioma falado. Hoje em dia todos esses eventos são em português, também pelo fato de às vezes termos pessoas de fora da comunidade participando.

C. Motivações para escolher os períodos das décadas de 1950 e 1960, e 2010 e 2020 para fazer a pesquisa (referente ao texto escrito na página 168):

³²⁷ Podemos reconhecer a interferência do holandês nesse relato em pelo menos dois momentos: no início, quando está escrito **Vivian**, ao invés de **a Vivian**, pois no holandês não se coloca artigo antes de um nome próprio; e na frase **pois o casal de filhos fala fluentemente holandês**, onde o advérbio **fluentemente** precede o objeto **holandês**. O advérbio está sempre na sequência do verbo na língua holandesa.

Esses documentos digitalizados coincidem com os períodos que decidi pesquisar, por alguns motivos: (1) a impossibilidade de ir ao *Centro de Documentação* para pesquisar as revistas que não estavam digitalizadas no período inicial do doutorado, pois o *Centro* fica dentro do *Lar de Idosos Jardim Aurora*, em Carambeí, e, assim que entrei para o Doutorado, em 2020, também começou o *lockdown* por causa da pandemia do COVID-19; (2) em janeiro de 2022, o meu esposo e eu nos mudamos para a Holanda por transferência de trabalho dele, o que me distanciou fisicamente do *Centro de Documentação*³²⁸; (3) ao ler as edições impressas (e ainda não digitalizadas) no *Centro de Documentação*, percebi que poderia tirar vários trechos para enriquecer o meu trabalho, as quais usei em sua maioria, mas que as décadas escolhidas seriam uma base consistente para tentar verificar os fenômenos linguísticos que ocorrem nas colônias; (4) uma amostragem de 25% é considerada estatisticamente significativa em relação ao total representado, evidenciando, assim, que a pesquisa possui uma relevância estatística substancial.

D. Exemplo de *codeswitching* (referente ao texto escrito na página 230):

Um exemplo de *codeswitching* ocorre na minha família desde que os meus sobrinhos eram pequenos e sabiam falar (e ainda ocorre hoje). Várias vezes, quando chegam na casa dos meus pais, seus avós, eles se viram para a *oma* e dizem: “*Oma*, eu posso um *koekje* do *opa*?” (Vó, eu posso uma bolacha do vô?) Os “*koekjes do opa*” são bolachas caseiras que a minha mãe faz e que são as favoritas do meu pai (e para ele só existem essas bolachas no mundo), por isso ganharam esse apelido dos netos. Embora não usemos o termo **biscoito** (substantivo masculino) em casa, mas sim **bolacha** (substantivo feminino), não falamos *uma koekje*, concordando com o gênero da palavra em português; simplesmente soa melhor, não temos uma explicação lógica para essa escolha.

Os avós e avós de origem holandesa são comumente chamados de *opa* e *oma* pelos netos. Quando são filhos de um casal em que um dos cônjuges é descendente de holandeses e outro é brasileiro, a diferenciação é simples para os netos: eles

³²⁸ Estive no *Centro de Documentação* em quatro ocasiões, durante as vindas ao Brasil, e verifiquei as edições cuidadosamente e tirei muitas fotos, com o auxílio da Joanita (da redação) e da minha mãe, para poder fazer a análise na sequência.

usarão *opa* e *oma* para os avós de origem holandesa e *vô* e *vó* para os avós brasileiros.

No caso da minha família, nós os chamamos sempre de *opa en oma Bosch* e *opa en oma Groenwold*. O interessante, porém, é que meus avós Bosch eram chamados de *Pa en Moe* (pai e mãe) pelos filhos e noras, enquanto os avós Groenwold eram chamados de *Pa* e *Mãe* pelos filhos e noras. Até o meu avô chamava a minha avó de *máái* (mãe), demonstrando a característica dos holandeses (assim como muitos outros estrangeiros) de pronunciar a palavra mãe³²⁹.

³²⁹E não é só a palavra mãe, mas todas as palavras que levam o acento til, como as palavras terminadas em -ão(s), -õe(s), -ãe(s). Para holandeses, esses sons anasalados são muito difíceis, por não terem equivalente na própria língua. O espanhol, por outro lado, tem uma pronúncia mais simples para falantes do holandês, por ter os sufixos -on(s), -an(s) e -ano(s), por exemplo, que não envolvem a nasalização da vogal.

ged. al
van het
arepeld.
de dag van
us de Pa-
werk ang.
el Bra-
el voor

Gedrukt op: 4,71 x 11,00 cm
H.A. 1007

Over taal in onze Kolonies

Taal is cultuur. 't Drukt uit wat je denkt op een bepaalde eigen manier. 't Is het begin van alles.

In citeer even Lodewijk van Deyssel, een bekende figuur in de Nederlandse literatuur (1864-1952). Hij wilde: "Holland onhoog stopen in de vaart der volkeren". 't Woord moest dienen als vrijheidsboom, het woord een gift der goden, het woord een daad. Het motto voorin de door hem uitgegeven brochure "Nieuw Holland" luidde dan ook naar het evangelie van Johannes "... en het Woord was God. In het Woord was het leven en het leven was het licht der mensen".

Wij, mensen in de kolonies staan onder invloed van twee culturen (levensopvattingen, leefgewoonten, verschillende talen). In onze kolonies heeft een cultureel tweerichtingsverkeer plaats.

Het verkeersmiddel is de taal. Bij dit tweerichtingsverkeer zijn het twee talen: Portugees en Nederlands.

Wie aan dit cultureel tweerichtingsverkeer wil deelnemen, zal beide talen moeten onderhouden, en/of goed moeten leren.

Wie een van beide talen niet, of onvoldoende beheerst, kan niet of maar gebrekkig aan het verkeer meedoen. Hij heeft zijn rijbewijs niet gehaald, en kan alleen maar in een gebied veilig (vertaal met: zich op zijn gemak "thuis"-voelen) rijden.

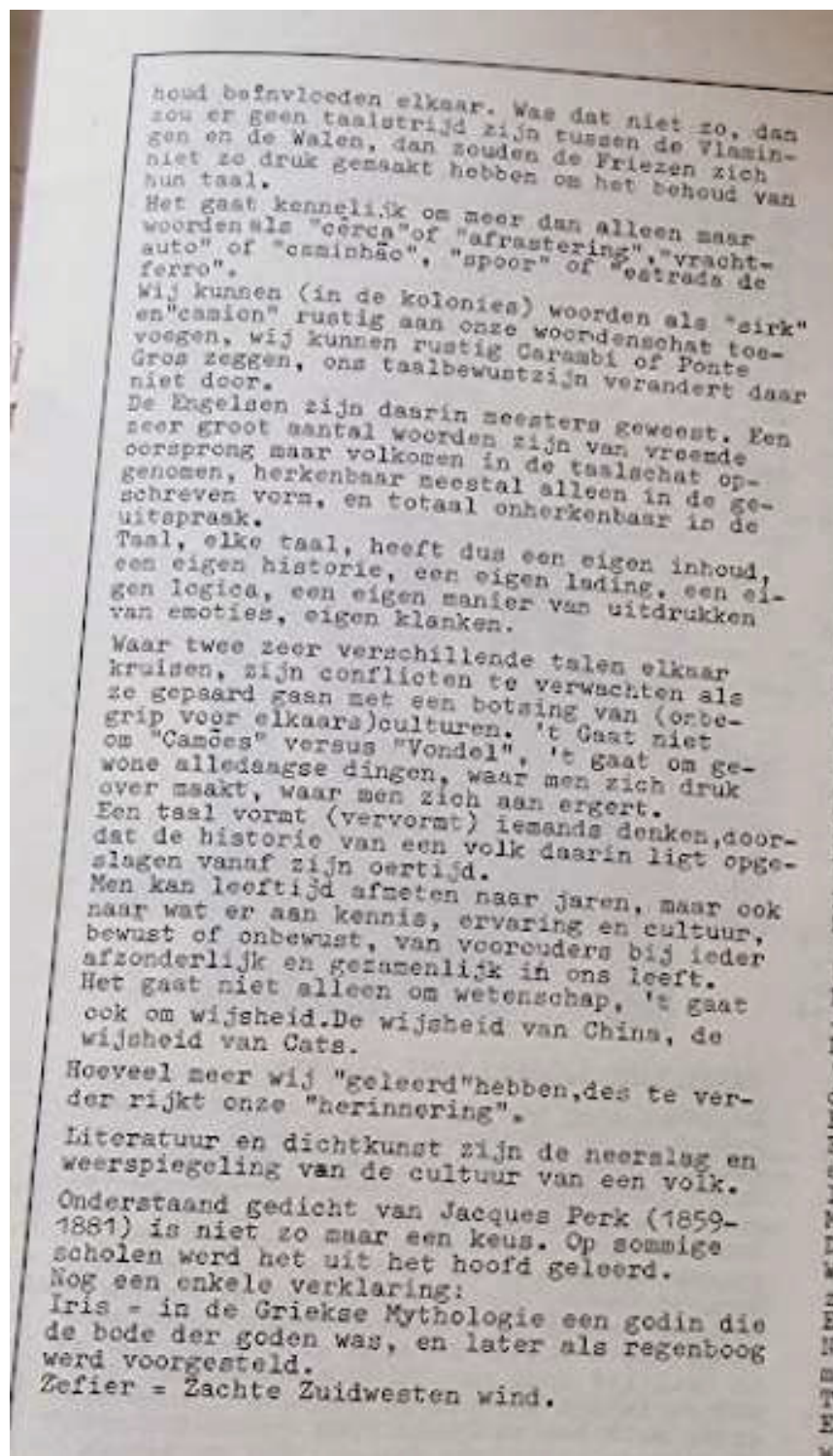


Hij kan zich wel via anderen op de hoogte stellen van wat er in het anders-talige gebied voorgevalt.

Het Portugees-talige gebied (voor ons Brazilië) is veel groter dan het Nederlands-talige (de kolonies).

Als je kiezen moet tussen één van beide talen, is de keuze ogenschijnlijk uitermate simpel. Het Portugees-talige gebied is zoveel groter, daarin heb je alle ruimte. Het Nederlands-talige is beperkt. Je kunt de huizen, waar je een gesprek in goed Nederlands kunt voeren, tellen, - een slinkend aantal.

Maar een taal heeft ook een eigen inhoud, en een eigen manier van vormgeving. Vorm en in-



Holambra is een
nieuwe firma rijker en
wel

TELEMARKETING
C.R.M. Deze firma
biedt

werkgelegenheid aan
Nederlandssprekende
en -lezende personen.

Het valt toch niet mee
om zestig personen bij
elkaar te krijgen die het

Nederlands nog goed beheersen.

Zij die het nog goed beheersen gaan daar
niet werken en zij die wel graag zouden
willen, hebben het Nederlands niet goed
onder de knie.

18 euro per per
incl. lakens en
Korting bij lan

Moezelstraat

B

ANEXO 14: Errata sobre a palavra koe [ku]. (p. 181)

weest?"
Dat zouden die boeren wel gewild hebben, denk ik!
In het artikel over "melkproductie en veevoeders, zit nog één foutje, dat
gedachten associaties op kan wekken. Op pagina 3 van dit artikel leest U:
De pensflora van de - enz. U begrijpt, dat dit moet zijn : De pensflora van
de koe. De "brazilianen" onder ons zouden kunnen denken, inplaats van dat
woord, dat men minder netjes vindt, heeft men maar een streepje gezet.

Gezellig



door: Tineke Voorsluys

Laait ik nou altijd gedacht hebben dat Nederlanders op koffie lopen, en dat ze de grootste koffieconsumenten van de wereld waren.... Dat is allebei niet waar, we staan op de derde c.q. vijfde plaats van de ranglijst grootste koffiedrinkers wereldwijd, afhankelijk van welke bron op internet geraadpleegd wordt. En, we lopen niet op koffie, maar op gezelligheid. Tot die conclusie kwam ik op een verjaardagsfeest in de Club. Niet te geloven hoe vaak het woord gezellig voorbijgekomen is in verschillende gesprekken. We zijn niet alleen reuzetrots op het woord zelf, niet te vertalen en cultuur bepalend, maar we kunnen niet zonder. Zonder gezelligheid houden we op normaal te functioneren, denk ik. Onze batterij wordt erdoor opgeladen, we zijn gewoon niets zonder gezelligheid.

Behalve dat gezellig onmisbaar voor ons is, is het woord ook breed inzetbaar. Een ruimte kan gezellig ingericht zijn: *aconchegante*; het kan wat voor een soort bezoek dan ook tekenen: *sem ideias de tradução*, ik kan een gezellig kopje koffie gaan drinken bij mijn buurvrouw of een gezellig wijntje doen met een vriendin; het kan ook heel persoonlijk zijn: iemand kan een gezellig karakter hebben, gezellig lachen, gezellig kletsen; en het kan sarcastisch of ironisch gebruikt worden: sarcasme, een ander cultureel kenmerk van ons, maar dat past verder niet in dit verslagje.

Breed inzetbaar, cultureel kenmerk, basis voor sarcasme, volgens ons onvertaalbaar in andere talen en alleen daarom al iets om bijzonder trots op te zijn hoewel wijzelf ook lang niet altijd weten wat we met dat woord precies bedoelen, maar dat geven we liever niet toe, en... we betrekken er onze energie uit. Gezelligheid, onder ons, knus (en kneuterig). Geen enkele bijeenkomst is werkelijk geslaagd als het niet gezellig is geweest.

Ziehier waar een klein land groot in kan zijn: in gezelligheid. Wat zijn wij Nederlanders toch leuk (een ander breed inzetbaar woord zonder duidelijke betekenis).

Aan alle lezers,

Tweetaligheid geeft de mogelijkheid om die woorden uit de verschillende talen te gebruiken die het beste weergeven wat bedoeld wordt. In die zin is het een verrijking van ons vocabularium. Jammer alleen dat slechts die mensen ons kunnen volgen die dezelfde twee talen spreken. Binnen de kolonies onder mensen van Nederlandse afkomst is het niet zo'n probleem om lekker te mixen, daarbuiten is het af te raden als het de bedoeling is dat men je verstaat.

Taal is het middel om boodschappen over te brengen en om duidelijk te maken wat we willen en voelen. Het grappige is dat de meeste talen in ieder geval een paar woorden kennen die cultuurgebonden zijn.

Natuurlijk heeft het overgrote deel van de woorden een equivalent in andere talen, maar het zijn die woorden die niet echt te vertalen zijn die iets zeggen over een bevolkingsgroep. Een interessante theorie waarbij ik overigens niet gehinderd word door enige bij studie opgedane kennis, wat de theorie er niet minder leuk om maakt.

Als we ons even beperken tot het Nederlands en het Portugees dan denk ik dat woorden als *gezellig*, *abraço*, *chagrijnig*, *saudade*, *knus en knetterig* enz. iets zeggen over de volksaard. Het is verheugend dat het Portugees geen woord heeft dat het begrip pesten in al zijn negatieve facetten uitdrukt. Dat houdt in dat het niet nodig was deze vorm van agressie te benoemen. Helaas heeft de globalisering gedragscodes ingevoerd die het importeren van de term *bullying* vereiste.

Gezellig is zo'n woord dat het Portugees ook zou moeten hebben, het is zo lekker veetzijdig. Een *gezellige* ruimte is nog wel te vertalen, *aconchegante*, maar een *gezellig* kopje koffie drinken bij de buurvrouw wordt veel moeilijker. *Saudade* is heimwee. Ja? Wanneer ik iemand een tijdje niet gezien heb dan kan ik in het Portugees met een oppervlakkige gevoelswaarde zeggen: "*Oh, que saudades*". De Nederlandse betekenis beschrijft de traumatische versie van het woord. *Abrço* is een ander voorbeeld van een woord dat weliswaar een vertaling heeft, maar dan met een andere gevoelswaarde. De gevoelsbetekenis van dit woord geeft meteen een belangrijk cultureel verschil weer. Het Portugese *abraço* is zowel een vriendschappelijke en alledaagse manier om iemand te begroeten als een gebaar van medeleven bij een begrafenis bijvoorbeeld. Het Nederlandse *omhelzing* is iets voor heel goede vrienden, bij heel speciale gelegenheden of iets voor je vriendje. Tegenwoordig hoor ik het woord knuffel vaak gebruiken waar wij het woord *abraço* gebruiken, maar ik associeer knuffel toch vooral met kleuters. Hoewel dat aan mij kan liggen, ik ben al zo lang uit Nederland weg.

Kunnen woorden per ongeluk wat over een volk zeggen, slagzinnen zijn speciaal gemaakt om uitdrukking te geven aan karakteristieken. '*Jogo de cintura*' en '*jeitinho brasileiro*' hebben allebei te maken met de makkelijke manier waarop Brazilianen ergens een draai aan geven. Het is me niet helemaal duidelijk of dat eigenschappen zijn waar ze trots op zouden moeten zijn, of juist niet. Zo vraag ik me ook af of het Nederlandse '*doe maar gewoon dan doe je al gek genoeg*' iets is waar we blij mee zouden moeten zijn, of juist niet. De Nederlandse nuchterheid en de afkeer van uiterlijk vertoon maken ons wat star als het om het leggen van contacten of het verwerken van gevoelens gaat. Daar staat tegenover dat de Braziliaan sociaal vaardig is, maar dat je nooit zeker weet waar hij precies staat.

Volksaard die onder andere in de betekenis van woorden besloten ligt en krachtig wordt uitgedrukt in nationale leuzen. Een leuk onderwerp voor bij een *gezellig* kopje koffie. *Jogando conversa fora* of met *smalltalk*? *Pois é...*

Tineke